



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

**PROTESTANTISMO EM ESTÂNCIA-SE (1878-1950):**  
**UM ESFORÇO DE SÍNTESE**

**SAMI FRANÇA SILVEIRA**

**SÃO CRISTOVÃO – 2024**

## **SAMI FRANÇA SILVEIRA**

Pesquisa de Conclusão de Curso II apresentado ao Departamento de História da Universidade Federal de Sergipe como requisito para obtenção do grau de Licenciatura Plena em História.

Orientador: Samuel Barros de Medeiros Albuquerque

## SÃO CRISTOVÃO – 2024

### SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>4</b>
<b>2. ESTÂNCIA: UMA CIDADE PIONEIRA NO PROTESTANTISMO EM SERGIPE .....</b>	<b>9</b>
<b>3. EDUCAÇÃO PROTESTANTE EM ESTÂNCIA .....</b>	<b>28</b>
<b>4. PROTESTANTISMO E CULTURA NO BRASIL .....</b>	<b>42</b>
<b>5. O PROF. AZARIAS JOSÉ DOS SANTOS (1882-1958) E A EDUCAÇÃO PROTESTANTE EM ESTÂNCIA .....</b>	<b>65</b>
<b>6. PERDA DO PROTAGONISMO PRESBITERIANO: BATISTAS E PENTECOSTAIS ENTRAM EM CENA.....</b>	<b>87</b>
<b>7. INTOLERÂNCIA RELIGIOSA EM ESTÂNCIA .....</b>	<b>105</b>
<b>8. O PROTESTANTISMO NA CIDADE DE ESTÂNCIA E O DEBATE DE 1919 .....</b>	<b>121</b>
8.1. O PURITANO .....	124
8.2. DIÁRIO DA MANHÃ .....	126
8.3. A CRUZADA .....	135
8.4. “GENTE QUE CONHECI, COISAS QUE OUVI CONTAR” .....	145
<b>9. A RELIGIÃO DO CAPITALISMO EM ESTÂNCIA .....</b>	<b>146</b>
<b>10. A PRIMEIRA IGREJA PROTESTANTE EM ESTÂNCIA EM MEADOS DO SÉCULO XX .....</b>	<b>155</b>
<b>11. REFERÊNCIAS .....</b>	<b>160</b>

## 1. INTRODUÇÃO

O “protestantismo” é um movimento reformista culminado no Cristianismo Ocidental no século XVI, com o monge agostiniano Martinho Lutero, movido pela convicção de que a autoridade da Sagrada Escritura é suprema na Igreja Cristã (*Sola Scriptura*) e que a salvação se dá mediante a fé somente (*Sola fide*).

Tudo no plano temporal é histórico, tudo o que está em voga teve início e terá fim, historicamente falando; tendo em vista que o movimento evangélico se dá de forma crescente em nível nacional e, claro, em Estância<sup>1,2</sup>, certamente também teve origens e se consolidou nesta cidade, portanto em *lato sensu* qual a história do protestantismo em Estância? Esta é a pergunta fundamental que se abre como um leque para diversas outras perguntas, a exemplo de: Quais suas origens? Qual a importância da educação protestante para aquela cidade? O memorável Prof. Azarias José dos Santos<sup>3</sup> era protestante? Como se deu a relação do protestantismo com a religião e cultura dominante em Estância?

Se compararmos a historiografia produzida sobre Estância com relação a este tema a outras cidades de Sergipe, sobretudo Laranjeiras e Aracaju, a diferença fica ainda mais gritante, pois é muito difícil encontrar sequer uma linha nos livros sobre a História desta cidade,

---

<sup>1</sup> DANTAS, Azael Prudente (org.). **ESTÂNCIA: Berço da Cultura Sergipana: 174 anos de História**. Estância. [s.n.]. 2022. 364 p. O atual território estanciano, localizado no sul de Sergipe possui menções históricas desde o início do século XVII concomitante a expansão da colonização sergipana. Seu reconhecimento se deu em torno da boa geografia, abundância de solos férteis e rios que favoreceriam atividades em agricultura e pecuária e mais tarde o comércio fluvial com a "província maior", para estas finalidades que em 1621 Pedro Homem da Costa e Pedro Alves pediram ao capitão-mor uma faixa de terra próximo ao rio Piauí. O até então “povoado” de Estância toma dimensões de desenvolvimento com mais relevo e velocidade que a própria vila de Santa Luzia do Itanhy. Em 1831 Estância foi elevada a “Vila”, e em 1848 finalmente foi elevada a “Cidade”. Esta cidade é conhecida pelos seus diversos pioneirismos no Estado, seja na imprensa, indústria, cultura e religião.

<sup>2</sup> Cinform Municípios. **História dos municípios: Um jeito fascinante de conhecer Sergipe**. Aracaju: Cinform Municípios; Globo Cochrane Gráfica e Editora, 2002. 274 p. p. 74-76.

<sup>3</sup> O Sr. Azarias José dos Santos nasceu no município sergipano de Espírito Santo (Indiaroba) em 1880. Em Estância se destacou como alguém que muito contribuiu para com a educação a partir da década de 20 com a fundação de seu Educandário Esperança de ensino primário, na década de 50 se tornou Comissário de Educação da Escola do Comércio, ocupando a cátedra de inglês; seu jeito singular, qualidade e método de ensino marcou gerações para além das fronteiras de Sergipe. Além destes fatores trago nesta pesquisa como este homem negro e protestante, dois negativos para a época, foi um dos consolidadores do protestantismo em Estância (Sul de Sergipe, Novembro de 1995, pág. 3; A Estancia, ed. 2230, Dezembro de 1958).

ocasionando em uma marginalização e crise de identidade dos fiéis protestantes, por justamente desconhecerem sua própria história em Estância, fazendo desta pesquisa mais que viável, necessária.

Estudar as origens e consolidações do movimento reformista é estudar como se deu as suas influências, reverberações, tramitações de suas ideais e suas consequências no mundo concreto e na ação dos indivíduos, sem fugir de outros temas sensíveis tais como a intolerância religiosa, racismo, história apologética<sup>4</sup> e capitalismo; tudo isto a partir de uma cidade do interior sul do estado de Sergipe, a menor unidade federativa do Brasil.

No capítulo II, de título “Estância: uma cidade pioneira no protestantismo em Sergipe”, procuro elucidar conceitos fundamentais da mentalidade protestante, demonstrar como este movimento reformista teve origens e seu desenrolar no Novo Mundo, na *terra dos brasilis*, em *Sergipe del Rey*, até chegar em Estância, as razões desta cidade logo se tornar um polo de expansão deste movimento reformista no interior do estado de Sergipe na passagem do século XIX para o XX, explorando como se deu seu protagonismo.

No capítulo III, de título “Educação protestante em Estância” procuro demonstrar e ligar os pontos que revelam a presença e o impacto da organização educacional protestante na esfera institucional e suas implicações no campo da ética e moral. No capítulo IV, de título “Protestantismo e cultura no Brasil” investigo acerca das interpenetrações culturais e analiso discursos produzidos na época relacionado ao modelo de protestantismo trazido aos quinhões sergipanos, bem como suas adaptações ao longo do tempo. No capítulo V de título “O prof. Azarias José dos Santos (1882-1958) e a educação protestante em Estância” se trata de uma investigação sobre a relação deste bacharel negro com a religião protestante, a sociedade estanciana e como atuou nela nesta condição. No capítulo VI de título “Fim do protagonismo presbiteriano: batistas e pentecostais entram em cena”, investigo a chegada destas outras

---

<sup>4</sup> PELIKAN, Jaroslav. **A tradição cristã: uma história do desenvolvimento da doutrina: o surgimento da tradição católica (100-600)**. Vol. 1. São Paulo, Shedd Publicações, 2014. 376 p. A disciplina de História Apologética (termo que provém do grego *Απολογία* que significa *defesa*) é inevitável para a compreensão da História do Cristianismo como um todo, neste caso aplicável ao campo da História da Apologética. O Cristianismo nos primeiros séculos cresce e se molda a partir de debates travados entre os judeus, pagãos e dentro da própria Cristandade. As formulações teológicas são frutos de debates que marcam a história e com o protestantismo em Estância não foi diferente, as discussões teológicas são partes indissociáveis das religiões cristológicas. A Reforma Protestante se deu por motivos essencialmente teológicos, o estudo da “apologética” dos grupos religiosos envolvidos é indispensável para compreender como estes grupos pensam e agem em seu meio.

denominações, seus agentes, e reflito criticamente sobre o impacto da teoria denominacional na sociedade.

No capítulo VII de título “A intolerância religiosa em Estância” reflito como frente a então crescente e incipiente religião protestante a cultura dominante católica reagiu a ela, além de refletir criticamente sobre a contribuição da tradição protestante para com a tolerância religiosa e subsequente liberdade religiosa. No capítulo VIII de título “O protestantismo em Estância e o debate de 1919” analiso as perspectivas deste debate, o contexto histórico, que se parece uma espécie de *remake* “adaptado”<sup>5</sup> dos debates religiosos do século XVI, que tomou cabo a partir de Estância e se alastrou em vários jornais da época durante todo o ano, o que acabou tomando dimensões nacionais, acirrando os ânimos e o ouvir do clangor das armas apologéticas entre os envolvidos. No decorrer dos capítulos procuro trazer autores clássicos da passagem do século XIX ao XX, tais como Max Weber onde no Capítulo X de título “A religião do Capitalismo em Estância” teve maior destaque, e é onde reflito sobre o avanço do protestantismo e o desenvolvimento capitalista em Estância e Sergipe; outro clássico seria Gilberto Freyre, este sobretudo no capítulo IV; trata-se de autores cuja as obras nos ajudam a pensar criticamente o protestantismo em nossa sociedade, além demonstrar como a esfera intelectual da época impele os discursos acerca da religiosidade. No último capítulo (X) de título “A primeira igreja protestante em Estância em meados do século XX”, em razão do meu recorte temporal, apresento um panorama e evidências de uma maior estabilização e prosperidade, que evidenciaram uma consolidação do protestantismo em Estância.

Esta pesquisa se insere na tradição historiográfica de grandes sínteses, devido ao amplo recorte temporal (1878-1950), ciente de seus riscos, tal extensão é justificada para além de onde as evidências permitem ao historiador o passado acessar, mas também devido a escassez de fontes - as produções historiográficas que citam o protestantismo em Estância relega esta cidade a menções rápidas, esporádicas e/ou um mero apêndice - e a busca por “sequências narrativas”, como diria o historiador italiano Carlo Ginzburg<sup>6</sup>. Neste caso o marco histórico das origens do protestantismo em Estância é a publicação do colportor Pedro Degiovanni no jornal estanciano *O seculo* em 1878; já sua consolidação é marcada pela organização de outras igrejas evangélicas, tais como a Primeira Igreja Batista em Estância (1946) e a Igreja Assembléia de Deus (1949), para além da organização da pioneira Igreja Presbiteriana de

---

<sup>5</sup> BURKE, Peter. **Hibridismo Cultural**. Livro. São Leopoldo; Rio Grande do Sul: Unisinos. 2006. Pág. 21.

<sup>6</sup> GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras. 1989. 288 p. Pág. 152.

Estância (1905), depois de muitos problemas por escassez de obreiros, intolerância religiosa e dificuldades financeiras, começam a ter uma maior estabilidade nos fins da década de 50.

A propagação do protestantismo não se dá de forma uniforme no tempo e espaço, em cada localidade sua disseminação se dá de forma peculiar. Deste modo, tenciono mostrar ser possível contar a história deste movimento de nível mundial de forma não eurocêntrica sem perder a perspectiva global e sem tornar a história local um mero apêndice, mas sim a protagonista; para tal foi necessário um estudo em torno da História das ideias, História da Filosofia, História da Teologia, História das Américas, História do Brasil, Sergipe e Estância, e claro tendo em vista a história do próprio protestantismo imbuído nestas questões. Fazendo uso de uma “sociologia compreensiva” (Max Weber)<sup>7</sup> dos indivíduos, investigarei motivações e interpretações objetivas e subjetivas dos agentes. Tendo como ponto de partida uma ampla gama de fontes, localizadas em sites e revistas acadêmicas; bem como artigos, pesquisas de graduação, mestrado e doutorado; diversos jornais antigos, de até mais de 140 anos atrás; livros clássicos e de especialistas já consagrados em matéria de Reforma Protestante e História da Religião cujo recorte espacial de seus estudos estão concentrados a nível local, estadual e regional tais como Ester Fraga V. B. Carvalho do Nascimento, Maria de Lourdes P. R. dos Anjos Trindade e Dionísio de Almeida Neto; a nível nacional como Émile G. Léonard e Alderi de Souza Matos e internacional como Jaroslav Pelikan, Alister G. MacGrath, Carter Lindberg, Philip Schaff, Paul Johnson e outros; uso de testemunho oral<sup>8</sup> e até uma poesia resgatada de um protestante local datada da década de 50.

---

<sup>7</sup> GONÇALVES, Maria de Fátima da Costa. **Revista de Políticas Públicas**. Sentido e valor da sociologia compreensiva de Max Weber. Teresina, v. 8, n. 1, p. 111-132, 25 jul. 2015. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/rppublica/article/view/3755>. Acesso em: 6 de Setembro de 2024. Se refere ao método interpretativo do sociólogo alemão Max Weber, tido como um dos “Pais Fundadores” da Sociologia. Para Weber o conhecimento é social, cultural e valorativamente construído, parte indissociável dos agentes sociais e sujeitos do conhecimento, por isso tem como objeto de estudo e ponto de partida o indivíduo histórico, tendo em vista que a prerrogativa valorativa última é do indivíduo e não do coletivo, relacionando e construindo um conceito ideal que torne mais possível a objetividade e o estabelecimento de conexões causais no estudo das Ciências Humanas.

<sup>8</sup> De acordo com a Prof. Dra. Verena Alberti (CPDOC-FGV): “A História oral é uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes para o estudo da história contemporânea surgida em meados do século XX, após a invenção do gravador a fita. Ela consiste na realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos e conjunturas do passado e do presente. Tais entrevistas são produzidas no contexto de projetos de pesquisa, que determinam quantas e quais pessoas entrevistar, o que e como perguntar, bem como que destino será dado ao material produzido” (ALBERTI, 2015, p.156). Todavia é recomendável o uso de áudio para posterior transcrição. Como bem a autora coloca, a história oral é “a recuperação do vivido conforme concebido por quem viveu” (ALBERTI, 1990, p.5), ampliando a possibilidade de interpretação do passado.

O conceito historiográfico de “documento” e “fonte” mudou de uma mera factualidade para significação social (Roger Chartier), ampliou-se a partir dos fundadores da revista *Annales d'Histoire Économique et Sociale* (1929) para além de textos escritos, tendo em vista que o historiador interpreta cientificamente o passado a partir do presente por meio dos seus “indícios”, se enquadra então potencialmente quaisquer rastros, inclusive marginais, que servirão para preencher as lacunas do esquecimento. Como diria o historiador francês Jacques Le Goff em *História e Memória* (1990), pág. 470: “só a análise do documento enquanto monumento permite a memória coletiva recuperá-lo e ao historiador usá-lo cientificamente, isto é, com pleno conhecimento de causa”<sup>9</sup>.

Para compreendermos melhor as trocas culturais entre os protestantes e os católicos farei uso terminologias e conceitos presentes em *Hibridismo Cultural* (2006) do historiador inglês Peter Burke, um ensaio em torno da globalização da cultura sob uma perspectiva histórica. É sob estes parâmetros que iremos investigar criticamente esta história eclesiástica, parafraseando o historiador de arte alemão Aby Warburg citado pelo historiador Carlo Ginzburg em *Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história* (1989) em direção aonde “Deus se encontra, nos detalhes”.

---

<sup>9</sup> LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990. 552 p. Pág. 470. (Coleção Repertórios).

## **2. ESTÂNCIA: UMA CIDADE PIONEIRA NO PROTESTANTISMO EM SERGIPE**

Em 20 de Março de 2024 publiquei uma síntese historiográfica em torno das origens do protestantismo no município localizado no sul sergipano chamado de Estância, nos jornais *Folha da Região e Tribuna Cultural* sob o título “A Centenária Igreja Presbiteriana de Estância – 119 anos”<sup>10</sup>. Tal texto foi um ensaio-resumo extraído ainda do processo de pesquisa e maturação do que viria a ser parte da versão definitiva da pesquisa historiográfica que coroa o tema desta monografia, que por sua vez, no discorrer dos textos apresentará suas atualizações e correções. Na condição de estudioso da Reforma Protestante, procurei demonstrar a sociedade a história desta igreja protestante na cidade de Estância. Agora a presente monografia se expandiu para além da história desta igreja fundadora e se volta para análise além das origens mas também da consolidação do protestantismo como um todo em Estância até a década de 50, abordagem esta crítica e sem deixar de lado os temas sensíveis que o cerca na sociedade desde suas origens até a atualidade.

O “protestantismo” é um movimento religioso cristão reformista culminado no século XVI no Cristianismo Ocidental, sendo o monge agostiniano chamado Martin Luther (1483-1546), conhecido pelos lusófonos como Martinho Lutero, o primeiro a ter sucesso na

---

<sup>10</sup> SILVEIRA, Sami França. **A Centenária Igreja Presbiteriana de Estância - 119 anos**. A Tribuna Cultural. 2024. Artigo. Disponível em: <https://www.tribunacultural.com.br/noticias/cidade/759220>. Acesso em: 20 de Mar. 2024.

implementação de uma reforma (em latim *reformatio*) eclesiástica, pois antes dele houveram tantos outros como Joviniano e Vigilânciao (séc. IV), Cláudio (séc. IX), Arnaldo de Bréscia (séc. XI), Pedro de Bruys e Henrique (séc. XII), Pedro Valdo (séc. XII), os albigenses (ou cátaros), Guilherme de Ockam (séc. XII), John Wicliffe (séc. XIV) e seus seguidores (lollardos), Conrado de Waldhausen (séc. XIV), Milicz, Matias de Janov, John Huss (séc. XIV), Jerônimo de Praga (séc. XIV), Jerônimo de Savanarola (séc. XV) e outros que tinham em comum não apenas a luta contra os “abusos” da Igreja (LESSA, pág 15-16, 1934), mas também muitos destes eram contra doutrinas que julgavam ser heresia (em grego *αἵρεσις*)<sup>11</sup>.

O uso do termo protestante (em alemão *protestantisch*) e seu sentido para este movimento religioso em questão surge quando seis príncipes e quatorze cidades alemãs do Sacro Império Romano-Germânico apresentaram um documento formalizando o protesto denominado *Protestatio*, contra o Édito de Carlos V por voltar atrás da tolerância religiosa concedida legalmente aos príncipes alemães na Dieta de Espira (1529), apesar de Lutero e seus seguidores inicialmente preferirem ser chamados de *crístãos* ou *evangélicos* (em alemão *evangelisch*) este foi o termo que historicamente perdurou<sup>12</sup>. A principal característica desta religião orbita em torno da ênfase ao *Sola Scriptura* (Somente a Escritura) cujo significado é a Sagrada Escritura como a principal autoridade, regra de fé e prática infalível da Igreja, materialmente suficiente para a salvação, e que portanto as demais fontes de autoridade como a Tradição e os Concílios devem estar submetidas a Ela<sup>13</sup>; tal declaração permanece sendo objeto de destaque em confissões de fé de igrejas tradicionais, desta forma e neste sentido pode ser corretamente apontada como uma religião “biblicista”. Talvez o reformador italiano Petrus Martir Vermigli do século XVI possa elucidar melhor estes princípios de doutrina e fé:

Pela graça de Deus, todas as nossas Igrejas aceitam não somente as Sagradas Escrituras, mas também os três credos, a saber o Credo Apostólico, o Niceno e o Atanasiano, como também os primeiros seis concílios, no que eles definiram a respeito da bendita Trindade, da Pessoa do Filho de Deus e suas

---

<sup>9</sup> LESSA, Vicente Themudo. **Calvino (1509-1564): sua vida e sua obra**. São Paulo: Cultura Cristã, 1934. p. 15-16.

<sup>12</sup> PELIKAN, Jaroslav. **A tradição cristã: uma história do desenvolvimento da doutrina: a reforma da igreja e o dogma (1300-1700)**. Volume 4. Tradução de Helena Aranha e Regina Aranha. São Paulo: Shedd Publicações, 2016. Livro. 472 p. p. 192. Ver também: MENDONÇA, Antônio Gouvêa; PRÓCORO, Velasques Filho. **Introdução ao protestantismo no Brasil**. 2. Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002. Livro. P. 14-15. 279 p. O termo popular “crente” foi inserido no Brasil pelos missionários estrangeiros a partir de 1850, denota para além da crença em Jesus Cristo, uma mudança radical de vida, assimilação de novos valores, uma nova pessoa. Por esta razão, facilmente acarretava para si estímulos na sociedade e viviam verdadeiros dramas entre seus familiares.

<sup>13</sup> VANHOOZER, Kevin J. **Autoridade bíblica pós-reforma: resgatando os solas segundo a essência do cristianismo protestante puro e simples**. Tradução de A. G. Mendes. São Paulo: Vida Nova, 2017. Livro. P. 297.

duas Naturezas e também a respeito da Salvação dada para nós através dEle. Pois reconhecemos que o que quer que tenha sido decidido neles [nos Concílios] sobre essas questões, estão de acordo com a revelação divina<sup>14</sup>.

Muitos historiadores sugerem que o protestantismo chega às américas por volta de 1555 quando os franceses fundaram a França Antártica na atual Baía de Guanabara, o então vice almirante Villeganon tenta criar uma espécie de refúgio para os calvinistas perseguidos por Henrique II em sua pátria mãe. Já os primeiros a tentarem colonizar entre o Rio Real e o Rio São Francisco foram os franceses que já realizavam trocas comerciais com os tupinambá – em busca de pau brasil e pimenta - antes mesmo dos portugueses e da chegada do jesuíta João Solônio e seu irmão Gaspar de Lourenço em 1575, de acordo com as evidências documentais entre 1567 e 1572 franceses protestantes calvinistas e luteranos já tinham pisado em terras do atual território sergipano<sup>15</sup>. Em fins do século XVI, em 1595, quando Estância ainda sequer fora fundada, se tem registro de um fato curioso, trata-se de um francês que morava em São Cristovão - uma das cidades mais antigas do Brasil e o primeiro centro político e administrativo de Sergipe - onde os inquisidores suspeitavam que fosse um “herege” calvinista pois tinha contato com piratas calvinistas franceses que desembarcavam no litoral. Neste mesmo ano (1595) houve a declaração de guerra entre União Ibérica (Espanha e Portugal, sob domínio do rei católico Filipe II) e França (sob domínio do rei huguenote Henrique IV), tendo naufragado e feito prisioneiros vários franceses no atual território sergipano<sup>16</sup>.

A vertente chamada “calvinista” logo ultrapassou em termos numéricos e de influência o “luteranismo”, devido seu campo de influência ter se ampliado, a exemplo da Ética, Antropologia, Metafísica e Epistemologia, para além das paredes dos templos e da religião denominacional, bem como fora pioneira nas Américas, inclusive gerou a produção do primeiro documento protestante das Américas, a Confissão de Fé de Guanabara em 1557 bem como os primeiros mártires protestantes: Pierre Bourdon, Jean Bourdel e Mathieu Verneuil<sup>17</sup>. Ainda

---

<sup>14</sup> VERMIGLI, Pietro Martire. **Dialogus de Utraque in Christo Natura**. Disponível em: <https://play.google.com/store/books/details?id=qX5kAAAcAAJ>. Google Books. 1561. Livro. Acesso em: 20/10/224. 286 páginas. Pág 9-10. Este trecho trata-se de uma tradução do latim para o português de Joel Pereira.

<sup>15</sup> MOTT, Luiz. **Sergipe Colonial & Imperial: religião, família, escravidão e sociedade. 1591-1882**. – São Cristovão: Editora UFS; Aracaju; Fundação Oviêdo Teixeira, 2008. 210 páginas. Pág. 145-47 e 153.

<sup>16</sup> MOTT, Luiz R. de B. **A Inquisição em Sergipe**. 2 ed. – São Cristovão: Editora UFS; Aracaju: IHGSE, 2013. 160 páginas. Pág. 20-33. – (Coleção Biblioteca Casa de Sergipe, 12)

<sup>17</sup> Após Nicolas D. de Villeganon fundar uma colônia em uma ilha de nome Serigipe em 1555 na Baía de Guanabara financiada pelo militar protestante Gaspard de C. Coligny (viria a ser assassinado na Noite de São

assim podemos assinalar a presença de luteranos, tais como o escrivão Heliodor Hesse em 1554 e aventureiro Hans Staden que cantou hinos composto por Lutero e erigiu a primeira capela evangélica enquanto estava prisioneiro dos tupinambá em 1554<sup>18</sup>.

O reformador francês em Genebra, chamado pelo céptico historiador Ernest Renan de “Aquino da Igreja Reformada”, João Calvino, pessoalmente incentivou às missões evangélicas no Novo Mundo e é o representante da vertente teológica e forma de governo eclesiástico presbiteriana. Tal termo em princípio foi usado de forma pejorativa pelos adversários do calvinismo, que é uma linha teológica baseada não apenas nas obras de Calvino, mas sobretudo a partir de sua *Institutas da fé Cristã*, que se apresentava como apoiada na Escritura Sagrada, e continuada pelos seus sucessores como por exemplo Teodoro Beza (1519-1605), William Perkins (1558-1602), John Owen (1616-1683) e François Turretini (1623-1687); mais recentemente sendo instrumento fundamental de pensadores como Abraham Kuyper (1837-1920) e sua teoria das esferas de soberania; Karl Barth (1886-1968) e a sua teoria de que Deus, de caráter transcendental, livre e soberano, age por intermédio de sua Palavra; Cornelius Van Til (1895-1987) e sua teoria de que a realidade só pode ser entendida a partir da Escritura Sagrada e que a razão esta sujeita a Ela; e Alvin Plantinga (1932 -) defende por meio da lógica a racionalidade da crença em Deus, trabalha com “o problema do mal” e desenvolveu críticas ao naturalismo a partir de um *epistemologia reformada*, termo este usado pela primeira vez em 1980. Tais exemplos servem para demonstrar a extensão do calvinismo<sup>19</sup>.

Segundo o historiador Ernst Troeltsch podemos elencar como característica principal da teologia calvinista a consideração de que toda a existência é “teônoma”, a exemplo das artes e da ciência, o que vai de encontro com a ideia do Renascimento cuja característica é “antropocêntrica” sendo o homem a fonte criadora de seus próprios valores e portanto, no fundo, incapaz de pecar. Para o reformador Calvino, diferentemente do que ocorria com outros

---

Bartolomeu em 1572), houve muita insatisfação pelas péssimas condições e cobrança de se fazer cumprir a promessa de ser um refúgio para os protestantes. Então Villeganon pede a Igreja Reformada de Genebra ministros evangélicos. São enviados por Calvino: Pierre Richier e Guillaume Chartier acompanhados por Pierre Bourdon, Matthieu Verneil, Jean du Bourdel, e mais oito huguenotes. A harmonia foi breve, tão logo Villeganon começou a discordar de algumas doutrinas e a trata-los com hostilidade. Embora os huguenotes tentassem fugir, não havia condições para tal. Sob forte pressão e risco de vida realizaram o primeiro culto protestante e produziram sua carta de fé, que por sua vez o levaram a condenação sob pena de morte por heresia em 1558. Outros foram presos.

<sup>18</sup> **Povo luterano em terras brasileiras.** IECLB – Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil – Portal Luteranos – [www.luteranos.com.br](http://www.luteranos.com.br). 2024. Acesso em: 27 de Fev. 2024. Disponível em: [https://www.luteranos.com.br/conteudo\\_organizacao/historia/povo-luterano-em-terras-brasileiras](https://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/historia/povo-luterano-em-terras-brasileiras).

<sup>19</sup> PIACENTE JUNIOR, José C. **Revista Fides Reformata.** A herança epistêmica agostiniano-calvinista em Alvin Plantinga. *Revista Fides Reformata*, São Paulo. Editora Mackenzie. v. 15, n. 2, p. 21-42. Artigo. 2010.

líderes da Reforma, não existia dicotomia básica entre o Evangelho e o mundo, entre o Evangelho e a cultura; toda a existência possui a sua razão de ser enquanto sujeita a Deus e à Sua lei, bem como o pecado afetou a razão humana, não podendo por si só fazer o bem<sup>20</sup>. Por esta razão os reformadores iriam frontalmente contra os valores da Renascença e posteriormente contra o Iluminismo Francês - diferentemente do Iluminismo Britânico que dentre outras perspectivas por influência protestante mais pessimista e cético com relação a natureza humana – tendo este movimento religioso contribuído naquele momento com o renovo do espírito medieval.

No entanto, ainda no século XVI foi John Knox (1514-1572), o pavor de “Maria sangrenta” (Maria I) - como diria John Foxe em *O livro dos mártires* - quem consolidou o “presbiterianismo” na Escócia em oposição ao sistema de governo episcopal, de caráter hierárquico, sacramental e centralizador. O presbiterianismo foi resgatado em Genebra, segundo seus entusiastas, mais uma vez, baseado no Evangelho, se acreditava que a Igreja Primitiva continha esta forma de governo e portanto seria uma forma mais “bíblica” de governar. O presbiterianismo é constituído por um governo de ordem democrática ou republicana; o termo “presbiteriano” vem do grego *πρεσβύτερος* que significa “ancião”, e a sua estrutura em termos de autoridade são: O Conselho, que exerce jurisdição sobre a igreja local, o Presbitério, que exerce jurisdição sobre os ministros e conselhos de determinada região, o Sínodo, que exerce jurisdição sobre três ou mais Presbitérios, o Supremo Concílio, que exerce jurisdição sobre todos os Concílios. Todavia nós sabemos, segundo as evidências historiográficas, que o sistema de governo eclesiástico não era homogêneo no primeiro século, seguiu se complexificando e se centralizando, sendo a partir do século II o começo do domínio do episcopalismo monárquico<sup>21</sup>. De toda forma é consenso que o presbiterianismo se fez presente no governo dos Apóstolos na antiguidade, e no mundo moderno serviu de inspiração para regimes democráticos (Lindberg, 2017, pág. 305).

No século XVII, durante as invasões holandesas (1630-1654) no atual território nordestino, cuja liderança foi confiada ao militar protestante Maurício de Nassau, os flamengos

---

<sup>20</sup> NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do. **Para educar, para curar, para salvar:** uma ilha de civilização no Brasil tropical. Tese de Doutorado em Educação. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005. 260 p. Pág. 35.

<sup>21</sup> SCHAFF, Philip. **The History of the Christian Church.** Volume II, capítulo IV. Este material foi cuidadosamente comparado, corrigido, e emendado (de acordo com a edição de 1910 de Charles Scribner's Sons) pela The Electronic Bible Society, Dallas, TX, 1998. Acesso em: Janeiro de 2024. Disponível em: <https://www.ccel.org/s/schaff/history/About.htm>.

fizeram alianças com os povos indígenas de etnia potiguara, onde alguns foram transformados em professores e um inclusive Pastor, este conhecido como João Gonçalves, indígena que foi Pastor auxiliar de Thomas Kemp – possivelmente o primeiro Pastor “brasileiro” e das américas, desbancando o frequentemente apontado como dono deste título o ex-padre Manoel da Conceição do século XIX – sendo fundada a primeira igreja evangélica do Brasil, a Igreja Reformada Potiguara por indígenas e holandeses. Esta era uma época de verdadeiro “fogo cruzado” entre os seguidores da Reforma Protestante e os seguidores da Contrarreforma Católica em solo brasileiro com a presença protestante holandesa. Até 1654 existiram 22 igrejas de culto reformado e 50 pastores no atual solo nordestino<sup>22</sup>. Em Sergipe também tivemos as primeiras congregações reformadas neste período, porém bem pequenas, segundo o historiador Frans L. Schalkwijk<sup>23</sup>.

As batalhas que ocorreram em Sergipe del Rey entre os luso-brasileiros e os batavos resultaram na destruição de São Cristovão em 1637, os portugueses retomaram o controle em 1640, com a cidade completamente destruída devido as técnicas de batalha de “terra arrasada”, em princípio a mando do próprio comandante das tropas luso-hispanas, o Conde de Bagnuolo, bem como “guerrilha” nas batalhas finais; Sergipe representava a porta de entrada para a província da Bahia, portanto era decisivo derrotar as tropas flamengos ali.

Em Estância ficaram abrigadas as tropas que iriam expulsar os holandeses após oito anos ocupando Sergipe, comandadas pelo indígena de etnia potiguara, o católico Antônio Filipe Camarão, o mesmo trocou cartas com seu primo Pedro Poti, aliado dos neerlandeses e havia se tornado protestante. Segundo historiador Felisbelo Freire em sua inaugural *História de Sergipe* (1575 – 1855), página 157, aponta entre os “três graves erros, que contribuíram para a decadência do domínio batavo”, como justamente “deixar de promover; desde 1637, a colonização de Sergipe”<sup>24</sup>.

O sociólogo pernambucano Gilberto Freyre em *Casa Grande & Senzala: Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*<sup>25</sup> nos revela uma característica da

---

<sup>22</sup> SANTOS, Thiago Cavalcanti dos. **Revista Cesumar**. Tensões religiosas no Brasil holandês. Revista Cesumar – Ciências Humanas e Sociais Aplicadas v. 15, n. 2, jul./dez. Artigo. 2010, p. 363-379. Pág. 368.

<sup>23</sup> NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do. **A escola americana: origens da educação protestante em Sergipe (1886-1913)**. São Cristovão: Grupo de Estudos e Pesquisa em História da Educação/NPGED, 2004. 295 p. Pág. 50-51. (Coleção Educação é História).

<sup>24</sup> FREIRE, Felisbelo Firmo de Oliveira. **História de Sergipe (1575-1855)**. 3 ed. São Cristovão. UFS; Aracaju. IHGSE, 2023. 522 p. Pág. 157.

<sup>25</sup> Pág. 91-92.

sociedade colonial portuguesa no século XVI, me refiro ao sanitarismo religioso “a fim de examinar a consciência, a fé”, contra as “infecções heréticas”, sendo um verdadeiro perigo não necessariamente o estrangeiro em sí, mas o tido por “herege”. A uniformidade religiosa era o “cimento da unidade” social de uma nação, sendo os protestantes holandeses, ingleses e franceses para os ibéricos inimigos religiosos e políticos<sup>26</sup>. Ao longo da colonização podemos observar como a discriminação se misturou aos critérios sanitaristas com relação a religião, a aspectos físicos e mecânicos, ou seja, de ofício.

Foi a partir de 1810 com o Tratado de Aliança e Amizade e o Tratado de Comércio e Navegação assinados por Portugal de confissão católica romana e a Inglaterra de confissão protestante, potência imperialista da vez, Espanha e Portugal - fortemente impregnados pelo catolicismo romano - já se encontravam decadentes, que se acentuou a chegada de protestantes ao Brasil, o que é irônico pois a Inglaterra e os “hereges ingleses” eram muito temidos nos primórdios coloniais pelos ibéricos no século XVI pois era nas terras de William Shakespeare que o protestantismo se “encarnou com mais relevo” como disse Freyre, no período colonial portanto sua presença era muito marginal e tímida, os que no Brasil chegaram de terras protestantes ou já eram católicos, aqui se converteram ou foram mortos e expulsos.

Sob a promessa do Príncipe Regente de liberdade de consciência e legalidade de suas atividades (artigo XII do Tratado de Comércio) os protestantes chegaram em terras brasileiras, logo os imigrantes ingleses anglicanos começaram seus cultos em inglês em navios e na residência do Ministro Lord Strangford e outros; o luteranismo proveio de imigrantes alemães em 1824 no Rio de Janeiro; em 1836 os missionário metodistas Justin Spaulding e Daniel Kidder (1823-1901) adentraram ao Brasil como agentes da Sociedade Bíblica Britânica, o último permanecendo até 1842. Ademais é apenas na década de 50 do séc. XIX que é chegado um maior fluxo de congregacionais e presbiterianos ao Brasil, dando início a uma superação do protestantismo de imigração. O Rev. Ashbel Green Simonton (1833-1867)<sup>27</sup>, estadunidense formado no Seminário Teológico de Princeton através da Igreja Presbiteriana dos Estados

---

<sup>26</sup> FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. Livro. 51. ed. rev. São Paulo: Global. 2006. 728 páginas. Pág. 91-92.

<sup>27</sup> FERREIRA, Júlio Andrade. **Religião no Brasil**. Campinas – SP. Luz para o Caminho. 1992. 234 p. Pág. 69. Porém durante o Brasil Império o primeiro presbiteriano que se tem registro antes mesmo de Simonton é o estadunidense Rev. James Cooley Fletcher (1823-1901) em 1851 permanecendo até 1865, foi membro do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil (IHGB), era amigo de Daniel P. Kidder e de D. Pedro II, contrário a escravidão, o mesmo contribuiu para a efervescência político-religiosa no Brasil Império.

Unidos (PCUSA), desembarca no Rio de Janeiro em 1859 e dois anos depois organiza uma igreja, sendo considerado o fundador da Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB).

Em 1863, finalmente Sergipe é alcançado pelo protestantismo, por meio do colporteur – termo de origem francesa *colporteur* que significa “vendedor ambulante” – Pedro Nolasco de Andrade, da Sociedade Bíblica Portuguesa, foi sucedido por tantos outros que araram o solo sergipano para os missionários vindouros. Pedro Nolasco de Andrade foi batizado em 1858 na Igreja Evangélica Fluminense, de cunho Congregacional, primeira igreja evangélica a realizar cultos em português no Brasil, este colporteur juntamente com o casal de missionários Kalley<sup>28</sup> lutaram para que fosse reconhecido pelo Império o casamento de pessoas “acatólicas”, o que veio a surtir efeito legal em 1863, ano em que esteve em Sergipe. Colportores como Torquato Martins, da Sociedade Bíblica Britânica, Camilo Tito Rossi, Cristiano Peixoto e Pedro Degiovanni eram representantes da Sociedade Bíblica Americana e tinham como foco além da cidade de Laranjeiras, a cidade de Estância para espalhar a mensagem do Evangelho, estes dois municípios foram elevadas de vila a cidade em 1848 durante o governo de Zacarias de Góis e Vasconcelos<sup>29</sup>. Estância vinha se destacando pelo seu potencial fluvial de exportação e importação, e bom desempenho na produção açucareira, que por sua vez foi gradativamente se tornando industrializada. Os colportores foram responsáveis por trazer de forma sistemática a Bíblia traduzida por completo ao povo de Sergipe, causando forte impacto na sociedade sergipana. O historiador Júlio Andrade Ferreira assevera acerca das consequências históricas, doutrinárias e sociais da difusão da Bíblia pelas sociedades bíblicas:

Na última parte do século passado [XIX], em virtude da intensificação ultramontana; e na primeira metade deste século [XX], na fase pré-Vaticano II, o ambiente era de hostilidades recíprocas.

A distribuição de Bíblias...despertará polêmicas sobre as edições protestantes seriam falsificadas ou não. Mas, depois, toda uma série de divergências era enumeradas. Do ponto de vista histórico, a legitimidade da Reforma Religiosa do século XVI; as personalidades dos reformadores; o papel da Idade Média, etc. Do ponto de vista doutrinário, o valor da Bíblia e da tradição como fontes de verdade; a caracterização da Igreja e do Papado; o número e papel dos

---

<sup>28</sup> O casal de missionários Robert e Sarah Kalley para além de lutas em prol da liberdade religiosa, casamento civil e secularização dos cemitérios, “forneceram a matriz teológica do pensamento religioso popular protestante” (MENDONÇA, 2002, p. 34-35). Traduziram e organizaram hinários (*Salmos e Hinos*), produziram artigos diversos e um protestantismo de eclesiologia e teologia híbrida (batista, presbiteriana, congregacional e metodista) convercionista e de culto racional.

<sup>29</sup> VIEIRA, David Gueiros. **O Protestantismo, a maçonaria e a questão religiosa no Brasil**. Brasília. Editora Universidade de Brasília. Livro. 1980. (Coleção Temas Brasileiros). 409 p. Este era um ultramontano e acreditava que o Brasil só teria progresso por meio do Catolicismo (Anais do Senado, 19 de Abril de 1973). Seu busto se encontra na Praça Barão do Rio Branco, no centro da cidade de Estância-SE. Havia protestantes que também pensavam que a “protestantização” do Brasil traria desenvolvimento econômico, científico e tecnológico (pág. 63).

sacramentos; a existência ou não do purgatório; a veneração e intercessão de santos; o culto à Virgem Maria; a base da justificação, etc. Do ponto de vista social: a liberdade religiosa; a Igreja e o Estado; a casuística moral, etc (FERREIRA, 1992, p. 109).

Na cidade de Estância em 1878<sup>30</sup> surgiu o primeiro artigo em um jornal assinado por um colportor agente da Sociedade Bíblica Americana, de nome Pedro Degiovanni, no jornal estanciano *O seculo* (1880 a 1881) um jornal crítico, humorístico e noticioso, que tinha como um dos redatores o Sr. José Caetano Marques, conhecido republicano. Tal informação é proveniente da centenária revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE) fundado em 1912, na edição do ano de 1920 em alusão a emancipação política do estado assinado por D. João VI em 8 de Julho de 1820, no artigo de autoria de Pedro Sotero Machado<sup>31</sup>, sendo esta a primeira síntese historiográfica do movimento protestante em Sergipe, o qual incluía Estância na vanguarda, de título “Um século de evangelismo em Sergipe”; Pedro Machado foi o primeiro presbítero da Igreja Presbiteriana de Aracaju em 1915 e desde 1911 tinha sido seu tesoureiro, publicou em vários jornais ao longo de sua vida, foi chefe da Alfândega em Salvador, membro fundador e único evangélico da Academia Sergipana de Letras e do IHGSE em seu tempo, o qual afirma que Pedro Degiovanni foi o primeiro a pregar em Estância a partir de 1878, tendo iniciado no jornal discussões teológicas, o que suscitou interesse dentre outras pessoas do Sr. João Pedro Profeta dos Santos “que mais tarde fez profissão de fé e saiu em viagem de colportagem”<sup>32</sup>.

No documentário “Heróis da Fé em terras Sergipanas”<sup>33</sup> pioneira produção audiovisual sobre a história do protestantismo em Sergipe, produto do jubileu de 150 anos da chegada da tradução e difusão sistemática da Bíblia em língua vulgar em Sergipe, produzido pelo Museu da Bíblia em Sergipe em 2013, a profa. Dra. Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do Nascimento,

---

<sup>30</sup> Não encontrei este jornal na Biblioteca Estadual Epifânio Dória em Aracaju, embora também procurasse no Arquivo Público do Estado (APES) em Aracaju, na Biblioteca Dom Luciano Duarte (BICEN), na UFS, campus de São Cristovão; e o Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE) se encontrava fechado pois estava em reformas.

<sup>31</sup> DÓRIA, Epifânio. **Efemérides sergipanas**. Vol. 2. [S.l.]: [s.n.]. 2009. Pág. 598-599. O historiador Epifânio Dória, que o conhecia, classifica Pedro Sotero Machado de “entusiasta da cultura” sergipana.

<sup>32</sup> Revista do IHGSE. **Consagrado em comemoração do 1º centenário da Emancipação política de Sergipe**. Um século de evangelismo em Sergipe. Artigo. Aracaju. Publicado em 24 de Out. de 1920. 265 p. Pág. 212. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/rihgse/article/view/12140/9189> Acesso em: 03 de Jun. de 2024.

<sup>33</sup> Museu da Bíblia em Sergipe. **Heróis da fé em terras sergipanas**. Direção: Wellington Santos e Josmar Torres. Produção: Museu da Bíblia em Sergipe. Aracaju. 2012. Documentário. Disponível em: <https://www.facebook.com/share/v/kXFYx7JdswY7saLw/?mibextid=Xtsd1Y>

uma autora basilar desta pesquisa e pesquisas do gênero em Sergipe a mais de duas décadas, então diretora de pesquisa e extensão da UNIT também cita brevemente este fato.

É interessante acrescentar que em 1867 o colportor Torquato Martins foi preso pelo chefe de Polícia provincial Antero de Assis e proibido de vender quaisquer material evangelístico, o imperador D. Pedro II e seu Ministro da Justiça de nome Martim Francisco Ribeiro de Andrada – irmão do “Patriarca da Independência” José Bonifácio – teve que intervir para solta-lo, citando o artigo 179 da Constituição Política do Império do Brasil de 1824 que garante a liberdade individual e inviolabilidade dos direitos civis<sup>34</sup>.

A cidade de Estância é considerada berço da imprensa em Sergipe, devido seu inaugural jornal “O Recopilador Sergipano (1831 a 1834)”; na passagem do século XIX para o XX Estância estava apenas atrás da capital em números de jornais (NUNES, 2006, p. 287), um claro indicativo de sua efervescência cultural e política, segundo consta nos arquivos da imprensa local até 2018 em Estância circulou 88 jornais, predominando até hoje seu legado na imprensa sergipana (DANTAS, 2022, p. 285-287).

O caro leitor não se espante com o conteúdo ofensivo dos debates presentes nos jornais antigos, afinal de contas assim como foram os reformadores no século XVI que faziam uso de “linguagem ofensiva para expor mentiras e eliminar autoridade mística reivindicada por papas, teólogos, e políticos” (LINDBERG, 2017, p. 414), assim foram os protestantes em solo sergipano que utilizaram de “linguajar franco”, da mesma forma os seus adversários católicos romanos em seu tempo; trata-se de um texto localizado historicamente e fonte preciosa de informação e erudição comum a debates entre religiões cristológicas.

Pude encontrar textos de autoria do colportor Pedro Degiovanni no jornal semanário estanciano “O Pharol (1878 a 1887)”<sup>35</sup> – cujo redator era o republicano José Caetano – onde após distribuir bíblias e panfletos na cidade de Estância, em Março de 1880, na edição 11 questiona o porque do vigário de Estância proibir a leitura da Bíblia Sagrada por seus fiéis. Na publicação de 18 de Abril, o “PIO CATHOLICO” se pusera a refutar “as doutrinas heréticas de uns folhetos espalhados nesta cidade pelo protestante Pedro Degiovanni”. Onde o classifica

---

<sup>34</sup>NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas Bôas Carvalho do. **A batalha da fé nos jornais da província de Sergipe.** Serigy: a história de um povo. Artigo. 2006. Disponível em: [http://clientes.infonet.com.br/serigysite/ler.asp?id=205&titulo=Artigos\\_Colaboradores](http://clientes.infonet.com.br/serigysite/ler.asp?id=205&titulo=Artigos_Colaboradores). 2024. Acesso em: 03 jun.

<sup>35</sup> **O Pharol** (1878 a 1887 – SE). Publicado em Março de 1880, edição 11. Biblioteca Estadual Epifânio Dória. Sua oficina ficava em Estância.

como alguém que “deve ser admirado pela rigidez de seu talento em materias religiosas”, o chama de “pregoeiro fanatico”, “propugnador de doutrinas hereticas” e coisas do gênero, além de considerar bom para ele ter passado rapidamente pela cidade para não abusar da complacência de seu povo. É neste tom de ameaça que se inicia um debate que iria durar até o fim daquele ano.

Na edição 17, na coluna de título “AO PIO CATHOLICO” publicado em 2 de Maio, Pedro Degiovanni confronta o argumento do “Pio Catholico” de 4 Abril no jornal “O Pharol”, onde escrevera que “o fim exclusivo do protestantismo é criar prosélitos”, que “a Igreja (romana) estava em conformidade com a Escritura” e que ela tinha por cabeça o Apóstolo Pedro. O colportor Pedro Degiovanni em Aracaju e depois Bahia segue analisando esta afirmação com base na Escritura Sagrada, com o objetivo de provar que “os prosélitos criados pelo protestantismo” estavam em maior conformidade com o livro tido por sagrado por ambos, segue então dizendo que o verdadeiro fiel deve adorar somente a Deus, que “amar o próximo como a si mesmo” é maior que todos os sacrificios e holocaustos, desta forma confrontando também o culto e sacrificios oferecidos a imagens de esculturas do rito católico romano, citando o livro de Êxodo capítulo 20, Marcos capítulo 12, João capítulo 4 e o também tido por “apócrifo” pelos protestantes, o livro de Sabedoria de Salomão, capítulo 14, que faz parte do cânon da Igreja Católica Apostólica Romana (ICAR) como deuteroacanônico confirmado desde o Concílio de Trento (1545-1563), além destes foram citados tantos outros livros bíblicos. Confronta as relíquias, restos de mortais presentes na Igreja de Roma os classificando como “ídolos”, e indaga onde o Apóstolo Pedro, tido como o primeiro Papa pela tradição católica romana, ensinou estas coisas e tantas outras como sacrificios de missas a santos e mártires no céu, o purgatório e o culto a anjos.

O colportor Pedro Degiovanni conclui então que a Sociedade Bíblica Americana não tem o objetivo de “criar proselytos, mas sim para que cada qual tenha, e conserve a sua própria liberdade em examinar as Escripturas como o tem mandado Jesus Christo, na Bíblia de S. Jeronymo ...”. Foi Jerônimo de Estribo que produziu a tradução da Bíblia no século V do hebraico e grego para o latim, o que veio a ser chamada de “Vulgata Latina”, permanecendo como fonte oficial de traduções da Bíblia pela ICAR, por isso Degiovanni faz questão de citar a “Bíblia de S. Jeronymo” de acordo com a versão aceita pela ICAR, instituição representante da teologia adversária e dominante culturalmente em Estância e no Brasil, para confrontar suas contradições.

Na edição 23 confronta o levantamento do mesmo adversário de que a Bíblia da Sociedade Norte Americana “não era a Palavra de Deus”; tendo a partir do texto bíblico “não cometerá adultério” do livro de Êxodo indo contrário a obrigatoriedade da castidade à todos os prelados romanos com “o fim exclusivo” de não cometer adultério; aponta que são os próprios maus procedimentos dos “prelados de Roma papal”, que desde os primórdios da Igreja estavam contradizendo a Palavra de Deus citando em seguida diversos versículos bíblicos quanto a modéstia do cristão e seus líderes, bem como o casamento, a exemplo do livro de Mateus capítulo 19. Em seguida e já finalizando acusa os prelados e o Papa de Roma, ironizando o fato deles se apresentarem como sucessores de Pedro cuja profissão era pescador e que portanto pescava com redes e não com bolsas “como fazem seus sucessores” onde pescam o dinheiro das pessoas contrariando as Escrituras ao cobrar dos fiéis os sacramentos como matrimônio, batismo, “sacrossanto sacrifícios das missas” e outros, fazendo a “casa de Deus uma casa de negociação”. O ex-católico e pioneiro evangélico em Estância, Pedro Degiovanni prosseguiu a distribuir literatura evangélica aos milhares ao redor do Brasil produzindo de sua autoria inclusive o folheto *O purgatório* e poesias diversas.

Mais uma vez a cidade de Estância que possui mais de 400 anos de fundação, mais de 190 anos de vila e 176 anos de elevação a cidade se destaca no estado sergipano, neste caso no pioneirismo evangélico. Os colportores distribuíam panfletos, jornais e bíblias com o apoio das sociedades bíblicas estrangeiras, o uso de tal material no seio protestante não era limitado apenas a letrados e é muito frequente na história evangélica, a Reforma surgiu lado a lado com a imprensa se adaptando inovações tecnológicas correntes, no passado foi o principal meio de evangelização, hoje continua a ser como um dos principais meios, sendo parte indissociável da cultura evangélica o uso, distribuição de panfletos (*Flaugblätter* e *Flugschriften*: literalmente “folhas voadoras” e “escritos voadores”) e bíblias. O historiador Carter Lindberg em *História da Reforma*, pág 62, diz: “Lutero dominou uma campanha propagandista e um movimento em massa nível tal que, até onde sabemos, nenhum outro conseguiu desde então. Nem mesmo homens como Lenin, Mao Tse-tung, Thomas Jefferson, John Adams e Patrick Henry obtiveram tamanho sucesso”<sup>36</sup>.

---

<sup>36</sup> LINDBERG, Carter. **História da Reforma**. Tradução Elissamai Bauleo. – 1 ed. – Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil. 2017. 450 p. Pág 62.

Através das “cinzas de bíblias”<sup>37</sup> queimadas em praça pública, em meio proliferação de doenças como a cólera morbo e ultrajes da grande maioria da população proferindo palavras e entoando canções os chamando de “bodes” e “capas verdes” dentre outros infortúnios que os presbiterianos conseguiram se estabelecer de forma perseverante ao organizar sua primeira igreja em 1884, na estratégica cidade de Laranjeiras pelo Rev. Alexander Latimer Blackford – cunhado de Simonton, chegou no Brasil em 1860, um dos pioneiros do protestantismo na Bahia e o primeiro pregador ordenado a pregar em Sergipe – sob administração missionária da Igreja Presbiteriana de Salvador (1º igreja presbiteriana do Nordeste, organizada em 1872 pelo missionário Francis Schneider). Nesta época estava em vigor a Constituição de 1824, no reinado de D. Pedro II, dentre outras leis que limitavam a prática da atuação protestante, o artigo 5º preceituava: “a religião católica apostólica romana continuará a ser a religião do Império. Todas as outras religiões serão permitidas com seu culto doméstico ou particular, em casas para isso destinadas, sem forma alguma exterior de templo”. O catolicismo romano se faz presente desde os primórdios dos tempos coloniais com a chegada no século XVI e XVII de ordens como os jesuítas, carmelitas, beneditinos, franciscanos (estes últimos a partir de 1580) e outros, é a principal religião do Brasil, com enorme influência na sociedade brasileira.

O primeiro Pastor protestante a residir em Sergipe, possivelmente o fundador da primeira escola secundária protestante do Nordeste, me refiro a Escola Americana em 1886 sob a direção do professor presbiteriano, o baiano Daniel Nunes da Motta, sendo junto a Blackford o primeiro oficial depois dos colportores a trazerem a mensagem evangélica para Estância, foi o estadunidense John Benjamin Kolb (1850-1921)<sup>38</sup> entre 1886 e 1892 em suas quilométricas viagens a cavalo pelo interior, o mesmo era filho de pastores, formou-se em Letras pelo Lafayette College, em Teologia pelo Seminário de Princeton e ordenado pelo Presbitério de Lehigh, foi também simpatizante da causa abolicionista. Conforme o jornal “Norte Evangelico”<sup>39</sup>, edição 12: “os revs. Blackford e Kolb exerceram acentuada influência na evangelização de Sergipe, Aracajú, Laranjeiras e Estância cêdo receberam a semente da Boa Nova”. O Rev. Kolb entre 1886 e 1892 organizou o primeiro trabalho evangelístico em

---

<sup>37</sup> Referência a edição 00029 do jornal O puritano (RJ), do ano 1899, dos termos usados pelo Rev. W. E. Finley

<sup>38</sup> MATOS, Alderi Souza de. **Os pioneiros presbiterianos do Brasil (1859-1900)**. S. Paulo: Cultura Cristã. 2004. 592 p. Pág. 105.

<sup>39</sup> **Norte Evangelico**. 1956, ed.12, pág. 9-10. Acervo do Prof. Dr. Alderi de Souza Matos.

Estância<sup>40</sup>. O seu sucessor em Sergipe foi o também estadunidense Rev. Woodward Edmund Finley, que iniciou seus estudos em Hanover College e concluiu no Seminário McCormick, sendo ordenado pelo Presbitério de Colúmbia, após exercer o pastorado na Bahia, chegou em Sergipe em 1893 após casar-se com a missionária Lilly B. Marrin; em Sergipe deu prosseguimento à obra evangélica ampliando o trabalho em diversos municípios, em uma época cujo contexto do presbiterianismo nacional era desfavorável devido a escassez de obreiros, um problema recorrente, já que muitos colaboradores haviam falecido de doenças tropicais e outros fatores<sup>41</sup>.

Quero frisar a importância dos cultos em domicílio nesta fase germinal, o que de certa forma permaneceu sendo prática da cultura evangélica, o termo “culto” vem do latim “colere” e quer dizer “cultivar”, o lançamento desta semente em solo apropriado e bem cuidado eram as casas familiares, o que evidencia a flexibilidade e a simplicidade do culto evangélico. Segundo W. E. Finley em Dez. de 1899 com referência ao ex-clérigo romano cearense, o Rev. Antônio André Lino da Costa, o mesmo havia sido pastor em estados como Paraná, Santa Catarina e Rio de Janeiro; após várias conferências no estado de Sergipe, “na viagem passou o domingo na cidade da Estancia e de tarde fez culto na casa do Sr. Manoel dos Santos David”. Finley finaliza da seguinte forma: “estamos com a esperança que elle não seja o ultimo dos nossos irmãos do sul que venha auxiliarmos em nossa tarefa ardua nestes campos do norte”. Em concordância com o historiador Émile Léonard, verdadeiramente pude constatar: “a evangelização é a característica do Brasil protestante”.

O 2º suplente de juiz, o comerciante Manoel Antônio dos Santos David foi o primeiro, juntamente com sua família a se converterem ao protestantismo em Sergipe na cidade de Laranjeiras, costumava denunciar os abusos do clero romano na imprensa local e travou debates teológicos até mesmo com o historiador católico Felisbello Freire; o mesmo e sua descendência foram importantes colaboradores da obra evangélica em Estância. Vale ressaltar que apesar de suas diferenças religiosas ambos estavam juntos ao movimento abolicionista e republicano em Sergipe que surge centrado em Laranjeiras, em princípio com a criação do clube Republicano Federal Laranjeirense o qual estava presente em 1887 o primeiro protestante

---

<sup>40</sup> Era casado com a missionária Keziah B. Gaston Kolb, nascida na Carolina do Sul, filha do médico e presbítero James MacFadden Gaston (NASCIMENTO, 2004, p. 293-294). A irmã de Keziah era Nannie Thornwell, a qual era casada com Alexander Latimer Blackford (NASCIMENTO, 2007, pág. 30).

<sup>41</sup> Possivelmente era maçom, pois a Loja Maçônica Cotinguiba, a mais antiga de Sergipe, o havia nomeado para discursar em nome dos maçons no velório do farmacêutico e político republicano Horácio Martins (DÓRIA, pág. 96, 2009).

que se converteu em Estância, o jornalista João Pedro Propheta dos Santos<sup>42</sup>, “cujo raio de ação atingiu Itaporanga, Maruim, Aracaju, Estância e Propriá, onde se fundaram outros tantos clubes republicanos” como bem acentua a profa. Dra. Terezinha Alves de Oliva<sup>43</sup>. Em Estância foi fundado em 21 de Agosto de 1887, liderado por José Caetano Marques, sua sede ficava atrás da catedral, num prédio colonial tombado pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) desde 1937. Pouco tempo depois, no mesmo ano viria a se concretizar o Partido Republicano em Novembro de 1888 cujo líder no estado era o militante aguerrido e futuro primeiro presidente da província no período republicano, Felisbello Freire, tendo como tesoureiro do partido o protestante Manoel Antônio dos Santos David, e como liderança nacional o intelectual Silvio Romero. Ficando claro os interesses, atuação e tendência dos protestantes ao republicanismo e abolicionismo em Sergipe<sup>44</sup>.

No jornal *O Puritano*<sup>45</sup> cuja sede se encontrava no Rio de Janeiro, a capital do Brasil na época, é possível encontrar registros de várias visitas de evangélicos proeminentes ao então ponto de pregação de Estância-SE na passagem do século XIX para o XX, a exemplo de em 1894 a convite de Finley, o Rev. Chamberlain passou 50 dias pregando nas principais cidades do Estado, possivelmente passando por Estância. No ano de 1899, edição 164, na coluna intitulada “Vários Factos” consta que o Rev. Bixler<sup>46</sup> iria transferir sua residência de Laranjeiras para Estância. Sendo que a igreja de Laranjeiras, e a congregação de Lavandeiras e uma do sertão<sup>47</sup> teriam ficado sob os cuidados do Rev. Finley, indicando uma nova fase da história eclesiástica em Estância. Ou seja, a cidade de Estância não recebeu apenas “holandeses, franceses, portugueses, espanhóis, árabes, sírios, turcos e libaneses” (CINFORM, 2002, p. 75), mas também estadunidenses.

---

<sup>42</sup> NUNES, Maria Thetis. **Sergipe Provincial, II (1840/1889)** Maria Thetis Nunes. – RJ: Tempo Brasileiro; Aracaju, SE: Banco do Estado de Sergipe. 2006. 362 p. Pág. 266-267.

<sup>43</sup> DINIZ, Diana Maria de Faro Leal (Coord.); DANTAS, Beatriz Góis...[etc]. **Estruturas de poder**. Textos para História de Sergipe. 2. Ed. São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju; IHGSE. 2013. 356 p. Pág. 170-171.

<sup>44</sup> Politicamente não era novidade os protestantes e seu republicanismo em Estância, apenas relembram tímidas faíscas passadas que remontam desde o republicanismo do Pe. Moreira e o Monsenhor Antônio Fernandes da Silveira na década de 20 e 30 do século XIX naquela cidade.

<sup>45</sup> **O puritano (RJ)**. Jornal de 1894. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 03/06/2024.

<sup>46</sup> O Rev. Cassius Edwin Bixler e sua esposa a missionária Florence B. Elwell Bixler foram enviados oficialmente juntamente com seus 8 filhos a nova estação missionária em Estância pela Missão Central do Brasil em Outubro de 1902 (NASCIMENTO, 2007, pág. 101-102).

<sup>47</sup> Não especificado o local.

Em 1902 o jornal estanciano *A Razão*<sup>48</sup>, patrocinado dentre outras pessoas pelo padre local Victorino Fontes, amigo do fundador do jornal Augusto Gomes e de um dos redatores de nome “Seraphim”, o qual lamenta a notícia da chegada de um templo protestante na cidade de Estância, prometendo estar presente nas primeiras conferências e noticiar o que viria a ocorrer. Na edição 34, de 24 de Agosto, dar-se início as primeiras reações após este anúncio, que se manifestaram além de discursos antiamericanos mas também em forma de apologética católica, onde o pseudônimo *P. Casaes* fazem um resumo da história das origens das “seitas protestantes e outras” em três partes divididas em três edições, onde iniciam classificando Lutero de “pai de tantos falsos profetas, embusteiros, espertalhões enganadores da humanidade” e coisas do gênero.

Nas edições 43 e 44 o redator Seraphim relatou as duas conferências dadas pelo “dr. Eduard Bixler”. É dito que ele deu a sua segunda conferência em “própria casa de sua residência à praça do Amparo”, estiveram presentes comerciantes como Cicero, Pedro Antonio, Silveira, David, Moreno, João Antonio e outros<sup>49</sup>. Era comum a presença de livres pensadores, curiosos e pessoas liberais, mas este último era católico fervoroso, o que causou espanto ao autor por ele ter ignorado os conselhos das edições passadas de *P. Casaes*. Na primeira conferência em que Seraphim esteve presente foi realizada em 13 de Outubro, num dia de Domingo por Bixler, o redator fez questão de deixar claro que sua fé não havia mudado, que não gostou da reunião por justamente não concordar com suas crenças e porque considerou mau o português do pastor estrangeiro. Porém se agradou do “epílogo”, pois gostava de música e considerou “bela” a voz de sua esposa Florence Bixler, que cantou hinos acompanhada pelo instrumento musical harmônio e de alguns presentes como Moreno e David.

Na segunda conferência em que Seraphim esteve é dito que mais pessoas se fizeram presentes e que todos prestavam grande atenção, por isso se fazia grande silêncio. Seraphim diz que o “Frei João” se fez presente, sendo ele mais entendido em Teologia, disse que Bixler era “uma rapaz talentoso e, com seu pelanfrorio, bem possível seria convencer o povo da *verdade* de suas doutrinas, convertendo-o ao protestantismo”. O redator Seraphim alertou o próprio Pe. Victorino, pois do jeito que as coisas estavam andando, Bixler poderia ultrapassar-

---

<sup>48</sup> **A Razão**. Jornal de 1902. Ed. 34, 43 e 44. Biblioteca Estadual Epifânio Dória. 2024.

<sup>49</sup> Embora o autor escolhesse simplificar seus nomes fiz questão de cita-los pois para além de o autor os conhecer, eles eram comerciantes, outros católicos, uns mais liberais e outros mais conservadores; os comerciantes foi uma classe presente nas origens do protestantismo em Sergipe, e Estância tinha os seus sapateiros, ourives, carpinteiros, etc, simpáticos e curiosos para com a nova religião; suspeito que o “David” era o próprio Manoel Antônio dos Santos David, primeiro convertido ao protestantismo em Sergipe; ou o que viria a ser Major, o Sr. Eliezer David, este de espírito liberal, o qual chegou a contribuir financeiramente com a IPE.

lhe, deixando “apenas o batalhão de beatas, cujo número está hoje bem resumido”. Recomendou ainda que o Pe. Victorino imitasse conferências com temas definidos a exemplo de “A Sociedade e Progresso” com o atrativo da presença de orquestras<sup>50</sup>. Por fim a conferência evangélica de Bixler findou cantando com sua esposa Florence *Gloria in excelsis Deo*, em seguida dando a benção, cumprimentando e distribuindo folhetos, de forma muito ordeira, o redator destaca.

No ano de 1904, na edição 256 de *O Puritano* foi anunciado o falecimento em Estância do irmão Alferes Manuel Euzebio, “ex-membro da Igreja Presbiteriana de Niteroy”. O que sugere o padrão de alto dinamismo e migração de irmãos para fornecerem reforço aos trabalho em crescimento de outras localidades, em especial as do Norte. Neste mesmo ano esteve presente possivelmente em Estância o prolífico Rev. Laudelino de Oliveira Lima de acordo com a edição 253, no mesmo ano na edição 267 consta que o paraibano Rev. Manoel Francisco do Nascimento Machado, foi Pastor em vários estados do Nordeste, esteve presente em Sergipe e angariou muita simpatia, na edição 272 ainda do mesmo ano sob o título “No templo e no lar” com enfoque na cidade de Estância, é apresentado por Bixler como o primeiro “pastor brasileiro” que o povo “generoso” de Estância ouviu pregar. Todavia esta informação é contraditória, pois o primeiro pastor brasileiro a pregar em Estância, foi o já citado reverendo cearense Antonio André Lino da Costa em 1899; a não ser que o entendamos como o primeiro pastor brasileiro a pregar em um templo evangélico em Estância.

É notável a movimentação do fluminense Rev. Alvaro dos Reis<sup>51</sup> em 6 de Outubro de 1904, onde no jornal *O Puritano* diz: “O Rev. Alvaro devia ter seguido para o Bomfim no dia 29 do mez passado e d’lhi tomaria, no dia 5 deste, rumo para Estancia, Sergipe, tendo de

---

<sup>50</sup> Certamente o padre estanciano ouviu seus conselhos e intensificou sua atuação na sociedade seja em jornais ou escolas, em prol de arrecadar dinheiro e engajar os leigos tanto pobres quanto abastados, promovendo “...campanhas, quermesses, dramas teatrais, conseguindo, destarte, reformar os três principais templos da cidade, construir capelas, fundar diversas associações religiosas e incentivar inúmeras obras de caridade...” (NETO, 2017, pág. 77).

<sup>51</sup> O Rev. Álvaro Emídio Gonçalves dos Reis (1864-1925) nasceu em São Paulo, após se converter, rapidamente se destacou no seio religioso, sendo ordenado em 1889, em atividade evangélica visitou além de Sergipe, os estados da Bahia, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Paraná, Santa Catarina e outros; juntou o jorna “O Puritano” e contribuiu com diversos jornais; casou-se com Maria da Fonseca Reis em 1886 e juntos criaram 14 órfãos, incentivou a criação de orfanatos; defendeu o uso do cálice comum (1913), porém sem sucesso; foi membro de diversas entidades tais como Seminário Presbiteriano, Missões Nacionais, Esforço Cristão, Maçonaria e outros; esteve presente na delegação brasileira para representar todas as escolas dominicais do Brasil em Tóquio, na 8º Convenção Mundial de EBDs (1920), esteve presente no Congresso da Obra Cristã na América do Sul em Montevideo (1925) e outros.

Foi autor de dezenas obras ao longo da vida, tais como “Origens Caldaicas da Bíblia” em 1893 e “Sete Palavras da Cruz” em 1914 (MATOS, 2004, pág. 366-372).

percorrer a cavalo umas vinte leguas”. Fiz os cálculos usando o Google Earth para mensurar o grau de exatidão de quem escreveu o texto e se estava exagerando para heroicizar o referido Pastor, pude constatar que não, pois uma légua equivale a quase 5000 quilômetros, e a partir do núcleo urbano do município baiano do Senhor do Bomfim até o núcleo urbano de Estância daria em torno de 312,77 km, portanto na realidade seria em torno de uns 200 quilômetros a mais que dito no jornal, já que  $20 \times 5 = 100$  quilômetros; talvez possa soar estranho para nós da presente época acostumados aos automóveis que cobrem longas distâncias em um curto período de tempo, mas naquele período eram os cavalos, jegues e carros de boi os principais meios de transporte terrestre na passagem dos séculos XIX e XX, neste caso os cavalos eram verdadeiros companheiros dos missionários em suas longas viagens.

O mesmo Pastor era tido como eloquente orador e polemista, muito admirado em sua época, sendo chamado pelos opositores de “papa protestante”, tinha proferido várias conferências em várias cidades do Estado, a exemplo de Itaporanga. O Rev. Alvaro dos Reis é apresentado como vindo de Timbó-BA, em uma Sexta-Feira, 7 de Outubro, o qual juntamente com o Pastor residente pode conhecer melhor a cidade, visitou a sede do jornal *A Razão* (1897 a 1947) sucessor do jornal *O Sereno* (1806 a 1897), e as principais casas de comércio, penso que talvez os proeminentes comércios de nome Souza Sobrinho & Cia, Loja Mendonça e Ribeiro & Cia, estes dois últimos comercializavam tecidos, aliás a indústria têxtil em Estância desde muito cedo se mostrou proeminente. Em 11 de Novembro o Rev. C.E. Bixler escreve que Alvaro permaneceu na “cidade jardim” por mais de uma semana pregando pela manhã e noite; tinha dias muito chuvosos que prejudicava a presença das pessoas, mas nos seus últimos dias chegou a atingir cerca de 200 pessoas, onde pregou mais de uma hora, durante o culto fez o clássico convite evangélico apelando as pessoas a seguirem a Jesus<sup>52</sup>, no qual se levantaram muitos, depois no mesmo jornal sabemos que ao todo 29 pessoas se mantiveram interessadas; ao final o público se mostrou satisfeito para o redator, o qual concluiu seu texto elogiando a desejada ordem mantida pelos estancianos; mau sabia ele que nem sempre seria assim.

Da estação do Timbó, o Rev. Alvaro dos Reis juntamente com Bixler, pastor da Estância, partiram para Aracaju onde no recém inaugurado Theatro Carlos Gomes discursou sobre o tema “a pedra fundamental da Igreja”, lá estiveram presentes juízes, médicos, políticos

---

<sup>52</sup> O modelo de protestantismo trazido pelos missionários estadunidenses que buscava levar a conversão das pessoas era revivalista e convercionista, o que por sua vez representava uma ruptura com a cultura local em prol de um novo estilo de vida, levando por vezes a conflitos e rupturas familiares, em princípio sendo na sociedade um elemento de desconfiança, depois passando a ser um exemplo de postura religiosa, moral e ética rígida (MENDONÇA, 2002, p. 154).

e advogados entre cerca de 500 pessoas, posteriormente em outras localidades pregou sobre outros temas cujo público girou em torno de 1000 pessoas, continuou a pregar até o vapor *biberibe* chegar via rio Sergipe. Nas primeiras décadas do séc. XX, Aracaju, a jovem capital de Sergipe, uma das primeiras a serem projetadas no Brasil, recebeu forte fluxo de pessoas dos interiores sergipanos e com seu crescimento ocorreram mudanças estruturais importantes a exemplo do Teatro Carlos Gomes em 1904, serviço de água encanada e bonde por tração animal em 1908, estrada de ferro e esgotos sanitários em 1914, e outros; em suma a jovem capital sergipana passava por um período de transformações de carácter vanguardista e com grande influência europeia à *la belle époque*. Na década de 20 o estanciano Maurício Graccho Cardoso, - sucessor do Cel. Dr. José Joaquim Pereira Lobo (1918-1920), ambos do Partido Liberal - filho do proeminente professor Brício Cardoso, na condição de governador do estado iria continuar com desenvolvimentos estruturais em Sergipe, sendo geralmente referido como um visionário principalmente em termos de educação e modernização do Estado.

Neste mesmo ano (1904), o pastor da Igreja Presbiteriana de Estância, o Rev. Bixler, conheceu em Aracaju o historiador presbiteriano Vicente Themudo Lessa, o próprio historiador citou este momento em sua obra *Annaes da 1ª Egreja Presbyteruana de São Paulo (1863-1903): subsídios para a historia do presbyterianismo brasileiro* na página 544<sup>53</sup>. Nesta intercorrência os Revs. MacCall, Waddell e Bixler comunicam o aumento do interesse pelo Evangelho, o que significa que novos membros seriam recebidos no mesmo ano, porém diferentemente de Salvador, Cachoeira, Aracaju, Santo Amaro e Vila Nova, a cidade de Estância por alguma razão não é apresentada quanto o número de membros, apesar da quantia despendida por Estância para a Liga Missionária ser superior a de Cachoeira e Vila Nova; já Salvador obviamente era superior e St. Amaro também não cita. O número de membros se torna mais concreto na edição 285 de *O Puritano*, quando o Rev. C. E. Bixler batiza seis pessoas, são elas: Francisco Rodrigues dos Sanctos, Maria dos Reis Rodrigues, Eunice Rodrigues Dos Sanctos, Luiza Maria de Souza, Joseph Tavares e Jeremias Freire dos Sanctos. Portanto estas pessoas deram a base para a organização da Igreja Presbiteriana de Estância, com apenas 6 membros, mesmo número de membros que se iniciou a Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro em 1862, organizada pelo Rev. Ashbel Green Simonton.

---

<sup>53</sup> LESSA, Vicente Themudo. **Annaes da 1ª Egreja Presbyteriana de São Paulo(1863-1903):** subsídios para a historia do presbyterianismo brasileiro. 1938. 720 p. Pág. 544. Disponível em: <https://archive.org/download/annaesda1aegreja00less/annaesda1aegreja00less.pdf> . Acesso: 03/12/24.

O Rev. Cassius Edwin Bixler nascido na Pensilvânia, centro irradiador do abolicionismo nos EUA e mesmo estado em que nasceu Simonton, bacharelado pelo Colégio de New Jersey do Seminário Presbiteriano de Chicago e Princeton, após exercer o pastorado em Armstrong e Iowa chega em 1896 diretamente em Sergipe sucedendo Kolb e Finley. Em 1901 Bixler juntamente com Finley, Chamberlain e William A. Waddell esteve presente na organização da Igreja Presbiteriana de Aracaju, a partir de um núcleo de migrantes protestantes de Laranjeiras, o mesmo enquanto aquela igreja não tinha pastor oficial esteve frequentemente em visita daquela obra até 1910. Em Outubro de 1902 foi residir em Estância a mando da Missão Central do Brasil, permanecendo no “Jardim de Sergipe” durante mais de 10 anos<sup>54</sup>. Inclusive foi representante do jornal “O Puritano” nesta cidade, desta forma munindo de informações e material evangelístico os simpatizantes da causa evangélica local.

Neste intermédio com um pequeno núcleo de crentes em constante expansão das mais variadas classes e profissões<sup>55</sup>, os crentes estancianos em maioria eram pessoas humildes, e foi tendo como base eles que de acordo com o historiador Alderi de Souza Matos no livro *Os pioneiros presbiterianos do Brasil (1859-1900)* em 27 de Março de 1905 o Rev. Bixler organizou a Igreja Presbiteriana de Estância nas redondezas da Praça do Amparo e do antigo Parque D. Pedro II (atual Praça Barão do Rio Branco), em uma esquina, entre a Rua Gumercindo Bessa e a “Rua do Bispo”, onde permanece até hoje. Ironicamente na rua onde residiu o Pe. Domingos Quirino de Souza (1813-1863), primeiro sergipano a ser nomeado Bispo, tendo exercido sua função em Goiás; rua onde nasceu o católico Maurício Graccho Cardoso, advogado e professor que fora governador de Sergipe e do Ceará; próximo de onde nasceu o jurista católico Gumercindo Bessa e também próximo da sede de oficinas de jornais, Câmara e Intendência Municipal, ou seja, um lugar de destaque. Lembremos que nesta época o cenário estanciano era distinto dos de hoje, não era a Estância dos coretos e calçamentos de pedra, a via central era de terra pavimentada senão pelos solados dos sapatos dos transeuntes que assim tinham condições e carros de boi que levavam e traziam mercadorias em direção aos trapiches do bairro quilombola Porto D’areia, as margens do rio Piauí.

---

<sup>54</sup> Foi transferido a Estância “a fim de trabalhar em partes não evangelizadas do Estado, sem prejuízo de visitas aos pontos referidos até que um pastor nacional viesse ocupar essa parte. Em Estância residiu dez anos, visitando Riachão, Lagarto, Urubutinga, Simão Dias, Entre Rios e Coité. O trabalho de distribuição de literatura foi feito em mais de uma dúzia de lugares. À parte oposições ocasionais de fanáticos instigados pelo clero, foi sempre bem tratado e chegou a receber cerca de duzentas pessoas à igreja”(NASCIMENTO, 2004, p. 136).

<sup>55</sup> LÉONARD, Émile. **O presbiterianismo brasileiro e suas experiências eclesiais**. Tradução de Zilmar Heringer Nogueira. Brasília, DF: Editora Monergismo. 2014. 200 p. Pág. 66.

Considero a cidade de Estância como o 3º polo de expansão mais importante do protestantismo do Estado naquela época, não apenas pela ordem de organização das igrejas, mas pela relevância econômica, cultural e intelectual da cidade na passagem do século XIX ao XX, polos de expansão estes que são mutáveis, que vão de acordo com as condições financeiras e da capacidade de formar um Conselho na igreja local. O historiador suíço Philip Schaff em *História da Igreja Cristã*, volume I<sup>56</sup>, quanto ao primeiro período do “Cristianismo Apostólico” considera “Jerusalém, a cidade santa, Atenas, a cidade da cultura, e Roma, a cidade do poder”, como representante dos três fatores daquela história preparatória que terminou com o nascimento do Cristianismo nos primeiros séculos.

Da mesma forma o cenário que compunha “os três fatores da história preparatória” de ascensão do protestantismo em Sergipe está na consideração de ter Jerusalém como “cidade santa”, Laranjeiras e Estância as cidades “berço da cultura de Sergipe” e Aracaju como a “cidade chave do Estado e sede do poder”. É interessante destacar que quando Estância se enquadrava aos critérios de uma *mission station*, isto é, uma “estação missionária”, o centro ministerial de Bixler, possivelmente no mesmo lugar onde permanece a IPE hoje além do salão de cultos havia a escola paroquial e a residência do pastor e família ali mesmo ou ali próximo. Podemos observar que as três igrejas das cidades respectivamente mencionadas estão à menos de 150 metros da praça central e em esquinas, revelando o padrão deste *modus operandi* na intenção de escolher “localizações privilegiadas, quase sempre no paço municipal, nos centros e praças municipais, muitas vezes em franca oposição geográfica a igreja romana”<sup>57</sup>.

---

<sup>56</sup> SCHAFF, Philip. **The History of the Christian Church**. Volume I, capítulo I. Este material foi cuidadosamente comparado, corrigido e emendado (de acordo com a edição de 1910 de Charles Scribner’s Sons) pela The Electronic Bible Society, Dallas, TX. 1998. Disponível em: <https://www.ccel.org/s/schaff/history/About.htm>. Acesso em: 25/01/2024.

<sup>57</sup> ANDRADE, Péricles (org.). **Polifonia do Sagrado: pesquisas em Ciências da Religião no Brasil**. São Cristovão: Editora UFS. 2015. 196 p. Pág. 128.

### 3. EDUCAÇÃO PROTESTANTE EM ESTÂNCIA

A organização da Igreja Presbiteriana de Estância (IPE) em 1905 teve como embrião uma Escola Paroquial organizada em 1903 (NASCIMENTO, 2007, pág. 109). A partir da jurisdição da IPE, sustentada pela Missão Central do Brasil, foram abertas tantas outras congregações, igrejas, escolas paroquiais, escolas americanas, formados pastores, missionários e professores em vários municípios no início do século XX, que compreendiam o Agreste Central Sergipano e sobretudo o Sul e Centro Sul do Estado, ou simplesmente “Sul de Sergipe”, são eles: “Simão Dias, Entre Rios (povoado de Tobias Barreto), Boquim, Pau Grande (povoado de Santa Luzia do Itanhi), Umbaúba, Prazeres (arraial de Riachão do Dantas), Fazenda Amor de Deus” (NASCIMENTO, 2004, p. 219, 293-294)<sup>58</sup>. Para além destas cidades, o município de Lagarto na época chamado de Urubutinga, que apesar de termos registros de trabalho evangelístico iniciado em 1896 por Finley, só veio a ser organizada igreja em 1911 por Bixler (de forma semelhante ocorreu em cidades como Simão Dias, Tobias Barreto, Santa Luzia e Umbaúba), a cidade de Riachão do Dantas, também teve seus trabalhos iniciados pelo Rev. Finley e sua Escola Americana fez grande sucesso por lá.

A Escola Paroquial de Estância foi organizada durante a administração de Bixler juntamente com sua esposa a professora Florence B. Elwell Bixler (que foi enviada juntamente com seu marido pela Missão Central do Brasil em Outubro de 1902 para aquela cidade considerada agora uma *mission station*), “em 1903 é o organizado uma Escola Paroquial em Estância, contendo no mesmo ano 12 meninos e 16 meninas. Tinha a professora Florence, um professor e a professora Sancha dos Santos Galvão”, e estes educadores trouxeram consigo métodos educacionais inovadores imbuído de valores liberais e democráticos<sup>59</sup>, valores distintos da educação que predominava arcaicamente naquela cidade de ares aristocráticos,

---

<sup>58</sup> O termo “arraial” era típico dentro do contexto da colonização, na Primeira República era mais apropriado distrito, povoação ou povoado, apesar de ser comum encontrar em jornais consultados nesta pesquisa.

<sup>59</sup> “Não só em Sergipe, mas nas cidades onde a denominação presbiteriana instalou suas igrejas, foram organizadas escolas com algumas características: magistério predominantemente feminino, classes mistas, ênfase à educação física e ao trabalho, substituição do método de cantarolar as sílabas e a tabuada pelo americano, silencioso e intuitivo. Nas escolas paroquiais e principalmente nos colégios, o currículo do ensino elementar trazia novidades: dava ênfase às ciências, à recitação de poesias não só em português com também em inglês e francês, às execuções musicais, dentre outras atividades” (NASCIMENTO, 2004, pág. 140, 219-220 e 230).

sendo em muitos aspectos jesuítica<sup>60</sup> e que portanto já não atendia as demandas daquela época. Entretanto antes mesmo de 1905 a expansão do campo pastoral de Estância crescia a todo vapor:

Em 1904, o posto de Estância contava com missionários, três ajudantes brasileiros - um pregador e duas professoras - com 15 pontos regulares de reuniões, quatro igrejas organizadas com média de frequência de 171 comungantes e uma média de frequência de 500 pessoas. Ainda funcionavam três escolas dominicais num total de 100 membros. No ano seguinte, os locais de pregação subiram para 21, foi organizada mais uma igreja, totalizando 187 comungantes e cinco escolas dominicais com 160 membros. Como a igreja da Bahia tinha convidado o Rev. Laudelino de Oliveira para assumir seu pastorado, a igreja de Aracaju ficou sob a direção do Rev. Manoel Machado, porém, por pouco tempo. Até 1910 a igreja ficou sem um pastor efetivo, sendo assistida por Bixler e por pastores e evangelistas brasileiros<sup>61</sup>.

Depois de 5 anos da IPE organizada, foi inaugurado a Escola Americana em Estância<sup>62</sup>; ela era baseada em valores e métodos de ensino já praticados no Mackenzie College em S. Paulo, afinal de contas “os colégios destinavam-se a ser instrumentos de transplante cultural” (MENDONÇA, 2002, p. 137). Em Fevereiro de 1910 o Rev. Cassius Edwin Bixler anuncia no jornal “A Razão: órgão de interesses sociais”, de título “Escola Americana”, a abertura de uma escola protestante em Estância-SE, tendo como base princípios cristãos, porém prometia não discriminar os estudantes por motivo de credo, diferente do que acontecia com os protestantes

---

<sup>60</sup> “O segmento liberal da sociedade brasileira, adepto da ideologia do progressismo, ansiava por uma nova educação que substituísse o sistema escolástica dos jesuítas...Embora a elite liberal brasileira não estivesse interessada na ‘religião’ protestante como tal, ela escolheu os missionários como arautos do liberalismo e do progresso” (MENDONÇA, 2002, p. 74). A elite não estava interessada na religião, mas apenas nas ideias advindas dela de tolerância religiosa, filosófica e política. De igual modo ocorreu em Estância-SE.

<sup>61</sup> A partir de 1910, a Igreja Presbiteriana de Aracaju ficou sob responsabilidade do Rev. Rodolpho Fernandes e Bixler prosseguiu com trabalhos em Entre Rios (povoado de Tobias Barreto), Pau Grande (povoado de Santa Luzia), Umbaúba e Boquim (NASCIMENTO, 2004, p. 141-142).

<sup>62</sup> “Aqueles missionários presbiterianos demonstraram que era preciso oferecer as suas comunidades o ensino primário através das escolas chamadas “paroquiais” e organizar os grandes colégios nas principais cidades brasileiras, a fim de formarem os pastores para suas igrejas e professores para suas escolas, como também educarem os filhos da classe dominante que, mesmo que não se convertessem ao protestantismo, poderiam ser tolerantes à nova religião.

A Junta de Nova Iorque relutantemente aprovou o novo projeto, ressaltando que os missionários responsáveis pela evangelização não poderiam ser desviados de suas funções o empreendimento missionário presbiteriano norte-americano, através da ação educativa de seus colégios, tinha como meta o estabelecimento de uma civilização cristã, diferente da que eles encontraram no Brasil, na qual os ideais, o modo de pensar, os costumes e hábitos sociais do povo e suas instituições políticas tinham uma relação simbiótica com a religião católica” (NASCIMENTO, 2004, p. 147).

em outras escolas, na data de 24 do mesmo mês, um dia de Quinta-feira, vejamos na íntegra o texto:

Começarão a funcionar no dia 7 de Fevereiro, as aulas deste estabelecimento.

Tomando como base de ensino o systema americano cuja influencia se tem feito sentir poderosamente no Estado de S. Paulo, procurará esta escola dispensar a instrução segundo os methodos adoptados nos paizes mais adeantados na Europa e na America do Norte.

É o systema mais natural até agora conhecido, tornando facil e attrahente a instrução da infancia.

O programma da Escola incluirá dois cursos primario e intermediario, proporcionando instrução em Leitura, Calligraphia, Arithmetica, Geographia, Gramatica Portugueza, e Francez.

A mensalidade a pagar é de 4\$000 e mais 2\$000 dos alumnos em Francez.

A base moral da escola serão os principios da religião christã mas, ensinados sem character sectario.

Só aceita meninos para o curso primario.

Para mais informações dirija-se ao Director C. E. Bixler ou a Prof. D. Ida Meirelles<sup>63</sup>.

Em 1911 seria anunciado o primeiro curso de inglês em uma escola em Estância, pela Escola Americana (NASCIMENTO, 2004, p. 263), mas antes já existia na Escola Paroquial. Posteriormente identifiquei por meio do documento: “Mensagens do Governador de Sergipe para a Assembléia (SE) – 1891 a 1930” no qual no número 18 de “Estatística de ensino particular do Estado de Sergipe”<sup>64</sup> do ano de 1913 a cidade de Estância apresentou 7 escolas privadas, sendo uma delas a Escola Americana, tendo ainda como diretor C.E. Bixler, agora de caráter de ensino misto e com 18 matriculados e sendo a única escola protestante, concorrente às escolas católicas em Estância, tais como o Colégio Camerino, Colégio Jesus, Colégio Coração de Jesus e o Colégio Maria Auxiliadora, este último dirigido pela Profa. Laura Gomes Leite.

[...] a Igreja Católica procurou se contrapor ao trabalho educacional desenvolvido pela Missão, organizando colégios, com estrutura e currículos também inovadores, nas cidades onde os missionários presbiterianos norte-americanos estavam presentes, como foi caso do Colégio Inglês, ainda em

---

<sup>63</sup> **A Razão:** órgão de interesses sociais. Jornal. 13 de Fev. de 1910, pág 4. Acervo da Fundação da Biblioteca Nacional Brasileira. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

<sup>64</sup> **Mensagens do Governador de Sergipe para a Assembléia (SE) – 1891 a 1930.** Jornal. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional Brasileira. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

1897, em Laranjeiras, e do Colégio Maria Auxiliadora em Estância. Em Aracaju, surgiram, dentre outros, o Colégio Salesiano N. S. Auxiliadora e o Colégio N. Sra. de Lourdes (NASCIMENTO, 2004, p. 238).

Desde a culminância da Reforma Protestante no século XVI “as sociedades protestantes devotavam um proporção muito maior do total de seus recursos a educação...”(JOHNSON, 2001, pág. 362) por esta razão muitos mosteiros foram transformados em escolas. Foi sob a luz do “livre exame”, um dos gritos de protesto da Reforma que ecoaram no mundo, onde muitos foram alfabetizados e memorizaram trechos da Bíblia em sua língua materna, a exemplo dos reformadores que não mediram esforços para tal, tais como o próprio Lutero que traduziu o Novo Testamento a partir do grego para o alemão antigo, o pré-reformador Jacques Lefèvre L'Étaples (1450 - ?) para o francês, John Wycliffe (?-1384) e William Tyndale (?-1536) para o inglês, e claro, não poderíamos esquecer da tradução do protestante português João Ferreira Annes d'Almeida (1628-1691) para o seu próprio idioma, influenciando as versões bíblicas posteriores dos países lusófonos. Enquanto nos países católicos desde o século IX o Papa, concílios e bispos proibiam não apenas traduções vernaculares, mas toda e qualquer leitura, por leigos, da Bíblia como um todo (JOHNSON, 2001, pág. 329).

Fica então evidente a ênfase e importância para os protestantes da educação com base na Bíblia. Vejamos alguns aspectos dos impactos sociais desta disposição nas origens da história da pátria mãe dos pastores estrangeiros que pastorearam Estância, como Kolb, Finley e por último Bixler, “as 13 colônias tinham um nível de educação formal bastante superior à realidade dos séculos XVII e XVIII, seja na Europa ou no restante da América” (Karnal, 2007, pág. 44) e é sabido que as sociedades historicamente protestantes em 1900 eram as mais alfabetizadas na Europa, de acordo com o historiador alemão Jörg Baten<sup>65</sup>. Segundo a obra *História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI*, organizada pelo prof. Dr. Leandro Karnal sobre a importância dada a educação na América do Norte:

Essa preocupação levou a medidas bastante originais no contexto das colonizações da América. É certo que em toda a América espanhola houve um grande esforço em prol da educação formal. A universidade do México havia sido fundada em 1553 e havia similares em Lima e em quase todos os grandes centros coloniais hispânicos. No entanto, um sistema tão organizado de

---

<sup>65</sup> BATEN. Jörg. *Schooling, literacy and numeracy in 19th century Europe: long-term development and hurdles to efficient schooling*. Global Education Monitoring Reporting Team. UNESCO. 2022. 47 páginas. Página 8. Acesso em: 03/06/2024. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000383171>

escolas primárias e a preocupação de que todos aprendessem a ler e escrever é algo mais forte nas colônias protestantes do Norte<sup>66</sup>.

E ainda, a invenção protestante da Escola Bíblica Dominical (EBD) em 1769 pela metodista Hannah Ball Moore e em 1780 pelo anglicano Robert Raikes antecede o próprio sistema público de ensino na Inglaterra; com os avivamentos liderados pelo evangelista estadunidense Dwight L. Moody no século XIX as EBDs obtiveram forte caráter evangelista (MENDONÇA, 2002, p. 86); os missionários Robert e Sarah Kalley implementaram as EBDs no Brasil ainda em 1855, desde então a EBD foi e continua a ser para os protestantes uma parte indissociável de sua religiosidade; segundo o historiador Émile G. Léonard em *O protestantismo brasileiro* acertadamente descreve:

Conversão, instrução e evangelização, são os três "tempos" da vida dos crentes, e, também, os três "tempos" desse grande móvel do evangelismo brasileiro: a Escola Dominical. O primeiro dever do prosélito e do filho de família protestante é levar ouvintes à sua Escola, ou "visitantes" como se diz, que receberão os ensinamentos, pelo menos uma vez<sup>67</sup>.

Para o próprio Lutero, no século XVI, a educação tinha que ser obrigatória, pública e universal, tanto para meninos quanto para meninas, apontando o Estado como o seu promotor, o que era mui destoante em um tempo em que com base no livro bíblico de Mateus 6:7 pensava-se que a verdade e o conhecimento deveriam ser mantidos em segredo, desta forma acentuando a estratificação da sociedade entre os homens “sábios e os incultos”, entre o velho “sagrado e o profano”, bem como predominava um exaustivo comentário dos comentários das fontes primárias, mantendo o conhecimento entesourado em mosteiros e fornecendo obstáculos ao retorno “ad fontes” que tantos os humanistas e reformadores prezaram; inclusive a “patrologia”, isto é, o estudo dos Pais da Igreja dos primeiros séculos se deve muito ao protagonismo de protestantes do século XVII.

---

<sup>66</sup> KARNAL. Leandro (org.). **História dos Estados Unidos**: / - Leandro Karnal ... [et al.]. – São Paulo : Contexto. 2007. 289 p. Pág. 48.

<sup>67</sup> LÉONARD. Émile G. **O protestantismo brasileiro**: estudo de Eclesiologia e de História Social. Livro. Editora: ASTE. com colaboração do Fundo de Educação Teológica, de Nova York, com a devida autorização dos artigos do professor Émile-G. Léonard publicados, sob o mesmo título, nos n.º 5 a 12 (1951-1952) da Revista de História. 1963. São Paulo. 354 p. Pág. 317. Disponível em: <https://archive.org/download/oprotestantismob00leon/oprotestantismob00leon.pdf>

Pelo que consta as escolas paroquiais costumavam oferecer curso primário e secundário para ambos os sexos com aulas ministradas por professoras (NASCIMENTO, 2004, p. 201). Foram presbiterianos que trouxeram à Estância o curso de inglês através da Escola Paroquial por Walter Cameron Donald, depois pela Escola Americana em 1911 e da professora pianista D. Penélope de Magalhães (1886-1982) por volta de 1920, esposa do Rev. Manoel Antônio dos Santos<sup>68</sup>, em uma época onde era muito presente o ensino do francês (o qual também dominava), ela se destacou na Escola Americana de Laranjeiras e por isto muito jovem foi enviada pela Missão Central aos EUA para estudar no Northfield Seminary, chegando a lecionar na Califórnia entre os 12 anos em que permaneceu lá, retornando ao Brasil em 1910, onde ensina no Instituto Ponte Nova, em várias escolas particulares e ocupa a cátedra de inglês na Escola Normal de Aracaju. A historiadora Maria Thetis Nunes replica parte de uma frase da sergipana Maria Rita Soares de Andrade – em 1967 viria a se tornar a primeira mulher negra a se tornar juiz federal no Brasil – sobre D. Penélope em *História da Educação em Sergipe*, porém a historiadora Ester Fraga replica a frase por completo, vejamos:

A mulher mais culta de Sergipe. Educada no centro fértil e liberal que é a América do Norte, D. Penélope trouxe para o seu Estado um vasto cabedal, que aqui transfunde altruisticamente a quantos buscam ensinamentos no seu talento e na sua cultura<sup>69</sup>. Nunca publicou livros. Mas podemos afirmar que os teria de certo publicado, se outras fossem as circunstâncias do nosso meio, se não nos fosse a vida tão dificultosa. É um espírito summamente adeantado, e maneja com habilidade o português, o francês, e o inglês idioma em que é a mestra dos mestres (NASCIMENTO, 2004, p. 208).

Assim como a igreja deu oportunidades para a jovem laranjeirense Penélope por meio da educação, também foi dada a jovens estancianas, filhas ou parentes de convertidos e que mostravam ter potencial, as indicando ou ganhando bolsas de estudo no Instituto Ponte Nova, tal como ocorreu com a Dalila do Carmo Costa, mestiça órfã de pai e de mãe, ingressou no IPN em 1907 aos 17 anos e se formou em 1914, foi professora na mesma instituição onde lecionava Português, Literatura Nacional e Moral e Cívica. Na cidade baiana de Wagner uma rua recebeu o seu nome. Outra estanciana era Antônia Rodrigues Souza, vinda de família de

---

<sup>68</sup> NASCIMENTO, Manuel Rodrigues do. **Reminiscências:** flagrantes da vida da Estância a partir da última década do século passado. 2. Vol. Aracaju: Livraria Regina, 1958. Pág. 75.

<sup>69</sup> NUNES, Maria Thetis. *História da Educação em Sergipe*. Maria Thetis Nunes. Prefácio de José Sebastião Witter. 2 Ed. – São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira. Livro. 2008. 372 p. Pág. 267.

humildes ourives, ingressou em 1911 no IPN por sugestão da professora Sancha dos Santos Galvão, pois era hábil com bordados e costuras. Se formou em 1916 e continuou trabalhando da instituição com suas habilidades<sup>70</sup>.

Quanto ao Rev. Manoel Antonio dos Santos, marido de Penélope<sup>71</sup>, pude constatar que pastoreou várias igrejas no sul do Estado da Bahia, no Sul e Norte de Sergipe, o que inclui a Igreja Presbiteriana de Laranjeiras e, claro, a Igreja Presbiteriana de Estância a partir de Abril de 1920 de acordo com Pedro Sotero Machado do IHGSE. De acordo com o jornal “O Christão” podemos observar a atuação dele e de sua esposa, no pedido de um instrumento musical, um órgão para a Igreja de Estância, com a contribuição de crentes e simpáticos a causa de diversas partes do Estado, instrumento indispensável para as igrejas na época, se encontrava na Bahia e chegaria ao seu destino por meio fluvial, enquanto o piano não chegava, penso que tocavam a melodia dos hinos sacros em harmônio as senhoras Eunice Rodrigues e Perola Moreira, também pianistas.

Na reorganização da “Sociedade do Esforço Cristão” em Julho de 1920 tendo como Presidente: João Febrônio de Andrade; Vice Presidente: Laudelino Pedro de Alencar; Tesoureiro: José Rodrigues do Nascimento; Secretário Correspondente: Jeremias Freire dos Santos e Secretaria Arquivista: Eunice Rodrigues Dos Santos, sendo reeleita. Nesta mesma seção foi definida as seguintes comissões, como Secretário: Jeremias Freire dos Santos; como Comissão de Vigilância: Rosa Villanova Fontes e Auxiliares Arminda Motta dos Santos e Maria Purificação Oliveira; Orador Oficial: Laudelino Pedro de Alencar; a Comissão de Sociabilidade: Penélope de Magalhães dos Santos, e Auxiliares: Elizaria Villanova Fontes e Alda Villanova Fontes; mais tarde somaram-se os jovens da igreja denominada “Sociedade Juvenil do Esforço Cristão”, alcançando mais de 30 membros ao todo nestas sociedades que tinham dentre outras funções a propaganda evangélica por meio de distribuição de literatura.

Lembremos que o Brasil diferente dos países europeus e norte americanos não possuía muito bem difundido a cultura de se adquirir livros para o crescimento pessoal, os que sabiam ler liam jornais, um dos fatores para além do analfabetismo era de que os livros eram muito

---

<sup>70</sup> NASCIMENTO. Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do. **Professoras sergipanas e o modelo presbiteriano de educação feminina no Brasil tropical**. UMSP. Educação & Linguagem. N° 18. Pág. 67-83. 2008.

<sup>71</sup> O Rev. Antonio dos Santos e Penélope Magalhães se conheceram no Instituto Ponte Nova, ele como estudante e ela como professora, juntos tiveram três filhos: Martinho Lutero (este nascido em Estância-SE e viria a se tornar pastor), Esdras e Lysias (NASCIMENTO, 2004, p. 207). Quando assumiu o pastorado do Sul de Sergipe a partir de Estância, ele próprio conta que havia congregações que haviam ficado 11 anos sem visita pastoral (“O Christão”, n° 60, pág. 3). Na década de 40 foi transferido para Itabuna com sua esposa e filhos, onde viria a falecer. Penélope já viúva foi morar no RJ, onde viveria seus últimos dias.

caros; o mesmo ocorreu no período republicano apesar de mesmo com o advento do chamado “Novo Jornalismo” ocorrer novas técnicas de impressão e voltadas para públicos mais amplos; ainda assim os jornais continuaram a ser o livro popular; geralmente os protestantes em Estância distribuíam dezenas e até centenas de jornais como *O Evangelista*, *O Cristão*, e o *Norte Evangelico* (*O Cristão*, nº 49, pág. 2); estes grupos de “esforço cristão” tinham por lema: “Por Cristo e sua Igreja!”

Em 3 de Outubro de 1920, sob a administração do Rev. Antonio dos Santos, foi organizado a “Sociedade Auxiliadora de Senhoras (SAS)” com 12 sócias fundadoras, cujo lema se encontra no livro bíblico de Efésios 6:2, tendo como Presidente: Penélope Magalhães dos Santos; Vice Presidente: Lindaura Villanova Fontes; Secretária: Eunice Rodrigues Dos Santos; tesoureira: Rachel David Andrade; Diretora dos Trabalhos: Arminda Motta Rodrigues; Agenciadora: Eliziaria Villanova Fontes. É notório a descentralização do poder e o voto direto para tomar decisões no modelo presbiteriano que é republicano; outra questão é a participação ativa dos leigos, os quais o tempo era preenchido com atividades eclesiásticas, e sobretudo dos leigos mulheres no movimento evangélico em suas origens e consolidação em Sergipe, apesar de seus papéis geralmente serem chamados de “auxiliares” e mesmo não ocupando cargos pastorais demonstravam e até hoje demonstram indispensável serviço dentro de seus ofícios, papéis sociais, habilidades e aptidões, se colocando como forte alicerce nas cooperações e realizações das atividades eclesiásticas, além de apoio importante para os maridos missionários, presbíteros ou pastores. Geralmente exerciam funções de professoras, músicas, evangelistas e missionárias.

No livro *Reminiscências: flagrantes da vida da Estância a partir da última década do século passado* do desembargador Manuel Rodrigues do Nascimento (1887-1963)<sup>72</sup>, conhecido como Nhô Galo e *machiavelli* estanciano - inclusive em suas crônicas de memória deixa transparecer alguns casos de “padres transviados” como afirmara Edilberto Campos, filho de Guilherme de Campos que era irmão do político conservador o padre Olímpio Campos, em *Crônicas da passagem do século*<sup>73</sup> - ; era bem visto pelos protestantes enquanto esteve como redator no jornal “Sul de Sergipe” devido ao interesse comum em prol dos “interesses

---

<sup>72</sup> OLIVEIRA, Acrísio Gonçalves de. **Estância Secular**. Ed: J. Andrade. 2021. 341 p. Da pág. 219 à 225 nos revela que Nhô Galo era um poeta e intelectual estanciano de cunho libertário e marxista. Penso que para além da defesa a tolerância religiosa, o seu anticlericalismo - comum a intelectuais da época - contribuiu para atrair o apreço dos protestantes.

<sup>73</sup> CAMPOS, Edilberto. **Crônicas da passagem do século**. Editora Santa Martha. Livro. 2017 Pág. 408. 874 p.

públicos”, na página 75 escrito em Maio de 1944 publicado em um jornal da cidade de Estância, nos conta que a chegada do Rev. Antônio dos Santos estava sendo aguardada com grande ansiedade, mas não por conta da religião, e sim por conta de sua esposa que oferecia curso de inglês, infelizmente não é especificado o ano que ocorreu, ele e seus colegas ouviram falar da boca de Franco Freire da boa fama desta estimada professora.

É dito que o Pastor fora residir em Estância e neste meio tempo D. Penélope abriu um curso na “Rua da Baixa”. O autor descreve: “Foi muita gente a querer aprender inglês. Se a moda pegasse e todos quantos se matricularam tivessem persistindo, a Estância acabaria se tornando uma pequenina Inglaterra”. Ele cita além de si mesmo outros nomes que se matricularam, como Pompeu Lima, Orlando Araújo, Diógenes Freire Costa, João Pereira e o Antônio Lima. O autor nostalgicamente diz que ficou na memória especialmente as aulas de conversação, e nós traz informações importantes acerca dos métodos que a professora protestante utilizava, era tudo feito pontualmente, formado um semicírculo, cada qual em sua cadeira com um volume de “Newson Reader”, sendo a professora, o autor destaca, muito paciente. Citou Diógenes Freire Costa como o único que não entrou “cego” na turma, pois foi ex-aluno do colégio protestante do Instituto Ponte Nova na Bahia. Certamente foram mais de meses de ministração do curso, até quando foi interrompido por Penélope precisar se mudar para Aracaju. A única pista que encontrei do ano em que Penélope e o Rev. Antonio dos Santos vinheram residir em Estância, foi durante o período do seu pastoreio de 1920 a Abril de 1922, neste intermédio Penélope começou a ensinar na Escola Normal de Aracaju, confirmando a informação do livro. O autor finaliza considerando que ela deu “grande contribuição” a Estância.

Embora no livro *História da Educação em Sergipe* (1984) de Maria Thetis Nunes infelizmente não faça menção às instituições protestantes que atuaram em Sergipe como bem atestou Ester Fraga Vilas Bôas Carvalho do Nascimento em *Origens da educação protestante em Sergipe 1884-1913*<sup>74</sup>, decidi ver por mim mesmo se o livro não continha realmente sequer de forma indireta sobre esta influência, pude constatar para além da citação sobre a professora Penélope, que há algumas citações de forma indireta em torno da influência protestante (citação direta viríamos encontrar apenas em sua obra pela primeira vez em *História Provincial II*, publicado em 2006).

---

<sup>74</sup> NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas Bôas Carvalho do. **Origens da educação protestante em Sergipe (1884-1913)**. Mestrado em História. UFS. 2000.

No capítulo VI – *A educação sergipana na última década do Império* onde frente a diversas transformações ideológicas em voga no mundo que atingiram a educação em Sergipe tais como o evolucionismo de Spencer, o darwinismo, o positivismo de Comte, o realismo de Zola e Eça de Queiroz, e em Sergipe especificamente o liberalismo de Tobias Barreto, se destaca a reforma educacional considerada como “a mais revolucionária” promovida pelo Presidente da Província Leôncio de Carvalho, onde dentre outras coisas estabeleceu a liberdade de crença e o ensino religioso obrigatório, laicizando o ensino. O mesmo ficara “impressionado com o desenvolvimento dos EUA, e concluiu que era resultante do ensino lá existente”. O que não era novidade, os políticos liberais da monarquia brasileira desde 1830 já nutriam admiração pela República dos Estados Unidos, que tinha o liberalismo ético e econômico em suas veias (MENDONÇA, 2002, p. 73); ora, indubitavelmente os EUA tinha grande influência do protestantismo desde a sua fundação, sendo até hoje a religião predominante; iremos analisar alguns destes aspectos ao longo desta pesquisa.

Todavia as ideias importadas de Leôncio de Carvalho fugia muito da realidade provinciana e não deram certo, o que não era a primeira de muitas já que desde 1870 se tentava uma renovação educacional. A historiadora Maria Thetis Nunes nos conta que fora o presidente sergipano Herculano Inglês de Souza o mais impactado pelas pressões da classe dominante na busca de medidas educacionais inovadoras, o mesmo estava responsável pela consolidação da “legislação variada e esparsa”. Dentre outras coisas estava claro que a pedagogia já estava sendo influenciada pelo pragmatismo norte-americano, na página 149, explicita o currículo educacional em seu artigo 74:

O professor procurará tornar o ensino mais prático possível, fazendo conhecer os objetos, as suas qualidades, a sua organização, e partindo sempre do concreto para o abstrato; prescindirá de perturbar a inteligência do aluno com o ensino de muitas regras, procurando despertar-lhe a faculdade da atenção, por meio do interesse do objeto estudado. Usará uma linguagem chã, mais clara e precisa, que familiarizará inteligência do aluno com o assunto.

O artigo seguinte abria caminho para o ensino misto. Sabemos que as escolas protestantes protagonizaram o ensino misto no Brasil, a exemplo da Escola Americana em São Paulo, quando em 1870, George e Mary Annesley Chamberlain, dois missionários norte-americanos presbiterianos começaram a ensinar e mais tarde viriam a fundar a Escola Americana, que mais tarde ficou conhecida como Mackenzie College, contendo turmas mistas

e acolhiam negros e filhos discriminados nas escolas públicas por seus pais serem protestantes, abolicionistas ou republicanos<sup>75</sup>.

A reforma implementada pelo presidente Inglês de Souza foi alvo de muitas críticas, sobretudo da elite tradicionalista católica principalmente por conta do ensino misto e a liberdade religiosa; a exemplo do Padre Olímpio de Souza Campos do Partido Conservador no jornal “A Gazeta de Aracaju” que chama o presidente da província Herculano Inglês de Souza de “ousado Lutero de nosso ensino público”, além de “positivista e ateu”. O mesmo estava claramente influenciado pelas ideologias liberais em voga e estava apenas consolidando o que já era garantido por lei, de toda forma sua reforma fora desmantelada pelas classes dominantes e opositores políticos, sendo consensualmente um desastre, o mesmo após de apenas 10 meses governando Sergipe, se tornou governador do Espírito Santo.

Posso citar outras influências protestantes indiretas, a exemplo do pedagogo suíço Jean Henri Pestalozzi (1746-1827), o pedagogo alemão Friedrich Fröbel (1782-1852) e mais tarde o pedagogo estadunidense Frank Laubach (1884-1970), todos tiveram uma educação protestante e sua religião fora importante para suas formulações pedagógicas, o primeiro foi muito influente na educação sergipana e no mundo, protagonista de uma reforma educacional mais afetiva e voltada a percepção das habilidades particulares das crianças, influenciando bastante o segundo que dentre outras coisas se destacou na criação do primeiro “jardim de infância” e brinquedos educacionais; o último fora missionário presbiteriano, conhecido nos EUA e Filipinas como o “apóstolo dos analfabetos”, esteve no Brasil distribuindo sua cartilha educacional em 1943 a pedido do governo brasileiro.

O comediógrafo, poeta e professor estanciano Severiano Cardoso, do Colégio Minerva, fora muito influenciado por Fröbel e Pestalozzi (CAMPOS, 2017, pág.193-4). O professor indiarobense Azarias em Estância também foi influenciado pelo pedagogo suíço. Os aspectos religiosos do professor Azarias José dos Santos e sua esposa Belmira Santos lamentavelmente são relegados, mas foi muito importante sobretudo devido ao seu contexto, estes foram membros fundadores da Primeira Igreja Batista de Estância (PIBE) na década de 40, e o seu conceituado Educandário Esperança surgiu como uma “Escola Anexa” à Primeira Igreja Batista de Estância na década de 1920, algo não descrito em suas poucas biografias, um período onde

---

<sup>75</sup> SILVA, Heitor de Oliveira. **A Igreja Presbiteriana do Brasil e a Escravidão: Breve análise documental**. Vox Faifae: Revista de Ciências Humanas e Letras das Faculdades Integradas da Fama Vol. 3 No 2. Artigo. 2000. FAIFA.

creceu o número de escolas primárias, cujo combate a evasão escolar, sobretudo nas zonas rurais eram de grande valor.

Outro exemplo de professora protestante da época é descrita no livro “O esplendor da caminhada” da historiadora Maria de Lourdes P. R. Trindade dos Anjos, da tida como uma das maiores professoras daquela época, a aracajuana, poetisa e protestante batista Carlota Salles de Campos (1884-1971), a mesma é citada no *Dicionário Biobibliográfico Sergipano* (1925)<sup>76</sup> de Armindo Guaraná, talvez seja a única protestante citada neste famoso dicionário. Atuou como professora desde 1913 na capital sergipana, em Barra dos Coqueiros, N. Sra. do Socorro, e diversos outros municípios em Sergipe, em 1922 ensinou no Recife (PE), dois anos depois no município baiano de Jaguaquara até 1930, quando chega em Estância, funda o Colégio Frei Santa Cecília, mas muito brevemente, logo retorna para Aracaju, fez parte da Liga Sergipense Contra o Analfabetismo, idealizada pela Maçonaria; sempre foi uma membra atuante nas igrejas batistas que passava. Seus métodos de ensino valorizavam a literatura, música e dramaturgia.

Os protestantes de Estância promoveram uma geração de professores, fazendo jus a importância que davam a educação, a exemplo de Namaris Alcântara, filha do Presb. Azarias José dos Santos; Damares Francisca Castro Fontes, filha do Presb. Pedro Teixeira; Elienai Badia de Lima, filha do Presb. Walter Francisco de Lima e tantos outros. Portanto dizer que o protestantismo não foi influente na educação sergipana e estanciana é historicamente errado. Ao mesmo tempo que agrega valor social ao movimento devido ao fato do analfabetismo ser galopante e até 1920 segundo o *Álbum de Sergipe 1820-1920*, publicado por Clodomir Silva em data comemorativa ao centenário da emancipação política de Sergipe, nos revela na página 204 da cidade de Estância ter 10 escolas primárias, sendo uma particular, que no caso seria o Colégio Camerino e demais públicas<sup>77</sup>, no contexto estadual Sergipe possuía em 1892 exatas 114 escolas públicas primárias (NUNES, 2008), e na década de 70, com seus 70 municípios mais de 58% da população sergipana de mais de 5 anos não sabiam nem ler e escrever<sup>78</sup>, 83% em 1920 e 89% em 1890, quando Sergipe tinha apenas trinta e poucos municípios. O progresso

---

<sup>76</sup> GUARANÁ, Armindo. **Dicionário Biobibliográfico Sergipano**. Edição do Estado de Sergipe. Livro. 1925. Rio de Janeiro. 280 P. Pág. 53.

<sup>77</sup> SILVA, Clodomir de Souza e. **Álbum de Sergipe 1820-1920**. 1920. Editor: Secção de Obras do Estado de São Paulo. SP. 328 páginas. Pág: 204.

<sup>78</sup> DANTAS, José Ibarê Costa. **A Tutela Militar em Sergipe 1964/1984** : partidos e eleições num estado autoritário. 1997, editora Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro. Página 148-149.

neste sentido era ínfimo e como se não bastasse a grande maioria da população - que era analfabeta - era excluída das votações desde 1881<sup>79</sup>.

Entre 1884 e 1913 a Missão Central do Brasil (Bahia, Sergipe, Goiás, Mato Grosso, norte de Minas) subvencionada a Junta de Missões Estrangeiras da Igreja Presbiteriana do Norte dos Estados Unidos, em Nova York, financiada por irmãos estadunidenses, trabalhou efetivamente em Sergipe financiando trabalhos educacionais e evangelísticos, contribuía com a formação de missionários e pastores, o mantimento dos mesmos, escolas paroquiais e outros, seus missionários abriram trabalhos evangelísticos, igrejas e congregações em várias partes do Estado; porém a partir de 1900 ocorreu uma crise financeira na Missão, em 1902 Bixler foi “forçado a preparar membros da igreja de Sergipe que desejassem ser pastores e professores para diminuir gastos com os de fora”, tornando assim um campo autossuficiente<sup>80</sup>.

Em 1904, mesmo ano onde Estância residiu uma reunião da Missão<sup>81</sup>, o esperado aconteceu, a Missão começou a retirar seus representantes em Sergipe, decidida a focar mais nos trabalhos da Bahia, o que viria a se tornar um verdadeiro projeto civilizacional por meio do Instituto Ponte Nova na cidade baiana de Wagner influenciando várias cidades do seu entorno. Em 1913 tanto a escola paroquial de Aracaju e Estância deixaram de aparecer nos orçamentos e entraram em processo de declínio, neste ano a Escola Americana de Estância deixa de existir; em 1914, depois de mais de dez anos, Bixler deixa o campo de Estância para exercer a função de diretor no Colégio de Ponte Nova, função esta que permaneceu até 1925, lá cria o departamento agrícola e leciona música, grego e latim<sup>82</sup>. Neste intermédio as relações entre os presbiterianos brasileiros e estadunidenses se estremeceram por discordâncias quanto ao método de ensino (1888, ano em que a Igreja Presbiteriana do Brasil se tornou autônoma da PCUSA) das escolas; ao mesmo tempo um movimento nativista contrário ao americanismo

---

<sup>79</sup> DANTAS, José Ibarê Costa. **História de Sergipe: República (1889-2000)**. - 2.ed. – Aracaju: Editora. SEDUC, 2022. 390 p. Pág. 43-48 e 89-91.

<sup>80</sup> NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas Bôas Carvalho do. **Práticas Educacionais Protestantes no Século IX: O Caso de Sergipe**. 2003. Cadernos CERU, 14, 157-176.USP.

<sup>81</sup> NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas Bôas Carvalho do. **Fontes para a história da educação: Documentos da Missão Presbiteriana dos Estados Unidos no Brasil**. Maceió. EDUFAL. 2008. 111 p. Esta reunião aconteceu entre 12-19/12/1904, onde foram discutidas questões orçamentárias, estatísticas dos trabalhos evangelísticos e educacionais em Sergipe e Bahia, dentre outras coisas. Porém esta não foi a única reunião que ocorreu em Estância, em 11-13/12/1911 teve outra reunião, a qual foi discutida gastos e questões relativas ao Instituto Ponte Nova (NASCIMENTO, 2007, pág. 90).

<sup>82</sup> Apesar disto, “entre 1917 à 1925 orçamento anual da Missão beneficiou mais a Estância que Aracaju e Norte do Estado. A partir de 1926 não existe registro sobre os trabalhos desenvolvidos em Sergipe” (NASCIMENTO, 2004, p. 259). De 1871 a 1971 enviou dezenas de missionários para o Nordeste e Centro-Oeste do país (NASCIMENTO, 2008, pág. 21)

cresceu com a Proclamação da República (1889), e mais tarde a questão maçônica (1898-1899) viria a tona, acarretando em 1903, do Rev. Eduardo Carlos Pereira – conhecido abolicionista - e seus companheiros deixarem o Sínodo da IPB e organizarem a Igreja Presbiteriana Independente, como bem nos traça o livro *História do Presbiterianismo* do historiador francês Émile Léonard. Para melhor organização do campo em constante expansão, no mesmo sentido em 1907 foi criado em Salvador o Presbitério Bahia-Sergipe com apenas 6 igrejas organizadas<sup>83</sup>.

Apesar disso tudo é interessante citar o registro da presença em Estância pós-organização da IPE de evangelistas e educadores tais como Henry MacCall em 1907<sup>84</sup>; os evangelistas Franklin Thomas Graham e Jean Porter Graham em 1912; no mesmo ano a ex-professora do Instituto Ponte Nova, de nome Sancha dos Santos Galvão (irmã do Rev. Antônio dos Santos) até 1913, mas ela já havia sido professora da Escola Paroquial em 1903; em algum momento no início do século passado o professor Walter Cameron Donald chegou a ensinar inglês em Estância<sup>85</sup>, os educadores Harold C. Anderson e Evelyn Anderson em 1915 a mando da Missão foram substituir Bixler, porém sua presença se deu desde 1911, os mesmos residiram em Estância até 1916; a professora Penélope Magalhães em 1920, estes últimos permaneceram durante bom tempo auxiliando a Igreja de Estância. A já viúva do primeiro protestante de Sergipe, do comerciante Manoel Antônio dos Santos David morou em Estância com seus filhos e netos, a exemplo de Zélia Andrade (1915-2013) que era uma de seus netos e nasceu em Estância, os seus pais eram Joao Febronio de Andrade e Rachel David de Andrade, com sua avó e irmãos congregaram na IPE e obteve contato com os nomes citados acima, a mesma fora batizada por Harold C. Anderson, educada por Penélope Magalhães, e sua profissão de fé ministrada por Alfeu Barra de Oliveira. Em 1956 foi recebida na Igreja Presbiteriana de

---

<sup>83</sup> Em 1888 foi criado o Supremo Concílio da IPB no Rio de Janeiro. Em 1897 as forças missionárias ligadas ao *board* de Nova York que evangelizavam o Brasil foram divididas em *Central Brazil Mission* (Bahia e Sergipe) e *South Brazil Mission* (Sul do Brasil).

<sup>84</sup> Revistaria o campo pastoral de Estância, (além da própria cidade, Boquim, Riachão, Lagarto, etc), juntamente com o Pastor de então, o Sr. Augusto Dourado, em Agosto de 1919, de acordo com o jornal “O Christão”, n° 4, pág. 3. O mesmo residia na Bahia, na cidade do Bomfim.

<sup>85</sup> Chegou a ocupar a cátedra de inglês no Colégio Atheneu Sergipense. Era filho do missionário escocês Byron Cameron Donald, graduado em Teologia no Seminário Teológico de Lane (NASCIMENTO, 2004, p. 219).

Aracaju<sup>86</sup>. O seu avô, portanto contribuiu imensamente para o florescimento desta igreja reformada em Estância<sup>87</sup>.

No ano de 1918, o Rev. Augusto da Silva Dourado (1889-1969) Pastor da IPE de 1917 até 1920, na edição 00985, nos conta os novos membros da IPE, em Novembro de 1917 o Sr. José R. do Nascimento, em Julho de 1918 Eliziaria F. Villa Nova, Rosa, Alda e Lindaura do mesmo sobrenome; em Setembro de 1917 foram recebidos no batismo a criança Edgard, em Janeiro de 1918 a criança Zilda e em Setembro a criança Rosoleta. Em 25 de Janeiro de 1919, o Rev. Augusto Dourado<sup>88</sup>,

Depois de Estância o Rev. Augusto da Silva Dourado pastoreou as cidades baianas de Cachoeira e Canabrava, teve um filho em Estância, de nome Aduato Araújo Dourado (1919-1997), possivelmente o primeiro estanciano a ter sido ordenado Pastor; de acordo com Alderi de Souza Matos, estudou no Instituto Ponte Nova (BA) e no Instituto Manoel da Conceição (SP), graduou-se em Teologia no Seminário Presbiteriano de Campinas em 1943, obteve mestrado no Seminário Teológico de Louisville nos EUA, foi professor universitário e pastoreou em Minas Gerais e São Paulo, se casou com Margarida Gouveia Dourado, tendo quatro filhos; o seu avô foi o baiano fazendeiro Cel. João Dourado (1854-1927) na região do Morro do Chapéu, que se converteu lendo a Bíblia<sup>89</sup>, tendo se tornado um importante líder político e evangelista do interior baiano, sua ligação com o protestantismo facilitou o processo educacional de seus filhos. Quinze anos depois de sua organização, a IPE em 1920 continha 47 membros professos, oito vezes mais em relação ao número dos membros fundadores. Na década de 20 perdurava o peso das dificuldades financeiras, crise sanitária e da falta de disponibilidade de obreiros incidindo no sustento dos mesmos – o que foi agravado devido a

---

<sup>86</sup> DÁVILA, Franklin Ribeiro. **Gotas de vida**. Igreja Presbiteriana de Aracaju. Disponível em: <https://www.iparacaju.org/2013/06/07/gotas-de-vida/>. 2013. Acesso em 30/04/2024.

<sup>87</sup> De acordo com o jornal “O Christão” de 1921, é notável também a presença do considerado “patriarca” daquela igreja, devido a sua idade avançada de 87 anos, de nome Antonio Cardozo Lima, que mesmo morando longe e de idade avançada, frequentava a Igreja, “quer faça chuva ou faça sol”.

<sup>88</sup> Pastorearam o campo de Estância respectivamente: Augusto da Silva Dourado, Manoel Antonio dos Santos e Alfeu Barra de Oliveira. Os três graduaram-se em Teologia pelo Instituto Ponte Nova (NASCIMENTO, 2004, p. 141). O Presbitério de Bahia-Sergipe quando decidiu transferir o Rev. Augusto Dourado do campo de Estância-SE para Cachoeira-BA acarretou em protestos por parte dos membros daquela comunidade, porém não surtindo efeito ao Presbitério. Queriam substituí-lo pelo Sr. Antonio Elias da Silva, recém formado; algo que não veio a se concretizar, futuramente o Sr. Elias entraria em conflito com o presbitério, tendo como consequência a deposição do seu pastorado e exclusão da igreja (O Christão, n° 14 e n° 60, pág. 2).

<sup>89</sup> MATOS, Alderi de Souza. **Coronel João Dourado (1854- 1927)**. Museu Benjamin Nogueira. Artigo. Acesso em: [https://www.facebook.com/museuBenjamimNogueira/photos/a.1080516545411662/1080515995411717/?type=3&locale=pt\\_BR](https://www.facebook.com/museuBenjamimNogueira/photos/a.1080516545411662/1080515995411717/?type=3&locale=pt_BR)

alta dos preços pós I Guerra Mundial – e das Escolas Paroquiais em todo o Presbitério de BA e SE, os protestantes viam o ensino público principalmente, em detrimento do ensino privado, como uma verdadeira ameaça a educação dos seus filhos por justamente a ICAR estar perpetrada no ensino, contrariando o ensino público laico garantido por lei.

#### 4. PROTESTANTISMO E CULTURA NO BRASIL

No livro *A propósito de Frades* (1959)<sup>90</sup>, obra de um dos maiores sociólogos do século XX, o pernambucano Gilberto Freyre, trata de “sugestões” sobre a influência principalmente franciscana no mundo “hispano-tropical”, evidenciando as bases de sua conhecida “lusotropicologia”<sup>91</sup>, apesar de antes de 1959 seus estudos sobre a influência franciscana no Brasil em sua obra mais consagrada *Casa grande & Senzala* (1933) já serem possíveis de identificar, isto é, a defesa de que a colonização portuguesa foi diferente das restantes colonizações europeias nos trópicos e que essa diferença se manifestou numa maior miscigenação e na interpenetração cultural<sup>92</sup>. Em suma, tal obra defende o franciscanismo como uma “antecipação poética e intuitiva” do lusotropicalismo, como a principal ordem religiosa que contribuiu para uma sociedade mais “harmônica” e “plástica” entre “europeus e não europeus, ricos e pobres, letrados e iletrados” e acrescento, negros e brancos em

---

<sup>90</sup> FREYRE. Gilberto. **A propósito de Frades**. 1959. Livraria Progresso Editora. Pág. 190.

<sup>91</sup> A Lusotropicologia é um ramo da Hispanotropicologia, trata-se do estudo do legado cristão nos trópicos.

<sup>92</sup> Entendamos “cultura” como “um sistema estruturalmente dinâmico, de produção e reprodução do conjunto de valores, sentidos, concepções, saberes, símbolos, linguagens, práticas e obras”. Tal conceito ouvi pela primeira vez do Prof. Dr. Frederico de Paula Tofani em um curso de extensão pela UFMG em 2022.

comparação a outras ordens católicas inclusive, bem como o catolicismo de Castela na Espanha, onde o papado teve amplo domínio na Idade Média e o catolicismo era mais rígido, e claro, compara também as nações predominantemente protestantes. Por isto trago esta obra como ponto crítico ao protestantismo, como útil para levantar questões problematizantes, e também para ser criticada. Segundo Freyre o franciscanismo proporcionou:

Um cristianismo que, irmão do Sol, como era, na boca e na alma de Francisco, tornou-se nos trópicos irmão do Trópico; no Brasil, irmão do índio; irmão da Água, e estendendo-se em torno das casas-grandes dos engenhos e das fazendas aos animais úteis aos cristãos, bom para seus filhos pequenos, protetores dos seus doentes e dos seus velhos, auxiliares das suas mulheres paridas mas sem muito leite, foi tornando irmãos e parentes dos homens, bichos outrora considerados apenas bichos; e fazendo de muita vaca, comadre vaca; de muita cabra, comadre cabra; de muita jumenta, comadre jumenta. Esse comadrismo que, tanto quanto eu sei, foi peculiar ao Brasil e à sua formação patriarcal, é um comadrismo de tal modo impregnado da poesia e da filosofia de São Francisco de Assis que sociologicamente foi entre nós franciscanismo: prático, cotidiano, efetivo (1959, pág. 41-42).

Já em 1933 na obra *Casa grande & Senzala* Gilberto Freire nos dá antecipações de sua interpretação sobre o franciscanismo, nos diz que o franciscano em teoria é “inimigo do intelectualismo; inimigo do Mercantilismo; lírico na sua simplicidade; amigo das artes manuais e das pequenas indústrias; e quase animista e totemista na sua relação com a natureza, com a vida animal e vegetal” (pág. 215). Corrobora que tal disposição franciscana “foi melhor” no trato dos indígenas que com os jesuítas e os colonos ingleses que muito o sobrecarregavam (pág. 217); no mesmo livro nos diz:

A verdade é que no Brasil, ao contrário do que se observa em outros países da América e da África de recente colonização europeia, a cultura primitiva – tanto a ameríndia como a africana – não se vem isolando em bolões duros, secos, indigestos, inassimiláveis; ao sistema social do europeu. Muito menos estratificando-se em arcaísmos e curiosidades etnográficas. Faz-se sentir na presença viva, útil, ativa, e não apenas pitoresca, de elementos com atuação criadora no desenvolvimento nacional. Nem as relações sociais entre as duas raças, a Conquistadora e a indígena, aguçaram-se nunca na antipatia ou no ódio cujo ranger, de tão adstringente, chega-nos aos ouvidos de todos os países de colonização anglo-saxônica e protestante. Suavizou-as aqui o óleo lúbrico

da profunda miscigenação, quer a livre e danada, quer a regular e cristã sob a bênção dos padres e pelo incitamento da Igreja e do Estado (1933, pág. 231).

Na juventude Gilberto Freyre fora protestante batista, contrariando sua família católica, não por ser anticatólico, mas por considerar o protestantismo “anticlerical” e “antiburguês”; após ter contato com o cristianismo evangélico dos EUA se viu desenganado<sup>93</sup>; por conta desta experiência suspeito que Freyre mais tarde se viu atraído pelo catolicismo popular por meio do franciscanismo e por considerar a formação do Brasil “sociologicamente católica”, se dedicou ao estudo da influência cultural desta instituição no Brasil buscando manter e valorizar aquilo que considerava como identidade cultural nacional. Não por acaso sua Lusotropicologia fora instrumento ideológico de dominação neocolonial no continente africano e do nacionalismo católico no Brasil, indício disto é que a primeira edição de *Casa grande & Senzala* fora lançada pela Livraria Editora Schmidt, antiga Livraria Católica, cujo fundador Augusto Frederico Schmidt tinha ligação a este movimento. A sua disposição chamada posteriormente pelos críticos de “mito da democracia racial”<sup>94</sup> e sua sede de demonstrar “a mais importante das modernas civilizações dos trópicos” com toda sua singularidade frente ao mundo, que sua análise comparativa sobretudo neste caso quanto aos países de formação socio religiosa católica e protestante ficaram em parte prejudicadas, devido também ao tempo em que esta obra fora escrita; penso que é necessário uma maior atenção às vicissitudes do protestantismo na Hispano América e no Brasil, o qual está inserido, bem como mostrarei que no mínimo há controvérsias em relação a algumas de suas colocações.

O mesmo afirma que em países majoritariamente protestantes não se encontra esta mesma “irmandade cristã”, ela não existe de forma “concreta”, sendo apenas em teoria os direitos iguais aos brancos e os “indivíduos de côr”, o mesmo se repete dentro de suas comunidades cristãs, exemplificando que na América Latina os mestiços têm maior possibilidade de se afirmarem na sociedade cita como exemplo o brasileiro José Maurício, o mexicano Diego Rivera e o peruano Martinho Porres (1959, pág. 57). O mesmo diz que o protestantismo não se tornou tão bom veículo de transculturalização quanto o catolicismo e

---

<sup>93</sup> RAMOS JR, José de Paula. **Revistausp: humor na mídia**. O jovem Gilberto Freyre. USP, São Paulo, n. 88, fev. 2011. Acesso em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13860>

<sup>94</sup> O termo “Democracia Racial” fora cunhado pelo médico e antropólogo alagoano Arthur Ramos (1903-1949), Freyre popularizou esta ideia.

“menos disposto do que êste a viver nos trópicos vida diferente da burguesa e européia”, e até as várias “seitas de protestantes africanos por vezes hostis aos brancos, se dá por conta de não serem artisticamente, liturgicamente e esteticamente mais transigentes que os católicos”.

Tal disposição intransigente do protestantismo se deve ao zelo por vezes iconoclasta, em princípio especialmente dos mais severos calvinistas, sob o impulso anti-idólatra e da “moralização da beleza” que destituíam seus templos de imagens visuais (LINDBERG, 2017, pág. 439), e direcionavam toda importância para o púlpito, onde a Palavra é pregada; estes enxergam a “simplicidade” do culto como sinônimo de “pureza”, que somado a mentalidade eurocêntrica enxerga com maus olhos liturgias e tipos de artes diferentes de outras culturas como necessariamente ruim. Por exemplo, historicamente o uso de incensos e imagens dentro dos templos como parte do culto católico foram provenientes da ascensão e aculturação do Cristianismo a cultura helênica do Império Romano perdurando até hoje no rito latino, mas que foram rejeitados pelos protestantes em geral no século XVI, rejeitando o Concílio de Nicéia II do século VIII, por considerarem uma invenção posterior ao ensino apostólico e como anti-bíblico.

Porém não podemos cair no equívoco que os grupos religiosos protestantes não possuíam os seus modos de fazer arte, bem como não podemos cair no equívoco de que não houve um abraqueiramento do protestantismo apesar de toda sua intransigência; o mesmo não permaneceu igual ao protestantismo trazido ao Brasil no século XIX por missionários estadunidenses, muito bem analisado em pesquisa de campo pelo sociólogo Max Weber e Gilberto Freyre enquanto estiveram nos EUA para estudos. O protestantismo brasileiro não ficou cristalizado, parado no tempo ou como água e óleo, mas sim coadunou-se na atmosfera da América Latina, influenciou e foi influenciado culturalmente. De fato, menos que o Catolicismo, mas isso devido as diferenças de tempos neste solo e formas de como se deu tais interpenetrações, que foram determinantes para o grau de seu enraizamento cultural.

Como diria o historiador inglês Peter Burke citando Lévi Strauss, sob ponto de vista histórico “toda cultura é resultado de uma mixórdia”, portanto estendo este conceito para a própria religião em questão, em termos históricos não existe protestantismo puro. Este é o carácter primordial do protestantismo que chega em Estância, temos então um protestantismo híbrido proveniente da América do Norte, que por sua vez veio da Inglaterra e que se encontrou com uma cultura híbrida no Brasil; afinal de contas “a globalização cultural envolve hibridização” (BURKE, 2006, p. 2). Apesar do esforço ascético cultural inicial dos protestantes

e até os dias de hoje em boa parte, atualmente é mais que comprovado que o próprio embrenhou-se com a cultura nativa, tendo como resultado um protestantismo popular brasileiro, sobretudo de caráter pentecostal wesleyano-arminiano<sup>95</sup>. Então surge a pergunta, qual cerne cultural-religioso do modelo de protestantismo trazido ao Brasil até sua consolidação? O professor Antônio Gouvea Mendonça nos mostra suas origens:

Ela resulta da fusão – ocorrida principalmente nos Estados Unidos durante os séculos XVIII e XIX – entre o movimento puritano inglês, que alcançou grande difusão no século XVII, o pietismo, que floresceu na Alemanha no século XVIII, é o movimento metodista, síntese puritano-pietista surgida na Inglaterra do século XVIII, que em sua doutrina da salvação se distanciou da tradição protestante de doutrina da salvação exclusivamente pela fé. Ao se fundirem, como já notamos, no protestantismo norte-americano, essas diferentes tendências geraram uma concepção da salvação que ficou fortemente marcada, por fim, pela teologia desenvolvida ao longo de sucessivas ondas de reavivamento religioso que transformaram definitivamente o perfil do protestantismo norte-americano, delineando conseqüentemente, a face do protestantismo missionário no Brasil (2002, pág. 206).

Na prática, modelo de protestantismo missionário chegado e desenvolvido em Estância, em princípio pelos presbiterianos foi de uma disciplina rígida puritana, pragmática, dogmaticamente conservadora, seja no trabalho espiritual ou material a disciplina se manifesta rigidamente e o tempo não poderia ser desperdiçado com frivolidades, sob a prerrogativa de que se faz tudo para a glória de Deus (*Soli Deo Gloria*); foi acentuada a dicotomia entre bem e mal (que em princípio fora atenuada com a Reforma no século XVI), este último geralmente representado pela cultura nativa, a qual estava muito arraigado o catolicismo romano, dando margem para o que Prof. Dr. Prócoro Velasques Filho chama de “racismo confessional” (2002, pág. 111-130) baseado em um modelo cultural ideal típico da classe média anglo-saxã. Porém, com o passar do tempo, sobretudo na América Latina, devido ser muito forte na cultura nativa o sentimento místico, da expressividade, da emotividade e do mistério, atraiu as expressões marginalizadas do seio do protestantismo missionário tradicional - que se mostrou mais próximo dos valores burgueses e mais influenciado pelo racionalismo - em prol de uma configuração reativa mística e até anti-intelectual, mais capaz de mobilizar as massas, mais popular, daí que advém o pentecostalismo em princípio<sup>96</sup>; onde a disciplina litúrgica, hinodal,

---

<sup>95</sup> No capítulo VI dissecarei melhor estes conceitos.

<sup>96</sup> O fenômeno da cura divina veio se perdendo ao longo das histórias das religiões e o pentecostalismo resgatou isto no protestantismo, absorvendo elementos que já existiam na cultura nativa, a exemplo da herança indígena de “benzer” para curar ou afastar males, que já tinha sido absorvido pelo catolicismo popular (MENDONÇA, 2002, p. 250).

cúltica, se mostrou mais maleável, embora denominacionalmente mais fortes (MENDONÇA, 2002, p. 180 – 189; 241-242). O próprio advento do movimento pentecostal está atrelado a cultura afro diaspórica em suas origens nos EUA, que no Brasil puderam ser reencontradas e reexperimentadas, apesar de todo o protestantismo brasileiro ter sido influenciado pela herança africana, como constatou o Dr. Carl Joseph Hahn<sup>97</sup>.

Assim como o historiador Philip Schaff, o historiador francês Émile Léonard tinha consciência das diferenças na liturgia da tradição calvinista da Europa Continental, do presbiterianismo anglo-saxão das Ilhas Britânicas e o dos reformados dos EUA, em seus quase três anos que esteve no Brasil foi mais que suficiente para perceber este mesmo padrão diverso de “experiências eclesiais” em terras distintas. Em seu livro *O presbiterianismo brasileiro: e suas experiências eclesiais* com relação ao protestantismo “...brasileiro reforça nosso gosto por uma igreja mais flexível, menos organizada e menos dominadora” em comparação com a Igreja Reformada Francesa (pág. 191), percebeu ainda que na liturgia brasileira faltava o uso do Credo, confissão de pecados, Pai Nosso e alguns hinos (pág. 188). Acrescento que o típico ato de cumprimentar ou pedir a bênção aos pais predominante no Nordeste e de levantar as mãos em forma de concha na hora da bênção apostólica ao fim do culto, são costumes culturais provenientes do catolicismo brasileiro que foram absorvidos e ressignificados pelos evangélicos no Brasil.

Ademais, admitindo que o catolicismo franciscano tenha facilitado uma maior interpenetração cultural se comparado aos protestantes na América Latina, está evidente que não significa que não existiram interpenetrações culturais nos protestantismos aqui. Apesar deste ser um movimento diverso, esta mesma diversidade facilita suas adaptações de lugar a lugar, inclusive com fortes conotações étnicas, a exemplo dos protestantes das chamadas “igrejas orientais”, tendo como representante a Igreja Protestante Copta no Egito, e apesar de outras igrejas igualmente muito antigas da Cristandade como a Igreja Católica Armênia, a Igreja Assíria e a Igreja Ortodoxa Etíope<sup>98</sup> não serem protestantes e aderirem atualmente a “iconodulia” - por conta da aproximação histórica com o catolicismo romano -, isto é a veneração de imagens de escultura em seus ritos, o fizeram assim muito posteriormente a suas origens, passando grande parte de sua história, neste aspecto do uso de ícones,

---

<sup>97</sup> HAHN, Carl Joseph. **Evangelical Worship in Brazil: Its origins and development.** Thesis submitted for the degree of Doctor of Philosophy of the University of Edinburgh in the Faculty of Divinity. June 1970. Pág. 437. Frase na íntegra: “All protestantism in Brazil is and had been affected by this African inheritance.”

<sup>98</sup> PARKHOMCHIK, Anastasia. **History of iconography in Africa.** Disponível em: <https://catalog.obitel-minsk.com/blog/2020/12/history-of-iconography-in-africa>

semelhantemente aos atuais protestantes, especialmente com a liturgia dos protestantes anglicanos e luteranos, pois não fazem uso de imagens de escultura para veneração, apesar de existirem níveis distintos de iconoclasmo entre estes últimos grupos. Penso que a aculturação no protestantismo seja mais sutil que o catolicismo oficial no Brasil e ainda mais com relação ao catolicismo popular, não deixam de existir exemplos de absorção cultural na forma de cantar hinos que compõem os hinários protestantes de todo o mundo, do cancionário popular evangélico que merece mais estudos, o próprio ato de traduzir bíblias para o idioma local perseguido pelos protestantes, causou um impacto cultural de alto relevo nas mais diversas sociedades.

O Cristianismo como um todo essencialmente absorve muitos elementos culturais, assim como uma esponja à água, sem os ter necessariamente como um problema, assim como em cada lugar pintam o rosto de Cristo com o fenótipo predominante de sua região, sem deixar de ser portanto uma representação genuinamente cristã do próprio Cristo; o que não significa que admite de tudo, aí esteja inserido o protestantismo e também a tradição católica romana, que durante a passagem do século XIX para o XX eram ambos bastante intransigentes, foi quando a religião oficial do Catolicismo Romano em Sergipe se erigiu contrário ao catolicismo popular, avesso a instituições predominante no Brasil, numa tentativa de reformar as práticas sincréticas também tidas como “supersticiosas”, o que inclui as práticas provenientes de africanos e ameríndios<sup>99</sup>.

Felizmente Gilberto Freyre foi sábio em reconhecer que “não pretende fazer de nossa civilização um modelo e que ela também possui muitos traços anticristãos” (1958, pág. 57), teve o cuidado ainda de não generalizar, reconhecendo que entre os protestantes Quakers não havia as mesmas disposições que ele observou em outros grupos protestantes, mas claro, não perdendo a oportunidade de apontá-los como “franciscanos a paisana” (1958, pág. 162). Será que o protestantismo no Brasil também não foi influenciado pelo franciscanismo? Não tenho dúvidas, mas isto é assunto para uma outra tese. Lidar com graus de interpenetração cultural com relação a religião protestante e católica nos diferentes territórios é de uma complexidade absurda, precisa-se de uma análise mais aprofundada que leve em conta os diferentes processos históricos concernentes a esta disposição e suas respectivas justificativas e motivações, bem

---

<sup>99</sup> ANDRADE, Péricles. **Sob o olhar diligente do Pastor:** a Igreja Católica em Sergipe. – São Cristóvão: Editora UFS, 2010 – Fundação Oviêdo Teixeira. 244 p. Pág. 105.

como se deu a sua relação de causalidade para determinar quem influenciou quem e a partir de quando.

O Prof. Dr. Leandro Karnal em “História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI” lida com outra questão que é reflexo da casuística moral explorada pela apologética religiosa da época, de que a depender das colonização de países confessionalmente protestantes ou católicos poderia ser melhor ou pior, nos traz um ponto reflexivo importante:

O historiador norte-americano Frank Tannenbaum diz que a escravidão em áreas anglo-saxônicas fez parte de um mundo moderno, com relações sociais individualistas e um sistema jurídico baseado nas leis anglo-saxônicas. Isso faria do escravo mais um objeto do que um ser humano. O escravo negro em zona ibérica faria parte de uma sociedade Paternalista e fundamentada no Direito Romano, o que o tornaria um elemento da base da sociedade, mas ainda assim um ser humano. O quanto essas diferenças de fato foram sentidas pelos escravos e qual o melhor chicote ou o trabalho menos árduo são questões que ainda merecem maiores pesquisas (2007, pág. 63).

Todavia, independente da religião confessional dos países europeus, não deve ser descartado ou desprezado de forma alguma o padrão de instrumentalização da religião para a colonização europeia nas Américas e África sobretudo na legitimação da violência, este o elemento que também contribuiu, se não o principal, para o estopim de uma maior ou menor interpenetração cultural e sua conseqüente retroalimentação do monopólio cultural pelos dominadores; elemento este que parece ser desprezado pelo “mito da democracia racial” freyriano. O não uso de algum tipo de violência para a conversão foi exceção e não regra durante tempos coloniais. Por exemplo, apesar de desde 1537 o Papa João Paulo III condenar a escravização de nativos em seu *Pastorale officium*, na prática no Brasil o que inclui Sergipe foi alvo de muitos conflitos político-institucionais e religiosos.

No atual território sergipano desde a década de 70 do século XVI se tentava efetivar a colonização por meio da catequização a princípio representada pela “Companhia de Jesus” e em 1611 por meio da criação ibérica da instituição da “Junta das Missões” que a contragosto dos jesuítas restaurou a legalidade de fazer “...cativeiros, legitimando as guerras justas e resgates como foram feitos, autorizar descimentos de índios realizados por conta própria, pelas ordens religiosas ou pelos colonos” e é por isso que Sergipe não seria hoje de maioria católica se os seus dominadores também não o fossem e fizessem uso da violência para tal, a exemplo

de Cristovão de Barros e seus milhares de homens armados, patrocinados por Garcia D'Ávila e a Coroa luso-espanhola católica em suas “guerras justas” não escravizassem e exterminassem indígenas rebeldes liderados pelos caciques Serigy, Surubi e Aperipê em prol da efetivação da colonização sergipana no século XVI<sup>100</sup>.

No século XIX existiam pessoas de diferentes crenças que apoiavam ou eram contrárias a supremacia branca e a escravatura; e este tema foi motivo de divisões nas igrejas protestantes dos EUA, especialmente entre o Sul e o Norte, tal questão descambou também na Guerra de Secessão (1861-1865), deixando marcas culturais duradouras naquela sociedade. Foi aproximado ou exatamente neste intermédio que muitos missionários estadunidenses vieram para o Brasil em missão. No caso dos protestantes, um notório escravagista influente, foi o pastor presbiteriano da Igreja Presbiteriana do Sul (PCUS), o confederado Robert Lewis Dabney (1820-1898); embora não pisasse em terras brasileiras, o seu discípulo esteve no Brasil, George Morton, que ironicamente foi discipulador do maior protestante antiescravista do Brasil, o Rev. Carlos Eduardo Pereira<sup>101</sup>.

O que quero dizer com isso é que existiam protestantes que apoiaram e que não apoiaram o racismo e a escravização, assim como ocorreram no âmbito dos partidos do período monárquico brasileiro, entre os liberais e conservadores (apesar de na prática a causa abolicionista ter encontrado guarida em gabinetes conservadores). Os evangélicos, sejam eles brancos ou negros, homens e mulheres, historicamente enquanto alguns se conformaram e até buscaram palavras a favor da escravidão, outros encontravam palavras de liberdade com base na Bíblia. Nos EUA pessoas como Charles G. Finney, Harriet Beecher Stowe, Theodore Weld, Harriet Tumbman. Na Inglaterra George Whitfield, William Wilberforce, John Newton, e tantos outros protestantes que militaram a favor da abolição e proibição imediata do comércio de escravos, para isso fazendo uso de boicotes e propaganda em panfletos, tal reivindicação social chegou a Câmara dos Comuns e pela primeira vez na história o Tráfico Negro Ultramarino juntamente com os EUA unidos em 1807 o que mais tarde viria a influenciar o abolicionismo brasileiro em 1859 com a Lei Eusébio de Queirós, dando início a abolição gradual. No mesmo sentido é algo não típico em toda a história do Cristianismo a percepção

---

<sup>100</sup> JUNIOR. José Alves de Souza. **A Companhia de Jesus e a questão da escravização de índios e negros**. Disponível em: <http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/materia03/>. Acesso em: 05/05/2024.

<sup>101</sup> MEDEIROS. Pedro Henrique. **O abolicionismo e a teologia: a heterodoxa dos teólogos protestantes abolicionistas do séc. XIX em debate**. Instagram. 02/02/24. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C229T8Txhlp/?igsh=c3NibTJkN2VqaXRw>. Acesso em: 05/05/2024.

de “paradoxos” no que tange ao que majoritariamente consideramos “bônus” e “ônus” no mundo contemporâneo.

De fato, em países majoritariamente protestantes, a exemplo dos EUA - nação que os protestantes brasileiros tinham como um espécie de utopia social - como afirmara Gilberto Freyre, embora garantissem direitos iguais a todos constitucionalmente desde 1789 na prática era bem diferente, por conta da discriminação e segregação racial, cealeuma conhecida por todos. Ora, e com o Brasil e outros países da América Latina assim também não o era?! Com a diferença de que nos EUA em 1868, depois em 1870 ao menos “em pleno racismo científico” reafirmava o direito do negro ao voto, diferentemente do Brasil onde os “negros, mesmo livres, não eram considerados sequer cidadãos pela sua Carta Magna até a abolição da escravatura em 1889; e depois deste marco político prevaleceu um “racismo velado” que o lusotropicalismo parece desprezar e romantizar.

Gilberto Freyre, cita entre outros o peruano Martinho Porres (1579-1639) como um “exemplo de mestiço que se afirmou na sociedade” hispânica com mais facilidade; ora, o religioso católico veio a ser beatificado em 1837 e canonizado apenas em 1962, o pobre religioso fora rejeitado para ser frade por conta de sua condição étnico-racial e mesmo assim serviu a ordem beneditina em toda sua vida em condição semi-escrava, incrivelmente é este o exemplo que Freyre nos dá de “irmandade cristã” e “mais facilidade de afirmação na sociedade”.

No mesmo século os holandeses calvinistas, em solo brasileiro, fizeram do indígena João Gonçalves, o primeiro pastor das américas e tantos outros indígenas professores; ainda no âmbito dos povos originários, a relação inicial dos puritanos e os indígenas nos EUA foi harmônica, a exemplo do *thanksgiving*, que significa “ação de graças” em 1621 em Plymouth (MA) e que virou tradição por lá, atitude amistosa cuja primeira colheita de milho foi compartilhada entre os indígenas e os colonos; mas logo este clima amistoso se tornou exceção, com o crescimento urbano e agrícola acelerado e embora muito tolerassem os brancos, quando viu suas próprias terras serem ameaçadas e sua sobrevivência comprometida os indígenas foram forçados a defender violentamente seus territórios, e mesmo com tratados de paz e criação de reservas, o ímpeto de superioridade étnico racial sublevou-se sobre quaisquer valor religioso, com os brancos preferindo fortalecer estigmas de ódio aos “selvagens” e sedentos para explorar o território, protagonizando verdadeiro extermínio, assim como ocorreu em países ibéricos, o colonizador independente de quem seja diante dos seus interesses não chega

a pestanejar em subjugar aqueles que julgam ser “inferiores”. Ainda assim, na esfera indígena poderíamos citar além da famosa indígena protestante Pocahontas dos EUA, houveram outros indígenas que abraçaram a fé reformada, vejamos:

Havia mesmo um colégio índio em Harvard, onde os puritanos pretendiam formar elites índias cristianizadas para atuarem próximos aos índios. Os índios deveriam estudar Lógica, Retórica, Grego e Hebraico. É fácil imaginar que o colégio não foi um sucesso enorme entre as populações indígenas. Em 1665, um índio com o complexo nome de Caleb Cheesahahteumuck concluiu seu bacharelado no colégio. Foi o único. Nenhum outro índio conseguiu esta proeza. O colégio tornou-se um fracasso, e, em 1698, foi demolido. Houve outras experiências de conversão e catequese. Nunca houve um processo sistemático e permanente como no mundo da América ibérica. Os esforços do reverendo Eliot, que chegou a traduzir o Novo Testamento para os índios algonquinos, são exceção, não a regra (pág. 61-62).

Poderia também citar protestantes negros proeminentes ao longo dos séculos, de acordo com o que se tem registro, como Lemuel Haynes (1753-1833), primeiro Pastor negro dos EUA; John Marrant (1755-91), primeiro pregador e missionário negro nas Américas; o calvinista nigeriano e marinheiro Olaudah Equiano (-1797), importante abolicionista negro na Inglaterra; o nigeriano Samuel Ajayi Crowther (1809-1891), fora escravizado e posteriormente se tornou o primeiro bispo anglicano da África Ocidental, além de se destacar como um importante linguísta iorubá; no protestantismo pentecostal e os avivamentos interracialis do início do século XX que foram liderados pelo pregador negro William Joseph Seymour nos EUA; tanto os movimentos de Direitos Civis dos EUA quanto Anti-Apartheid na África do Sul respectivamente foram liderados por protestantes, a exemplo do batista Martin Luther King e da metodista Rosa Parks nos EUA; o metodista Nelson Mandela, e do anglicano Desmond Tutu, na África do Sul; e porque não citar também os pioneiros protestantes negros em Estância, tais como Azarias José dos Santos e o Rodrigo Silva Santana.

O que todos estes citados tinham em comum? Todos negros e protestantes; e obviamente o que tinham em comum com os católicos negros e indígenas proeminentes da Hispano-América? Que em nenhum lugar colonizado por europeus sejam eles católicos ou protestantes foi “mais fácil” para os negros ou mestiços se afirmarem na sociedade, a violência foi um imperativo em todos os lados, não necessariamente por motivos religiosos cristãos a priori, já que o mesmo existia perfeitamente antes dos tempos modernos, mas por conta do

próprio racismo pseudocientífico proveniente a partir da metade do século XVIII e XIX encrustado no Cristianismo Europeu como um todo, que encontrou seu germe no eurocentrismo, advindo a legislação de “pureza de sangue” que estava atrelada aspectos físicos, de trabalho, de religião. Não poderíamos esquecer o comércio transatlântico de escravos inaugurado por Portugal em meados do séc. XV, onde milhares de negros africanos foram escravizados durante séculos sendo trazidos para as Américas e sua subsequente marginalização e subalternização associada a cor da pele.

De acordo com uma pesquisa realizada entre 9 de novembro de 2019 e 2 de junho de 2020, a *Pew Research Center* descobriu que 78% dos adultos negros americanos têm uma afiliação religiosa, em comparação com 72% dos adultos americanos em geral, e cerca de 75% destes negros americanos se identificam como cristãos (66% cristãos protestantes, 6% cristãos católicos e 3% outros cristãos) em comparação com 66% da população adulta geral dos EUA<sup>102</sup>. Na África do Sul, apesar do famigerado Apartheid, fenômeno de segregação racial o qual foi abundantemente o envolvimento de protestantes, e a integração interracial das igrejas protestantes ter sido dada lentamente, 84% da população cristã é protestante, sendo a grande maioria de pessoas negras, já que mais de 80% daquela população é negra de acordo com dados de 2010<sup>103</sup>. A maioria dos estancianos em meados do século XIX são negros ou pardos, da mesma forma em Sergipe (OLIVEIRA, 2021, p. 232), e a maioria dos evangélicos neste mesmo estado certamente o foram e o são, hoje possuímos dados mais concretos, sendo a face típica do evangélico feminina, negra e jovem: 58% são mulheres, 59% são pretos ou pardos e mais de 60% têm entre 14 e 44 anos. Os dados são de uma pesquisa Datafolha de 2020, a mais ampla feita até agora sobre o perfil dos evangélicos brasileiros<sup>104</sup>, sendo os evangélicos em Estância possivelmente perto dos 30%, baseado nesta mesma estimativa feita pela Datafolha, também estando próximo aos padrões de cor e sexo a nível nacional.

Contra o “adocicamento freyriano”, não podemos esquecer que foram os portugueses os primeiros a subjugar militarmente em solo africano com colaboração de nativos, capturando

---

<sup>102</sup> PEW RESEARCH CENTER. **Faith among black americans.** 2021. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/religion/2021/02/16/faith-among-black-americans/>. Acesso em: 05/05/2024.

<sup>103</sup> DEPARTAMENTO DE ESTADO DOS EUA. **2022 Report on international Religious Freedom: South Africa.** 2022. Disponível em: <https://www.state.gov/reports/2022-report-on-international-religious-freedom/south-africa/>. Acesso em: 05/05/2024.

<sup>104</sup> MAGENTA. Mateus. **O que é ser evangélico?** BBC News Brasil. 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-62551290.amp>. Acesso: 05/05/2024.

milhares e iniciando o comércio transatlântico de escravos, sob a aprovação do Papa Nicolau V em suas bulas papais em fins do séc. XIV; em sua colônia nos trópicos perdurava o Estatuto de Sangue uma das diversas leis “racistas” que aqui existiam, em *Famíliares do Santo Ofício: cores, limpeza de sangue e hierarquias sociais (Bahia, 1680-1750)* de Daniela Pereira Bonfim destaca no XXVIII Simpósio Nacional de História (ANPUH):

Ao analisar os significados da liberdade na região Sudeste no século XIX, a autora buscou demonstrar que “a noção de cor, herdada do período colonial, não designava, preferencialmente, matizes de pigmentação ou níveis diferentes de mestiçagem, mas buscava definir lugares sociais, nos quais etnia e condição estavam indissociavelmente ligados” (MATTOS, 1995: 109). Ainda que tratando de outro contexto social, a partir das proposições da autora, podemos compreender como desde o Antigo Regime notadamente entre os séculos XVII e XVIII, a noção de “raça”, apesar de variável e sem rigidez em sua definição, passava a aliar referências religiosas, sociais e físicas<sup>105</sup>.

Para que não fiquemos apenas na Bahia, peguemos um exemplo sergipano, na obra *A Inquisição em Sergipe*, do Prof. Dr. Luiz R. de B. Mott<sup>106</sup>, nos descreve que Domingos Dias Coelho, membro de uma das famílias mais proeminentes em Sergipe - de lavradores escravocratas, tendo como descendência o Barão da Estância e o Barão de Itaporanga - o mesmo pediu requerimento em 1748 para se fazer Familiar do Santo Ofício, porém se passou 16 anos – bastante tempo - até que em 1764 finalmente viria a ser nomeado Juiz de Paz, o primeiro e único sergipano nato a merecer tamanha honraria. Seus avós e pais se casaram na então capela de N. Sra. De Guadalupe em Estância, que já se destacava por sua melhor estrutura em comparação a Vila Real de Santa Luzia a quem ainda pertencia como povoado e a capela a sua freguesia; e nesta mesma capela fora batizado e recebido o nome de seu pai (Domingos Dias Coelho); seu irmão, Antônio Dias Coelho viria a seguir carreira eclesiástica.

O próprio Domingos Dias Coelho não ficou de fora do escrutínio e diligência dos investigadores dos seus antepassados. Em 1730 foi celebrado o seu matrimônio em uma propriedade do avô da noiva, já ostentando a patente de Alfeire com a agora sua esposa Rosa

---

<sup>105</sup> BONFIM, Daniela Pereira. **Famíliares do Santo Ofício: cores, limpeza de sangue e hierarquias sociais (Bahia, 1680-1750)**. XXVIII Simpósio Nacional de História (ANPUH). 2013 Disponível em: [http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364680657\\_ARQUIVO\\_TextocompletoAnpuh2013.pdf.2012](http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364680657_ARQUIVO_TextocompletoAnpuh2013.pdf.2012). Acesso em: 14/12/2024.

<sup>106</sup> (MOTT, 2013. Pág. 93-99)

Benta de Araújo. Foi posto em dúvida a procedência da “pureza de sangue” ancestral da noiva, o avô dela de nome Luiz da Silva, natural de Patatuba era descendente de um homem da Índia, por esta razão sendo acusada de ser “canarim” ou “cigana”, além da acusação de ter ascendência “caramuru” – algo considerado menos grave - gerando uma grande contenda na sociedade, pois poderia prejudicar a desejada patente de seu marido de Oficial da Inquisição, Dias Coelho a esta altura já era Coronel e proprietário de engenhos. Se para alguém pertencente a elite sergipana houve todo este imbróglio racista, imagine para quem era de origem mais humilde, afinal de contas:

Nesta sociedade, o ser branco puro, cristão-velho, implicava em regalias e privilégios...Assim, acusar alguém e provar que tinha sangue “canarim” poderia prejudicar irremediavelmente um concorrente numa disputa por um posto público ou enobrecido emprego (MOTT, 2013, pág. 97).

Portanto está evidente que mesmo nos Estatutos de Sangue o uso de critérios de discriminação institucionalizadas estavam aliados a “referências religiosas, sociais e físicas” e não apenas religiosas. Estes estigmas perduravam mesmo após sua abolição oficial conforme o Prof. Dr. Aldair Carlos Rodrigues no artigo *Honra e Estatutos da limpeza de sangue no Brasil colonial* descreve:

Somente no quadro mais amplo das reformas levadas a cabo pelo Marquês de Pombal é que a distinção entre cristãos-velhos e cristãos-novos foi abolida, em 1773. Porém, a prática discriminatória estava tão enraizada na sociedade que as famílias ainda continuavam lutando para habilitar seus filhos no tribunal do Santo Ofício mesmo após esta medida oficial...Portanto, a configuração dos poderes no âmbito colonial acabava tempo reflexo na decisão final tomada pelo tribunal do Santo Ofício sediado na Metrópole, o qual finalmente decidiria sobre a “pureza” ou “impureza” do sangue dos candidatos aos títulos inquisitoriais por tudo isso, a Inquisição perpetuava o preconceito e a discriminação contra os cristãos-novos nas múltiplas dimensões da vida colonial<sup>107</sup>.

---

<sup>107</sup> RODRIGUES, Aldair Carlos. **Honra e Estatutos da limpeza de sangue no Brasil colonial**. Revista do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall. UFRGS. Vol. 04, nº 01, 2012. Pág. 75--85. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/webmosaica/article/view/31841/19897>. Acesso em: 14/12/2024.

Não podemos esquecer do século XIX os negros para serem inseridos na alta sociedade buscavam se “embranquecer”, em seu vestir, falar, trejeitos, etc; algo que inclusive em séculos passados era proibido por lei um negro sequer andar semelhante a um branco. No séc. XIX e início do XX estava em voga as teorias racistas e eugênicas que pretendiam com base na ciência dividir o mundo em “raças” no qual a branca europeia seria a superior<sup>108</sup>, ideias estas amplamente apoiadas pela classe dominante e intelectuais deste país, especialmente apoiando o chamado “spencerianismo”, onde se cultivava uma ideia de transição pacífica através da miscigenação para um maior embranquecimento da sociedade.

A profa. Dra. Regina de C. R. da Costa em *Ambivalências brasileiras em face do domínio holandês nas capitanias do Norte (1630-1654)* demonstrou claramente algo que por um bom tempo fora comum silenciar, mas que já é observado desde Gilberto Freyre, que são justamente as relações horizontais dos negros e grupos indígenas entre grupos como os holandeses, portugueses, senhores de engenhos, e outros. Estes não são seres monolíticos, cristalizados, ou dicotômicos conforme algumas ideologias pregam sacrificando a complexidade da realidade, certamente possuíam poder de ação, preferência e barganha. Ela diz que:

É quase unânime, neste sentido, dentre os autores pesquisados, a insistência no trato humano que os neerlandeses dariam aos escravos. Boxer expõe que os portugueses admitiam que os holandeses tratavam os negros “com mais brandura e compreensão do que eles”, referindo-se a Angola. No tempo de Nassau especialmente, seria a atitude dos holandeses “mais humana, mais sensível e mais profícua”. Nestes termos, Mello endossa: “[...] os holandeses, em geral, trataram os escravos com humanidade<sup>109</sup>.”

Podemos pegar mais exemplo neste sentido de “relações históricas horizontais”, só que desta vez em fontes primárias em *Aliados essenciais. Relações indígenas-neerlandesas durante as guerras do açúcar no Brasil (1630-1654)* da historiadora Julia Samahra Santos de Oliveira que destaca no XIV Encontro Estadual de História em Pernambuco (2022), a do indígena de etnia paraupaba e protestante aliado aos neerlandeses de nome Pedro Poti respondendo ao seu primo indígena católico Filipe de Camarão, aliado dos portugueses:

---

<sup>108</sup> ALBUQUERQUE, Samuel Barros de Medeiros. **Felisbello, Thetis, Ibarê**: contribuições aos estudos de história da historiografia. – São Cristovão, SE: Editora UFS, 2021. Pág 41-45.

<sup>109</sup> COSTA. Regina de C. R. da. **Ambivalências brasileiras em face do domínio holandês nas capitanias do Norte (1630-1654)**. Doutorado. Niterói: Universidade Federal Fluminense. 2018. 480 p.

Eu me envergonho da nossa família e nação ao me ver ser induzido por tantas cartas vossas a traição e deslealdade, isto é, a abandonar os meus legítimos chefes, de quem tenho recebido tantos benefícios [...] Ficai sabendo que serei um soldado fiel aos meus chefes até morrer. Estou bem aqui e nada me falta; vivemos mais livremente do que qualquer de vós, que vos mantendes sob uma nação que nunca tratou de outra cousa senão de nos escravizar. [...] Não acrediteis que sejamos cegos e que não possamos reconhecer as vantagens que gozamos com os Holandeses (entre os quais fui educado) [...] Mantenhamo-nos com os estrangeiros, que nos reconhecem e tratam bem na nossa terra. [destaques da autoria do autor] (MAIOR, 1912, p.153-154)<sup>110</sup>.

Além disto quero mostrar que a ideia de que na Hispano-América em comparação com os países nórdicos e América do Norte era mais maleável com relação a escravização e o racismo levantadas por Freyre e seu lusotropicalismo é muitíssimo questionável. Nos ajuda a refletir até que ponto a teoria e valores franciscanos e cristãos se deu na realidade concreta. Pude levar esta questão a Pedro França Gaião, competente autodidata em história protestante, o qual me indicou a leitura do seu artigo de título *O Império Português, o Brasil e o racismo: uma antítese dos erros protestantes?*, e a partir dele pude me aprofundar mais neste assunto e conhecer a seguinte citação, bem como forneceu outros *insights*; em *O Império Marítimo português* do historiador inglês Charles Boxer, contemporâneo de Gilberto Freyre se mostrou explicitamente contrário a ele:

O Império Português, rígido, ortodoxo, decadente, a apodrecer como uma antiga ruína no calor tropical, subsistiu pela inércia. Na turbulência dos tempos modernos, encontrou apologistas que pensaram ter descoberto nele características mais liberais do que as dos outros grandes impérios mais florescentes. O Império podia estar moribundo, decadente e corrupto, mas, pelo menos, não alimentava preconceitos raciais. Os historiadores citavam orgulhosamente a mistura de raças no Brasil, os seminaristas de cor em Goa e a felicidade doméstica dos oficiais portugueses dando livre curso a sua lascívia em zonas do interior de Moçambique e Angola. E o grande historiador brasileiro Gilberto Freyre ajudou a consolidar esta lenda no seu belo livro acerca da escravatura no Brasil; mas o Professor Boxer mostra quão falsa é esta crença. A documentação que utiliza é imensa e conclusiva. Os

---

<sup>110</sup> OLIVEIRA, Julia Samahra Santos de. **Aliados essenciais. Relações indígenas-neerlandesas durante as guerras do açúcar no Brasil (1630-1654)**. Artigo. XIV Encontro Estadual de História em Pernambuco (2022). Disponível em: [https://www.encontro2022.pe.anpuh.org/resources/anais/21/anpuh-pe-eh2022/1658700507\\_ARQUIVO\\_7483dec1a16c415fececc77685b9c958.pdf](https://www.encontro2022.pe.anpuh.org/resources/anais/21/anpuh-pe-eh2022/1658700507_ARQUIVO_7483dec1a16c415fececc77685b9c958.pdf)

Portugueses eram extremamente racistas em África, em Goa e no Brasil. [...]. Isto é um facto, não uma condenação moral: a atitude do resto da Europa, da África, da Ásia, dos povos fixados na América, diferia muito pouco a este respeito. [...] A grande e única diferença entre a Europa, de que Portugal foi o precursor, e o mundo por ela escravizado, era a intensa certeza e exclusividade das convicções religiosas – catolicismo ou protestantismo. Nalguns homens, como, por exemplo, em São Francisco Xavier, a cobiça pelas almas era tão ávida como a cobiça pelo ouro e especiarias em Vasco da Gama; assim, matar os que não se queriam converter, castigar os pagãos, estava igualmente correto: as outras raças eram inferiores, a escravidão era, para elas, uma medida justa<sup>111</sup>.

Vale a pena reforçar certamente esta moda adocicada inexistiu, foi preponderante a violência em diversos aspectos, especialmente nos requintes de crueldade muito bem conhecidos por Freyre quando por exemplo as senhoras de engenho por ciúmes das mucamas “mandavam-lhes cortar os peitos, arrancar as unhas, queimar as caras ou as orelhas” (FREYRE, 2006, pág. 421). Quando o indivíduo está acomodado e imerso ao cabresto do opressor, parece que as suas agressões doem menos ou ficam dormentes, tendo a religião como catalizadora, sendo certamente instrumento da violência colonizadora, sejam elas capitaneadas por países confessionalmente protestantes ou católicos, no caso do Brasil, e que a discriminação foi preponderante em ambas, e não houve facilidades para o mestiço em nenhum dos casos via de regra, especialmente por conta das teorias racistas surgidas a partir da metade do século XVIII, o que não significa que devemos desprezar os fatos históricos concernentes as relações horizontais. A nossa formação social fora racista e esta estética perdura até hoje, especialmente em nosso subconsciente e tratos provincianos. Não podemos deixar de perceber que na historiografia este debate, que aparentemente pode soar infantil e até infértil, esteve presente e foi objeto de narrativas apologéticas que tentavam atrelar o racismo a religião como sua causa principal com objetivo de desqualificar falaciosamente a corrente teológica adversária; com a notoriedade do protestantismo em Estância, não foi diferente este tipo de ofensiva, infelizmente esta forma de *odium falacium* até hoje perdura e de vez em quando é ressuscitada, sobretudo no submundo da Internet repleto de pseudohistoriadores.

---

<sup>111</sup> GAIÃO. Pedro França. **O Império Português e o racismo: Uma antítese dos erros protestantes?** Artigo. Flancos de ferro. 2020. Disponível em: <https://flancosdeferro.blogspot.com/2020/06/o-imperio-portugues-brasil-e-o-racismo.html?m=1>.

Devido a estes desencontros culturais repletos de problematizações os protestantes em Estância por meio da educação procuravam transmitir uma cultura que julgavam ser ideal, caso o indivíduo não se convertesse, ao menos inculcaria valores que os iria beneficiar a si próprios, sobretudo no tocante da tolerância religiosa. Portanto a cultura pedagógica em *lato sensu* não se restringe ao conteúdo apresentado pelo ensino técnico e os currículos escolares; possuindo para além da instituição Escola, a Igreja e a Família como instituições que fornecem valores e códigos ético-morais que transmitem o que é consensualmente considerado aceitável. Certamente a Teologia nos traz implicações éticas fornecendo critérios para avaliação moral das ações humanas. De acordo com o Prof. Dr. Lyndon de Araújo Santos:

Os protestantes tinham um projeto para civilizar a nação brasileira a partir de um ideal de homem e mulher que fosse o mesmo em qualquer lugar do mundo. Para tanto, os discursos de civilização, higiene, abstenção de vícios, saúde, códigos de postura, trabalho, produção e intelectualidade, estavam em sintonia com o discurso das políticas higienistas e médicas, dos códigos de posturas municipais das reformas urbanas visando a limpeza pública<sup>112</sup>.

Conforme o Prof. Dr. Arival Dias Casimiro em *O discurso presbiteriano: a teologia de Princeton e sua influência nos pastores nordestinos*<sup>113</sup> demonstra que a “Teologia de Princeton”, polo intelectual que formou muitos pastores “bandeirantes da fé evangélica” em Sergipe, trouxeram um protestantismo de natureza “conservadora, dogmática, apologética e confessional”, contribuindo para que o protestantismo no Brasil se tornasse “uma cultura à parte, dentro da cultura brasileira”, uma “subcultura”, cujo os crentes após uma experiência de conversão, eram lapidados em uma ética de abstinência, inclusive o combate ao alcoolismo, cigarros e jogos de azar é muito frequente nos jornais protestantes antigos, bem como na “confissão e defesa de certas doutrinas”. Com o protestantismo em Estância não foi diferente.

A conduta moral ideal do protestante é dentre outras coisas já supracitadas, de um indivíduo “sem superstições”, isto é o que se mostra latente em seus jornais oficiais que eram distribuídos em Estância, em suas instruções de como as pessoas cristãs devem ser, se comportar, no vestir e falar. Penso ser este o motivo de muitas dificuldades e pontos conflitantes

---

<sup>112</sup> SANTOS, Lyndon de Araújo. **As outras faces do sagrado**: protestantismo e cultura na Primeira República Brasileira. 2004. 339 f. Doutorado – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2004.

<sup>113</sup> CASIMIRO, Arival Dias. **O discurso presbiteriano**: a teologia de Princeton e sua influência nos pastores nordestinos. Revista de Administração Mackenzie. 180 p. Artigo. 2003. Disponível em: <https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cr/article/view/2356/2181>

com a diversidade da cultura popular sergipana, aí inclusa a estanciana, a exemplo na edição 595 de 1911 do jornal “O Puritano (RJ) – 1899 a 1953”, o Pastor presbiteriano Rodolpho Fernandes em Aracaju, coloca no colo dos padres brasileiros, ao longo de 411 anos de doutrinação católica o produto de uma “civilização analfabeta e supersticiosa”, isto em resposta ao deputado estadual Costa Filho em sua publicação no “Jornal de Sergipe” em 19 de Abril. O Rev. Rodolpho Fernandes, pastor da Igreja Presbiteriana de Aracaju responde:

Conheço muitas pessoas religiosamente educadas e civilizadas pelos princípios do Romanismo, que crêm firmemente em almas do outro mundo, em lobis-homens, em mula sem cabeça; que crêm que faz mal deitar cisco da casa pela porta da rua, isto é, com a vassoura; que não bocejar sem fazer cruzeiros na bocca; que não podem ver no chão dois objetos formando uma cruz; que crêm em rezas contra dores de dente, dores de cabeça, etc; que crêm em feiticeiros, em olhados e cousas três. Isto é civilização ou ignorância?

É sabido que a colonização portuguesa assimilou as influências dos mouros africanos já desde a Europa por conta dos 700 anos de dominação dos mouros na Península Ibérica, e nos trópicos com as culturas ameríndias, adquiriu profundamente costumes tidos pelos protestantes como “supersticiosos” e incompatíveis com “A Palavra de Deus”, os classificando também como “magia” e “ocultismo”, vindo no costume agora então genericamente chamado de “brasileiro”, e claro nos costumes populares do estanciano, o qual aí está incluso, metaforicamente falando, costumes da própria cidade bíblica da Babilônia, simbolizando um povo em constante rebelião contra Deus; a crença ou a prática deste tipo de coisa era e ainda certamente é falível de disciplina eclesiástica, senão excomunhão nas igrejas protestantes. O autor Gilberto Freyre em *Casa Grande & Senzala*, nos ajuda a compreender este aspecto da formação social do Brasil que tanto se chocou culturalmente com as tradições protestantes de matriz americana e européia:

O brasileiro é por excelência o povo da crença no sobrenatural: em tudo o que nos rodeia sentimos o toque de influências estranhas; de vez em quando os jornais revelam casos de aparições, mal-assombrados, encantamentos. Daí o sucesso em nosso meio do alto e do baixo espiritismo (1933, pág. 212).

O próprio Pastor em 1919 na reunião do Presbitério de Bahia e Sergipe tratou das danças<sup>114</sup> classificando como “costumes mundanos”; o que se choca com as danças e atividades

---

<sup>114</sup> No início, os puritanos nos EUA toleravam “o uso moderado do vinho e da dança”, depois veio a ser suprimida por completo (MENDONÇA, 2002, p. 95).

corporais que buscam expressar a mais profunda emoção por acompanhar os embalos juninos, parte indissociável da cultura estanciana a exemplo do Samba de Coco, Batucada, Quadrilha Junina, e os já extintos em Estância: Zabumba, Reisado e Pastoril. Certamente os incomodava os festejos tradicionais sobretudo do Carnaval, tida como uma “festa da carne” ou “festa dos doidos” e o São João, uma “festa idólatra e pagã” em comemoração aos santos católicos, bem como imagino ser difícil censurar estes costumes durante o processo de catequese dos novos convertidos, permanecendo como um obstáculo a integralização dessas pessoas no seio da Igreja Protestante. Na época das invasões holandesas também foi sentido grande dificuldade na peleja por novas conversões, sendo a cultura “brasileira” um obstáculo, em *O Brasil holandês* o historiador Evaldo Cabral de Mello aponta:

Aliás, as autoridades civis neerlandesas em breve se deram conta da resistência luso-brasileira ao proselitismo da Igreja reformada. Como toda maioria dominada luso-brasileiros reagiram culturalmente, apegando-se as crenças ancestrais inviabilizando quaisquer veleidades de atraí-los para o calvinismo<sup>115</sup>.

Na grande maioria das vezes na literatura evangélica do início do século passado trata a “dança” ou o “bailar” como atrelado a sensualidade e sempre acompanhada de “maus costumes”, imoralidades, atos pecaminosos, pagãos e até como não saudável a alma e ao corpo; citando diversos autores tais como Agostinho de Hipona, Lyman B. Sperry, Vitor Hugo e outros. Em prol de uma maior racionalidade das energias e recursos os verdadeiros cristãos, segundo os protestantes da época, deveriam se abster de tais práticas. No ano de 1905 por tradução de um jornal estrangeiro na edição 282 chega a listar 30 motivos para “o verdadeiro cristão” não dançar.

Como diria o historiador francês Fernand Braudel citado por Burke (2006, pág. 101) “diferentes tipos de mudanças acontecem a diferentes velocidades”, gradualmente, na medida em que o protestantismo vai se “abrasileirando” e o mundo vai sendo influenciado por ideias em termos de “usos e costumes” mais liberais sobretudo a partir da década de 1960, apesar das ondas de ultraconservadorismo pós II Guerra Mundial, o protestantismo internacional em grande maioria vai se tornando menos intransigente, e no Brasil vai demonstrando fortes traços de aculturação, a exemplo da composição melódicas de suas próprias músicas e traduções de hinos estrangeiros, estilos e instrumentos musicais, mais flexíveis nos usos e costumes o que

---

<sup>115</sup> MELLO. Evaldo Cabral de. **O Brasil holandês**. 2010. Editora: Penguin-Companhia. 512 p. Pág. 125.

inclui as vestimentas, contribuindo para que o brasileiro tenha mais facilidade de se identificar; é claro que a rapidez com que estas novas tendências chegam variam de lugar para lugar e de denominação para denominação e da própria liderança local, nos interiores, como em Estância, tais novidades chegaram de forma ainda mais tardia, sendo possível conferir uma maior homogeneidade a partir da década de 1990 e 2000.

A exemplo da aceitação do gênero musical nordestino o “forró” e o “sertanejo” que vai se tornando amplamente utilizado em músicas evangélicas no dia a dia e até mesmo na liturgia, neste último caso sendo mais possível encontrar ligado aos pentecostais, mesmo que de forma inconsciente, apesar de que em termos de “usos e costumes” as igrejas reformadas no Brasil foram mais cedo transigentes que as pentecostais, a ponto de classificar a exigência de certos tipos de moda como “santa” e “necessárias para a salvação” como característica de seita, oficialmente as nomeando de “legalismo”. Os extremos desta disposições estão por um lado os adeptos da Teologia Liberal, e por outro estão os Fundamentalistas, em Estância predominam os de tendência conservadora e fundamentalista<sup>116</sup>, assim como em nível nacional. Outros gêneros musicais como o *Rock* – que historicamente tem origens profundas no gospel americano – , *Rap*, *Funk*, *Samba*, *Reggae* e *Pagode* tiveram maior aceitação ao público evangélico. Embora a dança não faça parte da liturgia oficial de muitas igrejas tradicionais, sejam elas pentecostais ou reformadas, o ato de dançar em si não é mais demonizado pois é feito uma releitura levando em consideração o lugar, a cultura, a não escandalização dos irmãos (1 Coríntios 8:9-13), consolidando um aspecto cultural próprio a qual os evangélicos brasileiros

---

<sup>116</sup> O conservadorismo protestante e o fundamentalismo são distintos. Embora ambos tenham surgido na modernidade entre o séc. XIX e XX como reação ao modernismo e liberalismo teológico vistos como ameaças a “Civilização Cristã Ocidental”. O que seria uma Teologia Liberal e modernismo teológico? Ambos estão interligados, surgem na passagem do século XIX para o XX, trata-se da aceitação de uma filosofia naturalista evolucionista, rejeição da autoria mosaica do Pentateuco e historicidade do Jardim do Éden, abertura do Mar Vermelho e outros; possui grande influência do teólogo e historiador liberal Adolf Von Harnack.

O Conservadorismo Protestante não está apenas relacionado a negação dos postulados destas duas ameaças mas também a uma hermenêutica e cosmovisão que busca reafirmar a inerrância da Bíblia. A Escritura assume então lugar exclusivo e infalível do conhecimento de Deus, parâmetro direto e indireto para todos os conhecimentos. Me refiro ao conservadorismo teológico, não filosófico, político e social, embora por vezes estes se confluem.

O Fundamentalismo surge no início do século XX, assim como o Conservadorismo Protestante buscava estabelecer os fundamentos de sua fé; com o passar do tempo se tornou uma corrente extremista da primeira naquilo que considera “fundamental” para além do dogma, mas também na moral e costumes, é presente em vários tipos de igrejas e religiões. É ideológico, intolerante, anti-intelectual e literalista bíblico. Sendo tais fundamentos válidos universalmente em todo tempo e lugar. Não aceitam quaisquer forma extra-bíblica de interpretação, exceto quando convém. Na prática conflui-se a uma espécie de racismo confessional e fanatismo, geralmente nutrem antipatia política a mudanças estruturais, todo aquele que discordar de um detalhe do que pensam deixam de ser considerados cristãos. Um exemplo prático é o islamismo político xiita presente no Irã (PRÓCORO, 2002, pág. 111-130)

podem se identificar entre sí, cuja finalidade é tornar para sí uma cultura mais santa, redimida e afável aos olhos de Deus.

Os evangélicos consolidaram uma tradição de se verem como peregrinos na terra cuja pátria não é aqui, sendo apenas uma passagem, por esta razão, em tempos de Carnaval e São João, se refugiam do centro da cidade de Estância para o interior em “retiros de santidade”<sup>117</sup>, tendo como principal destino zonas rurais, um evidente sintoma das variedades de reações (BURKE, 2006, pág 77) oriundas das adaptações culturais cujo sintomas são vários, inclusive a tentativa de purificação cultural podendo gerar “segregação cultural”; pois para além de um possível enriquecimento cultural os hibridismos culturais podem causar tensões. Um exemplo de “segregação cultural” voluntária são estes chamados “retiros espirituais”, que são a busca por maior santidade e intercessão onde os crentes resistem as tentações carnavais demonstrando, poeticamente falando, a preferência por um fogo espiritual em detrimento dos atraentes fogos pirotécnicos e fogueiras de São João tão tradicionais em Estância. Neste sentido fortalecem o senso de comunidade entre si onde ocorre principalmente cultos e orações, mas também brincadeiras; além disto todo dia para o protestante é santo, porém no fim de semana é uma verdadeira festa para os evangélicos, me refiro ao “Dia do Senhor” que para a grande maioria da Cristandade é o dia de Domingo, onde se comemora a vitória de Cristo; veem ainda com grande entusiasmo a Páscoa, Ascensão, Pentecostes e sobretudo o Natal; costumam possuir seus próprios calendários festivos.

---

<sup>117</sup> Também conhecidos como “acampamentos” (em inglês *camp meetings*), este costume surge em torno de 1799, as margens do *Red River*; no Estado de Kentucky nos EUA, liderados por um pastor presbiteriano e outro metodista, eram acampamentos de caráter avivalistas, tinham propósito de aprofundamento espiritual e intelectual (MENDONÇA, 2002, p. 84-85). No jornal “O Cristão” de 14 de Julho de 1920, número 23, Elvira G. Santos nos contou que os 47 evangélicos de Estância sob a liderança do Rev. Antonio dos Santos no dia de São Pedro para os católicos em Estância, foram acampar na “Fazenda Paraíso” do Sr. Raymundo Fontes onde a sombra de uma jaqueira comeram feijoada, cantaram hinos e pregaram o Evangelho.

## 5. O PROF. AZARIAS JOSÉ DOS SANTOS (1882-1958) E A EDUCAÇÃO PROTESTANTE EM ESTÂNCIA

Nasce a curiosidade de interpretar o aclamado professor após o atual Pastor da IPE, Manuel Augusto ter me informado que Azarias era presbiteriano enquanto estávamos na congregação presbiteriana do Povoado Saguim, no município sul sergipano de Indiaroba, na data de 12 de Fevereiro de 2022 em um evento da União da Mocidade Presbiteriana (UMP). Então tratei de investigar.

Antes disso já o conhecia de uma postagem da página do Instagram *Memórias de Estância* que replicava um texto do escritor Carlos Modesto de título “Os grandes nomes da Estância: Prof. Azarias José dos Santos” do jornal “Sul de Sergipe” em 1995<sup>118</sup>. Esta é a informação mais completa da biografia do Azarias, todavia não a mais antiga, e sim a do seu necrológio do jornal *A Estância*, edição 2230, de título "Prof. Azarias Santos" em 14 de Dezembro de 1958; o qual certamente Carlos Modesto o consultou, vejamos:

Domingo último a cidade despertou sacudida por um Domingo profundamente triste, que foi de ter falecido repentinamente, à noite anterior, o conhecido educador Azarias José dos Santos, de há muito radicado em o nosso meio crucial, onde gozava de merecido conceito. O Prof. Azarias, desde sua chegada à nossa terra, vivia do nobre mestre de ensinar a mocidade, o que fazia de modo altamente proveitoso para os seus alunos e carregando sempre para sua escola o melhor conceito.

Cidadão de bem e educador proficiente, o pranteado morto teve a prova do quanto era estimado dos estancianos no seu enterramento, onde o comparecimento de homens, mulheres e crianças foi extraordinário. A Escola Técnica de Comércio formou nos funerais, dando o último adeus ao velho professor desaparecido. “A Estancia”, lamentando o passar do estimado mestre, endereça a expressão do seu pesar a sua desolada viúva D, Belmira Santos e demais parentes<sup>119</sup>.

---

<sup>118</sup> [Memórias de Estância]. **Um baluarte do magistério em Estância: a trajetória de Azarias José dos Santos (1859-1958)**. Postagem. Facebook. Acesso em: 13 de Ago. de 2021. Disponível em: <https://www.facebook.com/share/p/GJydmnYGJB66oi1U/?mibextid=oFDknk>

<sup>119</sup> *A Estancia*, ed. 2230. 14/12/1958. Jornal. Jornais de Sergipe – UFS. Acesso em 13 de Ago. de 2024. Disponível em: <https://jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/4>.

O outro texto em uma coluna próxima a descrita acima se chamava "Morreu o Prof. Azarias!" (figura 1), de autoria de "LAUSAN", que se manifestava como alguém próximo a ele, o texto se preocupa em trazer detalhes, se inicia engrandecendo seu ofício e utilidade pública por meio do "Educandário Esperança", bem como traça sua personalidade, o classificando como "pessoa boníssima" e que desejava a Estância sempre progredir, cujos jovens lá formados e já crescidos ostentavam diplomas em Estância afora de "médicos, bacharéis, engenheiros, professores, além de outros que desempenham suas atividades nas Forças Armadas, nos bancos, nos comércios etc".

## Apelo de "A Estancia" aos seus prestados Assinantes

Avizamos aos nossos prestados assinantes de reforma de suas assinaturas, referentes ao ano de 1959.

Como vem sempre acontecendo, esperamos que os distintos amigos, mais uma vez, acolham generosamente esta solicitação que lhes vem sendo dirigida desde a nossa fundação.

Pelo que, contamos com tão valioso apoio, para que possamos manter em solução de continuidade a circulação deste órgão sempre vigilante nas detas dos sagrados interesses da nossa terra.

E agora este apelo mais se justifica, tendendo em vista a alta assembleia de papel, agravada pela sua exigente escassez em todas as praças do nosso Estado.

Pelos motivos expostos, somos obrigados a renovar as assinaturas de "A ESTANCIA", assim: anual, Cr\$ 120,00; semestral, Cr\$ 70,00 e mensal, Cr\$ 15,00.

Estamos certos, ainda uma vez, de que continuamos com a assistência dos amigos e leitores do nosso jornal.

A DIREÇÃO

## INSTITUTO "MONTEIRO LOBATO"

Internato para o sexo masculino — Externato para ambos os sexos — Curso primário

Direção do Pastor Hildebrando Tarquinto da Silva

Matricula a começar do dia 2 de fevereiro de 1959 — Início das aulas no dia 12 do mesmo mês.

## A ESTANCIA

Ano XXVIII - Est. 14 de Dezembro de 1958 - N. 2230

### "A Estancia" social

**ANIVERSÁRIOS**

Passam anos.

Amanhã, a gentil senhorinha Maria da Eucaristia Teixeira, e os Srs. Arnaldo Silva e Manuel Soares.

No dia 16: o querido Jefferson Santos, filho do inteligente meço João Leitão dos Santos, colaborador do nosso jornal.

No dia 18: a vivaz senhorinha Dilma Maria, filha do casal Wanderley Dória — D. Silvia Dória, residente em Santa Leoa do Itanhã.

No dia 20: a jovem Mariana, filha do nosso prezoso amigo e conde Antonio Tavares e sua virtuosa esposa D. Iza Tavares, residentes em Propria.

**VISTAS**

**SARGENTO EDSON ALMEIDA** — Em visita a sua família, encontra-se nesta cidade o nosso amigo Edson Xavier de Almeida, Sargento Pararodica, e que há muito reside no Rio de Janeiro.

Ao esforço conterrâneo, como grato pela visita que nos fez, acompanhando do Sr. Agnaldo Cavalho, também nosso patriota, empregado do comércio da Metrópole do País.

### Eleito Prefeito de Acajutiba

Entre os sergipanos que fora das fronteiras do nosso Estado, lograram disputar cargos eletivos, no último 3 de Outubro, alcançando o belfejo da vitória, está o nosso conterrâneo Ulisses Ramos da Silva, eleito Prefeito de Acajutiba, antiga Caljeiro, no vizinho Estado da Bahia, e irmão do nosso amigo José Ramos da Silva, funcionário federal aposentado e aqui residente.

A distinção que o povo desse laborioso município conferiu ao digno sergipano mostra o conceito de que ele tem no seio de terra onde reside.

### Coronel João Neta Bilenconet

Estive ultimamente entre nós, em visita à sua veneranda mãe e demais parentes e amigos, o nosso conterrâneo e amigo Cel. João Neta Bilenconet, grande fazendeiro e proprietário no sul do Estado da Bahia.

A curta estada deste nosso amigo não o impediu de visitar a "A Estancia", como é de seus hábitos, gentileza à qual estamos agradecidos.

**Francisco Pires**  
ADVOGADO

Causas cíveis, comerciais e criminais.

## Morreu o Prof. Azarias!

Foi esta a notícia que correu estare por toda a cidade, na manhã sombria de domingo, 7 de dezembro.

Tudo o povo, consternado, acorreu à residência do venerando mestre-escriva para certificar-se da veracidade da desastrosa ocorrência. De fato, havia desaparecido para todo o sempre o velho e estimado mestre, aquela criatura bondalima que pelo dilatado espaço da tripla época, no seu "educandário Esperança", ministrou o curso primário a milhares jovens conterrâneos, muitos dos quais são hoje portadores de diplomas de médicos, bacharéis, engenheiros, professores, além de outros que desempenham suas atividades nas Forças Armadas, nos bancos, no comércio, etc.

Como é do conhecimento de todos, o Prof. Azarias não era nascido nestas plagas, que o acolheram tão bem, mas tinha tanta dedicação pela Estância, que o seu coração era um relicário de amor à terra, manifestando sempre o desejo de vê-la crescer e progredir. De certa feita idealizou ele a fundação de um Ginásio para a mocidade estanciana, chegando a dar os primeiros passos para sua instalação. Infelizmente, porém, o seu desejo não foi concretizado, pois não contou com a indispensável colaboração dos homens de projeção da cidade, àquela época.

Sempre mantivemos com o Prof. Azarias boas relações de amizade. Palestrávamos muito, escrevamos em divergências constantemente sobre o ponto de vista religioso. Ele, evangélico intransigente, nós católicos por convicção. Entretanto, passada a contenda, que nunca obrigáramos a um anáodo, nenhum ressentimento houve, nada, pelo contrário, mas amizade e nossa estima.

No curso das nossas conversas, sempre manifestava o Prof. Azarias o desejo de morrer inopinadamente, não por temer suas assinaturas, da morte, mas para não dar trabalho aos seus familiares.

Dizia ele que como evangelho, sempre estava preparado para a morte e pela a Deus que lhe chamasse inesperadamente. Nesse particular a Morte de Deus estava o seu desejo.

No sábado, o Professor Azarias apresentava-se ao escritório. Passou durante o dia pela cidade, visitando os amigos. À noite, ainda se conservava bem disposto. Depois de ouvir um programa radiotelevisivo, como de costume, o seu olhar em família e por volta das 23 horas tomou o leito para repousar, não sabendo ele que iria acordar na eternidade.

Foi assim que desapareceu o Prof. Azarias, a Estância, que ele tanto amava, numa demonstração de gratidão compareceu em massa nos funerais do velho e saudoso mestre.

Dorme em paz, Azarias, são estes os votos do seu amigo

LAUSAN

## Prof. Azarias Santos

Domingo último a cidade desprazou-se por uma notícia profundamente triste, que foi a de ter falecido repentinamente, a noite anterior, o conhecido educador Azarias, filho de Santos, de há muito residindo em o nosso meio social, onde gozava de merecido conceito.

O Prof. Azarias, deade e sua chegada à nossa terra, viveu do nobre mister de ensinar a mocidade, o que fez de modo altamente proveitoso para os seus alunos e criando sempre para a sua escola o melhor conceito.

Cidadão de bem e educador proficiente, o prestatado morto teve a prova do quanto era estimado dos estancianos do seu enterramento, onde o comparecimento de homens, mulheres e crianças foi extraordinário.

A Escola Técnica de Comércio formou-se aos funerais, dando o último adeus ao velho professor desaparecido.

A Estância, lamentando o desaparecimento do acadêmico, endereça a expressão do seu pesar a esposa do seu pai D. Belmira Santos e demais parentes.

## Feliz Natal para os Pobres

O mesmo estanciano caridoso e amigo da pobreza da sua terra que o ano passado entregou a esta redação a quantia de Cr\$ 5.000,00 para ser distribuída entre os necessitados daqui, acaba de enviar-nos a importância de Cr\$ 10.000,00 para ser assim distribuída: Cr\$ 2.000,00 para o Orfanato São Vicente; Cr\$ 1.500,00 para o Hospital Amparo de Maria; Cr\$ 1.000,00 para o Asilo São Antônio e Cr\$ 5.000,00 para os pobres.

Assim, na véspera do grande dia em que celebraremos a vinda ao mundo do Menino Jesus, que virá no próximo dia 24, quarta-feira, estar-mos a pôr-nos nesta redação para a distribuição daquele dinheiro.

E que os beneficiados, se manifestarem do seu agradecimento, peçamos a Deus pelo estanciano generoso que obra com tanto carinho pela gente necessitada da nossa terra.

## Cartões de Boas Festas

VENDEM-SE NA VOZ DO POVO.

Figura 1: Imagem do jornal A Estancia, ed. 2230, de 14/12/1958.

Fotografia colhida do acervo particular de Namaris Alcântara.

De fato Azarias foi professor de diversas pessoas expressivas para a sociedade estanciana a exemplo do estanciano Nivaldo Silva Carvalho (1923-1995) que viria a se tornar

empresário, deputado estadual e prefeito de Estância protagonizando importantes eventos culturais e obras como o Forródro Rógério Cardoso e o Ginásio Augusto Franco<sup>120</sup>; a conceituada professora e vereadora do PTB Joaquina de Souza (1915-1985) fundadora do “Educandário São José”<sup>121</sup>, tendo também uma escola em homenagem a seu nome no município; o empresário estanciano Raimundo Juliano (1932-2020), fundador da Distribuidora Antártica Zona Sul e o Lojão Fasouto<sup>122</sup>; o Sr. José Carlos de Oliveira que chegou a iniciar estudos para Ph.D. em Economia no exterior – porém não concluiu - e no Brasil iniciou sua carreira como professor universitário em 1971 na Universidade de Brasília (UnB)<sup>123</sup>, sendo

---

<sup>120</sup> **Centenário de Nivaldo Silva: um estanciano ilustre.** Folha da Região. Artigo. Disponível em: <http://folhadaregiaonline.com.br/?p=noticia&id=6181>. Acesso em 12/04/2024.

<sup>121</sup> [ @Memórias de Estância ]. **Joaquina de Souza (1915-1889) – nota bibliográfica.** Postagem. Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/share/p/nPmwoP9NJfJTU2Ez/?mibextid=oFDknk>. Acesso em: 12/04/2024.

<sup>122</sup> **Memorial Raymundo Juliano.** Disponível em: <https://raymundojuliano.com.br/>. Acesso em: 02/05/2024.

<sup>123</sup> Já octogenário, a meu pedido, diretamente de Brasília, José Carlos gentilmente enviou um texto de memória em 5 de Dez. de 2024 via rede social em PDF, contando sua experiência de ter estudado durante um ano (de 1950-51), quando tinha por volta de 10 a 9 anos de idade com o Prof. Azarias no seu Educandário Esperança em Estância. O qual coloco seu belo texto na íntegra:

“Antes de ser matriculado na escola do Professor Azarias, havia feito meu curso primário no Colégio Camerino da Profa. Marocas Monteiro, situado na Praça Barão do Rio Branco, Estância (SE) que à época era considerado, na região sul de Sergipe, um primor de colégio. Havia, inclusive, um conceito geral entre os estancianos de que, se alguém tem filhos malcriados ou sem gostar de estudar, cursasse esse colégio que Dona Marocas daria um jeito. Além de nos dar carões, ela normalmente usava uma palmatória de madeira maciça para impor respeito e, assim, obter disciplina na sua escola. Por sua vez, o nosso aprendizado era muito eficaz nas suas aulas e da sua irmã também professora, Dona Nanã Monteiro .

Quando meus pais me matricularam na escola do Professor Azarias para me preparar para o exame de admissão ginasial, já trazia a experiência do que era uma qualificada e disciplinada unidade de ensino. Porém, diferentemente do nosso tempo atual, um garoto da minha idade, morador do interior de um pequeno estado nordestino, não era exposto ao entendimento de padrões de avaliação de métodos de ensino pois vivia sem acesso a esses temas, por falta de informações e pelo ambiente provinciano local. Por essa razão, não poderei me alongar muito nesses quesitos constantes da sua demanda. Assim, guardo do Professor Azarias basicamente a figura dele, sempre elegantemente vestido com terno branco e gravata, esbelto, aparentando ser uma pessoa que impõe respeito, mas, ao mesmo tempo, tratava seus alunos com fidalguia, porém com seriedade na sua função de mestre qualificado.

Sua escola funcionava na mesma casa em que residia, na antiga Rua Nova, hoje Avenida Getúlio Vargas. Salvo engano, a sala de aula era localizada no primeiro cômodo da casa, logo à esquerda do corredor de entrada. Ao fazer esse registro, ocorreu-me agora um questionamento: ele contava com algum professor ou professora que o auxiliava nessa função ou era ele o único professor da sua escola? Contudo, na minha memória, todas as aulas eram ministradas pessoalmente por ele, pois não me recorde de ter tido outro(a) professor(a) além dele.

Todos nós, seus alunos, tínhamos muito respeito pelo Professor Azarias. Ele requeria que seus alunos fossem relativamente bem-vestidos ao seu colégio e tivessem bom comportamento. Além disso, éramos muito cobrados pelos estudos e pelo bom desempenho escolar. Mas sendo egresso da escola da Profa. Dona Marocas, isso, no meu caso, não era uma novidade...

---

Suas aulas eram bem didáticas e preparadas. As provas e os testes eram frequentes e exigiam muitos estudos da nossa parte para obter uma boa nota. Os temas de matemática e de português por ele conduzidos foram muito importantes para minha preparação e sucesso no exame de admissão na Escola Técnica de Comércio de Estância (ETCE).

Na verdade, no ano em que estudei com ele, meu foco, induzido pelo meu pai, era bem definido, isto é, me preparar para ser aprovado no exame de admissão para cursar o ginásio, sistema seletivo que não mais está em uso no nosso país.

Acho relevante registrar que, até o final dos anos quarenta, a nossa cidade contava apenas com o Colégio Sagrado Coração de Jesus que oferecia, além do primário, o curso de pedagogia, mas somente para meninas. Os meninos somente poderiam cursar o ginásio se suas famílias tivessem recursos e condições de parentes e amigos em centros mais avançados. De outra forma, ficariam apenas limitados ao curso primário. Isso era inadmissível para uma cidade do porte de Estância que, naquela época, era o polo econômico mais importante da região sul de Sergipe, mas, entretanto, enfrentava essa séria deficiência educacional. Quantas pessoas ficaram limitados em sua formação educacional, apenas com o curso primário, sem maiores perspectivas de crescimento pessoal e profissional! Como costumava dizer um tio meu, no seu linguajar estanciano, “que horror!”.

Foi somente na virada dos anos quarenta, com a criação da ETCE, por iniciativa de empresários e líderes da cidade, principalmente no âmbito da Associação Comercial de Estância (ACE) que a nossa cidade passou a contar com um colégio de nível médio de acesso aberto aos meninos e meninas. A importância desse fato foi muito significativa para a minha geração, pela abertura de oportunidade de seguir estudando e obter subsequente sucesso pessoal e profissional.

A minha gratidão é imensa à liderança dessas pessoas e ao apoio valioso da ACE, de entidades governamentais e, em particular, do povo da minha cidade que aderiu à campanha de levantar fundos para a construção do prédio próprio e à consolidação da ETCE. Ela é um marco de destaque na educação de nível ginásio e técnico da juventude estanciana! É de lamentar que a ETCE tenha encerrado suas atividades há vários anos, embora atualmente existam na cidade várias alternativas e até mesmo unidades de ensino superior.

Mas voltemos ao tema do Professor Azarias Santos, razão de ser desse brevíssimo texto. Depois do meu bom aprendizado com a Profª. Dona Marocas, devo inicialmente a ela e, mais especificamente, a esse honrado mestre do ensino o meu adequado preparo para ter sido aprovado no exame de admissão feito em 1950 para meu curso ginásio na ETCE, nos seus primeiros anos de funcionamento.

Lembro-me também que ele tinha o hábito de juntar todos seus alunos para tirar uma foto de lembrança de cada turma, à frente da sua casa, com ele posicionado elegantemente no centro da primeira fileira, com pose de um grande mestre. A seguir, mandava imprimir essa foto e a repassava a cada aluno – com pequeno custo a ser pago. Com tantas mudanças de cidade e um ataque intenso de cupins em nossa casa, não encontro mais essa foto, que ele me entregou. Uma pena, mas recentemente um amigo e contemporâneo meu me encaminhou a foto da sua turma, nesse formato acima descrito, reforçando a imagem marcante do nosso bom e saudoso mestre!

Mesmo tendo sido seu aluno por apenas um ano, foi tão marcante a figura do Professor Azarias em minha vida que, depois que deixei minha cidade natal para prosseguir meus estudos universitários e, a seguir, dar curso à minha vida profissional e pessoal em outras cidades brasileiras e no exterior, sempre que possível eu voltava à terrinha para reencontrar meus queridos parentes e amigos e ter a renovada alegria e prazer de pertencimento à minha sempre querida cidade natal, a nossa Estância. Em todas essas oportunidades, eu ia ao cemitério local orar pelos familiares falecidos, mas a primeira coisa que fazia, logo à esquerda da entrada, era olhar para a sepultura dele, salvo engano a primeira ou segunda da fila de sepulturas coladas ao muro da frente do cemitério. Então, me lembrava da figura dele e agradecia por seu trabalho como meu eficaz e qualificado professor de preparação para o curso de admissão ginásio.

Espero assim ter atendido apenas parcialmente o que me solicitou, consciente de que é muito pouco diante dos temas que você relacionou para registros da minha memória sobre a marcante e qualificada contribuição do Professor Azarias Santos na educação de vários jovens que tiveram a honra e o privilégio de serem seus alunos em Estância.

Abraços.

José Carlos de Oliveira”. – Acervo Particular de Sami França..

pesquisador-colaborador até o presente. O redator nos revela que quando Azarias veio à Estância “chegou a dar os primeiros passos” para o estabelecimento de um Ginásio; todavia seu desejo não foi concretizado, pois “os homens de projeção da cidade naquela época” não colaboraram. Além disto, logo em seguida o autor faz questão de mencionar que ambos eram de religiões diferentes, Lausan católico e Azarias evangélico, ambos costumavam travar respeitosa e abertamente debates sobre as suas divergências teológicas. “Ele, evangélico intransigente, nós, católicos por convicção”. Nos conta que Azarias “pedia a Deus” que morresse inesperadamente para não dar trabalho aos familiares; pedido este tal que o autor considera que foi atendido; além de que um dia antes de sua morte, o Azarias se “apresentava eufórico” passando o dia visitando os amigos; a noite antes de dormir em sua casa fez como de costume, um culto familiar.

Neste necrológio escrito por seu amigo “LAUSAN” no jornal “A Estancia”, me chamou atenção quando desde que chegou ao município de Estância-SE “vivia de ensinar a mocidade” e chegou a idealizar um Ginásio e que deu até os “primeiros passos” mas não contou com a “indispensável colaboração dos homens da cidade”. Penso que uma das razões, além da possível falta de condição financeira, senão a principal dele não ter contado com o apoio “dos homens da cidade” era por justamente sua escola estar ligada ao movimento protestante em Estância. Na dissertação de Mestrado de Maria de Lourdes Porfírio Ramos Trindade dos Anjos, de título “A Presença Missionária Norte-Americana no Educandário Americano Batista” pela UFS, nas páginas 44 – 51<sup>124</sup> nos apresenta o “Educandário Esperança” como sendo uma “escola anexa” dos batistas em 1920, sendo identificada em documento oficial em 1938; tais escolas tinham o objetivo de “suprir a falta de escolas e professores, bem como dirimir a questão do analfabetismo das cidade interioranas”, algo que se manifestou como um obstáculo para os ideais protestantes. Na mesma pesquisa nos é dito que desde a criação da Diocese de Aracaju em 1910, tendo como seu primeiro bispo D. José Thomaz Gomes da Silva, baluarte da Contrarreforma sergipana, religioso que prestou seus serviços por um longo período de tempo, e teve como uma “marca” a concentração de esforços dedicados a “ação... da construção de uma rede de escolas e instituições sociais católicas” as quais “impediu a expansão do protestantismo em Sergipe”, até que “a única escola protestante de denominação presbiteriana” presente no estado fechasse as portas.

---

<sup>124</sup> ANJOS, Maria de Lourdes Porfírio Ramos Trindade dos. **A Presença Missionária Norte-Americana no Educandário Americano Batista**. Mestrado. 2006. São Cristóvão. Páginas 299. Pág 44 – 51. UFS.

O bispo D. José Thomaz<sup>125</sup> procurou preencher todos os espaços que o catolicismo antes tinha deixado vago e os protestantes ocupado, inclusive, obviamente no aspecto educacional, foi neste mesmo período, cerca de uma década depois que Azarias chegou em Estância com a ideia de um Colégio, que se deu a fundação em 1936 do Colégio Sagrado Coração de Jesus em Estância, fundado por freiras da Congregação das Irmãs Hospitaleiras da Imaculada Conceição, a cerca de 70 metros da IPE, em um terreno doado pela prefeitura já em 1925, tendo como um dos idealizadores o Pe. Victorino. Em 8 de Dezembro de 1920 no jornal “O Christão”, lá estava o Rev. Rodolpho Fernandes, pastor da IPA a denunciar que:

De vez em quando, a imprensa ultramontana, representada nesta capital pela <A Cruzada>, orgam do bispado de Aracajú, investe desenbidamente contra as escolas e os collegios evangelicos ou protestantes, procurando, ainda que improficuamente, abate-los no conceito publico, onde, graças a Deus, gozam a alta consideração que a merecem<sup>126</sup>.

No jornal *A Estancia* na edição 2127, em 21 de Outubro de 1956, lá estava o professor evangélico Azarias em uma celebração ao “dia do professor”, na quadra do Colégio Sagrado Coração de Jesus, próximo a ele estavam o Bispo D. Fernando Gomes, o Pe. José Paes Santiago, demais professores e autoridades proeminentes da cidade. Outro ponto importante que quero destacar é que a mesma autora aferiu a mesma dificuldade que estava tendo enquanto pesquisador sobre este tema em específico:

Percebe-se que algumas lacunas foram deixadas sobre as Escolas Anexas em Sergipe. Nas fontes pesquisadas, não foram deixadas pistas nem resquícios do seu currículo nem dos métodos utilizados, dentre outros dispositivos. Mendonça confirma que elas “permanecem ainda misteriosas quanto aos seus objetivos principais, métodos, currículos, professores dessas Escolas”. Provavelmente as Escolas Anexas davam uma grande contribuição à consolidação da igreja.

---

<sup>125</sup> Curiosamente historicamente o *modus operandi* de concorrer e sufocar sistemicamente a atuação de instituições educacionais protestantes por parte da ICAR não é nova, por exemplo na cidade de Graz na Áustria no séc. XVI em um contexto de guerras político-religiosas mas que foi concedido plena liberdade religiosa pela Dieta de Bruck , em 1578 o arquidiocese Carlos, da Áustria, expulsou os pastores evangélicos dali com suas instituições, inaugurando em seu lugar escolas jesuítas, o filho do arquidiocese viria ainda a ser mais feroz, fechando todas igrejas acatólicas, culminando em extermínio posteriormente por estímulo dos jesuítas (JOHNSON, 2001, pág. 365).

<sup>126</sup> **O Christão (1919-1927)**. Jornal. Acervo particular do Prof. Dr. Antônio Lindsvaldo.

Na dissertação de Mestrado de Laisa Dias dos Santos, defendido na pós-graduação pela Universidade Tiradentes (UNIT), de título “Por uma história vista de baixo: as escolas primárias dos territórios centro e sul do estado de Sergipe (1930-1960)” lançou me luz sobre uma questão e confirmando os métodos utilizados por estas escolas, algo que Modesto aferiu em seu texto de 1995, de que o Prof. Azarias levava seus alunos a passeios, inclusive “banhos matinais” no Rio Piauitinga – um diferencial se comparado a outras instituições educativas da cidade na época –, o professor Azarias tinha estes passeios como parte do “método intuitivo” criado por Pestalozzi, valorizando o aprendizado pelos sentidos e experimentação em sua área de especialização: Ciências Físicas e Naturais. A autora coloca com base a uma entrevista cedida por Josefa Maria da Conceição (2012) em sua pesquisa, que Azarias levava as crianças “tudo fardadinho” para excursões a bairros como o Alecrim e Cidade Nova em Estância; a autora Laisa Dias dos Santos salienta na página 83:

A narrativa da aluna se aproxima do discurso oficial na medida em que os professores primários, a exemplo de Azarias José dos Santos, realizavam as excursões, entretanto se distancia quando os passeios significavam para os alunos, como afirmou a entrevistada Josefa, algo meramente lúdico e sem fins instrutivos. Assim, ao revelar a presença dos passeios, sua narrativa demonstra que havia um elemento que poderia auxiliar na transmissão dos conhecimentos específicos da disciplina de ciências.

Em contrapartida, no Colégio Sagrado Coração de Jesus, também sediado na cidade de Estância, as entrevistadas Cordélia do Nascimento Costa(2011) e Eleonora Leite Pereira(2011) rememoraram que “não se fazia passeio”<sup>127</sup>.

Vamos analisar agora então o texto do estudioso da Estância, o escritor, pesquisador, Carlos Modesto (figura 2), o qual foi aluno do Azarias na década de 50. Nele engrandece o seu mestre como “um dos maiores professores que o Estado de Sergipe já conheceu”. Ele nos lembra que apesar da discriminação racial, desde cedo “ganhou a confiança das pessoas” e atraiu para sua escola “o melhor conceito que se estendia para outros estados”. Prossegue nos passando alguns detalhes de sua biografia e até de sua personalidade, com relação a este último se revelava como alguém com personalidade “forte e olhar magnético”, que demonstrava “domínio profundo de sua vocação”, cujo método de ensino capacitava de forma eficaz a passar pelo primeiro ano de Ginásio, sem precisar sequer realizar um exame que era lei na época. Eram muitos os seus alunos que enviavam cartas e mensagens de agradecimentos após concluírem o curso e ganharem a vida rumo em suas profissões; posso citar por exemplo a sua

---

<sup>127</sup> SANTOS. Laisa Dias dos. **Por uma história vista de baixo: as escolas primárias dos territórios centro e sul do estado de Sergipe (1930-1960)**. Mestrado. UNIT. Aracaju.

ex-aluna Jandira Freire Amado, que em 1956 o enviou uma carta em agradecimento por se classificar em primeiro lugar em Sergipe para receber uma bolsa de estudos.

Em 1951 o estimado professor se tornou “Comissário do Ensino”, lecionando o curso de inglês, com a fundação da Escola Técnica do Comércio da Estância, que oferecia curso secundário e técnico. O autor descreve que a escola de Azarias (Educandário Esperança) nasceu na Rua Aquidabã, na casa do Sr. José Miguel, e depois transferiu-se para a Av. Getúlio Vargas nº 50, que sua filha adotiva de nome Namaris de Alcântara seguiu a mesma profissão de seu tutor e que seus restos mortais se encontravam no Cemitério N. Senhora da Piedade localizado em Estância, “logo na entrada no lado esquerdo”; com o advento da notícia de sua morte em Dezembro de 1958 “centenas e centenas de pessoas” ficaram aos prantos. O autor prefere não tocar em seu aspecto religioso, mas certamente o velório foi realizado por um Pastor, estando presente um numeroso público.

# OS GRANDES NOMES DA ESTÂNCIA

## Prof. Azarias José dos Santos

Quando nascemos para a vida, vemos com uma missão e com a qual temos o poder de torná-la pequena ou grandiosa. A Natureza com suas sábias e secretas leis nos coloca em certos momentos da evolução humana no lugar certo projetando seus lampejos flamejantes de dons diversos em nosso ego.

Paralelo à Natureza somos iguais como seres-humanos no cenário da vida. Do fascinante humilde ao sábio cientista, todos têm a importância ao seu modo na expansão de como cada um desenvolverá essas aptidões.

Porém, em alguns homens e mulheres, esses dons maravilhosos são mais acentuados do que em outros que não encontram obstáculos para impedir que eles se desviem ou se enfraqueçam por qualquer adversidade da vida. No dom de ensinar, vive o prazer de ser aluno do curso primário de um dos maiores professores que o Estado de Sergipe já conheceu. Falo do renomado Mestre que veio com a exclusiva missão de ensinar - Prof. AZARIAS SANTOS.

Estância é uma cidade predestinada a trazer para seus forasteiros em pessoa, dos mercantes que, de um modo ou de outro, fizeram ou ainda fazem algo de especial em benefício da nossa cidade.

Não devemos esquecer que entre as pilhas desses imigrantes tivemos os nomes do Comendador JOÃO ALVES SOBRINHO, JOSÉ PINHEIRO, ALVELDO, Mestre REIS (Portugueses), CONSÍLÍCIO VIEIRA, AUGUSTO COMES, Dr. JESSE FONTES e diversos outros que encontraram em nossa cidade um solo fértil para desenvolverem seus ideais em prol do povo estanciano, que deverá sempre cultivar esses nomes como uma lembrança de carinho e de respeito, imitando como ferro-em brasa nas mentes dos jovens que ali estão e aos que estão por vir.

Na primeira hora de domingo do dia sete de dezembro de 1958, dava o seu último suspiro o amado educador AZARIAS DOS SANTOS. Estância despediu-se sacudida com a triste notícia do seu falecimento ficando em prantos centenas e centenas de pessoas que admiravam essa personalidade fantástica que veio projetada com a missão de fazer o melhor de si, a educação.

Professor AZARIAS JOSÉ DOS SANTOS, nasceu no dia 1º de novembro de 1889 no município de Espírito Santo, atual cidade de INDIARUBA, em nosso Estado. Era filho de Leonel Pereira Santos e de D. Ioselá Correia Santos.

Foi em 1928 quando o eminente Mestre de cor chegou à nossa cidade numa época em que o preconceito racial ainda existia ativamente em nosso país, e Estância não ficava atrás. AZARIAS possuidor de um alto valor carismático e com domínio profundo da sua vocação, ganhou de imediato a confiança dos estancianos que aprenderam a respeitar o seu nato talento de professor. Fundou o "EDUCANDÁRIO ESPERANÇA", onde ministrou seu famoso curso primário durante trinta anos.

Sua personalidade forte e magnífica era o terror dos seus alunos que aprenderam a admitir e valorizar o seu método de ensino, que ao saírem do seu estabelecimento escolar tornavam-se aptos a passar para o primeiro ano ginasial sem a necessidade de prestarem o exame de admissão que era lei na época.

Pelas suas mãos desfilaram gerações de alunos que, como eu, continuam a ter vislumbres das bonitas recordações de ensino do velho e saudoso Mestre.

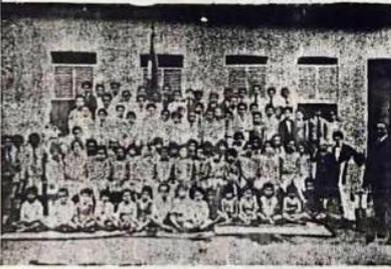
Através dos seus olhos que jamais esqueci, o seu olhar magnífico nos transmitia um domínio de respeito que, entendíamos num piscar de olhos sua mensagem visual.

Qual o aluno do Mestre AZARIAS que ao partirem para outras regiões conseguiram esquecê-lo. Eram cartas e mais cartas de agradecimentos do candidato à Marinha que conseguia entrar para a Marinha do Brasil. Dos que passavam em algum concurso público ou particular, das mensagens natalícias que eram sempre remetidas à sua residência. Das visitas constantes dos seus ex-alunos recém-chegados que se encontravam fora durante muito tempo tudo isso fazia parte de uma obrigação que o renomado professor recebia com muito afeto e carinho.

A feliz criança ou adolescente que tiveram AZARIAS como Mestre, tornaram-se premiados em seus estudos preliminares que se fincou numa base bem estruturada no seu seguimento escolar. Os que não continuaram seu



**Prof. Azarias José dos Santos um dos grandes Mestres do ensino sergipano.**



**O Mestre Azarias Santos com uma das suas turmas de alunos no "Educandário Esperança" da rua do Aquidaban (década de 30).**

Curriculo estudantil tiveram também a sorte de possuírem um criterioso curso primário que nada deve a um primeiro grau ou quem sabe talvez, a um segundo grau de hoje.

Na sua última residência da Avenida Getúlio Vargas em início da década de 50, fez parte como interno do seu grupo escolar onde ainda me recordo com profunda emoção os banhos matinais com toalha ao ombro, no "poço da Tripa", do sedutor rio Piauíngá, onde o insuspeito Mestre nos levava para desfrutar dos nossos folguedos infantis.

Com a fundação da Escola Técnica do Comércio da Estância, no ano de 1951, o professor AZARIAS foi Comissário do Ensino, ministrando o curso de Inglês.

O Mestre AZARIAS era casado com D. BELMIRA VICENTINA DOS SANTOS (falecida), da qual também me recordo do seu "cuscuz" saboroso acompanhado do café matinal e suas delícias felicitos que me proporcionavam aquela "água-naboba".

Desde a sua chegada à Estância, viveu o professor querido da nobre arte de ensinar aos jovens, o que fazia de um modo altamente proveitoso para os seus alunos e atraindo sempre para a sua escola o melhor conceito que se estendia para outros estados. Escola esta nascida na rua do Aquidaban (casa do sr. JOSÉ MIGUEL) e depois transferiu-se para a Avenida Getúlio Vargas nº 30, continuando ensinando onde terminou sua carreira contada pelo seu falecimento em 1958, deixando como herdeira sua filha adotiva NAMARIS ALCÂNTARA, que seguiu a mesma profissão do seu tutor.

AZARIAS JOSÉ DOS SANTOS foi um daqueles homens brilhantes que veio exclusivamente para educar, uma missão magistral de um educador consciencioso, que fez da sua vida um exemplo de capacidade que jamais será esquecido por alunos e pais que aprenderam a respeitar e a admirar carinhosamente este fantástico Mestre que impulsionou a cultura estanciana.

No cemitério N. Senhora da Piedade, logo na entrada do lado esquerdo, se encontra o túmulo desse benfeitor intelectual desta terra abençoada que se tornou madraza em vida e acolheu carinhosamente seus restos mortais, da mesma forma que se tornou a parada eterna dos maravilhosos imigrantes que aqui encontraram o seu verdadeiro lar.



**Década de 40, o Prof. Azarias sentado ao lado dos seus alunos.**



**O querido Mestre com uma de suas últimas turmas na década de 50.**

Figura 2: MODESTO, Carlos. Os Grandes Nomes da Estância: Prof. Azarias José dos Santos. Sul de Sergipe. Estância, 26 de novembro de 1995, p. 3. Esta folha de jornal faz parte do acervo particular de Namaris Alcântara.

Após reler o texto depois de procurar algum exemplar físico do jornal pude observar melhor elementos como: onde ele havia sido sepultado, se sua filha adotiva Namaris de Alcântara estava viva e claro se havia alguma informação da religião de seu pai. Quanto ao jornal pude encontrar com o jornalista Magno de Jesus, membro fundador da Academia Estanciana de Letras (AEL), criador e editor chefe da Tribuna Cultural procurou em seu arquivo e encontrou um exemplar no qual pude checar as informações com maior propriedade. No dia

11 de Março de 2022 via rede social perguntei ao próprio autor da matéria, ao escritor Carlos Modesto sobre a filha do Azarias ele disse que ela morava na rua General Pedra, próximo ao Colégio Júlio Leite. Fui então próximo a localidade e perguntei sobre o nome dela, as pessoas demonstravam que a conheciam e que apesar de ter ouvido falar do Azarias não sabiam que ela era filha dele. Comuniquei isto ao Rev. Augusto e ele espantado disse que realmente foi o irmão dela, um Pastor batista, que disse a ele que Azarias foi presbítero da IPE. O que de certa forma indicava que estava no caminho certo.

Em 12 de Março de 2022, em um dia de Sábado fui ao cemitério de Nossa Senhora da Piedade com o intuito de encontrar o túmulo do Azarias. No jornal, como vimos, orientava que o mesmo estava na entrada do cemitério à esquerda. Não encontramos neste local, como era de se esperar, afinal de contas passaram mais de 60 anos da morte do professor e mais de 20 anos da publicação do jornal de Carlos Modesto. Junto comigo estava o meu amigo Paulo Arthur e o coveiro André, vimos túmulos dos mais variados, mas de toda forma comunicamos a administradora do cemitério de nome Fernanda, foi quando para minha surpresa pudemos finalmente localizar o ossuário do mesmo, o qual estava próximo a capela, debaixo de um cruzeiro, nele também estavam os restos mortais de sua esposa, constatei que aquele lugar era de destaque, e que entre os túmulos que pude observar era raro encontrar nos frontispícios a profissão dos mortos, e os poucos que apresentavam ostentavam “Dr.”, já o Azarias ostentava “Prof.” sendo um exemplo claro de como sua própria profissão se confundia consigo mesmo e como os parentes preferiram assim destacar com orgulho. O túmulo do meu bisavô Pedro Teixeira de Castro (1907-1986)<sup>128</sup> se encontrava um pouco mais adiante, ele havia migrado para Sergipe do interior do sertão baiano buscando melhores condições de vida, se converteu e aprendeu a ler lendo a Bíblia, se batizou e fez sua pública profissão de fé em 1940 na Igreja Presbiteriana de Estância, fora poeta e comerciante, em seu túmulo ao seu lado estava sua esposa Josefa Vanusa e acima escrito o Salmos 25 do Rei Davi: A ti, Senhor, elevo a minha alma. O Sr. Pedro Teixeira era comerciante, o Sr. Azarias dos Santos era educador, e ambos

---

<sup>128</sup> Uma de suas filhas, Dalila de Castro, casou-se com Edimar de Souza Silveira, um dos filhos do Presb. Acrísio Gracindo da Silveira e sua esposa Quintilha de Souza Alves Silveira, membros fundadores e consolidadores da Igreja Presbiteriana de Salgado; a irmã de Quintilha, Rosa, congregava em Estância. Sempre hospedaram em sua casa em Salgado seminaristas, missionários, pastores e evangélicos em geral. A mãe de Quintilha, de nome Joana Alves Souza, conhecida como “D. Joaninha” era casada com Norato e era descendente de portugueses provenientes de Lagarto e da igreja presbiteriana de lá, seus pais se converteram ao protestantismo e foram alfabetizados lendo a Bíblia. O nome dela foi uma homenagem que seu pai fez a uma evangelista que tinha o mesmo nome, pois enquanto estava na prisão no Rio de Janeiro, recebeu um exemplar da Bíblia e foi evangelizado ali por esta mulher, onde se converteu. Boa parte da geração desta família ainda hoje permanece no mesmo caminho de fé. Tais informações estão de acordo com dados colhidos da tradição oral da família Silveira.

morreram como presbiterianos, logo constatei os dois pilares da expansão e consolidação do protestantismo não apenas em Estância, mas em Sergipe: o comércio e a educação; pois o primeiro protestante de Sergipe era comerciante e forneceu importantes condições materiais para a expansão do mesmo e esteve no primeiro culto organizado por Bixler em Estância cercado por comerciantes católicos locais; e o segundo possui relação quanto ao método de expansão do presbiterianismo, que está sempre atrelado a educação simbolizada pelas “escolas paroquiais” ou “anexas” no caso do protestantismo batista.

Em 21 de Março de 2022 recebi uma visita periódica de uma tia-avó, de nome Maria Auxiliadora França Cerqueira, ela lembrou que por volta dos 7 anos – ou seja, há mais de 70 anos – recebeu elogios de Azarias por sua performance poética na antiga Escola Pompeu Lima, na antiga Rua Nova nas típicas festas escolares de fim de ano. Já o seu marido Osvaldo Esteves Cerqueira estudou na Escola Júlio Leite onde Namaris, filha do Prof. Azarias foi sua professora, a qual considerou excelente em seu ofício. Foi apenas em 16 de Junho de 2023 que finalmente pude entrevistar Namaris de Alcântara em sua residência, tendo como ponte a sua vizinha, conhecida como Netinha que por meio do conhecimento com a minha mãe Roseane Santana França proporcionou aquele momento caloroso. Antes disto tratei de dizer uma lista de coisas que tinha curiosidade e que seriam úteis para esta pesquisa, logo fui inundado de surpresas, a mesma se conservava uma fiel protestante batista, e muito cuidadosa na preservação de praticamente todos os documentos de seu pai, inclusive de fotos, jornais, cartas, e até seu diploma. Em 30 de Agosto de 2024 a revisei para uma segunda entrevista, esta mais breve, com o propósito de sanar algumas dúvidas que poderiam ser possíveis incongruências de sua memória na primeira entrevista, coisa está que não se confirmou, então apenas acrescentei alguns detalhes da segunda na primeira, sem prejuízo algum para compreensão do enredo.

A primeira entrevista foi conduzida de acordo com as seguintes perguntas: Primeiro: A Sra. via ele como sua principal referência? Segundo: Quais suas lembranças sobre ele no tocante a religião? Azarias exercia algum cargo na igreja? A Sra. conhece a história de conversão dele? Terceiro: Como se deu a formação acadêmica do professor Azarias? Quanto ao Inglês? Quarto: A Sra. reconhece algum episódio de injúria racial à pessoa dele? Todas as respostas foram analisadas e comparadas com outras informações e com base nos documentos dispostos em mesa.

A resposta primeira seguiu com um enfático “sim”, ela disse que a seus avós maternos depois de terem duas filhas sua avó viria a falecer e o seu avô depois de um ano e pouco já

havia se casado com outra, a madrasta por motivos de ciúmes maltratava as duas enteadas, a tia e mãe de Namaris fugiram de sua casa em Lagarto sem destino a pé pelas estradas, sua mãe tinha apenas 9 anos, durante o percurso as duas se dividiram e nunca mais se viram, até que a mãe de Namaris chega em Estância, e encontra D. Belmira (esposa de Azarias) sentada no batente de sua casa, avistou aquela menina perdida e necessitada, ao indaga-la logo contou sua história, mau esperava que a partir daquele dia ela seria filha adotiva do casal. Namaris ao contar esta história se emocionava agradecida e dizia ser fruto da providência de Deus. O que exprime a generosidade da mesma família, que pelo que consta costumava ajudar os mais necessitados.

Ela conta que Azarias tinha um sítio no povoado de Pontal, no município de Indiaroba e que costumava sempre frequenta-lo partindo do Porto D'areia em Estância de canoa. Sua mãe, já crescida, veio a conhecer seu pai Pedro Alves Torres neste povoado, um homem protestante batista, depois de haver construído uma casa, finalmente se casaram - provavelmente na década de 40 - e tiveram a primeira filha de oito filhos, a Sra. Namaris viria a nascer em Indiaroba mesmo. Seus primeiros estudos se deu com a professora Excelsa, que ficava hospedada na casa de Anísio Torres em Pontal, possível antepassado da família do vereador estanciano Misael Dantas, filho de protestantes batistas. Depois de mais crescida, Namaris viria a morar na casa de Azarias para estudos, sendo praticamente adotada por ele. Namaris começou a trabalhar aos 18 anos, e durante vários turnos. Ela relega ao Azarias a maior parte do que aprendeu. Isto nos indica o poder do ser humano de ser um “espelho” para o outro e como estes exemplos podem impactar na vida das pessoas próximas.

Quanto a segunda resposta, ela prontamente confirmou que ele foi presbítero presbiteriano, e que tanto seu pai biológico quanto Azarias foram um dos primeiros membros da Primeira Igreja Batista em Estância cujo primeiro prédio se localizou na antiga “Rua Nova”, atual Av. Getúlio Vargas, mesma rua onde Azarias residia, mas ela não se lembrava da história de conversão dele, além disto pude confirmar por meio da Carteira de Membro da IPB de Azarias, algo difícil de se encontrar, nunca tinha visto uma carteira de membro daquela época até então, e não se tem mais esta prática na IPE.

Na capa continha o título descrito “Certificado de Membro da Igreja Presbiteriana do Brasil” com um carimbo do mesmo indicando a localização, no caso da chamada “Rua do Bispo” (figura 3); na contra capa se encontrava o capítulo bíblico de II Timóteo 1:12: “Porque eu sei em quem tenho crido, e estou certo que é poderoso para guardar o meu depósito até o dia final”. Abaixo o nome do “nosso irmão em Jesus Cristo: Azarias José dos Santos”. Sob a condição de permanecer fiel aos princípios do Evangelho o membro gozaria dos privilégios cristãos fornecidos pela IPE, merecendo consideração e apoio como membro em plena comunhão com a Igreja Presbiteriana do Brasil. Nas últimas linhas estava a data de 18 de Novembro de 1958 assinado pelo Rev. Zenas Campos de Oliveira, sua caligrafia foi difícil de decifrar, sobretudo o primeiro nome, até mesmo por mim, um perito grafotécnico, mas foi confirmado seu nome em uma edição do jornal “Norte Evangelico” em 1958. Na próxima página tinha o título “Identidade”, dentre algumas questões básicas me chamou atenção que ele foi membro por transferência em 17/03/1953 tendo assinado como ministro oficiante o Rev. Nunes Marques, o que nos traz novidades, além de sinalizar quem era o Pastor da IPE naquela época, nos mostrando que Azarias já era evangélico antes e pertencia a uma outra denominação (figura 4 e 5), que provavelmente seria a batista, mas seria possível encontrar alguma prova material que constataste melhor esta hipótese?



Figura 3: Imagem da carteira de membro da IPB do Prof. Azarias José dos Santos .Pág. 1. Colhida do acervo particular de Namaris Alcântara.

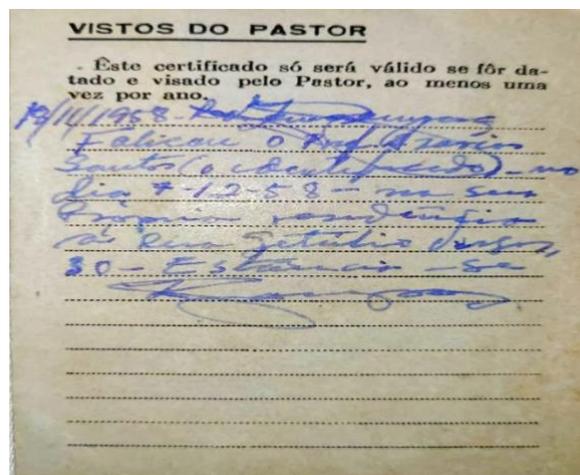


Figura 4: Imagem da carteira de membro da IPB do Prof. Azarias José dos Santos. Pág. 5. Colhida do acervo particular de Namaris Alcântara.

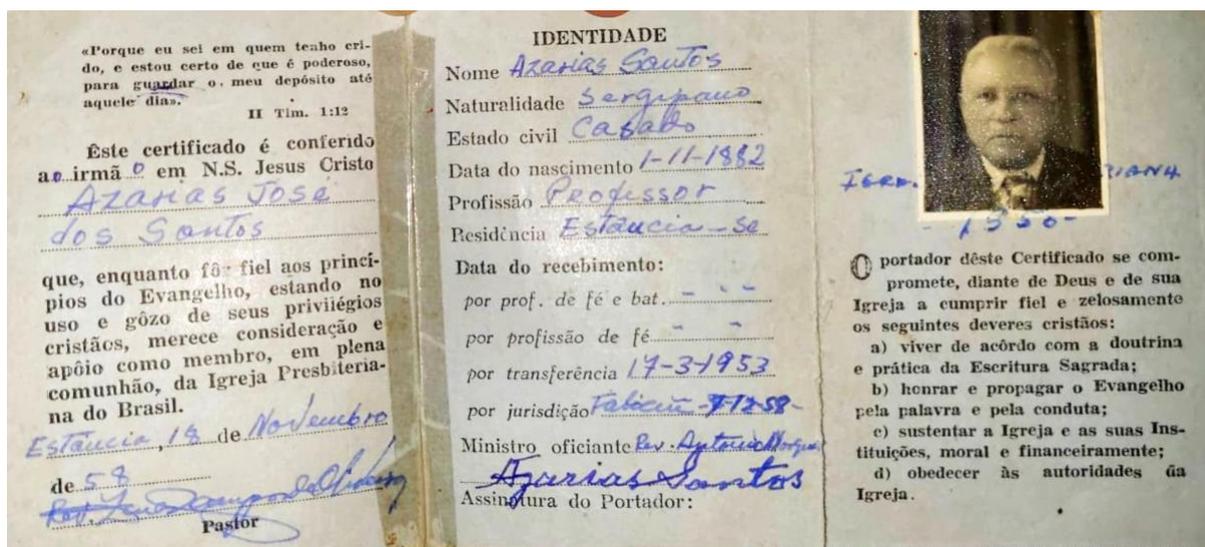


Figura 5: Imagens da carteira de membro da IPB do Prof. Azarias José dos Santos; colhida do acervo particular de Namaris Alcântara.

No ano seguinte tive contato com o livro “A luz brilhou na terra dos cajueiros: Panorama histórico dos Batistas em Sergipe 1913-2013” de Sandra Maria Natividade e Maria de Lourdes Porfírio<sup>129</sup>, onde pude deduzir e confirmar que a segunda igreja protestante a ser organizada em Estância foi a Primeira Igreja Batista em Estância (PIBE), organizada em 25 de Agosto de 1946, cujo os membros fundadores dentre outros estavam Azarias José dos Santos e sua esposa D. Belmira Vicentina dos Santos (1881-1971). Segundo a Profa. Me. Sandra Maria Natividade em entrevista a Jaci Vieira (2003) demonstra a ativa presença do Prof. Azarias e família frente a organização da Primeira Igreja Batista de Estância (PIBE):

Segundo Vieira, para a inauguração da novel igreja, chegou a Estância um ônibus lotado com crentes da SIBA, estando presentes, entre outros, Hermengardo Nascimento, Camilo Passos e sua esposa Maria Benigna. Camilo, de profissão Mestre de Obras, era o regente do Coral da SIBA e um dos grandes responsáveis por várias construções na cidade de Estância. Continuou Vieira dizendo que a caravana dos crentes de Aracaju para o ato inaugural hospedou-se na residência do professor

<sup>129</sup> NATIVIDADE, Sandra Maria; PORFÍRIO, Maria de Lourdes. **A luz brilhou na terra dos cajueiros: Panorama histórico dos Batistas em Sergipe 1913-2013.** Livro. Acervo do Museu da Gente Sergipana Gov. Marcelo Deda. 2013. 360 p.

Azarias Santos e de sua esposa dona Belmira, proprietários da Escola Estanciana de Educação. Vieira acrescentou que, embora não tivesse energia elétrica na cidade, a iluminação aconteceu à base de lamparinas e lampiões movidos a carbureto<sup>130</sup>.

Também pude encontrar um cartão de visita do prof. Azarias ao Seminário Teológico Batista do Norte do Brasil, de título “Lembrança do Seminário”, de data desconhecida, em Recife-PE, todavia sabemos que o mesmo foi fundado em 1902, sendo um dos seminários protestantes mais antigos da América Latina (figura 6 e 8). Portanto confirmamos que antes de ser presbiteriano, então está provada a tese de que Azarias era um protestante batista e que era um evangélico experiente, de longa data, que demonstrava sincero interesse pelos estudos teológicos, bem como o mesmo simboliza alguém perpassado, consoante e atuante pelas influências evangélicas em seu tempo em Sergipe e Estância. No acervo de Namaris havia uma foto cuja raridade está justamente em encontrar uma fotografia de dentro de uma igreja evangélica em Estância, datada de 1951 (figura 6), podendo ser uma imagem registrada no interior do templo da Primeira Igreja Batista de Estância - pois só viria a ser membro oficial da IPE em 1953 - possivelmente em um período de Natal pois havia uma Árvore de Natal no local, e no púlpito estava alguém discursando de pé que julgo ser o Rev. Wandir Lobo Bonfim (mais provável) ou o Rev. Djalma Cunha e ao lado estava sentado o Azarias, o que significa mais uma confirmação da possibilidade de exercer um cargo na igreja, deste modo já diácono ou provável presbítero.

---

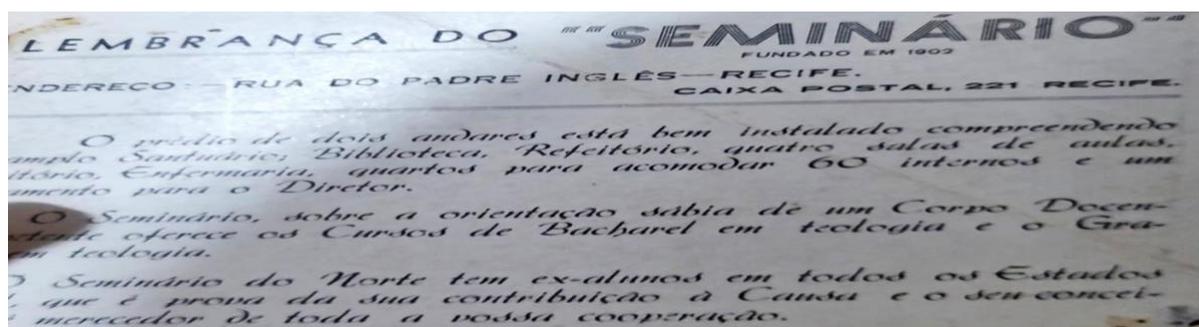
<sup>130</sup> NATIVIDADE, Sandra Maria **A saga dos pioneiros batistas em Sergipe: 1913 – 2003** / Sandra Maria Natividade — Aracaju, Natividade: 2007. 312 páginas. Pág. 63. Esta é a primeira descrição que tenho contato em que descreve a escola do Azarias como “Escola Estanciana de Educação” e não “Colégio” ou “Educandário Esperança”.



Figura 6: Fotografia realizada de dentro do salão de culto possivelmente da PIBE em 1951, com o Prof. Azarias a direita sentado. Colhido do acervo particular de Namaris Alcântara.



Figura 7: Imagem do Seminário Teológico Batista do Norte do Brasil. Data desconhecida. Colhida do acervo particular de Namaris Alcântara.



Prosseguindo com a análise da Carteira de Membro da Igreja Presbiteriana do Prof. Azarias, na penúltima página do documento estava prescrito de “A” a “D” os deveres do membro: A) Viver de acordo com a doutrina e prática da Escritura Sagrada. B) Honrar e propagar o Evangelho pela palavra e pela conduta. C) Sustentar a Igreja e as suas instituições, moral e financeiramente. D) Obedecer as autoridades da Igreja. Na última página estava

Figura 8: Lembrança do Seminário. Imagem colhida do acervo particular de Namaris Alcântara.

descrito “Êste certificado só será válido se for datado e visado pelo Pastor, ao menos uma vez por ano”. Abaixo tinha o ano da assinatura do Rev. Josias Campos e o ano e a localidade de falecimentos do Azarias. Esta foi a última vez que o Pastor assinou sua Carteira de Membro, já que em 1958 veio a falecer. Também foi encontrado no acervo de Namaris uma fotografia do pastor presbiteriano Alfeu Barra de Oliveira, o que confirma a ligação de Azarias com a IPE na última década de sua vida, o mesmo será melhor apresentado em outro capítulo.

Quanto a terceira resposta, ela disse que os pais de Azarias eram pessoas “de cor” e tinham boas condições financeiras, e Azarias estava apaixonado por uma moça com menores condições, então os seus pais o enviaram ao Rio de Janeiro para estudar, numa tentativa de afastá-lo dela, onde passou cerca de 10 anos. Em 20 de Janeiro de 1933 no Rio de Janeiro recebeu seu diploma pela Escola Livre de Engenharia do Rio de Janeiro testificando como “Bacharel em Sciencias Physicas e Naturaes”. A Escola Livre de Engenharia do Rio de Janeiro que era uma escola politécnica, antecessora da UFRJ, ela foi fundada em 1911 e naquela altura já havia sido prestigiada como uma das 200 melhores universidades do mundo; tinha sido incorporada na *International Academic Union*, filiada a *Academie Latine des Sciences et Belles Letres* de Paris e no *Bureau International d’Education de Suitia* (figura 9). Seu diploma foi reimpresso pela “Escola Municipal Professor Azarias José dos Santos” em Estância para ficar exposto na instituição, o que significa que o município reconheceu posteriormente e concretamente os relevantes serviços prestados pelo Azarias, por isso o homenageou desta forma.

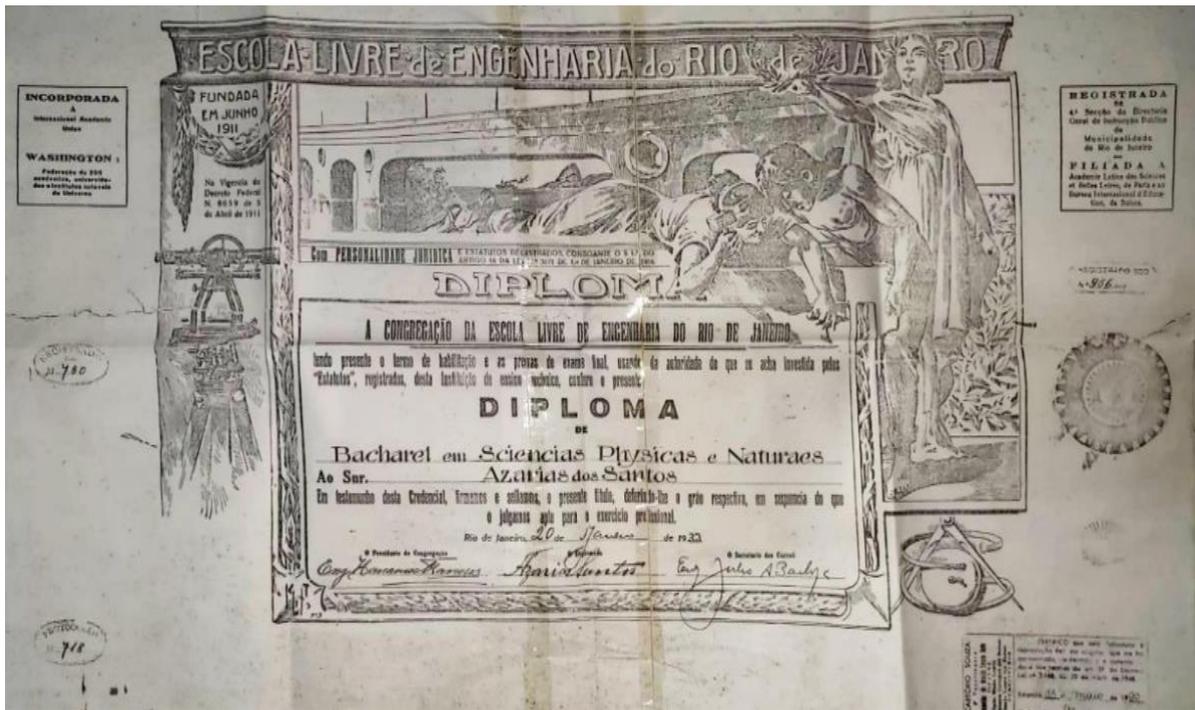


Figura 9: Diploma em Ciências Físicas e Naturais do Prof. Azarias José dos Santos. Colhido do acervo particular de Namaris de Alcântara.



Figura 10: Cartão postal antigo da atual praça Floriano Peixoto, ao fundo o Teatro Municipal do RJ. Colhida do acervo particular de Namaris Alcântara.

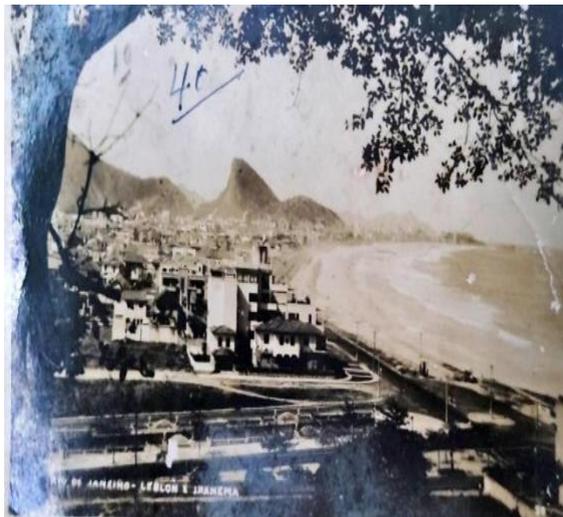


Figura 11: Cartão postal antigo do Leblon e Ipanema – RJ, na década de 1940. Colhido do acervo particular de Namaris Alcântara.

Além deste diploma, Azarias já tinha experiência de ensino em Salvador e Aracaju, antes mesmo de retornar a Estância; na década de 30 o Azarias já era um homem mais que experiente, conceituado e respeitado na Estância por seu trabalho, desde a década de 20, período de fundação de seu Educandário Esperança que “cresceu em fama e demanda” e se tornou referência na região, assim como na sociedade sergipana. Namaris disse que frequentavam pessoas de vários lugares, dentro e fora de Sergipe, e que Azarias tinha três empregadas, uma era cozinheira e outras duas assistentes, uma inclusive era presbiteriana, chamada de “Mariazinha”. Tendo em vista que os índices educacionais de seu tempo eram desanimadores em Sergipe (Capítulo III, pág. 40), agrega-se valor ao papel de “escolas paroquiais” como diriam os presbiterianos ou “anexas” como diriam os batistas, a igrejas evangélicas e EBDs, não podendo ser subestimada a sua influência e contribuição educacional a cidade e ao Estado.



Figura 12: Imagem da turma de 1930 do Educandário Esperança. Colhido do acervo particular de Namaris Alcântara.

No “Cadastro : Commercial, Industrial, Agrícola e Informativo do Estado de Sergipe (SE) – 1933”, demonstra que naquela época existiam onze colégios em Estância, estando o Esperança e o Camerino como particulares e nove públicas (pág. 254 e pág. 486), onde diz que foi fundada em 1º de Setembro de 1925 o Collegio Esperança, pelo chamando de “illustre” Prof. Azarias José dos Santos<sup>131</sup>. Em seu Certificado de Reservista consta que se inscreveu no recrutamento militar em 1941 com “quarenta e cinco anos de idade”, na cidade de Salvador-BA na 17º circunscrição de recrutamento. Seu certificado de recrutamento foi assinado pelo Ten. Cel. Fernando Lopes da Costa. Dez anos depois viria a fazer parte do corpo docente da Escola Técnica do Comércio da Estância ministrando o curso de inglês.

Quanto a quarta pergunta, ela não soube responder, mas devemos lembrar a perspectiva “civilizacional” dos projetos missionários nestes quinhões, que traziam consigo seu o idioma e cultura além dos estudos do Livro Sagrado. No século XIX os EUA insurgia como potência

---

<sup>131</sup> Cadastro : Commercial, Industrial, Agrícola e Informativo do Estado de Sergipe (SE) – 1933. Jornal. Pág. 254 e pág. 486. Acervo da Fundação da Biblioteca Nacional Brasileira. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReaderMobile.aspx?bib=356581&pesq=>

mundial, e é neste mesmo século que em Sergipe surge as primeiras cátedras de inglês. Até onde pude chegar nos registros escritos, me permite lançar algumas hipóteses, penso que a mais distante seria a de que a profa. Penélope Magalhães que inaugurou o primeiro curso de inglês em Estância-SE, como já foi dito, que por sua vez aprendeu ligada ao protestantismo dos EUA tinha contribuído com o aprendizado de Azarias, ou foi por algum missionário estadunidense batista ou presbiteriano, em Estância, em outra cidade de Sergipe ou ainda quando esteve em outros estados do Brasil, tais como o Rio de Janeiro e Pernambuco como pré requisito para admissão em algum curso, reconhecidos centros intelectuais e de efervescência do movimento evangélico no Brasil em que Azarias esteve presente. Quando os missionários estadunidenses estiveram nestes quinhões foram obrigados a aprender o português brasileiro, bem como também ensinaram o seu idioma sempre que oportuno.

Quanto a última pergunta ela também respondeu positivamente, mas não sabia detalhar nenhum caso em específico. Quando entrevistei Namaris ela tinha 83 anos, se fizermos os cálculos desde quando ela conheceu Azarias quando criança, ela conviveu com Azarias em suas duas últimas décadas de vida, então dificilmente poderia nos trazer algo do Azarias em torno do racismo por ele sofrido. Procurei evidências escritas e até então não encontrei, mas em seus documentos o mesmo é retratado como “preto” (Certificado de Reservista/imagem 14) e “pardo” (em sua Carteira de Identidade/13). Nasceu em Indiaroba, antes de morrer vendeu seu sítio para garantir a sobrevivência de sua família, certamente foi atuante na propagação da mensagem evangélica naquela localidade. A condição de pessoa negra somada a sua religiosidade foi um impecílio para adquirir a confiança da população estanciana, mas logo foi superada pela sua competência profissional.



Figura 13: Carteira de Identidade do Prof. Azarias José dos Santos. Colhido do acervo particular de Namaris Alcântara



Figura 14: Certificado de quitação militar de 1941 do Prof. Azarias José dos Santos. Colhido do acervo particular de Namaris Alcântara.

O sociólogo Gilberto Freyre em *Sobrados & Mocambos*, capítulo XI de título “Ascensão do bacharel e do mulato”<sup>132</sup> com relação ao século XIX nos diz que a valorização social do mestiço se deu em torno da absorção de valores e estilos de vida da burguesia europeia bem como na formação dos doutores e bacharéis que vinham a princípio de centros intelectuais da Europa como Coimbra e Paris e mais tarde no Brasil como Bahia e Rio de Janeiro, estes traziam consigo características tidas como “nobilizadoras” cujo diploma simbolizava a passagem para uma transformação social do mestiço. Por esta razão Freyre, classifica o reinado de D. Pedro II como “o reinado dos bacharéis” (pág. 713). Penso que esta disposição elitista compreendeu exhaustivamente a Primeira Republica, especialmente no início do século XX; período que coincidentemente abrange a vida do Azarias, o qual soube aproveitar destes artificios em busca de sua ascensão social no contexto de uma verdadeira “República dos Estados Unidos dos Bacharéis” - em analogia a “República dos Estados Unidos do Brasil”, nome oficial do Brasil republicano até a década de 60 - a qual tanto criticou o literato mestiço Lima Barreto; em o *Triste fim de Policarpo Quaresma*, onde o autor ironicamente coloca: “Cada terra tem a sua nobreza; lá, é visconde; aqui, é doutor, bacharel ou dentista...”<sup>133</sup>.

O modelo de protestantismo que chegou em Estância corrobora com a ideia de nobilização de Freyre aplicado a Azarias, só que ligado a sua religião, pois os missionários protestantes estadunidenses trouxeram consigo valores burgueses e ideologia conservadora pragmática típica da classe média de sua terra natal ligada a valorização da educação e trabalho na esfera espiritual e material, os missionários eram vistos como símbolos de progresso no Brasil devido a hegemonia anglo-saxã. Historicamente tal estética é mais latente nos protestantes tradicionais (MENDONÇA, 2002, p. 14, 186), a qual Azarias fazia parte e performou com destreza se reafirmando como tal na sociedade.

Fica evidente nesta análise alguns problemas biográficos de Azarias, a exemplo de sua data de nascimento, com base nas evidências escritas, alguns afirmam que foi em 1889, outros 1882, porém fui levado a pensar que seria mais factível o último, ou que o próprio não sabia ao certo a sua data de nascimento como é comum até hoje por pessoas mais antigas por causa de problemas de registro. Vejamos: em seu Certificado de Reservista diz que ele se apresentou em 1941 com 45 anos e que o mesmo havia nascido em 1889; ora, se fizermos os cálculos neste

---

<sup>132</sup> FREYRE, Gilberto. *Sobrados & Mocambos*. 15ª ed. Rec. – São Paulo : Global, 2004. – (Introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil; 2). 974 p. Capítulo XI.

<sup>133</sup> BARRETO, Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma* – [Ed. Especial]. – Rio de Janeiro : Editora Nova Fronteira, 2014. 206 páginas. Pág. 52.

sentido ele teria nascido em 1896, sendo este possivelmente um erro crasso. Em “Os Grandes mestres da Estância: Prof. Azarias José dos Santos” de Carlos Modesto, corrobora que ele nasceu em 1 de Nov. De 1889, assim como em seu Certificado de Reservista e Lápide. Em sua Carteira de Identidade emitida em 2 de Dezembro de 1938 consta que ele havia nascido em 1 de Nov. de 1882, bem como em sua Carteira de Membro da IPB, Título Eleitoral e Atestado de Óbito. Neste último de forma indireta, dando para constatar o falecimento do mesmo aos 76 anos em 8 de Dez de 1958, acrescento ainda que o mesmo foi atendido pelos melhores médicos da cidade: Pedro Soares e Paulo Amaral.

Outro problema está relacionado a data de fundação do Educandário encontrei apenas três variações onde no “Cadastro : Commercial, Industrial, Agrícola e Informativo do Estado de Sergipe (SE) – 1933” na página 486 diz que o mesmo foi fundado em 1º de Setembro de 1925, o outro foi na dissertação de mestrado de Maria de Lourdes Porfírio como sendo em 1920 e não como geralmente é apontado no texto de Carlos Modesto em 1928 baseado no texto de Lausan em 1958. Também nos textos analisados, não foi dito que na década de 40 – informação confirmada por Namaris – o educandário também funcionou na parte de baixo e Azarias com a família morou na parte de cima, num sobrado eclético que já não existe mais, no local onde hoje é o atual supermercado Bombom. De acordo com a edição de 01954, de 1949, Harold Cook secretário geral de estatística, coloca que houve 120 escolas “Esperança” no Brasil. Talvez a escola de Azarias fizesse parte desta estatística e já ligada ao presbiterianismo. Posterior a morte de Azarias surgiu o Educandário Esperança, do mesmo nome do educandário de Azarias, sob direção da professora Francisca Patrícia de Andrade, professora presbiteriana em Estância, conhecida como “D. Santinha”, na antiga “Rua dos Ferreiros”, atual Rua Joaquim Calasans, no Centro.

## **6. PERDA DO PROTAGONISMO PRESBITERIANO: BATISTAS E PENTECOSTAIS ENTRAM EM CENA**

A partir de então - década de 1940 - com a ascensão dos batistas e do pentecostalismo, o encerramento da contribuição da Missão, a saída de Bixler e a gradual perda da relevância financeira e de nº de membros da Igreja de Estância que o presbiterianismo perde o protagonismo em Sergipe, e claro, no “Jardim de Sergipe”. Os protestantes seguiram convivendo com a intolerância religiosa, fortes embates teológicos nos jornais e em passos sofríveis por muitas décadas, muito embora o Brasil fosse na década de 40 em diante possivelmente o país que o protestantismo mais crescia no mundo. Na década de 30 o metodista Guaracy Silveira foi o primeiro evangélico a ser eleito ao cargo de deputado estadual (SP) e constituinte de 1934; concomitantemente Sergipe elegeu seu primeiro deputado evangélico, o presbiteriano João Teles de Souza<sup>134</sup>; na década de 50 tivemos o primeiro Presidente da República protestante também ligado a denominação presbiteriana, o potiguar Café Filho, que na condição de vice de Vargas – este o via com desconfiança por conta da religião - viria a assumir a presidência depois do seu suicídio em 1954. Estes fatores significavam uma era de consolidação do protestantismo no Brasil. Também na metade do século XX no Brasil como bem apontou Fábio Lacerda e José Mário Brasiliense em “Brasil: la incursión de los Pentecostales en el Poder Legislativo Brasileño”:

---

<sup>134</sup> Este era orador, escritor, trabalhou nos Correios e ex-suplente de deputado estadual.

A partir de la década de 1950, el pentecostalismo creció y proyectó la fundación de las primeras iglesias neopentecostales, tales como la Iglesia Evangélica Pentecostal Brasil para Cristo, la Iglesia Pentecostal Dios es Amor y la Iglesia Universal del Reino de Dios. Gradualmente, el pentecostalismo superaría al protestantismo histórico tanto em número de seguidores como em importancia política<sup>135</sup>.

Quero chamar atenção especial ao presbiterianismo neste primeiro momento, pois inclusive pouco se sabe sobre a IPE neste período, a maior parte dos documentos, devido a falta de consciência histórica generalizada viraram cinzas, chegando em certos momentos a ponto de quase perder sua identidade “ortodoxa” e confessional por influências teológicas externas, o que serve de alerta para a preservação de sua própria história. Em Janeiro de 1921 na Igreja Presbiteriana de Estância estiveram em visita Manoel Antonio da Silva (moderador), Galdino Moreira, Antonio dos Santos, Augusto Dourado e Henry J. MacCall (correspondente da *Brazil Central Mission*) e os presbíteros Sabino Faria, Bernardo Bispo e Pedro Machado após uma reunião do Presbitério Bahia-Sergipe e um grande culto empreendido no Riachão aos som de flautas, bandolim e órgão, junto a crentes de diversas localidades, cuja família do Sr. Honorino F. de Araujo, Presbítero e chefe de uma importante família local, prestava grande apoio ao evento que fez com que o Padre da cidade saísse dela furioso, tendo antes não deixado de proferir alguns xingamentos.

A Congregação Presbiteriana de Riachão do Dantas<sup>136</sup> estava sob a jurisdição da Igreja Presbiteriana de Estância, que por sua vez estava a cargo do Rev. Antonio dos Santos. Mas em algum momento deste mesmo ano pela primeira vez a IPE foi rebaixada a uma “Congregação Presbiterial”, passando a ser jurisdicionada a Igreja de Urubutinga (Lagarto) que tinha sido elevada para igreja em 1911 por Bixler, certamente por esta igreja ultrapassar a de Estância em termos de relevância financeira e possivelmente de número de membros. Desde 1912 durante o pastoreio de Bixler e antes do pastoreio de João Dourado (a partir de 1917), e apesar de ambos residirem em Estância e Lagarto ser pastoreada por eles que a “Igreja” em Estância já vinha sendo chamada de “congregação” e a de Lagarto alguns anos depois de “Igreja”, será que ela foi rebaixada durante o fim do pastoreio de Bixler? Até então não encontrei um documento que

---

<sup>135</sup> GUADALUPE, José Luiz Pérez; GRUNDBERGER, Sebastian (Eds.). **Evangélicos y poder em América Latina**. Livro. Lima: KAS/IESC, 2018. Pág. 436. Páginas 141-175.

<sup>136</sup> Riachão do Dantas ainda era uma vila e a Congregação de lá só veio a ser elevada em “igreja” pelo Presbitério Bahia-Sergipe entre 9 a 14 de Janeiro de 1924, tendo sido celebrado no mês de Abril do mesmo ano.

confirme a exatidão, embora faça muito sentido, encontrei apenas quando Estância ficou oficialmente sobre a jurisdição da então Igreja Presbiteriana de Lagarto, entre o fim de 1920 e início de 1921<sup>137</sup>.

Em Abril de 1922 o Rev. Antonio dos Santos, de Estância foi residir em Laranjeiras, além da igreja dali passou a pastorear o Norte de Sergipe, já o Sul a partir daí por algum tempo se encontrava sem pastor; em algum momento entre 1922 e 1925, o sul de Sergipe estava sob o pastoreio do Rev. Sergio Maranhão, o que inclui Urubutinga e as congregações de Riachão do Dantas e Estância, o mesmo convidou em 1925 o Rev. João Gadelha Mororó e Arthur Souto para pastorear aquele campo, tendo o primeiro por sua vez aceitado e chegado em Estância em 5 de Abril, logo em seguida o Rev. Sergio Maranhão fixou residência em Aracaju para pastorear a igreja presbiteriana daquela capital<sup>138</sup>.

De acordo com as atas da reunião do Presbitério de Bahia e Sergipe de Dezembro de 1926, tendo em vista as condições de membros e as razoáveis condições materiais da congregação de Estância, decidiu-se reorganiza-la como “Igreja”, mas foi negado o pedido de um pastor local, pois o Presbitério não apresentava condições para isso, foi então definida uma comissão executiva composta pelos reverendos Celso Lopes, Alfeu B. de Oliveira, e os presbíteros Pedro Machado, Honorino F. de Araujo e Barnabé B. da Silva para juntamente com Estância a cidade de Simão Dias serem organizadas “igreja” ainda naquele ano, a IPE estava com 30 membros adultos e 30 membros menores, tendo como presbíteros Jeremias Freire dos Santos, Laudelino P. Alencar e José Rodrigues de Carvalho, e como diácono Eduardo Cravo<sup>139</sup>. Este último sabemos que era membro de uma família sergipana católica de comerciantes, portanto um ex-católico, seu filho Filon Carvalho Cravo, costumava frequentar os cultos da parte de fora, na janela, assim como por um tempo fez seu pai; mas em um certo dia se encontrou enfermo gravemente, ficando apenas em seu leito, onde finalmente se converteu, e logo depois morreu<sup>140</sup>.

De toda forma, com a organização da Primeira Igreja Batista de Aracaju em 1913 com o Rev. Horácio Gomes como seu primeiro Pastor simbolizava que a partir daí os presbiterianos não estariam mais a sós nos torrões sergipanos como representantes do movimento protestante. Em Estância ficaram por mais de 40 anos sozinhos pós 1905. O Prof. Dr. Kevin Vanhoozer

---

<sup>137</sup> Norte Evangelico, 15 Novembro de 1918, nº 33; 25 de Outubro de 1912, nº 43.

<sup>138</sup> Norte Evangelico, 1925, nº15, pág. 2-3.

<sup>139</sup> Norte Evangelico, 15 de Abril de 1925, nº 15; 9 de Março de 1927, nº 10, pág. 2-3.

<sup>140</sup> Norte Evangelico, 15 de Setembro de 1942, pág. 5, escrito pelo próprio Rev. Alfeu Barra de Oliveira.

uma certa vez assinalou que “são muitos os riosinhos e afluentes que alimentam e procedem do rio do evangelicalismo protestante, entre eles o puritanismo, o pietismo e, mais recentemente, o pentecostalismo” (VANHOOZER, 2017, p. 285). O termo “evangelicalismo protestante” ou “evangelicismo” se refere as vertentes dos principais troncos reformistas, as temporalmente mais recentes, bem como as nascidas do contexto da “teoria denominacional” e do “confessionalismo”<sup>141</sup>, o que é determinante na assimilação de características de alta adaptabilidade e dinamismo do protestantismo contemporâneo, a exemplo do “pietismo”<sup>142</sup> que foi originado do luteranismo e enfatizava as experiências individuais dos crentes, os demais exemplos e suas reverberações no Brasil e em Estância discutiremos mais a frente.

As origens teológicas distintivas dos batistas e de outras vertentes protestantes se encontram no século XVI com os anabatistas, que significa “rebatizadores”, eram chamados assim pejorativamente por reformados e luteranos, e considerada pelos historiadores como a ala mais radical da Reforma Protestante, tinham aqueles grupos que eram mais racionais, os mais pacifistas e os mais revolucionários, a grosso modo, eram contrários ao “pedobatismo”, ou seja, ao batismo infantil, e contrários a “transubstanciação” e “consustanciação” da Ceia do Senhor ou Eucaristia, sendo “memorialistas”, ou seja, a Ceia para eles era apenas um memorial, negando qualquer tipo de presença real de Cristo, seja espiritual ou física, sem transformação da substância do pão e do vinho no corpo e sangue de Cristo (transubstanciação) e sem a coabitação entre as substâncias dos elementos da ceia com o corpo e o sangue de Cristo (consustanciação). Posteriormente, no século XVII um grupo de puritanos ingleses - isto é dissidentes da Igreja de Roma e Anglicana - saem da Inglaterra que estava sob o reinado de Elizabeth I (1558-1603) em direção a Holanda em busca de maior liberdade religiosa, liderados por John Smyth (1570-1612) e Thomas Helwys (1550-1616) que eram contrários ao anglicanismo, defendiam a independência da Igreja do Estado e a liberdade de consciência, posteriormente alguns deste grupo se tornaram “menonitas”, isto é, também de origem anabatista e seguidores dos ensinamentos de Menno Simmons (1496-1561), sendo conhecidos por seu pacifismo e austeridade nos costumes.

---

<sup>141</sup> Associado a estes fatores está o emocionalismo na ênfase na experiência da conversão individual que se repete ao longo da vida, é espiritualista e moralista. É basicamente pietista, arminiano-wesleyano e puritano (norte americano) o evangelicalismo brasileiro (MENDONÇA, 2002, p. 81, 150).

<sup>142</sup> Não acreditavam na justificação pela fé somente, mas em uma crescente e constante progresso espiritual, são isolacionistas e individualistas interpretativos. Influenciaram bastante o evangelicalismo brasileiro.

Embora a tradição batista tenha profundas ligações espirituais com os anabatistas, eles gradualmente se diferenciaram, reafirmaram e consolidaram sua ortodoxia confessional, sobretudo em torno do *Sola Scriptura* ao invés da *Sola Experientia*. Nos EUA a primeira Igreja Batista foi organizada por Roger Williams (? – 1683) no atual estado de Rhode Island em 1632, que logo se tornou um refúgio para minorias religiosas, além desta disposição peculiar para época, o referido Pastor batista se destacou na história devido a defesa da não invasão de terras indígenas e sim a justa comercialização delas. Desde o século XIX os batistas superaram os presbiterianos em números nos EUA (coisa semelhante ocorreria no Brasil no século XX) penso que por razão de serem “autonomistas” e por toda ideologia construída em torno do ideal de liberdade imbuída na cultura daquele povo, sendo identificada especificamente com a tradição puritana desde os tempos coloniais.

Na Era das Missões (XVI-XIX) não mais as pregações faziam de seus limites as paredes das paróquias pois o mundo havia se tornado sua própria paróquia (parafraseando John Wesley); o missionário batista William Carey (1761-1834) foi um dos pioneiros das missões modernas protestantes no século XVIII, inclusive de forma interdenominacional voluntária, foi na Índia que Carey desenvolveu um método de evangelização não predatória, ou seja, não demonizava tudo da cultura local e nem os convertia a força, mas antes buscava compreender a cultura local, o que possibilitou a realizar trabalho de tradução e maior interpenetração cultural; disposição semelhante pode ser encontrada no jesuíta Matteo Ricci (1552-1610) na China e nos franciscanos no Brasil.

O Brasil, no séc. XIX, incentivou a emigração de estrangeiros, chega do Sul dos Estados Unidos então um grupo de imigrantes na atual cidade de Santa Bárbara D’oeste em 1871, em São Paulo; é também ali que surge a primeira Igreja Batista do Brasil. A partir de 1882, o atual território nordestino recebe os primeiros missionários batistas, pertencentes a *Junta de Richmond*. Em Sergipe chegam no início do século XX, tendo organizado a Primeira Igreja Batista de Aracaju em 1913, com 13 membros e crescente sob a liderança do Pr. Horácio Gomes de Araújo. A partir de 1910 houve forte cooperação dos estados de Alagoas, Pernambuco, Bahia e Piauí, favorecendo o fortalecimento do trabalho. Em 1919, os primeiros batistas fixam sua residência em Sergipe, especificamente em Aracaju, o estadunidense Rev. Charles Franklin Stapp (1881-1956) e sua esposa Willie Pearl Dunstan Stapp (1899-1964).

Na década de 30, os batistas passavam por dificuldades marcadas pela escassez de obreiros - uma situação semelhante aos presbiterianos - com o “Pastor Coriolano Costa

Duclerc atendendo as igrejas PIBA, Propriá, Boquim e Itabaianinha; o Pastor Tiago Lima no Baixo São Francisco, e Vila Nova; Alarico de Souza a SIBA, N.S. das Dores, Maruim e a congregação de S. Cristovão” (NATIVIDADE; PORFÍRIO, 2013, pág. 52). Este trecho e demais dados acima foram retirados do livro *A luz brilhou na terra dos cajueiros: Panorama histórico dos Batistas em Sergipe 1913-2013* de Sandra Maria Natividade e Maria de Lourdes Porfírio, graças a elas que pude constatar também que a Primeira Igreja Batista de Estância para além de ser organizada em 25 de Agosto de 1946 com 11 membros fundadores, tendo como seu primeiro líder o Rev. Wandir Lobo Bonfim, filha das atividades evangelísticas da então Congregação Batista de Boquim que por sua vez “tinha sido filha da Segunda Igreja Batista de Aracaju (SIBA) com incentivo de congregações presentes no Pontal e Terra Caída, povoados de Indiaroba, e a congregação de Itabaianinha”; sendo a segunda Igreja Batista organizada no Centro-Sul e Sudoeste do Estado e a décima primeira igreja Batista sergipana (NATIVIDADE; PORFÍRIO, 2013, pág 64).

É notável que em 1946 foi também ano da fundação da Convenção Batista Sergipana, sendo que antes de sua autonomia, era vinculada a convenção de Pernambuco, Bahia e Alagoas. Apesar de toda dificuldade dos primeiros anos, era apoiada pela visita mensal do Sr. Walter Quirino dos Santos e o Dr. Maurice Treadwell, a PIBE crescia rapidamente principalmente a partir de 1950 quando se expande para o Bairro Cidade Nova (1952) em Estância e para outras cidades como N. Sra. da Glória em 1954 e na década de 60 em Umbaúba.

Tais informações confirmam os relatos de memória de Namaris no capítulo passado, de que existia um núcleo de protestantes batistas nos povoados da cidade de Indiaroba (Terra Caída e Pontal), de onde Azarias tinha origem, o próprio e família foram atuantes hospedando caravanas de batistas provenientes da capital para a inauguração da PIBE (Cap. V, pág. 77-78). Segundo o evangelista Amaro José da Silva (1974), além do próprio, os membros fundadores da Primeira Igreja Batista de Estância foram: José Camilo dos Passos e D. Maria Benigna, prof. Azarias Santos e D. Belmira, Jason Cupertino, João Batista, Antônio Jorge, João Braz e D. Hilda Braz e Antônio de Assis. Sendo o concílio organizador composto pelo Pr. Simeão da Silva, Otoniel Marques Guedes e José Carlos Crêspo; tendo como diáconos Simeão Barreto, Erundina Bispo dos Santos e claro, o então Azarias José dos Santos, também diácono. Seu primeiro prédio se deu próximo a casa do Prof. Azarias na atual Av. Getúlio Vargas. Depois, na década de 80 quando Carlos Magno foi eleito prefeito da cidade - o mesmo costumava frequentar aquela igreja - a sua sede foi transferida para o Bairro São Jorge, atual prédio, na praça Thomaz Costa.

Quanto ao advento do movimento pentecostal, o prof. Dr. Jonatas Silva Menezes em *Pentecostanismos e rituais de cura divina: personagens e percursos*<sup>143</sup> a partir da página 94, nos dá um excelente panorama que nos permite fazer algumas distinções fundamentais. No século XVIII, ocorreram grandes fenômenos de avivamentos que aconteceram principalmente entre presbiterianos, batistas e congregacionais, em uma época onde pensadores iluministas pensavam que a religião iria se arrefecer, tais movimentos deram um novo fôlego e revitalizaram o Cristianismo por meio de líderes como Jonathan Edwards, Wallace Wilberforce e John Wesley. O professor identifica que o crescimento do pentecostalismo se dá a partir do século XIX com os chamados *holiness*, que eram movimentos de santidade, se diferenciavam dos movimentos de avivamentos e dos protestantes tradicionais, onde tinham como característica distintiva a substituição da “busca de santidade durante uma vida, por uma experiência rápida pelo batismo com o Espírito Santo”.

Como complemento e neste mesmo sentido podemos mensurar que a chamada “glossolalia” é um fenômeno de transe religioso onde o fiel emite sons que se assemelham a uma linguagem ininteligível, que por sua vez é diferente de “xenolalia”, cujo sons e palavras podem ser identificados; o “carismatismo” é um fenômeno que atravessa toda a história do Cristianismo, tendo como característica a ênfase aos dons e a continuidade dos mesmos da mesma forma que nos tempos dos Apóstolos, e que apesar destas três características fazerem parte do pentecostalismo não podem ser confundidos com o mesmo. Em uma conversa via rede social com o prof. Me. Tiago de Moraes Kieffer, especialista no movimento pentecostal, pude aprender que o movimento pentecostal possui como característica e distintivo principal a glossolalia como uma evidência inicial do batismo com o Espírito Santo. Tal movimento tem como marco histórico a Rua Azusa, em 1906, foi naquele avivamento interracial onde todos estes elementos se uniram pela primeira vez; embora liderada pelo pastor afro-americano William Joseph Seymour (1870-1922), grande orador, o mesmo reconhecia Charles Fox Parham (1873-1929) como fundador desta doutrina, e claro que ambos atribuíam sempre a ação e autoria ao próprio Espírito Santo<sup>144</sup>.

---

<sup>143</sup> MENESES, Jonatas Silva. **Pentecostanismos e rituais de cura divina: personagens e percursos**. Livro. São Cristovão: Editora UFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira. Acervo do Museu da Gente Sergipana Gov. Marcelo Deda. 2008. 296 p.

<sup>144</sup> KIEFFER, Tiago. **Quem é o pai do movimento pentecostal?** Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C61ev--MtB1/?igsh=aTk2a2d4YWdnN3kw>. 2024. Acesso em: 25 maio.

Os primeiros missionários pentecostais chegaram ao Brasil na primeira década do século XX, são eles o italiano Luigi Francescon (1866-1964), e os suecos originários dos EUA, Daniel Berg (1884-1963) e Gunnar Vingren (1874-1933), pioneiros da colportagem pentecostal e dissidentes de igrejas tradicionais (presbiteriana e batista respectivamente). A primeira Igreja Assembleia de Deus no Brasil foi organizada em 1911 em Belém do Pará, portanto o movimento pentecostal brasileiro, vale salientar, cresceu inicialmente pela região Norte e Nordeste (MENSESES, 2008, pág. 99). O primeiro pregador pentecostal em Sergipe foi o Sargento Ormínio, oriundo de Belém do Pará. Depois da visita do Pastor de Maceió, João Pedro da Silva, viabilizada por Ormínio e da fixação em Aracaju em 1931 de um membro da Igreja proveniente de Maceió, de nome Antônio Beltrão, que pôde ser dada continuidade a pregação da “chama pentecostal” criando uma base de membros que tornariam possível lançar um convite a um missionário de Salvador, de nome Otto Nelson, propiciando a criação da primeira IEAD de Sergipe organizada em Aracaju em 18 de Fevereiro de 1932 com 11 membros sob a jurisdição da Igreja de Salvador até 1949<sup>145</sup>.

Em entrevista realizada em 31/10/2024 ao Pr. Antonio Bezerra<sup>146</sup>, que desde 2009 se encontra como Pastor da Igreja Evangélica Assembléia de Deus de Estância, primeira e maior igreja pentecostal desta cidade – que já possui 75 anos de existência – apresentou uma síntese histórica desta igreja ao ser perguntado sobre suas origens. Atraídos pela mensagem pentecostal os primeiros membros foram dissidentes da Primeira Igreja Batista de Estância, são eles: Jason Rodrigues Santana, Gerson Linhares – futuramente se tornaria Pastor - e sua esposa Maria José Linhares, Raquel e os filhos; o Sr. Antônio Sena que se converteu em 1945 também foi um dos primeiros membros. O Sr. Antônio Sena foi assistir na capital sergipana um culto na Igreja Assembléia de Deus, na Av. Maranhão, aumentando sua convicção de fé, no retorno à Estância continuou pregando a mensagem que ouvira em Aracaju. Estes em 1946 ouviam via rádio a mensagem pentecostal de que além da salvação Jesus curava, manifestava-se em dons extraordinários e batizava com o Espírito Santo. Por sua vez começaram a se reunir em suas casas, onde houberam os primeiros batizados com o Espírito Santo.

---

<sup>145</sup> PORTO, Ermerson. **Nossa história**. Artigo. IEADSE. Disponível em: <https://ieadse.org.br/se/nossa-historia/>. Acesso em: 25/05/2024

<sup>146</sup> Para além da entrevista, o próprio me convidou para uma celebração de 75 anos da IEAD realizada durante três dias a partir de 22/11/2025 em Estância, no segundo dia estive presente, conhecendo algumas das pessoas citadas e com maior riqueza de detalhes esta história. Depois o Pr. Antônio Bezerra me enviou via rede social em PDF uma ordem cronológica da história desta igreja; a qual pude comparar criticamente a outras fontes citadas no corpo do texto.

Após os irmãos baianos saberem do interesse de uma grupo de pentecostais em Estância, de 1946 a 1948, o Pr. Aristóteles Bispo de Santana enviado pela Convenção da Bahia esteve em Estância para celebrar o primeiro batismo nas águas e a Santa Ceia, mas não organizou aquela comunidade como igreja, permanecendo como uma Congregação de Salvador. A partir daí, que finalmente o Pr. Rodrigo Silva Santana (1925-1985) entra em cena, este foi um pioneiro evangelista pentecostal em Estância, homem negro nascido na Baixa da Palmeira – BA, na adolescência havia se convertido, foi responsável por várias congregações no interior e também na capital baiana, desde 1945 começou suas atividades na condição de Evangelista, depois de quatro anos em Candeias foi remanejado para o município de Estância em Maio de 1949, sendo ordenado Pastor no ano seguinte, permanecendo alí por 10 anos, de 1949 a 1959, sendo substituído pelo enviado da então Convenção Sergipana o Pr. João Bispo da Silva, retornando a Bahia se consolidou como uma liderança religiosa de grande relevo<sup>147</sup>, vindo até mesmo a se tornar Presidente da Assembleia de Deus na Bahia. No período em que esteve em Estância evangelizou dentro e fora da cidade, a pé e a cavalo, a exemplo da cidade de Tobias Barreto, no meio rural, onde pregava a luz de candeeiro na casa da família Meneses, onde ainda não tinha sequer água encanada, dali no futuro sairia um pastor. O filho do Pr. Rodrigo Silva Santana chama-se Eliel Lima Santana e nasceu em 1956 em Estância, durante seu pastorado viria a se tornar vereador da capital baiana, eleito para Deputado Estadual e suplente de Senador; o seu neto Heber de Sousa Santana também fez carreira política como Vereador e Deputado Estadual, ambas gerações permanecem membros da Assembléia de Deus.

O primeiro prédio da IEAD de Estância se deu na chamada Rua General Pedra, inaugurado em 1956 foi lançada a pedra fundamental e em 1959 foi inaugurado. A presença de protestantes naquela rua é bem mais antiga, era próximo a residência do Prof. Azarias e do primeiro prédio dos batistas e da residência dos primeiros presbiterianos. O seu segundo prédio se deu nos arredores da Mini Rodoviária, na Av. Santo Antonio. Depois de mais de uma década, com a igreja em situação difícil e com poucos membros, sob liderança do humilde Pr. Lourival Firmino, pois o dinheiro do campo não dava para o sustentar, passou a comercializar sabão na feira para sua própria subsistência, o mesmo chegou a viajar para alguns estados, como São Paulo pedindo carona para economizar dinheiro e ofertas para que finalmente pudesse comprar

---

<sup>147</sup> TV CPAD. Pastor Virgínio José de Carvalho Neto – história da AD em Sergipe – Na história PGM 35. Documentário. You Tube. Apresentado pelo Pr. Edilberto Silva. Disponível em: <https://youtu.be/6DcW2Y-YuWM?si=5E8tjh-XS5osbBJt..> Acesso: 25/10/2024. Ver também: Diário Pentecostal Historiando Oficial. **Vida e morte • Assembléia de Deus em Salvador, BA • Rodrigo Santana.** Documentário. You Tube. Disponível em: <https://youtu.be/C6Rsn-Cov78?si=JkUfjgBvQmjsOwiy>. Acesso em: 25/10/2024

dois lotes de terra na R. Helvécio e doar a igreja para construir o atual templo, o antigo havia sido demolido. Enquanto Pr. Lourival viajava o irmão Francisco Costa dirigia a igreja.

No Brasil há um consenso em que as camadas mais pobres e iletradas foram e ainda são alcançadas com mais profundidade pelos pentecostais pois há muita ligação ao cotidiano e prática de vida das pessoas, bem como julgo sua noção estética de “fervor espiritual” muito atraentes ao brasileiro devido sua formação sociocultural híbrida relegada a uma maior expressividade corpórea dos africanos e ameríndios nas culturas populares do Brasil, mesmo que executada de forma inconsciente pelo grupo religioso, bem como a flexibilidade e agilidade que são formadas suas igrejas em comparação a outras denominações tradicionais são notórias, favorecendo a sua disseminação e ao fato de serem a vertente protestante majoritária no Brasil, tendo como denominação principal a Igreja Evangélica Assembleia de Deus. Não por acaso de acordo com uma pesquisa do Datafolha entre Outubro de 2014 e Dezembro de 2016 o ritmo médio de crescimento da população brasileira foi de 1,21% ao ano, o de católicos 1,28%, o de evangélicos em geral 2,12%, e o dos pentecostais, 2,20%<sup>148</sup> ou seja, os pentecostais crescem ao ano quase que o dobro dos católicos, evangélicos em geral e do crescimento médio da população geral do Brasil.

A orientação teológica oficial da IEAD é “arminiana”, historicamente esta teologia foi formulada por Jacó Armínio (1559/60-1609), os seus seguidores questionavam “os cinco pontos do calvinismo (Depravação Total, Eleição Incondicional, Expição Limitada, Graça Irresistível)”, daí em 1610 apresentaram o documento “os cinco artigos remonstrantes (Eleição Condicional, Expição Ilimitada, Graça Resistível, Depravação Total, Possibilidade de Apostasia)” para os contrapor os calvinistas, politicamente também eram contra o governo holandês de Maurício de Nassau, um “calvinista ortodoxo”, que em contrapartida os reprimiu. O chamado Sínodo de Dort em 1619 oficialmente os condenou por heresia, tal episódio serviu de questionamento a tolerância protestante holandesa. Por conta do arminianismo sentiu-se uma maior necessidade de uniformidade doutrinária dos reformados, por isso entre 1643 a 1649 foi elaborada a Confissão de Fé de Westminster assinada por muitas igrejas presbiterianas e reformadas, uma ala das igrejas batistas cederam ao arminianismo e a outra continuou calvinista, estes últimos elaboraram a Confissão de Fé Batista de Londres em 1689 para

---

<sup>148</sup> Folha de São Paulo. **Deixam de ser católicos ao menos 9 milhões**. Artigo. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2016/12/1844365-deixam-de-ser-catolicos-ao-menos-9-milhoes-afirma-datafolha.shtml?mobile>. Acesso: 23/10/2024.

organizar melhor a doutrina batista reformada. Inaugurou-se então uma era de confessionalismo.

A teologia arminiana crê que a graça da salvação é “preveniente” na medida em que a graça precede e prepara o livre arbítrio para o indivíduo escolher a Cristo ou não; já na medida em que a graça acompanha e capacita a vontade humana para que coopere com a vontade divina, ela é chamada de “graça cooperante”<sup>149</sup> (sinergista); diferentemente dos calvinistas que creem que a salvação é totalmente obra divina (monergista), pois o ser humano em seu estado natural pós-queda é incapaz de escolher a Deus por vontade própria, sua natureza estaria contaminada pelo pecado, deste modo contrários a chamada “liberdade libertária”, ou seja, do ser humano ter o livre arbítrio de escolher entre o bem e o mal como antes da Queda, por justiça todos seriam condenados, por misericórdia Deus elege “desde a fundação do mundo” os seus, uma vez salvos não podem perder a salvação, mesmo que venham a cair na fé, eles retornam a ela, as boas obras são evidência de uma glorificação interna e o ser humano não é salvo por ela, sendo a obra sacrificial e redentora de Cristo tendo maior ênfase como perfeita e suficiente para a Salvação, nem mesmo a própria fé viria do indivíduo e sim seria “um dom gratuito de Deus”, não podendo em hipótese alguma o indivíduo cooperar com Deus para a salvação<sup>150</sup>. Diferentemente também do catolicismo romano que admite algum tipo de cooperação, onde “a graça não destrói a natureza, antes aperfeiçoa” (Tomás de Aquino).

O “pentecostalismo de segunda onda” no Brasil se dá a partir da década de 50, num período de maior urbanização e maior difusão dos meios de comunicação em massa (rádio), com a organização de igrejas como “O Brasil para Cristo”, “Deus é amor”, “O Evangelho Quadrangular” e outras; cuja característica distintiva é a ênfase no dom de cura divina. O chamado de “pentecostalismo de terceira onda”, “deuteropentecostalismo” ou ainda de “neopentecostalismo” surge na década de 70 em diante, numa época de maior massificação da sociedade, difusão dos meios de comunicação em massa e o surgimento do primeiro programa tele evangelístico, com fortes conotações de *marketing* e empresarialização eclesiástica, claramente influenciado por teólogos pentecostais estadunidenses.

---

<sup>149</sup> STORMS, Sam. **Os escolhidos**: uma exposição da doutrina da eleição. Livro. Vida Nova, 2017. 390 p. Pág. 31

<sup>150</sup> TOURINHO, Francisco. **O calvinismo explicado**: teologia, providência e decretos. Livro. 2. ed. Rio de Janeiro: Theophilus Editora, 2020. 426 p. Pág. 89.

O exemplo mais protuberante é a organização da Igreja Universal do Reino de Deus, a primeira desta orientação a chegar em Estância teve origem possivelmente no antigo “Caminho do Rio”; a Igreja Internacional da Graça de Deus, começou seus trabalhos em Estância em 2003 na rua Monsenhor José Paes Santiago pela iniciativa de duas mulheres, a professora Roseane Santana França, fundadora do Reforço Escolar Gênesis (2007-2012), e a pescadora Ivanildes que se comunicaram via carta diretamente com o seu fundador R.R. Soares; diversas outras como a Igreja Mundial do Poder de Deus vinheram posteriormente. Podemos levantar a característica principal do movimento neopentecostal a “Confissão Positiva”, isto é, exigir de Deus e determinar “a posse da benção”, e a “Teologia da Prosperidade”, isto é, a prosperidade material é proporcional à sua fidelidade ao dízimo e demais sacrifícios por obras; os protestantes tradicionais não enxergam tais doutrinas com bons olhos, as considerando como práticas heréticas e por isso, nesta perspectiva os neopentecostais seriam como religiões a parte do movimento protestante ortodoxo como um todo, por romper com os pilares da religião, tendo como referência “Os cinco solas”, são estes *Somente a Escritura, Somente a Fé, Somente a Graça, Somente Cristo, Glória Somente a Deus*.

Um exemplo de “religiões a parte” são a Igreja de Jesus dos Santos dos Últimos Dias (mórmon) e os Testemunhas de Jeová, que neste caso são religiões de carácter restauracionista, isto é, a verdadeira religião e sua respectiva salvação é atrelada a partir de algum momento da história com a criação de sua instituição, portanto sendo exclusiva a ela atribuições salvíficas, ou seja, são exclusivistas. Quanto a Igreja Adventista do Sétimo Dia, foi organizada em Estância em 1994, 71 anos depois de sua presença na capital sergipana Aracaju em 1924, é controverso a afirmativa de que se trata de uma igreja classificada como exclusivista e restauracionista, acarretando em questionamentos quanto a classificação de uma denominação protestante.

Nos bairros Alagoas, Paulo Amaral e Cidade Nova – neste último bairro a primeira igreja foi a Batista - em Estância é mais comum encontrar diversas igrejas cujos membros fundadores, por motivos diversos, a grande maioria foram dissidentes de igrejas pentecostais e até neopentecostais; em 2017 na rua Camilo Calazans (conhecida como: “cabeça do boi”) chegou a ter em torno de cinco igrejas dentro de um espaço de 70 metros, e na avenida principal do bairro Cidade Nova, havia duas igrejas neopentecostais vizinhas em plena disputa interdenominacional. Me parece que o sentimento de firmeza, convicção e consistência de testemunho cristão independente das particularidades de cada denominação nestes ambientes ficaram prejudicados. Felizmente, embora seja difícil observar este padrão, hoje em Estância

existe uma certa colaboração entre as igrejas tradicionais tais como a Primeira Igreja Batista de Estância, a Igreja Presbiteriana de Estância e a Igreja Evangélica Assembleia de Deus, mas nem sempre foi desta forma, pois os pentecostais eram alvos frequentes de combates em jornais oficiais reformados e no quotidiano vítimas de estigmas recíprocos, e os acordos que limitavam o campo de trabalho de cada denominação por vezes se chocavam, gerando atritos. O historiador Émile G. Léonard nos dá um exemplo semelhante na capital sergipana na década de 50 onde todos os pastores de denominações distintas estiveram presentes na inauguração de um templo assembleiano só que desta vez em espírito de tolerância, compreensão e unidade de propósito cristão:

Esta tolerância, proveniente do próprio particularismo, estabelece-se logo que cesse a primeira fase do aparecimento dos recém-chegados a da caça em terras alheias – passando-se à colaboração prática. Eis dois exemplos recentes dessas boas relações, colhidos na imprensa protestante. Quando os “pentecostais” da Assembléia de Deus de Aracajú inauguraram, em janeiro de 1950, uma capela no bairro de Guajerú, isso foi feito na presença de todos os pastores da capital de Sergipe, isto é, os da Primeira Igreja Batista, Segunda Igreja Batista, Igreja Batista Independente, Igreja Presbiteriana, Igreja Presbiteriana Independente, Igreja Congregacional e Cristã (119). Já havia, pois, seis comunidades evangélicas nessa cidade, sem contar a Assembléia de Deus primitiva. Tratava-se, por outro lado, da extensão de uma Igreja comumente bastante suspeita as velhas denominações protestantes, quer por sua doutrina quer pela atração que exerce sobre os fiéis. O fato de todos os pastores de Aracajú assistirem à abertura dessa nova sala pentecostal, revela a compreensão existente entre os protestantes dessa cidade (1963, pág. 298).

O contrário deste sentimento e sua causa está na consequência da prática chamada por Alister MacGrath de “ideia perigosa do Cristianismo” da interpretação radical do *Sola Scriptura* entendido por *Nuda Scriptura* ou *Solo Scriptura* originada de parte dos anabatistas, isto é, a livre interpretação individual da Escritura, sem considerar a Tradição ou os Concílios, o que é o exato oposto de “*Sola Scriptura*”, hoje muito bem definido, os principais expoentes desta disposição doutrinária são Sebastian Franck (1499-1543) e Thomas Müntzer (1489-1525) no século XVI.

Tal mentalidade é muito comum no fundamentalismo contemporâneo na América Latina, geralmente creem que a Bíblia ensina Ciência Moderna, interpretam muitos textos de forma particular e literalista, e veem o estudo do texto bíblico como antagonico ao “fervor espiritual”, os críticos consideram que tal disposição acaba levando a “anarquia e caos teológico”. Penso que a anarquia preexistente formada ao longo dos séculos no Brasil frente a

hierarquia e institucionalização antes mesmo do estabelecimento dos protestantes se encontrou com o potencial anárquico da *Nuda Scriptura*, dilatando os cismas institucionais multiplicados até hoje.

Acrescentaria ainda como uma das razões do fenômeno neopentecostal, seria a sua compreensão distorcida da doutrina do “Sacerdócio Universal” defendida originalmente por Lutero, onde baseado em Pedro 2:9 e Apocalipse 5:10 diz que todo cristão batizado são sacerdotes espirituais, toda a Igreja compartilha de um “sacerdócio comum”, independente de ter sido oficialmente ordenado, exaltando o relacionamento pessoal do fiel com Deus; mas diferentemente dos dissidentes anabatistas e os neopentecostais, Lutero não negava ou relativizava em absoluto a autoridade disciplinar temporal das instituições eclesiásticas e da tradição, a importância do leigo estar subordinado a uma autoridade eclesiástica e ao coletivo da igreja; devemos compreender que tal disposição neopentecostal está somada ao atual contexto democrático e capitalista, exasperação do individualismo, de livre expressão de crença e culto, o que favorece de forma desinibida a fundação de igrejas a própria “imagem e semelhança” de seus fundadores e seguidores. Por conta disto e ainda assim acabam sendo considerados como “rebeldes” pelas suas igrejas mães por justamente colocarem em cheque “a túnica sem costura de Cristo” como Cipriano de Cartago no século III escreveu em favor da unidade da igreja em resposta à perseguição do general Décio.

Não poderíamos nos esquivar e deixar de refletir criticamente esta disposição da natureza do protestantismo/cristianismo de haver dezenas de milhares de “denominações/práticas cristãs”, de acordo com o Centro para Estudos do Cristianismo Global em 2023, aí incluso não apenas os protestantes<sup>151</sup>; o que tem sido alvo de críticas e questionamentos de muitos ao longo da história, relegando inclusive esta responsabilidade e consequências unicamente ao protestantismo, a exemplo de pensadores como Hans Boerma e Peter Leithart que afirmam que “a Reforma gerou o cisma”. Defendo que divisões, cismas, seitas e disputas teológicas não soam estranhos aos ouvidos da História do Cristianismo como um todo desde sua fundação histórica com Jesus Cristo e os 12 Apóstolos a mais de 2000 anos atrás, este carácter embora de fato tenha sido exacerbado na modernidade e por também derivar de formulações teológicas nascidas no protestantismo, pertence a todo o Cristianismo no

---

<sup>151</sup> Lausanne Movement. **O que é Cristianismo Policêntrico?** Disponível em: <https://lausanne.org/pt-br/report/o-que-e-cristianismo-policentrico/denominacoes-cristas>. Acesso: 23/11/2024.

contexto da modernidade, por ser a saída encontrada e finalmente aceita consensualmente por toda a Cristandade para tempos de paz e maior tolerância.

Em *História do Cristianismo*, o historiador Bruce Shelley, no capítulo intitulado “uma nova ordem para as igrejas”, pág. 370 diz: “A Reforma, involuntariamente, destruiu a cristandade tradicional, e orou, pregou e lutou pela verdadeira fé até que nenhuma igreja isolada subsistisse, restando apenas o que chamamos de denominações”. A “teoria denominacional” nasce na esteira da luta pela liberdade de crença e consciência, onde desta vez, a Igreja se encontrava sem o apoio estatal, favorecendo o que chamamos de “voluntarismo”, pois “as igrejas, privadas de apoio estatal, foram obrigadas a manter sua missão...com base no voluntariado”, as “denominações tinham que converter e arrecadar fundos sem auxílio estatal” e claro, desta vez, sem o emprego da força para a conversão. O referido autor no capítulo 31, página 324, de título “Indispostos a morrer por uma ideia antiga – denominações” traça o marco histórico que caracteriza o Cristianismo moderno, tal termo (denominação) surgiu por volta de 1740, “durante os primeiros anos do avivamento evangélico liderado por John Wesley e George Whitfield, mas a teoria em si foi moldada por um grupo de líderes puritanos radicais presente na Inglaterra e na América”, e que os verdadeiros sistematizadores desta ideia foram os “congregacionalistas independentes” do século XVII, uma minoria na Assembleia de Westminster (1642-1649).

O historiador Bruce L. Shelley salienta que originalmente não tinha nada haver com exclusivismo, características de seitas, e sim era teoria de caráter “inclusivo” e “indica que o grupo cristão chamado ou *denominado* por um nome específico é membro de um grupo maior, a Igreja, à qual todas as denominações pertencem”. Tal teoria defende que uma “única estrutura eclesiástica” visível não é capaz de comportar toda a Igreja invisível, a qual só Deus sabe e delimita quem são seus eleitos; que é inevitável as diferenças com relação a questões secundárias e terciárias pois a própria Bíblia permite a dúvida e incerteza em questões desta natureza, sem pena de perder a salvação e que a divisão administrativa ou de eclesiologia da Igreja não significava “diversidade na unidade” e sim a tão desejada “unidade na diversidade”.

De fato a unidade sempre foi do interesse, disputada, desejada e perseguida pela Igreja Cristã, e a atual concepção de unidade denominacional do protestantismo também possui seus adversários, todavia conforme Bruce Shelley argumenta, mesmo que venhamos a não concordar, esta fórmula foi paga por “um alto preço”, a preço de sangue, demonstrando ser a

solução em prol da convivência pacífica com perspectivas teológicas diferentes no mundo moderno, sendo hoje consensualmente aceita em prol da paz<sup>152</sup>.

Quanto a afirmação de que “cisma” e “divisão” é uma característica exclusiva do protestantismo, penso ser uma afirmativa equivocada, pois é da natureza do próprio cristianismo, cito então o historiador Jaroslav Pelikan em seu 5º volume, de título *A tradição cristã: uma história do desenvolvimento da doutrina: a doutrina cristã e a cultura moderna (desde 1700)*, expõe sobre os primeiros séculos do Cristianismo: “O estudo patrístico revelou não consenso, mas "divisões infinitas" e "pluralidade de hipóteses" - a anomalia de uma "ortodoxia pluralista” (2016, pág. 137). O filósofo pagão Celso em “A verdadeira doutrina”, adversário do Cristianismo em 175 d.C. dizia que: “Os cristãos, não é preciso dizer, detestam totalmente uns aos outros; eles se caluniam constantemente com as formas mais vis de abuso, e não podem chegar a nenhum tipo de acordo em seus ensinamentos”<sup>153</sup>.

Foi na Idade Média que foi fundamentado vários conceitos de unidade, Jaroslav Pelikan em seu 4º volume, de título *A tradição cristã: uma história do desenvolvimento da doutrina: a reforma da igreja e o dogma (1300-1700)*, que no século XIII, antes de João Gerson, existiam dois escritores (Tiago de Viterbo e Álvaro Pelágio) que distinguiram entre “os três tipos de unidade na igreja”, são estas:

uma “unidade da totalidade”, composta de cristãos individuais como suas partes; uma “unidade de conformidade”, por meio do qual os membros da igreja eram conformados um ao outro por meio dos dons de graça que compartilhavam; e uma “unidade de atribuição”, por causa do objetivo comum e do fundamento comum da Igreja fornecido por Cristo, seu cabeça (2016, pág. 132).

Tais concepções foram problematizadas devido ao “cisma entre Roma e Avinhão”, a “revolta hussita”, e a “separação entre o Oriente e Ocidente”. Estava subjacente a estes eventos o debate sobre a natureza da igreja, da natureza da unidade e autoridade. Logo João Huss identificou em Agostinho base para a definição de igreja como a congregação invisível de todos os “eleitos predestinados e moralmente corretos”, não sendo a Igreja de Roma uma instituição visível e temporal quem compreendesse toda a universalidade da igreja Cristã. Portanto mesmo

---

<sup>152</sup> SHELLEY, Bruce L. **História do Cristianismo**: uma obra completa e atual sobre a trajetória da igreja cristã desde as origens até o século XXI. Livro. Tradução de Giuliana Niedhardt. 1. Ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil. 2018. 560 p. Pág. 324 e 370.

<sup>153</sup> PEREIRA, B. T. **Celso e a Doutrina Verdadeira**: o conflito filosófico entre as concepções pagãs e cristãs no Império Romano do séc. II-III d.C. Monografia. UFG. 2016. 112 f.

que temporariamente os hussitas fossem excluídos da Igreja de Roma, eles continuariam pertencendo a “igreja verdadeira”. O teólogo hussita Jan de Roycana, frente as críticas, aprimorou o conceito, definindo a Igreja como “uma mistura dos predestinados e reprovados”. Constantemente a natureza da unidade se dava criticamente na relação entre a Igreja e o Estado e o governo temporal do Papa. Os críticos colocavam que o “reino” dos céus não era deste mundo, a autoridade secular provinha da “lei natural e da autoridade das nações” e que portanto o Papa não poderia ser considerado o “rei tanto dos reis seculares quanto dos reis espirituais”, sua autoridade se restringia aos fieis da igreja e não politicamente aos reis, portanto não se tratava de “autoridade total”. Jaroslav sentencia:

...a definição agostiniana da Igreja, sobre a qual todos eles, de uma maneira ou de outra, foram atraídas, tornaram a unidade o atributo fundamental da Igreja...a unidade constituía a condição na qual a igreja e seus membros se esforçavam em uma escala ainda maior em direção à santidade empírica. Foi o colapso dessa solução agostiniana para o paradoxo da graça e da perfeição quando aplicados à igreja que transformou o cisma do século XIV e o movimento de reforma do século XV na maior crise para a doutrina da Igreja como una, santa, católica e apostólica (2016, pág. 146).

Sendo que a culminância da Reforma Protestante propriamente dita só se eclodiria no início do século XVI, então antes dela já havia toda esta conjuntura de verdadeira “contenda” com relação a doutrina da catolicidade e unidade da igreja. Sem contar que o espírito da Renascença na Itália no século XV, se alastrou para a Europa, existia uma intensa luta pelo poder na Itália, a qual os papas não estavam de fora, na verdade estavam culturalmente menos intransigentes e até mais submissos que em tempos anteriores ao poder secular político dos “príncipes maquiavélicos” (referência a obra *O príncipe* de Nicolau Maquiavel, publicada em 1532).

Foi graças a Reforma Protestante “que a doutrina da catolicidade e a catolicidade da doutrina, no Ocidente, veio a ser definida e, por conseguinte, também a ser circunscrita, com uma particularidade que não fora considerada antes” inclusive dentro da própria ICAR. A Reforma seguida pela Contrarreforma tornou possível a recristianização da Europa depois de dois séculos de decadência cristã, revigorando a autoridade dos teólogos. Portanto os protestantes, na esteira do conciliarismo pré-Reforma, sejam ligados a vertentes mais antigas, quanto mais recentes, creem que seu conceito de unidade restaurou a “verdadeira unidade

orgânica” com base em uma realidade possível, sem sacrificar verdades centrais. É exatamente por isso que o Dr. Paul D. L. Avis em *“Beyond The Reformation?: Authority, Primacy and Unity in the Conciliar Tradition”*, considera que a Reforma Protestante e o seu desenvolvimento subsequente se deu no contexto e legado do Movimento Conciliar dos fins do século XIV e início do século XV, Paul Avis seguiu explorando até que ponto os reformadores participaram dos “princípios e objetivos eclesiológicos do Movimento Conciliar e o grau em que podem ser considerados, portanto, como em alguns sentidos, conciliaristas por convicção” (tradução minha)<sup>154</sup>.

O prof. Dr. Alister MacGrath em sua *Teologia sistemática, histórica e filosófica: uma introdução a teologia cristã* deixa claro que depois do século XVI a ideia do Credo acerca da existência de “uma só igreja” era uma noção que “não mais poderia ser concebida em termos institucionais”, forçando os escritores cristãos mais uma vez a “equacionar” uma doutrina que se encaixasse na concepção do dogma, surgindo assim quatro abordagens principais:

1 – *Abordagem imperialista*, sendo uma igreja “empírica”, observável e única verdadeira, sendo as demais falsas. O autor salienta que esta era a posição da ICAR antes do Concílio do Vaticano II (1962-64), onde a partir daí reconhece outras igrejas como “irmãos separados”.

2 – *Abordagem platônica*, que distingue uma igreja visível de uma ideal. Não sendo muito aceita pela grande maioria dos teólogos.

3 – *Abordagem escatológica*, onde afirma que a atual situação plural de igrejas seria abolida no final dos tempos e que portanto seria temporária; tal concepção é baseada na distinção calvinista entre igreja “visível” e “invisível”.

4 – *Abordagem biológica*, faz alusão a uma árvore em crescimento com seus diversos ramos. Tendo origem no século XVIII, nos escritos do pietista alemão Nicolas von Zizendorf (1700-60), permitindo que as diferentes igrejas empíricas sejam vistas como possuidores de uma unidade orgânica, apesar de suas diferenças institucionais (2005, pág. 598).

O autor salienta que o crescimento do movimento do evangelicalismo é bastante abrangente, busca responder demandas e nutrir necessidades específicas com grande

---

<sup>154</sup> AVIS, Paul D. L. **Beyond the Reformation?: Authority, Primacy and Unity in the Conciliar Tradition**. Livro. Ed. T&T Clark. 2006. 229 p. Pág. XI. Citação conhecida e já referenciada a partir da obra de Kevin J. Vanhoozer.

volatilidade e adaptabilidade em ambientes distintos. É justamente por “não possuir uma eclesiologia fundadora ou restrita” que pode se acomodar em qualquer tradição. Sendo esta teoria de pluralidade denominacional surgida no seio protestante influenciando todas as igrejas do mundo, inclusive a ICAR<sup>155</sup>. Como diria MacGrath desde o século IV as marcas da igreja são a “unidade”, “santidade”, “catolicidade” e “apostolicidade”; e como diria Jaroslav Pelikan a “unidade na diversidade” se dá com base na “antiguidade, consenso e universalidade”. Estas “marcas” permanecem sendo o objetivo a ser perseguido e alcançado por toda a Cristandade, afinal de contas não existe nenhum número de denominações ou jurisdições de uma mesma tradição em uma unidade empírica absoluta.

Certamente, podemos apontar como tendo em consenso, para além de questões doutrinárias e motivações particulares destas lideranças como fato que os seus projetos sociais são capazes de ir tão profundos na estrutura social, quanto a religião o é na psiquê humana. Podem ir, e o vão, em presídios, meios de comunicação diversos, lugares tidos como perigosos por conta do crime organizado e de alta insalubridade. Ultimamente com o crescimento do poder midiático e financeiro, sobretudo de igrejas neopentecostais, tem sido muito presente e influente no mercado e na política brasileira. A Frente Parlamentar Evangélica criada em 2003 serve para organizar melhor a representação política dos evangélicos e representa simbolicamente a ascensão desta influência, sua composição se dá entre diversos partidos, todavia predominam os com tendência conservadora, cuja maioria dos parlamentares são filiados a igrejas de orientação pentecostal ou neopentecostal. Da mesma forma em Estância temos observado o peso do voto evangélico, com o crescente número de políticos, artistas, esportistas e empresários evangélicos<sup>156</sup>.

---

<sup>155</sup> MCGRATH, Alister. **Teologia sistemática, histórica e filosófica**: uma introdução à teologia cristã. Livro. Tradução de Marisa K. A. Siqueira Lopes e Regina Aranha. São Paulo: Shedd Publicações. 2005. 726 p.

<sup>156</sup> Exemplo da área do esporte: Angelita Costa, professora de Ciências Naturais e Educação Física tricampeã brasileira de Karatê Interestilos e cidadã estanciana. Exemplo na área da música: Fernanda Azevedo que já cantou em rede nacional no Programa Raul Gil no quadro “Mulheres que brilham” do SBT; Emillyn Syang e Marcos Prata, que participaram do The Voice Brasil na emissora Globo. Exemplo na área da política: Zé da Paz, Misael Dantas, Adriana Oliveira (professora, radialista, foi vereadora e vice-prefeita de Estância), Aauto Amor (estanciano atual prefeito de Santa Luzia), etc. Exemplo na área empresarial: Rubens Sergio, fundador do Supermercado Atacado Ebenézer; Dailton de Castro, fundador da empresa Dailton Contador & Associados, entusiasta da cultura local, atual presidente da Academia Estanciana de Letras (AEL) e membro de outras organizações. Um exemplo na área das artes: Claudô Ferreira, desenhista e artista plástico; Gleidson Maciel, de origem humilde, neto de D. Maria que vendia amendoim na esquina do Hospital Amparo de Maria, desde cedo se destacou pelo seu talento com desenhos, hoje é professor de Artes Visuais e continua a executar grafites, desenhos realistas e tatuagens.

## 7. INTOLERÂNCIA RELIGIOSA EM ESTÂNCIA

Entre 1750 e 1755 no Brasil ocorreu uma série de reformas modernizantes lideradas pelo Sebastião José de Carvalho e Melo, vulgo Marquês de Pombal, este expulsou os jesuítas<sup>157</sup> das possessões portuguesas como um todo, desarticulando suas instituições. Daí por diante foi acentuada a vazão a tendências liberais progressistas, laicistas, iluministas e nacionalistas tanto no clero católico romano quanto nas elites. Sobretudo nas capitâneas e províncias do Norte brasileiro com o Seminário de Olinda – fundado em 1800 - e em Portugal com a Universidade de Coimbra onde a perspectiva cartesiana e iluminista estavam fortemente presentes.

Desde então os chamados católicos jansenistas<sup>158</sup> tendiam a predominar e a serem mais complacentes e teologicamente mais próximos dos protestantes reformados, pois enfatizavam a Escritura, uma piedade austera e independência em relação a Roma (LÉONARD, 1963, pág. 38). O Pe. Diogo Antônio Feijó, primeiro regente eleito do Período Regencial (1831-1840) era um jansenista, defendia uma reforma interna do catolicismo brasileiro (LÉONARD, 1963, pág. 72) e era tolerante com os protestantes. Como reação as tendências modernistas e liberais não somente no Brasil mas no mundo inteiro, numa tentativa de uma maior “romanização”

---

<sup>157</sup> BANZOLI, Lucas. **500 anos de Reforma**: Como o Protestantismo revolucionou o mundo. Livro. Vol. 1. Curitiba: Clube de Autores, 2018. 700 p. Pág. 303-321. A “Companhia de Jesus”, fundada por Inácio de Loyola (1491-1556), de inspiração militar, representantes máximos da Contrarreforma juntamente com a Inquisição, nutria obediência absoluta ao Papa, não importando os meios para alcançar seus fins, defendiam até mesmo a guerra e o assassinato sistêmico de protestantes. Por esta razão os jesuítas estiveram na ponta da lança na propaganda de ódio contra os protestantes e conspirações políticas em diversos países até o fim do séc. XVIII. Faziam de tudo para submeter os Estados a influência do Papa, e por esta razão foram expulsos de praticamente todos os países, inclusive os mais católicos, como França, Espanha, Itália e Portugal. Por esta razão o próprio Papa Clemente XIV em 1773 aboliu a Ordem. Porém suas ideias continuaram em menor grau no Brasil depois tal espírito viria a ser revivido com vigor pelo ultramontanismo. Tais acontecimentos provocaram a exasperação da intolerância religiosa contra os próprios católicos romanos em nações onde a maioria era protestante como nos EUA e a ING.

<sup>158</sup> Seguidores dos preceitos religiosos de Fleming Cornélia Otto Jansen (1563-1638), Bispo de Ypres, um reformador e reavivalista de dentro da ICAR, enfatizava o agostinianismo assim como Lutero e Calvino. O jansenismo alcançou o Brasil por intermédio de diversos padres e prelados de Coimbra (VIEIRA, 1980, pág. 29-30).

advém o movimento “ultramontano”, termo “cunhado na França, onde havia forte regalismo<sup>159</sup>, mais especificamente chamado galicanismo. Os ultramontanos estavam além dos Alpes, na Itália”, sede do poder da ICAR (FERREIRA, 1992, pág. 89); tal espírito estava encarnado na pessoa do Papa Pio IX, que convocou o Concílio Vaticano I em 1869, o qual reafirmou a doutrina da Infalibilidade Papal; mas antes disso outro importante dogma havia sido proclamado em 1854, o dogma da Imaculada Conceição. Sendo diminuído gradativamente desde então a influência jansenista no Brasil, destacaram-se consoante ao ultramontanismo os bispos D. Vital de Olinda e D. Macedo Costa do Pará, os quais foram ferrenhos combatentes da maçonaria e do protestantismo em seus domínios.

Na esteira do espírito ultramontano, em 1919 ocorreu – ou melhor, quase ocorreu presencialmente - um icônico debate entre os protestantes de Estância representados pelo Rev. Augusto Dourado, pastor da IPE de 1917 à 1920, e o Rev. Galdino Moreira, pastor da Igreja Presbiteriana de Salvador e os católicos romanos ultramontanos representados pelos italianos Fr. Francisco Contucci de Urbania e Camilo Iluminati Crispiero da ordem dos capuchinhos, representantes do catolicismo romano, no Paço Municipal. Embora o frade se ausentasse, os pastores estiveram presentes e foram cercados por multidões de fanáticos proferindo palavras de ódio, munidos de paus, pedras e até armas de fogo, estes estimulados pelos capuchinhos e possivelmente pelo padre local, - tal estratégia de confronto tem raízes na Idade Média<sup>160</sup> - este episódio reverberou em páginas de jornais de dentro e fora do Estado, e até mesmo na literatura, merecendo uma análise mais acurada devido a sua complexidade, por isso terá um capítulo dedicado exclusivamente a este episódio. De toda forma foi a partir deste evento na cidade de Estância que abriu alas para uma série de debates naquele ano e tanto a ICAR quanto o protestantismo sergipano puderam revitalizar suas armas apologéticas. O redator do jornal “O Christão” na edição de 29 de Dezembro de 1920, parafraseando uma frase que o jornalista

---

<sup>159</sup> Os estados-nações e seus respectivos chefes advogavam que tinham o direito divino de governar independente de Roma e sua autoridade papal. O que frequentemente gerava conflitos entre Igreja e Estado. Após Pombal expulsar os jesuítas com o auxílio de jansenistas o padroado se tornou mais rigoroso, onde o Estado obtinha maior controle sobre a Igreja em seu território (VIEIRA, 1980, pág. 20-21).

<sup>160</sup> Na Idade Média, estimulados pelo clero romano, todo ódio religioso, racial e social fora exacerbado e introjetado propositalmente nos nobres e na plebe, os primeiros confiscaram os bens e expulsaram os judeus de suas nações, além da igreja terceirizar a morte deles com o Estado os perseguindo por meio da Inquisição ou os forçando a se converterem; com relação ao segundo, um exemplo claro são as Cruzadas, onde hordas de fanáticos pobres inflamados pelo clero massacraram milhares, e por conta disto depois do séc. XIII o antissemitismo na Europa aumentou. Depois com o advento da Reforma Protestante no séc. XVI os protestantes se juntaram de vez aos judeus e muçulmanos como as principais heresias a serem combatidas (BANZOLI, 2018, pág. 475-511). Sendo o protestante identificado com o sangue impuro, ou seja, com a mácula judaica (JOHNSON, 2001, pág. 369).

Euclides da Cunha fez uso, classificou os membros da *santa missão* de “instrutores do crime”, vejamos na íntegra:

Ouvimos a palavra eloquente e autorizada de Euclides da Cunha. *Instrutores do crime*, chamou elle aos frades de *Santa Missão*.

E de facto o são. Foi depois de ouvirem o mau portuguez, o mau italiano e o mau latim de um frade estrangeiro ignorante, perverso e pervertedor, que catholicos romanistas da Estância, em Janeiro do ano passado, tentaram chacinar os protestantes, depois de terem depredado o edificio da Intendência Municipal, onde se havia realizado uma conferência evangélica, com modos e linguagem de gente, assistida, aliás pela elite dos catholicos da localidade.

Mas eram protestantes, e estes devem ser exterminados, como ensinam todos os dias os instrutores do crime...

Em 1921, os evangélicos comemoravam a inauguração do cemitério municipal Sto. Antônio, mais conhecido como Cruz Vermelha, o Intendente Municipal daquela época era o Cel. Antonio Dantas de Andrade, tal empreendimento só foi possível graças a Sociedade Cruz Vermelha fundada a pouco tempo em Estância pelo jornalista Augusto Gomes. Tal inauguração em 11 de Setembro foi fonte de regozijo para os protestantes estancianos, para além de um passo importante para se fazer cumprir a lei de secularização dos cemitérios, pois segundo eles, representados pelo jornal *O Christão*, iria atender aos mais pobres daquela cidade. Antes quem exclusivamente atendia esta demanda era o cemitério da Confraria que cobrava altas taxas, até hoje em Estância o cemitério Nossa Sra. da Piedade, sob administração privada, é conhecido popularmente como o “cemitério dos ricos” e o cemitério municipal da Cruz Vermelha como o “cemitério dos pobres”. É dito que o Monsenhor Victorino Corrêa Fontes, pároco natural de Estância, se recusou a abençoar aquele conhecido popularmente até hoje como “cemitério dos pobres” no momento de sua inauguração, alegando Direito Canônico. A Igreja Presbiteriana de Estância recebeu o convite para ali estar presente na inauguração, tendo o Rev. Antonio dos Santos orado e discursado nomeando aquela obra como de caráter “humanitário, cívico e cristão”, segue na íntegra o discurso do Rev. Antonio dos Santos lido na tarde de Domingo de 11 de Setembro:

Digmo. Sr intendente e meus senhores:

A idéa da construcção de um cemiterio para o povo nesta cidade é uma das mais felizes dentre outras concebidas pelo conselho municipal da Estancia. Aqui não estaríamos neste dia, attendendo ao honroso convite do sr. intendente, se não reputassemos a obra que se inaugura - humanitaria, civica, christã.

Humanitaria, senhores, porque é doloroso, triste, ver-se os pobres, estes, para quem a vida é um pesadelo, encontrarem dificuldade de jazigo para dormir o somno profundo da morte. Se achamos deshumanidade na acção do vencedor expondo vencido no ludibrio, tanto mais desumanidade ha no obstaculo que por ventura se faça no repouso eterno para um corpo hirto, frio, vencido pelo nosso ultimo inimigo que é a morte, na linguagem sacra do apostolo S. Paulo.

Os proprios selvagens manifestam o sentimento de humanidade na inhumação dos seus mortos, embora andem as vezes errante pelas florestas.

Dar sepultura aos mortos, constitue um dos mais nobres sentimentos humanos. E fazemos aos outros aquillo que esperamos se nos façam. E, ainda, senhores, dar o seu a seu dono, na linguagem popular, dar ao pó o que é do pó, á terra o que é da terra, a terra que, como todas as obras sahidas das mãos do creador, foi achada por Elle muito boa. A terra, portanto, uma das mais bellas e ricas peças da architectura multiseccular do universo, é santa, pura, bemdita e digna de receber sobre si a obra que se inaugura, sendo tambem uma obra civica.

Civica, senhores, porque a nossa lei vigente assim o estatuiu. E como toda a instituição que tem a garantia das leis civicas, concede a todos o direito de liberdade e igualdade, abre-se hoje a porta desta cidade dos mortos nesta cidade dos vivos, para entrada franca de todos aqui vierem habitar.

Regatear, senhores, o concurso do nosso auxilio a uma obra desta natureza, é apagar as letras da nossa constituição.

Dispostos a dar as mãos áquelles que se acham a frente de tão nobre trabalho, applaudamos entusiasticamente a feliz idéa hoje realisada, na certeza de que é uma obra tambem christã.

Christã, senhores, porque desde os tempos mais remotos da christandade aprendemos o systema de reservar-se um logar para os mortos. Embora alguns scientistas julguem conveniente o systema de incineração dos cadaveres e, até mesmo certos povos já tenham adoptado este costume extravagante, prevalece entre os povos civilizados a de construir bellas cidades para os seus mortos.

O proprio Deus da-nos o exemplo, sepultando o seu servo Moysés no monte Nebo, um dos mais pitorescos montes da Palestina. A Escritura Sagrada ensina-nos a pratica desta obra significadora christã.

Crete, na importancia sobre tudo beneficente do cemiterio municipal que hoje se inaugura, venho como representante da Egreja Presbyteriana desta

cidade, agradecer ao digno. sr. intendente deste município o honroso convite, hypotecando, desde já, a nossa sympathia a este grande empreendimento.

A todos quantos teem tomado parte activa nesta obra relevante, applaudimos effusivamente, salientando a parte que cabe á Cruz Vermelha, esta bemfazeja sociedade que não precisa de elogios, pois as vozes de milhões de infelizes estão proclamando por toda a parte, o que ela tem sido para o mundo.

Tenho dito (O Christão, Setembro de 1921).

Além do discurso do prefeito e do reverendo protestante, tiveram discursado o Major Eliezer David, o Dr. Luiz Motta, Dr. Bittencourt e o Sr. Córdova Lima, um ex-seminarista católico e professor, que inclusive reprovou a atitude do Pe. Victorino, de acordo com o jornal “O Christão” publicado em 28 de Setembro de 1921, cujo texto foi descrito no dia 13 do mesmo mês por Jeremias F. Santos, um dos membros fundadores da IPE, que viria a se tornar Presbítero.

É sabido que na cidade de Laranjeiras os primeiros protestantes foram impedidos de serem enterrados nos cemitérios dominados pela Igreja de Roma (COSTA, 2018, pág. 54) - que por sua vez se viram na condição de criar o seu próprio -, tal infortúnio também ocorrera no campo pastoral de Estância, enquanto o Rev. Augusto Dourado estava sob liderança<sup>161</sup>. Tal empreendimento público em Estância simbolizava para os protestantes a quebra do monopólio religioso, pois a ICAR controlava desde o nascer e o morrer das vidas das pessoas, neste último caso, sobre a terra em que ficariam os cadáveres. O mesmo Pe. Victorino Fontes publicou no *Boletim do Asilo Santo Antônio* (1913- 1927)<sup>162</sup> em 1922, o qual era redator, proferiu ataques aos protestantes, alegando que eles defendiam a liberdade de pecar, sendo os vícios estando presentes neles e não nos católicos.

Em 1918, na edição 949 do jornal *O puritano*, como uma evidência concreta das dificuldades encontradas pelos protestantes por conta da intolerância religiosa no início do

---

<sup>161</sup> De acordo com o jornal “O Christão”, nº 17, pág. 4, o próprio João Dourado noticia acerca da situação de um membro da Congregação Presbiteriana de Arauá, que havia falecido em 7 de Abril de 1920, de nome João Carvalho Brasileiro, este nos seus últimos dias de vida, se encontrava acamado sob deformidade de gripe; e o padre local tentou catequizá-lo, sob a esperança de “salva-lo” tentando convencê-lo a deixar de ser protestante, porém o enfermo não se convenceu, se negou a se confessar ao religioso e ainda o retrucava de acordo com a Bíblia as doutrinas defendidas pelo Padre, este terminou o amaldiçoando e o proibindo de ser enterrado dentro do cemitério local, grande parte da população sentiu-se revoltada, tanto por ser uma pessoa considerada por muitos, quanto porque contrariava a Constituição no artigo 72, inciso 5º, lei da secularização dos cemitérios.

<sup>162</sup> Assim como o jornal “O Seculo”, procurei mas não o encontrei para consulta-lo com maior propriedade.

período republicano, o redator Américo Brandão descrevia os acontecimentos de Janeiro a Fevereiro do referido ano na “Secção bahiana”, nos conta que o missionário Rev. Anderson no dia 28 fazia aniversário, e que estiveram em seu meio os revs. Estevam de Araújo e Antônio dos Santos, ambos vindo do Norte de Minas. Em Janeiro os pastores foram efetuar a pedra angular de uma Igreja no campo pastoral de Estância que estava sob o comando de Augusto Dourado, cujo pastoreio compreendia as localidades de Urubutinga, Riachão do Dantas, Tobias Barreto, Anápolis, Boquim, Pituara e outros, o qual o Rev. Augusto considerava verdadeiramente “uma missão de lágrimas”; de toda forma estes pastores fizeram conferências que “incendiaram o ânimo do Pároco local”, tendo a pedra retirada, o alicerce escavado e os documentos rasgados e queimados; o mesmo disse que o Padre deveria ser responsabilizado a fim de “saber respeitar as coisas dos outros”. Em seguida nos conta que o Pastor deu as bênçãos ao casamento do Antônio dos Santos e Penélope Magalhães bem como realizou o casamento de Augusto Dourado. Na edição de 27 de Agosto de 1919 do jornal “O Christão” o Rev. Augusto Dourado sob o título “Pela Seara do Mestre”:

De facto, muitas tem sido as aflições: do povo de Deus nestas plagas!...

Ha pouco era a gripe que vinha tirando dos lares todo o prazer, transformando-os em um completo flagello.

Tambem temos experimentado forte perseguição por parte do clero romano!... sempre inimigo da verdade, emissario do principe da treva: porque è dirigido pelo espirito do erro, para crêr à mentira e ir de encontro a todos os principios santos e basicos do Evangelho!

Atè a morte, tem nos feito sentir as suas funestas consequencias!...

E' consideravel o numero dos bons irmãos que se mudaram para a Patria de Jesus, deixando nos immersos na mais profunda dôr!...e por ultimo, vem multiplicar o nosso sofrimento a morte dos dedicados irmãos: d. Francisca C. Dantas, d. Joanna Vieira dos Santos e o Sr. Manoel Bernardo.

Senhor Jesus, vem levar a sua Egreja porque dolorosa è a separação!...

Graças a Deus, o crente triumpho na morte – o seu <morrer è lucro>! Pezanos aos enlutados.

Mesmo nas afflições sentimo nos conforta los, porque isto importa no progresso do Evangelho!...Pois, dêste modo, è que Deus tem abençoado a sua Casa nesta parte...

Certamente o peso destas mortes eram sentidas com muito pesar pois o grupo de protestantes era muito pequeno e a perda de um significativa parcela como esta era um grande problema, sem contar que os esforços de cada indivíduo contava bastante neste

empreendimento religioso, aumentando a pressão social externa e interna sobre os membros restantes. Mesmo assim o Pastor nos traz informações de batismo, profissão de fé e casamentos que compreendiam o campo pastoral da Igreja Presbiteriana de Estância em Urubutinga (Lagarto), Arauá, Riachão e Simão Dias, além da própria Estância que recebeu: d. Aristotelina F. Mello, Maria F. Mello, Otília F. Vila Nova e Joanna P. Andrade.

Apesar dos dissabores provocados por fanáticos religiosos, a Igreja Presbiteriana de Estância na primeira comemoração do centenário da independência do Brasil foi uma das mais de 79 igrejas presbiterianas em todo o Brasil a realizar celebrações cívico-religiosa em 7 de Setembro de 1922, atendendo entusiasticamente o convite da Comissão Brasileira de Cooperação. O qual estiveram presentes entre 500 a 600 pessoas (número equivalente à da Igreja Presbiteriana de Niterói, uma igreja de maior porte), entre elas pessoas de espírito liberal que contribuíram para ornamentar com luzes – algo interessante pois a energia elétrica ainda era bastante rudimentar no início da década de 1920 em Estância - e abrilhantar a celebração, porém o templo não conseguiu comporta-las, tendo de acomodar as pessoas nas ruas, as tornando intrafegáveis. Além de ter ocorrido pregações e hinos evangélicos, foi declamado poesias, orquestrado o Hino Nacional com colaboração de membros da Lira Carlos Gomes – fundada em 1879, mesmo ano que o colportor Pedro Degiovanni chega em Estância - e feitos longos discursos exaltando heróis nacionais<sup>163</sup>.

Com o golpe republicano em 1889 a ICAR vai se organizar internamente nas primeiras décadas da República e buscar recuperar seu lugar privilegiado na sociedade (NETO, 2016, pág. 74), inclusive politicamente; em Outubro de 1925 a Câmara Federal votava uma emenda para tornar o catolicismo religião oficial do Brasil e o ensino religioso obrigatório nas escolas públicas, todavia não foi aprovado, tendo inclusive como voto contrário do intelectual e político estanciano Gilberto Amado (1887-1969)<sup>164</sup>, a quem os protestantes lhe renderam muitos agradecimentos em suas folhas de jornais. Na década de 1930 o ditador Getúlio Vargas frente a corrente educacional mais liberal e conservadora católica, inclinou-se para a segunda, permitindo o ensino religioso nas escolas, e em 1934 concedeu o direito de capelania a todas

---

<sup>163</sup> Jornal “O Christão”, n° 73, pág. 1 e 2.

<sup>164</sup> Nascido em Estância, irmão de Genolido Amado e primo de Jorge Amado, bacharelado em Farmácia e Direito, foi deputado federal por Sergipe, foi escritor e jornalista, em 1963 foi eleito pela Academia Brasileira de Letras.

as confissões nas Forças Armadas, hospitais, penitenciárias e outros, sendo considerado uma inovação jurídica<sup>165</sup>.

A tradição presbiteriana surge indissociavelmente atrelada a perseguição, o seu símbolo ostentado no Brasil e em outras igrejas presbiterianas de outros países tais como a Escócia, Chile e Argentina esta presente a “sarça ardente” em alusão ao texto de Êxodo 3:2, onde o próprio Deus se manifesta em teofania para Moisés, se revelando para ele. Os “huguenotes”, ou calvinistas franceses no século XVI foram perseguidos até quase serem exterminados, se refugiando nas montanhas de Cevena, no sul daquele país, ficando conhecida como a “Igreja sofredora do deserto”; daí junto a sarça ardente as primeira versões simbólicas da IPB no Brasil, que já se encontra na 4ª edição, que inclusive consta nas antigas carteiras de membros tais como a do Azarias, em seu entorno estava escrito em latim “Nec Tamen et Consumebatur” cuja tradução é “queima mas não é consumido”, em referência a Igreja Reformada da França, que apesar de ter sido muito perseguida pelos reis católicos, ela ainda subsistia. A pomba provém da “Cruz Huguenote” que por sua vez foi inspirada na insígnia da “Ordem dos Cavaleiros do Espírito Santo” aprovada pelo monarca católico Henrique III e usada por Henrique IV de Navarra que emitiu o Édito de Nantes em 1598 em prol da tolerância calvinista na França, estando também repleto de simbologias e significados utilizadas por esta tradição<sup>166</sup> que penso ser desconhecida pela grande maioria dos fiéis brasileiros.

Outro episódio de intolerância mais recente pôde ser registrado quando entrevistei em sua residência em 19 de Março de 2024 a professora presbiteriana Elienai Badia de Lima, filha do presbítero presbiteriano Walter Francisco de Lima, até então atual coordenadora da EBD, já com 67 anos de idade, negra nascida em berço evangélico, em Estância, segundo a própria, seria prima do Prof. Azarias José dos Santos; infelizmente veio a falecer um mês depois desta entrevista. Ela contava que sua mãe dizia quando os crentes se aproximavam da matriz N. Sra. de Guadalupe, no centro da cidade, caminho para a IPE escondiam suas bíblias, pois haviam pessoas que os importunavam, e até as tomavam; outra história ela conta, embora seja algo que já ouvi de várias outras pessoas idosas, que houve uma queima pública de bíblias na praça

---

<sup>165</sup> FERREIRA. Francilu São Leão Azevedo. **A liberdade religiosa nas constituições brasileiras e o desenvolvimento da Igreja Protestante**. Artigo. Disponível em: <https://ambitojuridico.com.br/edicoes/revista-115/a-liberdade-religiosa-nas-constituicoes-brasileiras-e-o-desenvolvimento-da-igreja-protestante/>. Acesso: 03/06/2024.

<sup>166</sup> **History the burning bush**. Presbyterian history in ireland. Disponível em: <https://presbyterianhistoryireland.com/history/the-burning-bush/>. Acesso em: 01/06/2024. Ver também: **Origin the huguenot cross**. Huguenot fellowship. Disponível em: <https://www.huguenotfellowship.org/origin-of-the-huguenot-corsse>. Acesso em: 01/06/2024.

central e na praça do Amparo. Após muito tempo de procura por uma evidência escrita destes eventos, felizmente encontrei na dissertação de Mestrado pela UFS de Maria de Lourdes Porfírio Ramos Trindade de Anjos, de título *A presença missionária norte americana no Educandário Americano Batista*, quando o missionário batista Dr. Elmer Maurice Treadwell em visita a Estância consta em seu relatório à Junta de Richmond enviado em 20 de Junho de 1951 o que vivenciou na década de 1950 naquela cidade:

Há onze igrejas batistas e dezesseis congregações no Estado de Sergipe durante a estação seca todo 4º domingo de cada mês os membros das três Igrejas Batistas (da capital) alugam um ônibus, às vezes dois, e viajam para o interior para visitar as igrejas que são localizadas lá. Um destes serviços especiais foi planejado para a cidade de Estância. Nós escutamos que o padre católico romano tinha queimado algumas bíblias na praça pública, proibindo as pessoas de ler a bíblia dos protestantes. A opinião pública foi contra ele.

Em outro momento, com relação a mesma cidade, nos é dito que o missionário enviou a Junta em 14 de Maio de 1952 o seguinte:

Nós ouvimos que o padre católico romano tinha queimado algumas bíblias protestantes. A opinião pública estava contra ele. Por conseguinte, uns 400 crentes visitaram a cidade. Nós oramos no mesmo local onde as Bíblias estavam sendo queimadas. Centenas de pessoas ouviram o evangelho. Até mesmo o prefeito assistiu ao culto, e naquela noite houve sete decisões para o Serviço de Cristo.

Antes deste episódio de queima de bíblias protestantes na praça central no fim do ano de 1950 Estância tinha recebido a visita de capuchinhos da Santa Missão, me refiro ao Frei Pio de Explanada e o Frei Jorge de Altamira de 13 a 19 de Novembro, o que pode ter correlação. Também ocorreu festas a N. Sra. Da Conceição e a Padroeira de Estância, onde discursou o baluarte do conservadorismo católico em Sergipe, o então Pe. Luciano Duarte. Estava sob a direção da Paróquia de N. Sra. de Guadalupe desde 1933 a 1951 o Monsenhor Antônio de Freitas, este por sua vez teve como seu subordinado o Pe. João Pedro Alves em 1934, depois pelo Pe. José Alves de Castro e a partir de 1944 pelo Pe. José Dias de Oliveira que viria a ser seu substituto, pois o Pe. Freitas em 1951 estava com problemas de saúde que o fez se ausentar da Paróquia até ser definitivamente afastado (NETO, 2016, pág. 226-232). Talvez o Padre que o missionário batista estadunidense esteja se referindo seja um destes religiosos acima<sup>167</sup>.

---

<sup>167</sup> De acordo com o Pr. Antonio Bezerra (2024), o evangelista pentecostal Júlio Cruz em Estância frequentemente era ameaçado, vindo até ser apedrejado no B. Sta. Cruz em 1964.

Mesmo em plena República que tinha como garantia desde 1890 com base no decreto nº119A assinado pelo Marechal Deodoro da Fonseca, art. 1º até o 7º proibia a intervenção federal em matéria religiosa, dava liberdade de culto e extinguiu o padroado, desta forma diante da lei não havia distinção por crença, se constituindo o Estado Laico e ainda assim ironicamente – assim como quase tudo na Primeira República do Brasil - era preponderante a intolerância religiosa. Os marcos políticos não impedem as continuidades culturais, assim como foi abolida a escravatura em 1889 não significa dizer que o racismo deixou de existir, no mesmo sentido com a abolição do padroado não quer dizer que os privilégios políticos-religiosos e a intolerância religiosa deixou de existir. A monografia *Patrimônio Cultural protestante em Sergipe* de Joesio Oliveira de Meneses do ano de 2021 pela UFS<sup>168</sup> deixa cristalino como o patrimônio cultural em Sergipe privilegia o clero romanista e a elite açucareira, isto não se dar por acaso e sim por conta da retroalimentação cultural da classe dominante apadrinhada ao clero romano, reafirmando seu poder político e religioso ao longo da história de Sergipe, o que por vezes acaba por marginalizar os demais patrimônios de naturezas distintas, indo de encontro ao princípio de democracia que rege a nossa Carta Magna e a formação multicultural do país.

Da mesma forma a política interioresca se assemelha a um cesaropapismo ou um padroado régio contemporâneo onde privilégios tais como a valorização patrimonial, propaganda e acessibilidade ao dinheiro público são facilitadas ao poder religioso majoritário a exemplo da Praça Central, reformas e escolas públicas destas cidades que se tornam um “puxadinho” da ICAR. Vale ressaltar que as relações entre Igreja e Estado nem sempre eram amistosas (NETO, 2016, pág. 34). De acordo com o Prof. Dr. Henrique Medeiros o regime de padroado teve origem em Portugal motivado pelo espírito cruzadista na luta contra os mouros e os pagãos, e mantinha o Estado e a Igreja unidos em termos morais, espirituais e administrativos, com o seu desenvolvimento, passou a ser chamado de Padroado Régio, onde a coroa lusitana tinha o direito de promover e proteger a religião católica em seu território, incluso aí suas colônias<sup>169</sup>.

O conceito de “anomia” do sociólogo francês Durkheim talvez sirva para explicar melhor a intolerância, para além do conceito usual de “capital simbólico” de Bourdieu de

---

<sup>168</sup> MENESES. Joesio Oliveira de. **Patrimônio Cultural protestante em Sergipe**. 2021. UFS. 117 p.

<sup>169</sup> MEDEIROS. Pedro Henrique. **O significado do Padroado**. Postagem. Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C1rZwjgOV06/?igsh=dWRrZ2thaGJ4NmFx>. Acesso em: 12/02/2024.

disputa por poder pelas “empresas da salvação”. Neste caso a maioria de uma determinada sociedade com suas crenças e valores enxerga a minoria que pensa diferente como uma “anomia social”, sendo “definida pelo autor como a ausência dessa solidariedade, o desrespeito às regras comuns, às tradições e práticas”, da mesma forma não apenas os integrantes da classe dominante, assim as massas enxergavam desta maneira, buscando legitimar o expurgo da minoria protestante tal como o corpo humano com seus anticorpos tentam expulsar um corpo estranho<sup>170</sup>, pois não eram vistos sequer como cristãos, mas hereges, e assim como na Idade Média, era desejável que fossem expurgados.

Este tipo de construção social de legitimação da violência para com “hereges” remete “a confusão do Antigo e do Novo Testamento, da lei de Moisés e do evangelho de Cristo, que foi a fonte de muitos males na Igreja”, a partir do século IV quando ocorreu a união entre o Estado e a Igreja entre o primeiro e segundo Concílios Ecumênicos (325-381), com as violentas disputas entre os arianos e ortodoxos nicenos que começaram a haver perseguições recíprocas, mas foi durante o governo de Teodósio – responsável por tornar o Cristianismo religião oficial do Império Romano - que ocorreram as primeiras penas capitais, embora Ambrósio de Milão e Martins de Tours protestassem contra, outros como Jerônimo e Agostinho foram favoráveis. “A prática forneceu base para uma teoria e um direito público”, a exemplo do Código Justiniano (527-534) que acabou servindo de base para a Europa Cristã durante a Idade Média, condenando hereges a fogueira, a partir daí a “Igreja medieval manchou os seus anais com o sangue de um exército de hereges que é muito maior do que o exército de mártires cristãos sob a Roma pagã”. Durante a Idade Média o potencial herege era uma grave ameaça para a ordem social, e se o mesmo se constituísse um movimento deveria ser exterminado imediatamente; apesar de nos primeiros três séculos “a Igreja não ter nem o poder, nem o desejo de perseguir”; o Édito de Tolerância de Constantino (ano 313) “antecipa a teoria moderna do direito de cada homem de escolher a sua religião e de adorar de acordo com a sua convicção”. Penso que a instituição do papado durante seu complexo processo de desenvolvimento está ligado fundamentalmente a esta interpretação de autoridade punitiva da heresia em forma temporal pois o mesmo autoproclamado pela primeira vez como “o bispo dos bispos” ou “bispo universal” foi João de Constantinopla (séc. VI), depois tais bispos (além do Bispo de Constantinopla me refiro ao Bispo de Roma) advogaram para si novos títulos com dimensões e/ou conotações de maior peso tais como “vigário de Cristo na terra (séc. XIII)”, daí em diante

---

<sup>170</sup> ARAUJO. Marcele Juliane Frossard de. **Anomia**. Artigo. InfoEscola. Disponível em: <https://www.infoescola.com/sociologia/anomia/>. Acesso: 04/04/2024

o Papa se tornou governador temporal de todos os reis da terra, tal instituição acabava então por transformar o mundo em uma “hierocracia” aos moldes mosaicos fazendo uso da prática da conversão “por força e violência” e do “Estado seu executor” conforme afirma o historiador Philip Schaff.

No séc. XVI, às portas do mundo moderno, a sociedade europeia se encontrava sensível e cansada de tantos conflitos político-religiosos, clamava-se por novos tempos, penso que a Reforma Protestante teve papel importante no início da tolerância religiosa e depois na liberdade religiosa, apesar dos reformadores herdarem muito da mentalidade medieval e de sua “igreja mãe” e não ser uma relação direta de causa efeito, é inegável que foi em nações predominantemente protestantes como a cidade holandesa de Utrecht e as colônias inglesas no século XVII, a cidade alemã de Estrasburgo e a cidade suíça de Genebra no século XVI que ocorria maior fluxo de imigrantes refugiados por perseguições religiosas, pois eram mais tolerantes; as punições em cidades e países predominantemente protestantes por heresia “diferiam favoravelmente em grau e extensão” (SCHAFF) quanto aos países católicos ibéricos, pois a diversidade religiosa favorecia a quebra da hegemonia do poder como no caso das colônias inglesas e da própria Inglaterra, pois os “puritanos” ou “não conformistas” calvinistas, que eram contrários ao catolicismo e o anglicanismo, apesar da natureza sectária destes grupos, divergiam entre si em algumas questões, mas tinham em comum o senso de tolerância, e temiam que em suas terras ocorresse guerras religiosas da mesma magnitude que aconteciam no continente europeu, o militar Oliver Cromwell e os puritanos portanto se erigiram contra Carlos I devido a uma série de medidas que prejudicavam a existência religiosa dos puritanos na chamada Guerra Civil Inglesa (1642-1649), e uma de suas bandeiras era justamente contra ao absolutismo inglês e a favor de liberdade religiosa, ironicamente Cromwell viria a se tornar um ditador em seu efêmero republicanismo.

Peguemos também o exemplo de Genebra, a punição se dava em casos extremados não necessariamente por pensar diferente e geralmente as penas eram mais brandas (como o banimento, como ocorrera com Bolsec, Farel e com o próprio Calvino) e muito raramente pena de morte (como foi no caso de Serveto); em Genebra, Calvino “proveu o modelo de igualdade democrática sob a lei que Estados modernos fariam bem em emular”<sup>171</sup> (LINDBERG, pág

---

<sup>171</sup> O princípio de igualdade jurídica nas nações sociologicamente protestantes é alimentado pela ideia teológica de que todos são iguais perante Deus, independente de cargo, seja público ou eclesiástico. A cidade de Genebra, especialmente depois da reforma iniciada por Ulricho Zuínglio, homem de espírito humanista e democrático, com apoio do magistrado e população, levada adiante por João Calvino fez valer as leis já existentes, inclusive as de

305), a partir da Reforma e as guerras civis fundamentalmente religiosas surgiram os primeiros tratados de paz e tolerância, a exemplo o Edito de Versalhes na França. Vejamos, por exemplo o que diz o historiador Vicente Temudo Lessa em *Calvino (1509-1564): sua vida sua obra*, menciona uma das cidades da Confederação Suíça (Genebra) que lutava pela liberdade sob a liderança de William Farel contra a dominação do duque de Sabóia, que se tornou desde 1536 uma preponderante república protestante, no capítulo de título “O espírito da intolerância”, onde conclui sob a observação de Bungener:

O sistema de Calvino sobre a punição dos hereges não atingia a todos os heréticos como se dá na Igreja Romana, mas somente nos casos extremados. Milhares de pessoas morreram pelo crime de professar a “religião dos protestantes”, feridas pela mão de Roma. Jamais Calvino consentiu na morte de um católico pelo simples fato de ser “católico romano.” Os Servetos, os Gruets, os Monnets – homens de idéias subversivas, eis os atingidos – toda a cristandade de então não os teria poupado.

Enquanto estive a pesquisar sobre o tema, apesar de algumas ressalvas, constatei que todo historiador acreditado aponta para o mesmo sentido, inclusive o insuspeito historiador Paul Johnson em *História do Cristianismo*:

Os estados protestantes tendiam a ser os principais beneficiários dessa série internacional de movimentos religiosos. Podiam ter religiões estatais, mas tendiam a ser mais tolerantes. Raramente empreendiam perseguições sistemáticas. Não possuíam nenhuma agência equivalente à Inquisição. Não eram clericalistas. Permitiam uma circulação mais livre dos livros<sup>172</sup>.

O historiador Sérgio Buarque de Holanda em *Raízes do Brasil* indiretamente concebeu que reverberações de tolerância, voluntarismo, pluralismo religioso e mais tarde de liberdade religiosa em países ibéricos católicos foram mais difíceis de adentrar que nos confessionalmente protestantes:

Nas nações ibéricas, à falta dessa racionalização da vida, que tão cedo experimentaram algumas terras protestantes, o princípio unificador foi sempre representado pelos governos. Nelas predominou incessantemente, o tipo de organização política artificialmente mantida por uma força exterior, que, nos tempos modernos, encontrou uma das suas formas características nas ditaduras militares<sup>173</sup>.

---

costumes também comuns a países católicos romanos da época, só que diferente do que se acontecia via de regra em outras nações, em Genebra ocorria “sem distinção, favoritismo, preconceito, ou desigualdade, ninguém estava acima dela [lei]” (BANZOLI, 2018, pág. 156-159). Por esta razão e outros fatores contribuíram para Genebra se tornar alvo de muitos imigrantes em busca de refúgio. Até os dias de hoje, esta cidade suíça é conhecida pelo poder bastante descentralizado, autonomia e pelo voto direto das leis.

<sup>172</sup> JOHNSON, Paul. **História do Cristianismo**. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2001. 680 páginas. Pág. 381.

<sup>173</sup> HOLANDA. Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26ª Ed. Companhia das Letras. 11995. Pág. 38.

A obra *Jerusalém Colonial: judeus portugueses no Brasil Holandês* do historiador Ronaldo Vainfas<sup>174</sup> demonstra que a “liberdade de consciência” concedida por Maurício de Nassau na prática apesar de não podermos idealizá-la não quer dizer que ela não existia. Os conflitos que existiam em terras do Nordeste brasileiro sob domínio holandês se dava por conta da associação que se tinha ou se fazia entre os católicos e a Coroa portuguesa, bem como seus subalternos e os líderes protestantes mais radicais não tinham as mesmas disposições políticas de seu líder Maurício de Nassau, razão principal esta não necessariamente por pensar religiosamente diferente já que em sua terra natal lidavam bem com minorias religiosas, mas por a religião frequentemente servir de arma política, levando a um ranço socialmente construído entre estas nações, e claro, de solapar a teoria dos valores religiosos.

Ainda assim foi em contexto protestante que foram realizados progresso nesse sentido até então impensáveis para Portugal católica romana, a exemplo dos holandeses protestantes e judeus atravessarem o Oceano Atlântico juntos em navios da Companhia Holandesa das Índias Ocidentais e fundarem em solo brasileiro em 1642 duas sinagogas no Recife bem como igrejas reformadas, sendo as primeiras das Américas, isto se apresenta com grande contraste em sua época pois não era permitido construir sequer templos de outras religiões em países católicos, o que não seria possível se os judeus e protestantes não manifestassem solidariedade mútua quanto a serem ambos vítimas da “intolerância católica personificada nas inquisições ibéricas”. O historiador nos diz que “em nenhuma das províncias calvinistas se admitiu erigir um tribunal sequer parecido com as Inquisições Ibéricas, porque os neerlandeses admitiam conviver com minorias religiosas” (VAINFAS, 2011, pág. 24), embora tal espírito não se encontrasse em territórios onde só era permitido o luteranismo como a Suécia, Saxônia, Noruega e Dinamarca. Para que fique ainda mais claro, quanto a disposição de tolerância dos holandeses no Brasil no século XVII, "jamais houve qualquer inquisição na Nova Holanda, nem de jure, nem de fato" (VAINFAS, 2011, pág. 237), enquanto a Inquisição portuguesa no Brasil só veio a ter fim oficialmente no início do século XIX.

A formação da república holandesa se deu contra a Espanha, que reinava sobre seu território na chamada “Guerra de 80 anos (1568-1648)”, a dinastia Orange liderou a parte

---

<sup>174</sup> VAINFAS, Ronaldo. **Jerusalém Colonial: judeus portugueses no Brasil holandês**. – Rio de Janeiro : Civilização Brasileira. 2011. Pág. 24, 219 e 237.

holandesa contra a dominação espanhola liderada por Filipe II, marcado por um “fiscalismo exorbitante conjugado à crescente intolerância católica”. Vainfas coloca:

A crise religiosa de 1618 contribui, sem dúvida, para relativizar a imagem dos Países Baixos calvinistas como terra de absoluta liberdade religiosa. Não é suficiente, porém, para sustentar qualquer tese radicalmente contrária. Formada em meio à luta pela liberdade de consciência, a República dos Países Baixos jamais proibiu a existência de outras confissões religiosas em seu território. A maior ou menor tolerância religiosa variou conforme a legislação das províncias e das municipalidades, cuja autonomia institucional era grande. Mas, se comparada à política adotada nos reinos ibéricos, a tolerância religiosa dos neerlandeses foi enorme (VAINFAS, 2011, pág. 24-25).

A chamada “crise de 1618” se refere ao Segundo Sínodo de Dort, onde um grupo de “remonstrantes”, seguidores da teologia de Jacó Armínio confrontaram ideias calvinistas, alegando que a graça poderia ser resistida, que a expiação era ilimitada e que haveria a possibilidade do homem perder a graça; tais ensinamentos foram rejeitados pelo mesmo sínodo. A respeito de outros fatores análogos, o historiador Carter Lindberg (pág. 412) menciona a contribuição protestante com relação ao pluralismo político resultado dos “direitos de consciência individual” citando as emblemáticas frases de Lutero “minha consciência é cativa a Palavra de Deus. Eu não posso e não vou me retratar pois não é seguro nem sã ir contra a consciência”<sup>175</sup> e “não obrigarei homem nenhum pelo uso da força; a fé deve surgir livremente, sem compulsão”; de fato a liberdade de consciência é a raiz de todas as liberdades (JOHNSON, pág. 627-628). Pois foi dela que juristas e teólogos desenvolveram argumentos de forma constitucional a favor da “resistência civil” e “direitos humanos”, pois relativizava a “autoridade divina dos reis”, condicionando sua obediência se estes monarcas estivessem fiéis a Palavra de Deus, já foi dito que os mesmos procuravam se basear nas Escrituras e verdadeiramente tal disposição é encontrada no Velho Testamento (Dt. 17:14-15) onde o Rei estava sujeito a Lei e não o rei era a lei tal como era carácter do absolutismo monárquico medieval personificada na pessoa do monarca francês Luís XIV, o *le Roi Soleil* (em português: o Rei Sol) onde supostamente disse: Eu sou a Lei, eu sou o Estado (em francês: *L'État c'est moi*). Tais princípios recuperados da Bíblia, impulsionaram a Revolução Americana, a resistência protestante norueguesa e alemã contra o regime nazista – apesar deste nefasto

---

<sup>175</sup> Um século antes de Lutero, o pré-reformador John Huss, que “era contra a caça e morte de hereges” pioneiramente também apelou a livre consciência (BANZOLI, 2018, pág. 549-551).

regime ter tido complacência da maioria dos protestantes alemães - e aos boicotes contra a segregação racial nos EUA no séc. XX.

Os Estados Unidos, nascido do “triumfalismo protestante”, forjado por um ideal de religião civil cristã, foi o primeiro país a inaugurar no mundo moderno uma constituição laica e incorporou o princípio protestante de que “todos os homens nasceram livres e iguais”, antes mesmo da Revolução Francesa, “triumfalista” devido aos “pais fundadores”, peregrinos puritanos que sustentavam com base na Bíblia que seriam um “povo escolhido”, assim como os hebreus, em uma “nova Canaã”. O quaker William Penn foi um dos expoentes na união das 13 colônias, que depois viria se tornar os Estados Unidos, sua forma de governo na Filadélfia foi inspiração para a Constituição dos EUA. Segundo o historiador Vicente Themudo Lessa (XXXII, página 276):

Em um estudo de história constitucional moderna, o juriconsulto alemão Jorge Jellinek, professor da Universidade de Heidelberg, demonstra que a famosa declaração de direitos da Revolução não teve inspiração imediata em Rousseau, como pretendia o jurista francês Boutmy, nem mesmo em Lafayette. Segundo o professor alemão, inspiraram-se os franceses de 1789 nas constituições americanas. As fontes a que recorreu Lafayette se encontram na declaração de Virgínia e dos demais estados da América do Norte, que hauriram tais idéias dos princípios puritanos levados consigo da Inglaterra, sendo Roger Williams um dos seus expoentes.

Apesar de na prática tais ideais demorarem para se concretizar razoavelmente, e serem frutos de muitas lutas que justamente buscavam reafirmar estes ideais, ressalva-se que a prática é frequentemente influenciada pela teoria e pela formação intelectual, mas também pode ser guiada pela necessidade prática. Além de que a inconsciência histórica generalizada destes eventos é parte da razão de frequentemente alargados nossos passos como nação em direção a vias autoritárias. Continuemos então agora com a conclusão retrospectiva do historiador Philip Schaff em “Triunfo Gradual da Tolerância e da Liberdade” o qual foi assertivo dentre outras influências, a influência protestante nesta luta:

O reinado da intolerância continuou até o final do século XVII. Foi gradualmente minado durante o século XVIII e demolido pelas influências combinadas de dissidentes protestantes, como os anabatistas, socinianos, arminianos, quakers, presbiterianos, independentes, de latitudinários anglicanos e de filósofos como Bayle, Grotius, Locke, Leibnitz; nem devemos esquecer Voltaire e Frederico, o Grande, que eram incrédulos, mas defensores sinceros e muito influentes da tolerância religiosa; nem Franklin, Jefferson e Madison na América. A Holanda protestante e a Inglaterra protestante assumiram a liderança no reconhecimento legal dos princípios da liberdade

civil e religiosa, e a Constituição dos Estados Unidos completou a teoria, colocando todas as denominações cristãs em paridade perante a lei e garantindo-lhes o pleno gozo de direitos iguais.

De mãos dadas com o crescimento da tolerância estiveram o zelo pela reforma prisional, a abolição da tortura e dos castigos cruéis, a abolição do comércio de escravos, da servidão e da escravatura, a melhoria da condição dos pobres e miseráveis, e movimentos semelhantes de filantropia, que é o resultado tardio, mas genuíno, do espírito do Cristianismo.

## **8. O PROTESTANTISMO NA CIDADE DE ESTÂNCIA E O DEBATE DE 1919**

O objetivo neste capítulo é demonstrar e analisar o contexto e as narrativas de um mesmo evento e suas reverberações em jornais e literatura da época que marcaram a

religiosidade cristã e inauguraram o debate inter-religioso naquele ano em todo o Estado e além a partir de Estância-SE em 1919.

O contexto histórico no tocante ao aspecto religioso reside nos esforços da ICAR em executar o que foi definido pelo Concílio de Trento (1545-1563) e o Concílio do Vaticano I (1869-1870) sobretudo em termos dogmáticos e disciplinares pela população, este catolicismo intransigente visa combater os principais inimigos de seu tempo, a cultura moderna racionalista, o protestantismo e o liberalismo que eram vistos como “um abismo que chama outro abismo” (Salmos 42:7), vindo a descambar em anarquismo, socialismo e ateísmo. Período este que compreende o chamado “Catolicismo Romanizado”, “reformador” ou “ultramontano” (NETO, 2016, pág. 70-73). A freguesia de Nossa Senhora de Guadalupe surge em 1831 em Estância concomitante ao espírito ultramontano que se arrasta até o Concílio do Vaticano II (1961-1965) e com a morte do Monsenhor José Paes Santiago em 1970, último padre em Estância que teve uma formação anterior ao Concílio do Vaticano II, como coloca o historiador Dionísio de Almeida Neto.

Nas últimas décadas do século XIX foram implementadas práticas reformistas em Sergipe. A criação da Diocese de Aracaju em 1910 comandada pelo Bispo D. José Thomaz Gomes da Silva é um marco deste catolicismo e nasce com este vigor e pensamento, sendo a partir daí até 1925 realizadas por volta de 48 visitas pastorais da chamada de “Santa Missão” em Sergipe, protagonizada pelos capuchinhos italianos que auxiliavam o Bispo no reforço da prática dos sacramentos, reanimam a fé dos fiéis e no restauro das igrejas e capelas. Antes estiveram presentes no Estado na década de 40, 70 e 90 do século XIX e já estavam imbuídos do espírito ultramontano católico. Em Estância de 1899 à 1958 ocorreu 12 visitas da Santa Missão, estes encontros movimentavam toda a cidade e arrastavam milhares de pessoas. O discurso costumava ser inflamado e se fazia uso de uma pedagogia do medo levando a conversão e reconciliação de centenas (NETO, 2016, pág. 542-546).

Na medida em que o protestantismo crescia e incomodava por disputar espaços de poder com o clero romanista que era dominante, os debates e os casos de intolerância religiosa aumentavam, muitas vezes com a conivência dos padres que atiçavam os fiéis. Apesar de que no ano de 1919 penso que os protestantes em Estância constituíam em torno de apenas de 0,14% da população de Estância, pois de acordo com Clodomir Silva em seu *Álbum de Sergipe*, em 1920 a população estanciana correspondia em torno de 35. 500 habitantes (pág. 204), penso que destes em torno de 99% se declaravam católicos romanos; tendo em vista que em 1950 o

censo era de 20.216 habitantes e 97, 84% da população estanciana se declarava Católica Romana (NETO, 2016, pág. 81), e a Igreja Presbiteriana de Estância permaneceu sendo depois de organizada em 1905 durante cerca de 40 anos como a única igreja protestante organizada na cidade e em 1920 continha exatos 47 membros (cap. III, pág. 43). Percebemos então que se tratava de uma ínfima minoria que ainda assim causou incômodo na tão tradicional sociedade estanciana cujo soar do sino da matriz costumava ditar os passos dos munícipes fiéis romanistas três vezes ao dia.

Em Estância pastoreava a paróquia de N. Sra. de Guadalupe o Pe. Victorino Corrêa Fontes, natural de Estância, chamado pelo historiador estanciano Dionísio de Almeida Neto de “personalidade chave do catolicismo reformado”, seu paroquiato se deu de 1895 a 1933, mas antes já atuava junto ao Pe. Salustiano José da Silva Aires que atuou em Estância de 1869 à 1895. O Pe. Victorino, assim como o seu amigo pessoal, o Bispo D. José Thomaz (durante o seu paroquiato tal bispo fez quatro visitas pastorais a Estância, inclusive uma delas foi de 24 a 28 de Janeiro de 1919), se destacou dentre outras coisas por sua inventividade em garantir a influência católica junto à elite política, econômica, intelectual, comercial e da grande maioria da população de Estância em prol de alocar recursos a ICAR, dando dinamismo cultural aquela cidade. Penso que os movimentos estratégicos da ICAR foram bem sucedidos a longo prazo, pois suas instituições e comunidades leigas continuam a retroalimentar sua massiva hegemonia religiosa, especialmente devido na passagem do séc. XIX para o XX sufocarem eficazmente a atuação protestante.

Tanto os protestantes e os católicos, representados agora pelos capuchinhos, traziam um discurso “civilizador” ala EUA e Europa respectivamente, que eram tidos como padrão ideal de civilização. O Prof. Dr. Pericles Andrade sintetizou de forma bem precisa a cerca das justificativas e investidas católicas contra o protestantismo, tais como: “O que varia não é verdade”, “não tinha chefe supremo”, “era contra a liberdade humana”, “que se esqueciam de boas obras”. Por outro lado, acrescento que as investidas e justificativas protestantes contra os católicos eram tais como: “Contrário a Escritura”, “idolatria”, “o Papa é falível e é o anticristo”. Acusações que partiam de premissas clássicas da história da apologética, que se repete com leves diferenças de geração em geração em seus respectivos contextos. A profa. Dra. Tatiane Oliveira da Cunha em sua tese de doutorado *Práticas e prédicas em nome de Cristo...: Capuchinhos da “Cruzada Civilizatória” em Sergipe (1874-1901)* nos lembra que os capuchinhos estiveram em Sergipe ainda no séc. XIX:

...entre 1840 e 1844 Sergipe foi visitado apenas por cinco missionários: Cândido de Taggia, Samuel de Lodi, Luiz Saravezza, Ambrosio de Rocca e Paulo de Panicale. Após 1844, Sergipe só voltou a receber missões capuchinhas em 1874, com os frades João Evangelista Paulo de Casanova. A partir daí a prática das missões assumiu uma regularidade, intensificando-se a partir de 1892, ano em que os capuchinhos da Província das Marcas de Ancona, na Itália passaram a vir realizar seus trabalhos missionários na Bahia e em trabalho missionário, com Sergipe. Os Capuchinhos das Marcas vieram reanimar introdução de novos religiosos<sup>176</sup>

Este debate em princípio começou entre o Rev. Augusto Dourado da Igreja Presbiteriana de Estância e o Rev. Galdino Moreira da Igreja Presbiteriana de Salvador em resposta ao desafio lançado pelos frades italianos Francisco Contucci de Urbania e Camilo Iluminatti Crispiero da “Santa Missão” que desafiaram os protestantes em Estância em um discurso inflamado nos fins do mês de Janeiro de 1919 na presença do Bispo D. José Thomaz e o Pe. Victorino; no início de Fevereiro que enfim ocorreu dos protestantes de Estância representados pelo seu pastor aceitarem o desafio e marcarem o local de um debate com os frades, os quais não compareceram no lugar marcado que seria o prédio da prefeitura, onde no momento da conferência ocorreu grande perturbação; tendo em vista o ocorrido se deu continuidade na imprensa em princípio em forma de denúncia aos órgãos competentes a principio pelos próprios pastores João Dourado e Galdino Moreira no jornal “O Puritano” e “Diario da Manhã”<sup>177</sup> respectivamente, e outros jornalistas e populares também expressaram indignação.

A partir de 10 de Março o Pastor da Igreja Presbiteriana de Aracaju, Rodolpho Fernandes, toma a dianteira no último jornal citado e trava um verdadeiro debate apologético – supostamente sozinho – contra os redatores do jornal oficial diocesano “A Cruzada”<sup>178</sup>, tendo o cônego Floduardo Fernandes como redator chefe e auxiliado por demais padres, que em 2 de Março já tinham apresentado sua versão do ocorrido, que por sua vez se estende até o mês de Agosto no mesmo jornal e o do jornal secular “Diário da Manhã”, cujo Rodolpho Fernandes

---

<sup>176</sup> CUNHA, Tatiane Oliveira da. **Práticas e prédicas em nome de Cristo...: Capuchinhos na “Cruzada Civilizatória em Sergipe (1874-1901).** Doutorado. Salvador, 2011. 140 f.: il.

<sup>177</sup> **Diario da Manhã.** Jornal de 1919. Biblioteca Estadual Epifânio Dórea. Aracaju. 2024.

<sup>178</sup> **A Cruzada.** Jornal de 1919. Biblioteca Estadual Epifânio Dórea. Aracaju. 2024.

representava os protestantes, onde se tem registro, até em Julho, quando o jornal encerra suas atividades momentaneamente, os protestantes continuam suas atividades apoloéticas em 4 de Agosto de 1919 com a criação do jornal “O Christão” em Aracaju, que permaneceu sendo órgão de imprensa oficial daquela igreja e depois de todo o Presbitério da Bahia e Sergipe tendo outros redatores posteriormente, sua primeira edição foi em Agosto daquele mesmo ano, também levando a cabo as declarações do jornal adversário “A Cruzada”, inclusive alguns textos noticiosos sobre o campo do sul de Sergipe eram replicados no jornal “Norte Evangelico”. Para mais detalhes segue de forma mais precisa possível a narração dos fatos sob as diversas fontes, inclusive de perspectiva literária, a qual este último sou grato ao Prof. Dr. Dionísio Almeida Neto por se disponibilizar em atender minhas perguntas e indicar material literário e ao Prof. Dr. Antônio Lindsvaldo por ceder parte do acervo digitalizado de “O Christão”. Fiz questão de buscar todas perspectivas possíveis dos jornais ou livros que se ocuparam em registrar este evento.

### 8.1. O PURITANO

No Jornal presbiteriano “O Puritano” na edição de 20 de Março de 1919, pág 5, sob título “Santa Missão”, o Pastor da IPE disserta sobre o que assistiu sair da boca dos frades Camillo e Francisco em sua *Santa Missão* nos últimos dias de Janeiro, onde depreciavam todos os crentes contrários a doutrina romanista os chamando de “filhos da maldição”, “raça de víbora” e “povo amaldiçoado”.

Em seu último dia em Estância o Frei Francisco define o protestantismo como uma “religião falsa”, que teve origem em Luthero, “frade debochado”, que não havia sucessão apostólica, santos canonizados, religião de “beocios”, “da plebe”, “da minoria”; que os pastores eram “uns incompetentes”, “uns sapateiros”, “uns funileiros”, “uns carpinteiros”, e que os mesmos davam as mais absurdas interpretações a Palavra de Deus. Disse ainda que o culto às imagens se mostrava bíblico e por fim desafia ao protestantismo a provar o contrário. Por isto em 29 de Janeiro de 1919 o Rev. Augusto Dourado dirigiu-lhe uma carta logo no dia seguinte:

Estância, 29/I/1919.

Exmo, Revm. Frei Francisco – Saudações mui cordiais. Assistindo honrem ao Sermão de S.Revm. ouvi o desafio feito ao protestantismo, convidando a provar o contrario das suas accusações a comunidade religiosa.

Na qualidade de pastor evangélico, com summo prazer aceito o convite.

Peço a S.Revm. marcar o dia e a hora. Conferencia deste teor só deve ser publica.

A conferencia deve versar sobre os pontos em que sua Revm. Nos desafiou: I – “Ser de Luthero a fonte do protestantismo”; II-“Ser bíblico o culto das imagens”; III – “A incompetência dos pastores”.

Sem motivo para mais subscrevo-me de S. Revm. A. e A.

*Augusto Dourado*

Ministro do Evangelho

O Rev. Augusto Dourado diz que o frade combinou os termos da conferência; então foi até o local onde estava de guarita acompanhado de alguns crentes para melhor acertar a hora e o local. O frade insistiu em realizar na vila de Santa Luzia. Disse ainda que em meio a tentar chegar a um acordo foram surpreendidos quando o frade com uma Bíblia em punho e apontado para eles disse: “Está é a besta” de vocês, que são também “uns bestas”, “uns cachorros”, “uns ignorantes”, “uns boçaes”, dentre outras expressões que o autor preferiu não mencionar.

O Rev. Augusto justificou sua insistência da “conferencia” ser realizada em Estância por que fora lá que os protestantes foram “publicamente desacatados”. Logo em seguida menciona que o frade “fugiu” para o Crasto. Posteriormente o Rev. Augusto Dourado dirigiu-lhe outra carta comunicando que tinha convidado ao Rev. Galdino Moreira por telegrama, a quem ficaria responsável pela conferência, continuando a insistir na localidade de Estância. Todavia descreve que o frade abandonou a causa, não aceitando esta proposta e não comparecendo

Narra então a eloquência do Rev. Galdino sobre o primeiro ponto do debate que girava em torno de Lutero. Tendo o autor do texto julgado que ele cativou a “sympatia do povo mais sensato”, enquanto uma multidão de “fanaticos cangaceiros(julgamos, insuflado pelos frades ou o padre dessa freguezia)”, armados de armas de fogo, facas, pedras e paus, vaiando e insuflando, enquanto outros, destaca, “ouvia respeitosamente.”

Conta que o Rev. Galdino narrou a biografia de Lutero com precisão e com citação de historiadores católicos respeitados, buscando demonstrar a honestidade, virtuosidade e erudição do reformador alemão, citando Ruy Barbosa, o qual o considerava como “um

colosso”; Lacordaire, “um genio”; Martherius, “uma mentalidade admirável”; Lindsay, “um revolucionario do Bem.”

Considerou que o Rev. Galdino “destruiu” as acusações do frade de ter sido Lutero o criador do protestantismo; demonstrando que existia uma linha reta na história até aos apóstolos de pessoas que protestaram pelo zelo do ensino da Palavra de Deus contra os “erros da Igreja de Roma”. Foram citados com títulos de evangélicos: “João Huss, Jerônimo de Praga, os lollardes, João Wicklif, os albigenses e os waldenses”.

O Pastor conclui afirmando que o Rev. Galdino fora “calorosamente aclamado”. Sendo levado até suas residências por muitas pessoas. Comunicou ao delegado de polícia a acontecida “selvageria” e reclama que o mesmo não tomou nenhuma providência, bem como ao Governador e ao Chefe de Polícia, não tendo nenhuma garantia e que por esta razão não foi realizada uma segunda conferência que respondia ao dois últimos tópicos levantados pelo frade. Assim conclui o texto do jornal: “Mas, outros não devem ser os resultados da *santa missão* que melhor merece o nome de – *Synagoga de Satanás*”.

Em 1919 na edição 994, pág 6, na *Secção bahiana* com o subtítulo “*perseguição*”, um pouco antes é destacado que haveria uma reunião do presbitério em Sergipe, portanto o reverendo Galdino Moreira, pastor da capital baiana, com o presbítero Sabino Faria, d. Perola e d. Maria de Santa Izabel, estas últimas indo passear. Quando encerrou os serviços do Presbitério, o Rev. foi visitar várias congregações. É dito que eles foram convidados pelos Capuchinhos para um debate, mas os classificam como “fugidos” e que armaram uma armadilha para os pastores Galdino e Dourado.

É dito que na noite da data 29 do mês fez uma conferência no paço municipal de título *Luthero em face da historia* e que foi “agredido por quasi 2.000 catholicos de baixa classe, que tentaram contra sua vida porém sem resultado”. Apesar de tamanho barulho ele ainda se fez ouvir por uma hora e considera a presença de nobres famílias que foram atenciosas em seu discurso, ao terminar recebeu prolongada “salva de palmas”, “debaixo de vivas e palavras de apoio”, escoltado por cerca de 600 pessoas até a residência do Rev. Augusto; tendo este telegrafado ao Governador cuja resposta foi de apoio; diz ainda que um jornal de Aracaju, reprovando o considerado ato de “selvageria” e em seguida logo explica um trecho publicado no jornal *Sul de Sergipe*, exaltando a pessoa do Rev. Galdino como “ilustrado”, que de maneira “delicada captivou-nos em alguns momentos com sua palestra educadíssima.”

## 8.2. DIARIO DA MANHÃ

Na edição de 7 de Fevereiro no jornal do proprietário e redator chefe o Cel. Apulchro Motta, cuja epígrafe é um “jornal para todos”, na coluna de título “Pela Estância” nos traz informações de que o prédio da prefeitura fora apedrejada, chamando os perpetradores de baderneiros de “verdadeiramente selvagens”, “sem moral” e “sem religião”, “animalidade estúpida, sem cabeça e coração”.

...e o bispo de Sergipe, que, dias antes, houveram assistido, com risos dominadores, em meio à multidão de beatos ignorantes que os cercavam, um escandaloso e atrevido frade de nome Francisco, vomito das sentinas de além mar, espúrios italianos nojentos que andam mundo a fora desmoralizando a patria divina do amor e da harmonia, essa Italia deliciosa, coroada de rosas pela perna de Justino Montalvão, esbarrar bebedamente, após farto jantar avinhado, injurias contra a imprensa nacional.

Argumenta que a liberdade deve ser protegida e todos de quaisquer agressão, é dito que o Pastor de Estância temia por sua vida e seu culto e que foi aconselhado a apelar diretamente ao Governador e Chefe de Polícia do Estado de Sergipe, e que a policia local não deveria confessar impotência diante da ameaça a segurança.

Na edição de 10 de Fevereiro de 1919, o jornal “Diario da Manhã” na “Secção Livre”, publicou um texto escrito em 01/02 pelo Rev. Galdino onde descreve debaixo do título “A Santa Missão e os protestantes” que fora convidado pelo colega Augusto Dourado para estar presente na conferência entre os protestantes e os frades, sendo uma resposta dos protestantes a um desafio acendido pelo Frei Francisco. O que não foi possível a ele, pois os frades se recusaram a debater naquela cidade, abandonando a causa. O redator se colocou disposto a defender a causa evangélica, se apresentando como alguém que não tinha medo de defender o que pensa.

A conferência ocorreu a noite sobre “Luthero em face da história” e lá estava ele, quando foi surpreendido por uma bando de “cangaceiros”, algo que segundo ele, Estância toda presenciou, “os quaes desrespeitaram os brios dessa população”, os protestantes presentes foram desacatados “miseravelmente”, e as mesmas “pessoas de valor” presentes testemunharam a educação do palestrante. Logo foram cercados pela “escol” de Estância, tais como o juiz de direito da cidade, Dr. Jessé Fontes, João Nascimento Filho, Manuel Rodrigues do Nascimento, Álvaro Almeida, José Christovam da Silveira, Leopoldo Araújo Souza, e

muitos outros, e quanto ao auditório, o ouvia “atentamente e sem reservas” até o fim da conferência.

O mesmo diz que procurou abordar o tema “sem ferir as crenças catholicas, com educação, com dignidade”. Procurou tratar da biografia de Lutero a luz da história e refutar as mentiras sobre ele, tais com a de “Balsac”, “filhas tão somente do odio, do sectarismo e da mentira”, na frase “lapidar de Henri Martins, historiador da nobreza, da erudição, de caráter”.

O autor conta que era intuito realizar a segunda conferência, mas diante do exposto foi frustrada, tal decisão foi encorajada por pessoas próximas “pois julgavam que me não devia descer até onde desce uma plebe ignava e fanatica. O que ontem presenciou não foi obra de Estância illustre: foi obra de alguns pequeninos”.

Se mostra agradecido pela educação recorrente dos estancianos e que aprendeu uma lição, muitos se chamam de Católicos Romanos só de faixada, estes conhecem apenas “desaforo, a assoalhada baixa, a vaia do miseravel, o código do ludibrio, a justiça do *cacete*”. Em seguida cita o Bispo de Sergipe e que o mesmo certamente não tinha o caráter destes e que precisava educar estes católicos nos princípios de tolerância e liberdade de consciência. O mesmo declarou não ter nenhum ressentimento para com Estância e descreve uma carta enviada para ele pelo patricio estanciano João Esteves:

Illmo. Sr. Dr. Galdino – visito-o por meio desta, - Sciente de que a gentalha estúpida de minha terra o assediou hontem, das que se lhe constitue a ruim alma, venho protestar pela parte educada desta bella Estancia que é meu berço natal, contra este vomito da canalha, apresentando a v.s.a mão amiga que é dever ao apresentar a todos que nos procuram como nossos hospedes, sobretudo em se tratando de homens de destaque. Aproveito a occasião para dizer lhes que os frades estúpidos que aqui estiveram, contam-se poucos dias, nos desonrar com a sua visita porque fizeram do pulpito, de que abusam, de pelourinho até contra a imprensa, na mais baixa linguagem, em calvão de bordel. Se Jesus Cristo é um facto, não se reflete em absoluto, na predica desses capuchinhos que exploram a credulidade dos beocios com perda para os espíritos equilibrados em nada lucram as populações com as exacções ridiculas de tremendas vinganças celestes promettidas por condemnaveis bureis que a Proclamação da República em Portugal poz em triste evidencia a fragrância dos factos mais immorais. Esses barradores de maldições são contraproducentes, nada edificam e só educam no que ontem se notou – a explosão canalha da plebe ignava conspurcando cousas do espirito que nella não sabe medir nem avaliar. V.s. accete esta minha rápida carta como um protesto, indignado contra o acto vil de que foi v.s. victima e leve a certeza de que a consciencia sã dos homens educados da Estância comndenou por completo, tão infames declarações de rasteirice moral.

Podes fazer desta carta o uso que quiser – O patricio-, *João Esteves*

Em 11 de Março, de título “O protestantismo na cidade de Estância”, chama o texto do jornal “A Cruzada” de “linguagem escarninha e insultuosa”, questiona o “epíteto de mixórdia”, coloca que o protestantismo em contraste ao catolicismo, o considerando muito claro e explícito, ao invés de obscuro e confuso, ficando os seus adeptos obrigados a crer em tudo que lhes é imputado. Ele enumera em pontos as acusações feita aos protestantes e ao fato ocorrido pelo redator do texto do jornal *A Cruzada*:

1° A Igreja evangélica de Estância era formado por um núcleo de baderneiros, alfaiates, ourives *et reliquia caterva*.

2° Os crentes evangélicos são manhosos.

3° Que o Rev.Galdino Moreira não provou não ter sido Lutero a fonte do protestantismo e que se limitou apenas a traçar a vida de Lutero chegando até mesmo a considerar um homem puro.

4° Se não tivesse o Rev.Galdino saído ao lado do Dr. Jessé Fontes, uma desgraça maior poderia ter acontecido.

5° O Rev.Galdino voltou para o Riachão amaldiçoando aqueles que o convidaram para a conferência.

6° É em vão os esforços do protestantismo para suplantar o catolicismo na terra de “Santa Cruz”.

O redator ironiza, pois achava que o adversário de “A Cruzada” iria chamar os crentes da IPE de “bêbados, assassinos e libertinos”, termos claramente com conotações negativas e não que os chamasse de “alfaiates, bodegueiros, ourives, artistas, etc”, os considerando desta forma como pessoas que não prestam para nada. O redator então acusa o clero romanista como um bando de “aristocratas e fidalgos orgulhosos” que desprezam as classes pobres e ver no artista alguém inferior. Cita os discípulos de Jesus com humildes pescadores, que o Ap. Paulo era um construtor de tendas, o próprio José e Jesus como carpinteiros e tantos outros exemplos de humildade e de ofício semelhante, e que Jesus passou toda sua vida entre os pobres. Questiona que são justamente estas pessoas que sustêm os padres e a Igreja Romana, bem como fabricam suas artes. Se a Igreja Evangélica de Estância não tem importância por ser formada por um núcleo de trabalhadores humildes, então neste sentido também não teria importância a Igreja Romana.

Diz que enquanto a Igreja promovia perseguições a evangélicos no Brasil, na Europa o Papa Benedito XV se “humilhava” ao presidente presbiteriano dos EUA, o Sr. Wilson o chamando de “anjo da paz” e como alguém que poderia ajudá-lo a resolver as divergências entre o Vaticano e o Quirinal. Diz que os evangélicos não são manhosos e que bastaria um

confronto rápido entre um sacerdote católico e um crente evangélico para sabermos os princípios que regem os primeiros e os preceitos do segundo. Afirma que manhosos não poderiam ser os crentes evangélicos pois seguiam os preceitos da Bíblia, sua suprema autoridade, citando o texto bíblico de Colossenses 3:8-10; em seguida cita os preceitos a exemplo que os jesuítas supostamente seguiam utilizando como prova a “Monita Secreta” que estabelecia o padrão moral dos inacianos, que aparentemente se revelava na verdade como imoral. Pede então que os leitores comparem estes princípios e tirem suas próprias conclusões.

Acusa ainda o redator de *A Cruzada* de imputar falso testemunho ao Rev. Galdino, por este ter considerado Lutero um “homem puro”. Segue afirmando que Lutero tinha todos os defeitos que um mortal tem, mas que não tinha carácter hediondo como os padres católicos em seu imenso ódio tentavam macular a história do reformador alemão com palavras chulas. Termina assim: “Se as cinzas Sagradas dos mortos não merecem respeito aos olhos destes homens que acatamento poderão ter pelo bom nome dos vivos?”

Na edição de 12 de Março, cita o historiador católico italiano César Cantú, o qual o chama de “insuspeito católico romano” cita sua obra *História Universal*, pág 368 do seu 13º volume, quanto ao contexto histórico da situação da Igreja na época de Lutero, no qual as indulgências por meio do dinheiro podiam comprar as coisas santas e havia todo tipo de abuso nesta natureza e imundície moral ligadas diretamente ao Papa. Coloca Lutero como um homem temente a Igreja e seu poder pontifical, e é exatamente isto que o faz destacar na história, portanto o seu zelo pela doutrina fez insurgir contra o Papa. O qual demonstra como um homem consciencioso e sincero de alma. O autor considera que, ainda assim, ele não era um homem isento de superstição e preconceito, era austero e continha gênio irascível o qual procurava reprimir e de frente a adversários insolentes e desleais trocavam palavras de baixo nível. Faz uso das palavras do próprio historiador católico: “Christão austero, allemão de costumes simples e puros, homem de razão desenvolvida á custa do sentimento e da imaginação, não se deixou deslumbrar pelos esplendores do culto e pelas magnificências da côrte pontificia...”

Em 13 de março ele continua as citações de Cantú, para mostrar sua perspectiva da biografia de Lutero, cita a página 379 do mesmo volume, onde diz que o reformador era um bom esposo e bom pai. Conclui então que pode-se dizer sobre Lutero:

1 – Que era um homem reto, puro nos costumes e temente a Deus, desde o início até o fim de sua vida agitada.

2 – O coloca como um verdadeiro herói da fé, sempre guiado por nobres motivos e zelo religioso.

### 3- Um exemplo de esposo e pai, modelo de santidade no lar.

Tendo então concluído desta forma que o Rev. Galdino não tinha dito uma inverdade. Quanto a acusação de ter sido Lutero a fonte do protestantismo, cita que antes dele já haviam tantos outros que se levantaram contra Roma por conta de seus erros. Quanto ao quarto ponto, de que foram pessoas armadas, que pediram licença ao pároco da cidade para defender sua religião e não aconteceu coisa pior por conta do médico Jessé Fontes e que o seu adversário – ironicamente falando - considera isto um bom exemplo de religiosidade cristã e amor ao próximo. Coloca que ao invés de armas de fogo e armas brancas, trocassem por lápis e papel para fazer nota dos pontos da conferência e depois tentar refutá-las na imprensa. Cita o exemplo de Jesus que nunca usou de violência para tentar converter os outros. Pergunta onde estava o Padre da freguesia para acalmar os ânimos. O redator conclui que de acordo com a declaração de “A Cruzada”, ou o vigário seria conivente com um possível assassinato do Pastor; ou não tinha prestígio pessoal e autoridade suficiente para conter o ímpeto de suas ovelhas que tão mal representaram naquele momento a igreja romana em Estância. Quanto ao quinto ponto, em dizer que o Rev. Galdino amaldiçoou quem o convidou para a conferência em retorno ao Riachão, se manifesta como uma inverdade, que “maldições, excomunhão e anátemas saiam da boca do Papa que costumavam pairar sobre ele”.

Quanto ao último ponto, aponta a hipocrisia do redator de A Cruzada que em uma linha reprovava a atitude dos exaltados e linhas depois entoava um hino de Triunfo do ocorrido contra os protestantes. Afirma que os evangélicos procuram dizer as pessoas que não sigam a doutrina dos reformadores, mas do próprio Cristo e apóstolos escolhido por Ele, recomendam a leitura e o estudo metucioso da Bíblia. Termina citando uma frase do Ruy Barbosa, a qual preferi retirar o trecho diretamente da fonte, no livro *O Papa e o Concílio: a questão religiosa*, a qual Ruy Barbosa traduziu para o português e fez a introdução, trata-se da obra do padre alemão Johann Joseph Ignaz von Döllinger, que se posicionou contrário ao Concílio do Vaticano I e o seu dogma da infalibilidade papal, na pág 434 diz:

Percorrei toda a Europa neolatina, contemplai toda a América espanhola; estudaí o Brasil; e da piedade cristã não achareis nada. Por toda essa área imensa o joio do fanatismo, da beataria, do farisaísmo religioso. A verdadeira piedade a flor celeste da caridade cristã, definhou, perdeu-se no meio da semente maldita. Apenas nas regiões mais altas, como detriectus fósseis de um mundo exausto e granitificado, estende a incredulidade a sua superfície árida e nua. É debaixo dessa superfície que dormem os vulcões inextinguíveis, as revoluções sinistras do servilismo, da intolerância ou da corrupção. Por cima o solo talado e inerte. Por baixo a chama sanguinolenta dos maus instintos

populares, as conjurações do ódio, da superstição e da rapina. <Nós>, dizia, vai por alguns anos, num discurso que foi um dos grandes acontecimentos do tempo, um fervorosíssimo defensor da igreja; os que não somos jovens, conhecemos, antes de caírem esses governos absolutistas e católicos. Que é que resultou deles? Um torpor universal das almas e inteligências nos homens de bem; num exíguo número de zelosos uma cólera impotente; nos outros, a paixão fanática do mal. Tinha-se estrangulado e abafado o espírito público, que não despertou, senão para render-se ao inimigo. A tempestade veio encontrar somente corações atrofiados pela supressão da vida política e incapazes de arrostar as circunstâncias emergentes. O falso liberalismo, a descrença, o ódio à igreja tinham invadido tudo, sob a crosta exterior da união entre a igreja e o estado, ou, até, da subordinação do estado à igreja, a lava revolucionária escavara o seu leito, e consumira em silêncio as almas, de que fizera presa. Ao primeiro encontro tudo desabou, tudo, e para nunca jamais se reerguer. Esses paraísos do absolutismo religioso tornaram-se a lição e o escândalo de todos os corações católicos<sup>179</sup>

Na edição de 23 de Março, de título “O protestantismo na cidade de Estância e *A Cruzada*” em resposta ao artigo de 16 de Março do jornal adversário acusa como sendo desnudado de fundamento, de história, de lógica e da Sagrada Escritura, além de o classificar como capcioso e inconcludente. Foca no levantamento do adversário de que o protestantismo é um monte de seitas opostas entre si. Segundo o redator as igrejas evangélicas estão unidas naquilo que há de fundamental, ramos de uma mesma árvore. Indaga o adversário se conhece às confissões evangélicas. Sob a citação de historiadores corrobora com a afirmação de que existe discordâncias apenas com relação a Ceia do Senhor ou Eucaristia e questões de disciplina ou governança; e não em artigos de fé, um exemplo prático de unidade é quando todas as igrejas evangélicas do mundo comemoram o dia 31 de Outubro de 1517, o dia da Reforma Protestante, havendo “franca confraternidade em espírito de solidariedade”.

Na edição de 26 de Março, seguindo sob o mesmo título e concluindo o texto anterior, chama o adversário de hipócrita pois não via as seitas que haviam surgidos dentro da própria igreja, tais como os “jacobitas, irmãos eremita de S. Guilherme, dos irmãos da Trindade ou mathurinos”, os franciscanos e outros. Exemplos que segundo o redator não são apenas opostas entre si, mas frequentemente se hostilizam, advogando-se ao lado da história a exemplo de quando os franciscanos hostilizava como os dominicanos e estes os agostinianos; papas contra papas, doutores contra doutores. Citando um autor romanista que diz: “nossa fé varia como queremos, e nossos credos são tão diversos como os nossos costumes. Fazem as confissões e

---

<sup>179</sup> DOLLINGER. Johann Joseph Ignaz Von. **A questão religiosa:** O Papa e o Concílio. Livro. Biblioteca Digital do Supremo Tribunal Federal. Tradução de Rui Barbosa. Disponível em: <https://bibliotecadigital.stf.jus.br/xmlui/handle/123456789/169>

são interpretadas segundo a fantasia. Ora nos arrependemos de nossas decisões, ora as defendemos e ora lançamos anátema sobre aqueles que temos defendido”. Segue atacando a Confissão auricular, purgatório, e a infalibilidade papal, chamando o Papa de precursor do “anticristo” ou o próprio “Belzebu em pessoa”. Critica os “maus costumes” dos católicos que creem em tudo e ao mesmo tempo em nada mas usufruem dos sacramentos tranquilamente administrados pelos padres, alega que esta tão advogada unidade propagada pelos opositores é apenas aparente, e prova da “estagnação mental”, “razão obliterada” e a “bíblia postergada” em prol de uma tradição criada posteriormente aos apóstolos e corrompida. Conclui citando uma frase do escritor português Ramalho Ortigão do livro *A Hollanda*, onde analisa a religião em Portugal e que serve para o Brasil também, demonstrando que a religiosidade doméstica nas casas católicas é motivo de “dispersão” e nos lares protestantes de uma cultura de “discussão”, gerando maior “convicção” e conscienciosidade através do livre exame.

Nas próximas edições já no mês de Abril é rebatido que os evangélicos não precisam de “chefe visível”, que seja um supremo legislador, pois este cabe somente a Cristo. Argumenta com base em uma frase de Victor Hugo e outros autores como Pascal e Dante Alighieri. Demonstrando que somente Cristo atende os requisitos bíblicos de Supremo Pastor, superando as limitações humanas e que os Papas não são santos. Invoca a história acerca dos erros dos “chefes visíveis” da ICAR. O Pastor alegou que sua religião não tinha e nem desejava ter “chefivisível” e fundamenta este tese sobre quatro razões: *poética, fisiológica, bíblica e moral*. Quanto ao segundo, terceiro e quarto não descreveu muito, mas respectivamente se refere as limitações e imperfeições físico-biológicas e de julgar a instituição papal ser anti-bíblica, o primeiro cita um trecho de Victor Hugo, no jornal não está completo, mas procurei restituí-lo com base no jornal *Gazeta de Petrópolis* em 27 de Novembro de 1904:

O homem, essa enfermidade, essa sombra, esse átomo, esse grão de areia, essa gota d'água, essa lágrima caída dos olhos do destino. O homem que, na sua perturbação e na dúvida, sabendo pouco do dia de ontem e nada no dia de amanhã, vendo no caminho o necessário para pousar os pés e o resto em trevas. O homem, trêmulo, se olha para diante triste e se olha para trás. O homem envolto em obscuridades – o tempo, o espaço, o ser – e nele perdido. O homem, tendo em si um abismo – a sua alma – e, fora de si, o céu. O homem que, em certas horas, se curva com espécie de horror sagrado a todas as forças da natureza, ao ruído do mar, ao agitar das árvores, à sombra das montanhas, ao irradiar das estrelas. O homem que não pode levantar a cabeça de dia, sem que a luz o cegue: de noite, sem que o perturbe o infinito. O homem que nada conhece, nada vê, nada entende.

O homem, esse ser tímido, incerto, miserável, salvo do acaso, ludibriado no minuto que passa. O homem, humilde verme da terra – quer destruir as obras

de Deus e impugnar a religião que Ele legou com a sua morte e à qual promete a sua assistência...<sup>180</sup>

Na edição de 10 de Abril, diz que o seu adversário não sabe debater e aos poucos vai se mostrando quem verdadeiramente é, fazendo uso de “linguagem de bordel”. Se põe ao lado de Ruy Barbosa ao citar que a religião de Cristo, em termos de pureza e simplicidade desapareceram do seio da Igreja Romana, cedendo a “invencionices idólatras e vaidades do filosofismo”. Rodolfo conclui sobre estes termos, que “imbecil e bobo” é quem acredita que a fé no Brasil é uma realidade, e com base em E. Guimarães em *A capital brasileira* que “o povo em massa, nem é católico de convicção arraigada, nem é tão pouco sectario, ou fiel de nenhum outro credo religioso conhecido”.

Na edição de 25 de Abril, trata da razão do porque seu adversário se opõe ao livre exame e a leitura da Bíblia, citando um *Indice* do Concílio de Trento a partir do livro *Noite com os Romanistas* que considera a Bíblia em língua vulgar e permitida em todo lugar, por experiência, traria mais mal do que bem; só sendo permitida a leitura da Bíblia católica a aqueles que se presume não trazer prejuízo a Igreja, dando essa permissão por escrito, o fiel católico que fizesse o contrário não iria receber a absolvição dos seus pecados, a não ser que entregue a Bíblia, o mesmo se aplica ao clero regular, isto é, padres ou freiras, estando sujeito a penas diversas. Segue indagando ao leitor se poderá encontrar alguma Bíblia católica em língua vulgar, já adiantando que é muito difícil, e quando se encontra é em preços elevadíssimos, de difícil acesso ao homem comum. O redator considera esta disposição católico como “miserável cativo”, que atrofia as mentes, prejudicial ao livre arbítrio e liberdade forçando o indivíduo simplesmente a “crer ou morrer”, favorece o monopólio da religião, finaliza chamando de “sistema religioso incontestavelmente pernicioso” .

Edição de 26 de Abril, ironiza o redator adversário por entender que a fonte do progresso está no “obscurantismo, na ignorância e falta absoluta de conhecimento bíblico.” Diz que tal proibição da Igreja Romana não é porque a Bíblia seja difícil de entender, mas por ser justamente o contrário, sobretudo as coisas concernentes a salvação. Diz ainda que aceitam qualquer bíblia, inclusive a aprovada por um bispo católico, justamente para desmistificar a ideia de que as Bíblias cultivadas pelos protestantes são falsas; segue acusando que a Igreja de

---

<sup>180</sup> **Gazeta de Petrópolis**. Jornal. 27 de Nov. de 1904. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional Brasileira. Acesso em: 13 de Ago. de 2024. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReaderMobile.aspx?bib=304808&pesq=>

Roma e a Palavra de Deus são conflitantes. Declara ainda que o texto bíblico em uso no debate foi uma versão traduzida a partir da Vulgata Latina pelo Bispo de Coimbra, versão aprovada pela Santa Sé. A partir do texto bíblico tenta provar que as Escrituras tinham que ser ensinadas até aos meninos, além de mulheres e homens, com base primeiro em Moisés que leu a Lei para todos segundo mesmo para aqueles que não eram sacerdotes, nem trabalhavam no Tabernáculo, com base em Josué, que tinha como obrigação ter “não apartado de sua boca o Livro da Lei” e com base no livro de Esdras, tanto os grandes ou pequeninos, ignorantes ou doutos, ricos e pobres, estrangeiros ou não estavam presentes para ouvir a Palavra de Deus, então daí se segue que sempre o povo de Deus se encontra desejoso de ouvir a mensagem divina e não contos de milagres de “carochinhas” como de costume.

Na edição de 27 de Abril, dessa vez cita Jesus Cristo que pede aos judeus “examinar as Escrituras”, onde o Bispo de Coimbra na mesma Bíblia diz que não se trata de uma ordem para todos lerem a Bíblia e sim uma arguição aos fariseus. O redator segue dizendo que ainda assim nenhum clero romanista podia negar o fato de que os fariseus tinham o Velho Testamento em mãos e poderiam examina-lo, “este direito que o clero romano não quer conceder a ninguém”; nota-se ainda a honra que Jesus Cristo dava às Escrituras, diz ainda que o homem deve estar inteirado de tudo aquilo concernente a salvação tendo estado em erro, como o próprio Jesus Cristo falou aos Saduceus: “Errais não conhecendo as Escrituras nem o poder de Deus”. Segue citando outros versículos que veem com bom grado aqueles que examinaram as Escrituras. Segue-se então a contradição com a Igreja de Roma, em não admitir o exame cuidadoso por parte dos seus fiéis e comparar seus ensinamentos com os ensinamentos de Jesus e dos Apóstolos.

Na edição de 30 de Abril pede que os leitores abram o Velho Testamento e cita textos bíblicos que proíbem imagem de escultura, vê no apóstolo Paulo um defensor da liberdade de consciência, e que a Igreja de Roma é contrária ao direito do fiel estudar, refletir e julgar e o homem abdicar sua inteligência, razão e vontade. Depois pede que abra o Novo Testamento com o objetivo de combater a proibição de casamento como sacrilégio pelo clero romano, onde o Apóstolo Paulo recomenda os Bispos terem mulheres e filhos e a Igreja de Roma inequivocamente indo de encontro frontal as Escrituras.

Na edição de 22 de Junho, a última que pude encontrar, responde sobre a “Monita Secreta”, tenta sustentar a sua autenticidade e tese de que os jesuítas a escreveram; com base em Dr. Mello Moraes, na Biblioteca do Rio de Janeiro, alega que existia um autógrafo do frade Frei Camillo do Monte Serrate, bibliotecário do estabelecimento, afirma ter encontrado nos

colégios dos frades desta referida Companhia na ocasião que ali foram presos em 1754. O redator considera esta uma prova, dentre tantas outras e que por si só já basta, como um código de moral dos jesuítas. Argumenta que o escritor Henrique Mendes Leal, Videira Carvalho e J. Carrilho Videira seguindo então um resumido histórico feito por este último autor que também é apontado como alguém que reconhece a autenticidade deste documento.

### 8.3. A CRUZADA

No Jornal católico romano “A Cruzada” órgão oficial da Diocese, em 2 de Março de 1919 foi publicado um texto sob o título “O protestantismo na cidade da Estância”, onde já inicia se referindo ao grupo religioso de *mixórdia protestante*, alegando que seus “Corypheus” se estabeleceram ali à vinte anos atrás e que este núcleo não passava de um bando de bodegueiros, alfaiates, ourives, cozinheiras, artistas e em seguida usando da expressão *et reliquia caterva* que caberia aqui traduzir de *o resto*.

Consideram que os protestantes quiseram fazer *fita*, com a chegada da Missão dos Capuchinhos a aquela paróquia; e que o acontecido foi “comico”, digno de um enredo de *filme cinematographico* e que ao final da visita dos Capuchinhos um “tal” de Sr. Dourado, “Pastor da *mixórdia*”, entendeu no seu *bestunto* de ir a casa paroquial “intimar” o “primoroso” e “inteligente” orador Frei Francisco a uma conferência pública o qual aceitou prontamente, todavia faltava apenas duas horas para sua partida a praia do Crasto, pois tinha compromisso marcado com o “illustre capitalista João Sobrinho”, alegando só podendo aceitar o desafio na paróquia de Sta. Luzia. O texto jornalístico afirma que o Sr. Dourado aceitou a proposta e acertaram o dia e hora.

Depois alega que o Pastor, acompanhado por “um artista” e “dois bodegueiros” adeptos da *mixórdia* apresentaram sua desistência. O motivo apresentado pelo Sr. Dourado foi a “impossibilidade de seus irmãos” de irem a localidade proposta pelo Frade; tendo nada resolvido estava escrito que o Pastor “*meteu a mão na cambuca*”, e em “ingenuidade” arrefeceu a sua alardeada competência, onde os seus “irmãos *mixordenses* manhosos” fizeram o pobre Pastor convidar o orador Galdino que estava em Riachão para fazer a conferência no paço da Intendência, com intuito de “não ficarem desmoralizados”. Disseram que o Pastor daquela *igrejinha* fora persuadido que iria retornar para casa laureado de louros e glorificado pelos seus pares.

É citado que a imprensa da cidade reproduziu um folheto de convite público no qual os “*mixordienses*” enviaram ao Crasto intimando novamente o frade. Onde mais uma vez é justificada a ausência do frade onde é dito que havia se preparado para o desafio, mas ouviu os conselhos de João Sobrinho “por prever qualquer desenlace contra os “*mixordienses*”, desta forma não se fazendo presente. É dito que o debate fora marcado as 19h tendo fim às 20h, compareceu o núcleo protestante da cidade e alguns católicos que pediram licença ao Pároco da Freguesia para “defenderem sua fé” no “caso de atacada.”

É descrito que o início do discurso do Rev. Galdino nutriu “pomposo” elogio a memória do “Pe. Archibaldo, Olavo Bilac, e à pessoa de Ruy Barbosa, Wilson, Mannoel Rodrigues redator do < Sul de Sergipe >, João Nascimento Filho, colaborador do mesmo, Dr. Jessé Fontes” e tantos outros não mencionados. É reclamado que o Pastor Galdino deveria ter demonstrado não ter sido Lutero a fonte do protestantismo, sendo considerado limitado em demonstrar a biografia de Lutero a seu modo, o considerando “um homem puro”. Logo os católicos se mostraram aborrecidos irrompendo em vaias e gritos. Diz-se ainda que o povo agiu por conta própria sem “mando do vigário”, e que alguns acusaram o Delegado de Polícia por não mandar “espalhar o povo a coice de armas”, o que seria considerado uma loucura de acordo com o redator pois havia uma grande gama de pessoas armadas, chegando mesmo a danificar parte da propriedade da vizinhança. É dito ainda que o Dr. Jessé Fontes “arrastou o Pastor pelo braço” até sua residência.

Concluí dizendo que o Rev. Galdino retornou para sua casa amaldiçoando aqueles que o haviam convidado para o debate, “protestando jamais pisar o solo estanciano, onde, segundo disse a religião catholica é soberana”. Não aprovaram aqueles que vaiaram os protestantes e do mesmo modo condenaram aqueles que foram a casa paroquial desafiar o capuchinho, alegando que assim não fazem com os protestantes e alertaram que os mesmos queriam suplantar o catolicismo em Estância.

Em 16 de Março de 1919, pág 3, o jornal “A Cruzada” publicou uma coluna com o título “O protestantismo na cidade de Estância e o Sr. Rodolpho Fernandes” onde buscam responder ao Pastor da Igreja Presbiteriana de Aracaju em uma seção livre do jornal < Diário da Manhã >, publicada no dia 11. O redator ironicamente começa a lamentar ter que despender de seu precioso tempo para responder-lhe.

É dito que o que foi noticiado estava de acordo com os fatos e com a consciência. Justificam o termo *mixórdia* pois seria um termo que já estava em voga e que tal religião

realmente representava uma confusão enorme, justamente por conta das “variedades de seitas opostas entre sí, e da falta de um chefe que lhe seja um supremo legislador”. Acusa os protestantes de fazerem interpretações bíblicas à bel prazer seja a partir de gente “instruído ou ignorante” e que a “Igreja Catholica” mantém este zelo desde “a sua fundação”, a mesma fé, dogmas, sacramentos e chefe universal ao contrário do protestantismo. Quando chamaram os membros da “seita” de alfaiates, bodegueiros, etc, a intenção era dizer que pessoas de “almas simples” foram iludidas pelos pregadores do frade apóstata Lutero e que o Sr. Rodolpho o interpretou de forma capciosa com intuito de jogar os pobres contra a Igreja Católica, bem como os chamou de “manhosos” devido a sua astúcia e que tal acusação não causou o menor efeito pois “os pobres bem sabem que os padres são seus amigos” e “que todos os santos da igreja viram sempre na imagem do pobre uma imagem do Divino Mestre” dando como exemplo S. Vicente de Paulo e D. Bosco e que nos hospitais, asilos e orfanatos encontram padres para seu conforto e não pastores, além de não ser próprio da religião alardear o bem que faz, tendo citado como exemplo a “gripe espanhola” que acometeu aquela cidade e a função dos padres nela.

É citado um fato interessante, a fundação da Associação Cristã dos Moços no Rio de Janeiro, organizada por protestantes onde diziam não se tratar de religião e qualquer confissão admitida do mesmo modo, mas dos católicos só queriam o dinheiro e não aceitavam quaisquer opinião. É escrito que as conversões do protestantismo ao catolicismo são maiores e que os protestantes em sua totalidade é composto de gente ignorante e citam exemplos mais recentes de homens instruídos que se converteram a sua fé, a exemplo de Roger Caseman e Mr. Soriemer, contando sua história:

O primeiro foi Cônsul da Inglaterra no Rio, depois que rompeu a guerra, em 1914, fugiu para Alemanha e dali foi para a Irlanda, onde chefiou a última revolução na véspera de ser executado chamou um padre e confessou-se.

O segundo era Senador dos EUA (1918) e presidente do *National Bank* de Chicago. Nascido no protestantismo passou a dizer de si para si: Se a Igreja Romana é tão má como dizem, como podem continuar existindo? Como é possível que uma instituição acusada de tantos crimes possa continuar manchando a terra? Enfim compreendeu depois de sua investigação que a verdadeira religião é o catolicismo.

Continuaram a dizer que muitos no leito de morte raciocinam assim e se convertem ao catolicismo. Consideram que o protestantismo é uma série de contradições. Citou que o Pastor Rodolpho trouxe em vista a visita do Presidente dos EUA o Sr. Woodward Wilson, que era protestante presbiteriano, feita ao Papa, onde o pontífice, segundo Rodolpho, se humilhou pedindo que intermediasse as divergências entre o Vaticano e o Quirinal, e confrontou suas citações concernentes a um livro contra os jesuítas, a chamada “Monita Secreta”, no qual o autor argumenta ser falsa a paternidade dos jesuítas citando inclusive dentre outros o historiador protestante alemão Johan Karl Ludwig Gieseler. Em seguida confronta a segunda publicação do Sr. Rodolpho sobre o nascimento de Lutero, e uma lista de autores que apontavam a corrupção da Igreja, o escritor afirma que “o abuso não destrua a lei assim como a exceção não faz desaparecer a regra”, segue acusando o Pastor de ir por um raciocínio que faria destruir todas as instituições já que abusos se encontram por toda a parte. Não nega a inteligência de Lutero, mas invoca a história em seu favor em defesa de sê-lo “soberbo”, “inchoerente” e “sem moral” citando em seguida o historiador italiano Cesare Cantú, bem como acusa muitos reformadores de serem homens repletos de vícios, imoderados, “sem crenças”, que ensinavam que podiam fazer qualquer coisa “sem freio e castigo” e que as boas obras eram inúteis, citando em seguida o “insuspeito” britânico William Cobbett e o historiador protestante Gottlieb Jakob Planck. Depois acusa o Rodolpho de desconhecer as consequências da Reforma e ir contra a própria história e tudo isto para provar que Lutero não era “puro” e por esta razão era incoerente e ilógico em querer a pureza da Igreja e que o bem e o mal não coabitam na mesma casa.

No terceiro e último ponto o redator tentou responder a acusação de Rodolpho de que os “padres são agiotas” alegando que os mesmos recebem esmolas dos fiéis e não eram remunerados como os pastores protestantes pelas sociedades bíblicas da América do Norte. Defendeu o vigário de Estância contra a acusação de que o mesmo mandou o povo se armar contra o Pastor e assim agiram por contra própria e o mesmo “phantasiou com armas os catholicos armados”, acusou o Pastor em generalizar todos os católicos presentes o chamando de “desclassificados”; defendeu a catolicidade de Ruy Barbosa e dentre outras coisas já ditas na primeira coluna do mesmo jornal. Foi encerrado chamando a atenção do Sr. Rodolpho para ter mais cuidado com suas considerações e que os mesmos estariam prontos para defender única e verdadeira “Igreja de Christo”.

Em 24 (?) de Março de 1919, o jornal “A Cruzada”, pág 4, o redator busca responder novamente novos levantamentos do Pastor Rodolpho Fernandes que os acusaram de levantar

calúnias sobre Lutero, os chamaram de “jesuítas” e prometeu responder em breve. Mais uma vez os redatores advogam estar do lado da história e da lógica.

Em 30 de Março de 1919, os redatores advogaram responder cabalmente contra a acusação dos padres serem inimigos dos pobres, que os manhosos não são os católicos e sim a “Associação de Moços e seus confrades”, que a “Monita Secreta” é falsificada sendo utilizada apenas por protestantes, mostrou quem era Lutero e ainda que Ruy Barbosa fora mascarado protestante e desdenhoso da religião Católica. Em seguida enumera-se novos pontos de debate segundo Rodolpho; o primeiro é que entre os protestantes não havia diversidade ou oposição de crenças, antes um só corpo; segundo que os divididos são os católicos; o redator católico romano persiste na ideia de que só há verdadeira unidade sob uma liderança temporal suprema, no episcopalismo monárquico, primazia petrina em Roma, um rastreamento de sangue da sucessão apostólica como permitida ao ensino do verdadeiro dogma e que através do *livre exame* negou a autoridade da igreja e que não seria válido dizer que seu Sumo Pastor era Cristo porque Cristo não estaria no erro, na variedade e na contradição.

Afirmam que a alegação de que os protestantes só discordam em pontos disciplinares é falsa e que eles discordam de pontos fundamentais. Argumentam que uns acreditam na doutrina da Trindade e outros protestantes liberais tais como os socinianos e unitários dizem que Jesus Cristo não é Deus e sim um profeta de grande santidade e que o Espírito Santo é uma virtude. Sendo este um exemplo de divergência fundamental, citando o historiador protestante Jean Réville. Cita também os sacramentos e eclesiologia como fruto de inconstância na história do protestantismo e que daí segue a fundamentação de que o protestantismo seria uma *mixórdia*. Ainda confronta o que naquela época estava comemorando o Quarto Centenário da Reforma, onde Rodolpho diz que todos comemoraram em “união angélica”. Rodolpho acusa os católicos de estarem sujeitos a diversidade sectária também citando as congregações (carmelitas, franciscanos, etc.) como prova disto; todavia a diferença é que, segundo o redator, estas estão sujeitos a autoridade papal e que tudo deve ser resolvido pela autoridade de Roma, a qual todos estão sujeitos, no qual quem discordar de um dogma da igreja de Roma apenas não poderá ser chamado de católico. Nega a afirmação de que os católicos postergam a Bíblia, finalizando com a seguinte frase: “tu varias, logo não és a verdade.”

Em 6 de Abril de 1919, o jornal, A Cruzada, pág 3, insiste que Rodolpho não enfrenta os fatos, o chama de “fraco contendor” e ao protestantismo lhe rende um novo “elogio” tal qual uma “barafunda indescritível”. Responderam a *razão poética* com uma salmodia (8:5-8),

alegando que o atesta a superioridade do homem e que por isso deve dominar sobre toda a terra, estando escrito assim:

Que é o homem mortal para que te lembres dele? E o filho do homem, para que o visites? Contudo, pouco menor o fizeste do que os anjos e de glória e de honra o coroaste. Fazes com que ele tenha domínio sobre as obras das tuas mãos; tudo puseste debaixo de seus pés: Todas as ovelhas e bois, assim como os animais do campo, As aves dos céus, e os peixes do mar, e tudo o que passa pelas veredas dos mares.

O redator cita a autoridade “dos antigos philosophos” que denominaram o homem de *microcosmo*, estando convictos de que esta criatura era elevada em perfeição todas as outras do universo, “anel formoso que une os ceus a terra”, sendo a *imago dei*, deste modo alguma coisa a mais que “um simples grão de areia”. Diz que Rodolpho reduz o homem a zero para justamente negar o primado do Papa, e que a “incapacidade humana para governar a Igreja é uma pantomima tola”.

Quanto a *razão fisiológica*, onde chama o argumento do Pastor de “enthymema”, onde o homem tem necessidades fisiológicas (come, bebe, dorme, etc), logo não pode ser o chefe da igreja, pois não querem alguém falível e limitado como chefe da igreja. Mais uma vez utiliza-se, dentre outros, o texto de Mateus 16:19: “Dar-te-ei as chaves do reino dos céus; o que ligares na terra terá sido ligado nos céus; e o que desligares na terra terá sido desligado nos céus”. Onde mais uma vez invoca-se o dogma da primazia de Pedro, além da própria razão que opera no homem, sendo estas as características que permitem ao ser humano, juntamente com a ação do Espírito Santo de serem o chefe da Igreja. Agora quanto a razão bíblica, é dito que o Pastor cita o texto de Marcos 10:43-45 com o intuito de deslegitimar o papado:

Não será assim entre vocês. Ao contrário, quem quiser tornar-se importante entre vocês deverá ser servo, e quem quiser ser o primeiro deverá ser servo de todos. Pois nem mesmo o Filho do homem veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos.

O redator considera esta tentativa inútil e promove uma hermenêutica do texto, buscando demonstrar que a autoridade de Pedro como primeiro Papa foi dada pelo próprio Cristo, e desobedecê-lo seria desobedecer a Cristo. Cita o texto de Mateus (28:18) “todo poder me foi dado no céu e na terra”, de João (20:21) “e assim como o Pai o enviou, Eu envio os discípulos” e que isto legitima a autoridade do Papa como *servus servorum Dei*.

Quanto a *razão moral*, onde o Pastor enumera alguns Papas que considera imorais e os atribui de todos os “crimes, flagelos, despotas...”. O redator considera que enquanto o Pastor não provar que todos ou a maioria dos papas foram maus seria inútil esta premissa. Onde cita que entre 260 pontífices, no máximo um autor protestante chamado Davisson, selecionou apenas 28 pontífices, sendo 7 destes por serem apenas inimigos dos mesmos. Reconhece que os Papas podem sim quebrar com os mandamentos divinos na qualidade de seres humanos, e que seria irônico tal questão vindo de alguém que advoga pela “santidade” de Lutero, sendo alguém “que praticou escândalos que assombraram a humanidade”. O redator ainda diz que das bocas dos Chefes da Igreja nunca saíram palavras que pregassem contra a moral cristã enquanto doutrinassem os cristãos, e que a infalibilidade papal não significa que os Papas fossem “impeccáveis” pois Deus não tirou a liberdade de praticar o bem ou o mal, exemplificando na pessoa de Judas, Davi, Salomão, Ananias e Caifás. E coloca a culpa de haver papas maus nos homens e não na Igreja, considera os papas uma legião de heróis e maior potência moral do mundo. Por falta de espaço prometeram concluir a resposta na próxima edição contra alguns Papas listados e considerados maus pelo Pastor.

Em 13 de Abril de 1919, pág. 4, consideram ter respondido ao Pastor de forma suficiente e comprobatória, que já havia Cristianismo antes de escreverem e lerem o Evangelho, que a Tradição e o consenso regiam a Igreja, que seria ilegítimo o argumentar sobre abusos pois *abusos non tollit usum*, que o joio e o trigo só seriam separados no dia final, sendo a igreja fontes de maiores exemplos de santidade e heroísmo.

Em seguida é dito que o Pastor disse que foram os papas que propagaram o massacre de S. Bartolomeu. O Redator classifica esta obra como maquiavélica e uma carnificina e culpa Catarina de Médici com base no historiador Alfred Falloux, Friedrich Raumer, Leopold von Ranke, Wilhelm Gottlieb Soldan, etc. Acusa o Pastor de não se lembrar dos anos antecedentes em que os protestantes engendrara matanças aos católicos em Lião, Nimes, Montpellier, Orthez e outras cidades; que na verdade não foram os membros do clero católico que promoveram a matança e sim acolheram os calvinistas e que as mentes desta carnificina eram políticos maquiavélicos liderados pela referida mulher, isto baseado em Cesare Cantú e o historiador protestante William Cobbet. Colocou ainda nas mãos dos protestantes os seus próprios “morticínios e crueldades” a culpa do acontecido na noite em São Bartolomeu.

Próximo passo foi com relação a Inquisição, o redator explica que inicialmente era um tribunal eclesiástico que julgava, vigiava e punia os hereges em matéria de fé, sendo o Estado

quem se encarregava de punir as heresias que eram consideradas crimes civis. Não é negado que houveram “desordens e abusos”. Considera heroica a luta dos cruzados contra os mouros durante “oito séculos” na Península Ibérica e indaga qual povo não cometeu excessos em luta pela sua conservação. Diz que os pontífices desaprovaram os excessos cometidos pela Inquisição Espanhola, citando Sixto IV que por meio de uma bula desaprovava e “exhortava” o rei a moderar o rigor com caridade cristã; Leão X quis aboli-la e se opôs a aqueles que quiseram introduzir em Nápoles e Milão. Em seguida acusa os protestantes em derramar mais sangue com mais crueldade por conta da intolerância se comparado a Inquisição segundo o teólogo Jaime Balmes em *O protestantismo comparado com o Catolicismo*.

Em 20 de Abril de 1919, o redator começa dizendo que o “desgarrado” Pastor veio do próprio “inferno”, disse que o “Papa mau” citado pelo Pastor não foi Papa e sim um “antipapa”, uma referência a Félix, com a Igreja condenando o seu arianismo, todavia o mesmo não havia abandonado a fé de Niceia e era irrepreensível. Que o papa Libério era um homem santo e que o antagonista ter acusado de assinar uma carta ariana, sequer tinha o direito de fazer isto. Argumenta ainda que era controverso entre os historiadores se o Papa Lidório assinou a fórmula de Sirmio.

Em 27 de Abril de 1919, Desta vez é dado um enfoque crítico a Associação Cristã dos Moços. Onde se ajuntaram mais de “dezenas de seitas protestantes”, foram excluídas algumas outras por conta da bigamia e maçonaria. Era prometido que não se fazia diferença entre os cristãos ali presentes. Após conflitos e retirada do Conselho católico presente em uma reunião, justamente por questão dos dogmas católicos. A ICAR passou a ver a Associação Cristã dos Moços (ACM) como um agente do anticatolicismo americano.

Em 4 de Maio, no quarto centenário de Lutero, se tenta atacar o caráter e mentalidade de Lutero, na página 4, chama o Pastor de “falsário” e “mero copiador de textos”. Volta-se o debate para Leão XVII, argumentando que as alegações de Liutprando são falsas e que estava contaminado pelo partidarismo da época. Em 11 de Maio é dada a conclusão sobre o caráter e mentalidade de Lutero, como um homem “diabólico, cheio de ódio, repleto de vícios e glutão”. Na página seguinte responde ao Pastor Rodolpho Fernandes em dizer que Henrique VIII não foi um dos fundadores do protestantismo, pois trucidou católicos e protestantes. O redator disse que Henrique e Lutero apenas fingiam não aceitar o credo do outro; que Isabel da Inglaterra perseguiu com mais vigor os protestantes puritanos que os católicos e ainda assim não deixava de ser consolidadora do protestantismo anglicano, os luteranos e calvinistas “brigavam” e eram

todos protestantes, e que indubitavelmente Henrique VIII lançou os fundamentos do protestantismo na Inglaterra. Diferentemente do que o Pastor citou é dito que Guillet e Pinheiro Chagas não eram católicos e Bossuet não era Bispo de Meaux.

Enaltece a santidade de Gregório VII contra Henrique IV que queria diminuir o poder da Igreja, não nega a afirmação do Pastor Rodolpho que o concílio de Pisa condenou Bento XIII e Gregório XII e que os mesmos não eram Papas, pois nenhum desses foi reconhecido papa por toda a Igreja, pois quebravam o princípio unitário de *Papa dubius, papa nullus*, e que em casos atípicos o cetro da unidade e supremacia passava para o corpo episcopal. Em 18 de Maio, disputam quem dos dois oponentes ficaram apavorados, foca nas alegações do Pastor sobre Bonifácio XV como “assassino e materialista”. O qual o redator faz questão de exaltá-lo como herói.

Em 25 de Maio, logo na primeira página condenava que quem assinasse o futuro jornal protestante “O Christão” se sujeitava a pena de excomunhão. O redator disse que o Pastor não sabia português e estava repleto de incoerências (pág. 3), que o Pastor disse que na Igreja não há unidade no que tange a interpretação da Bíblia, que ela é fácil de entender e que só a Igreja acha difícil e que a Igreja proíbe a leitura da Bíblia. Que os católicos eram idólatras e que a Eucaristia e a confissão auricular são invenções dos papas e concílios, e cita muitos textos bíblicos acerca do Celibato dos Bispos e tantas questões que não são mencionadas a fundo.

Em 8 de Junho de título “As Incoerências do Pastor”, apresenta o líder religioso protestante como um “suicídio moral”, diz que ele foi sofista pois partiu do particular para o geral, quando disse que o redator desta matéria maltratou os reformados de Estância, logo inferindo que todos os padres são inimigos dos pobres. Defende que o dogma da Imaculada Conceição apesar de ser definida no Concílio do Vaticano I sempre esteve na consciência cristã, firmada tanto na Escritura quanto na Tradição, não sendo inovação assim como o dogma da divindade de Cristo foi definido em Niceia. Introduzir uma devoção não mudaria a igreja, como disse o pastor.

O redator pede para provar quem foram os “inventores” dos dogmas de confissão auricular, purgatório e transubstanciação já que estes dogmas foram “inventados” posteriormente. Diz que a Igreja só proíbe a leitura da Bíblia das “Janellas Verdes e congeneres”, não as aprovadas pela autoridade da Igreja e comentada pelos Santos Doutores. Defende que os católicos são “uns” na doutrina de fé e moral. O redator afirma que na Bíblia não há nada que favoreça o livre exame. Diz que os católicos não adoram as imagens, apenas

veneram a representação destas imagens que são benzidas pela Igreja e remetentes a Deus e aos santos; o Celibato nunca foi proibido por Paulo, mas se trata apenas de uma questão de disciplina; que a língua Latina na missa, sem explicar ao povo, dito pelo Pastor como pecado, sendo que na verdade é pelo povo acompanhada por meio dos “devocionários” as preces da missa e que os sacerdotes explicam o sentido dos textos e que vê o latim como portadora da língua universal justamente por conta da diversidade de idiomas no mundo.

Em 15 de Junho diz que o Pastor falha em demonstrar conflito entre a Bíblia e a ICAR. Responde a ideia protestante de que a missa por ser um sacrifício de Cristo é heresia, pois o sacrifício só se deu uma vez por todas; o redator diz que a Missa é a renovação do sacrifício de Cristo só que de forma incruenta, sendo esta uma só, mas que a sua comemoração se dá sempre.

Pede ainda que o Pastor prove que a Igreja Católica diz que a Salvação é só por obras. Em 22 de Junho continua a demonstrar o absurdo de usar a Monita Secreta, considerando o Pastor indo contra todos os historiadores e “bom senso”. Em 29 de Junho discute sobre a veneração de imagens respondendo bíblicamente ao Pastor, apontando incoerências, pois crer que a proibição de imagens na Bíblia é relativa e o que ela proíbe é a idolatria. Em 6 de Julho, logo na capa já apresenta o título “Porque não sou protestante”, onde acusa os protestantes de negar a liberdade da vontade humana de fazer o bem por si próprio. Afirma que não se encontra moral nos protestantes, pois diz que não devemos nos importar com a moral. Na página seguinte o redator continua o embate com o Pastor Rodolpho Fernandes, desta vez com relação ao purgatório, por meio do Antigo Testamento, Novo Testamento e a Tradição. Em 13 de Julho, discute a regeneração batismal. Em 20 de Julho discute o papado nos primeiros séculos. Em 27 de Julho discute a terminologia e sua teologia em volta do termo “catolicidade”. Chama as igrejas dos protestantes de “igrejoca” e “ultramanhosos”, não apenas de manhosos. Em 3 de Agosto, de título “As Incoerências do Pastor e ponto final para o Christão”, dá um panorama geral dos pontos levantados ao longo dos meses e se veem como vencedores do debate além de avisar estarem sempre prontos para defender sua fé.

#### 8.4. “GENTE QUE CONHECI, COISAS QUE OUVI CONTAR”

O autor Raimundo da Silveira Souza, na página 44, de título “CONFERÊNCIA NÃO REALIZADA” nos diz que era frequente os atos da “Santa Missão” em Estância, os quais as praças se enchiam, onde na maioria mulheres se faziam presentes sentadas com “cadeirinhas”,

as mesmas que eram usadas para sentar nas missas das igrejas. É dito que no ano de 1918 (na verdade o fato ocorreu em 1919), o autor tinha 9 anos, o padre local era o Vitorino Correia Fontes, e nestas festividades ouvia-se as cantorias e sussurros por toda a cidade. Na última noite o frade Francisco desafiou os protestantes. Três dias depois apareceu um Pastor, fora acolhido por segurança em um salão nobre da prefeitura.

Na noite aprazada, junto aos protestantes, que eram poucos, encontrava-se na sala da Prefeitura pessoas reconhecidamente católicas, como o meu sogro Dr. Jessé Fontes, outras menos afervoradas, como o seu pai Leopoldo Souza, Álvaro Almeida, farmacêutica Cesarina Regis e o irrequieto e espirituoso Eliezer David, pai de Eulina, que reside na rua General Pedra.

Em frente a Prefeitura, no salão abaixo ia se acumulando “católicos mais exaltados” para impedir que a conferência se realizasse, uma pedra foi lançada quebrando o vidro das janelas, e mais pedras foram lançadas e uma cerca perto da prefeitura foi sendo quebrada e suas estacas colocadas a punho. Então um homem chamado Eliezer David, que era Major, deu um tiro para cima e a multidão se arrefeceu, e o Pastor pôde sair da Prefeitura cercado por católicos e recolher-se no “Templo Evangélico na Rua Gumercindo Bessa”. Ao final do texto disse:

Comentando-se esses acontecimentos na calçada da casa do meu avô, o velho José Cristovão da Silveira, não sei porque eu me saí com essa: “Bem disse mãe Iaiá (minha avó), que isso só podia ser coisa do Padre Vitorino.”

O boníssimo Vitorino ficou queixoso com minha avó, que afinal de contas não tinha culpa da invencionice de seu neto.

## **9. A RELIGIÃO DO CAPITALISMO EM ESTÂNCIA**

Historicamente em Estância-SE, relegou-se de forma depreciativa a pobreza como forma de maldição ou inferioridade aos protestantes (Cap. VIII, pág. 125) ou relegou aos protestantes ligados à igrejas tradicionais como sendo uma religião de ricos; embora ambas acusações sejam opostas, possuem um mútuo objetivo: deslegitimar e depreciar a religião adversária. Geralmente esta última depreciação é dada por aqueles simpáticos a um catolicismo mais popular, religiões espiritualistas, pentecostais e atualmente alguns setores neopentecostais, que possuem em comum pertencer a classes menos abastadas. Isto possui raízes e explicações histórico-culturais, as quais irei expor adiante.

Em *A propósito de frades*, Gilberto Freire reconhece que o capitalismo aqui na Hispano América foi refreado devido ao catolicismo franciscano (pág. 56) e que por conta disto nestas sociedades há em maior frequência uma desconfiança com relação aos ricos, o que estou de acordo, acrescento ainda que na esfera leiga é muito comum os católicos confundirem “pobreza” com “humildade” por conta desta disposição. Todavia Freyre repete a questão observada por Weber de que os calvinistas americanos associavam “aqueles mais pobres como se fossem amaldiçoados de Deus”. Tal artifício foi amplamente empregado pela apologética católica promovendo uma casuística moral ampliando a todos os fieis calvinistas no tempo e espaço a mesma disposição, para que as pessoas menos experientes no assunto entendessem que tal disposição era inerente a própria teologia reformada, legitimando e fortalecendo o estigma de que o protestantismo era “uma religião de ricos”, porém sabemos que tais concepções na história foram se transformando ao longo do tempo e espaço.

A obra do escritor francês Charles de Viller no início do século XIX de nome *Essai sue l'Sprite et l' influência de lá réformation de Luther* foi uma das primeiras obras a veicular o sucesso econômico e industrialização ao credo protestante (JOHNSON, 2001, pág. 383), e tal perspectiva também foi objeto da apologética protestante. Porém as origens de um entendimento popular mais recente que liga o calvinismo ao capitalismo ou ainda queiram ligar o próprio Calvino e sua teologia com os puritanos calvinistas posteriores remonta a famosa “tese de Weber”, ou melhor, no entendimento popular dela ecoada como: “o protestantismo criou o Capitalismo no século XVI”, “os calvinistas são gananciosos e enxergam os pobres como amaldiçoados por Deus”; desta forma os calvinistas seriam o novo bode expiatório judeu da modernidade; urge então que estas questões sejam melhor esclarecidas aqui. É sobre isto que vamos analisar a seguir.

O protestantismo se expandiu em Sergipe com base “em um vasto seguimento de homens pobres e livres, que viviam na zona rural” especialmente nos lugares vacantes pelo clero romanista, e entre os primeiros estancianos protestantes que eram presbiterianos, predominavam com poder aquisitivo menor, as dificuldades financeiras eram constantes, havia constante instabilidade e risco de rebaixamento de “Igreja” a uma “Congregação Presbiterial”<sup>181</sup>, justamente por conta desta situação. Porém, a conversão de pessoas proeminentes ou ligadas à elite era sim desejável e vista como chave, mas via de regra ela dificilmente acontecia, pois a classe dominante liberal por vezes até simpatizava, mas apenas queria a estética e valores burgueses - liberalismo ético, de democracia, estado laico, tolerância religiosa, difusão da educação para todos, no âmbito político tendiam ao republicanismo e abolicionismo - e não a religião protestante, tendo como obstáculo recíproco a intransigência cultural, disciplina interna da denominação e a pressão social proveniente disto, pois os protestantes na América Latina faziam de tudo para se desvincular do estilo de vida do católico médio.

Em *A Ética Protestante e o espírito do Capitalismo (Die Protestantische Ethic und der Geist des Kapitalismus - 1904)*<sup>182</sup> o sociólogo Max Weber buscou comprovar que havia algo naqueles que professavam o protestantismo asceta que favorecia o Capitalismo; o que não significa que não houveram outros fatores anteriores a Reforma, apenas que o mundo ocidental, em comparação com qualquer outra sociedade detentora de uma maior racionalização da vida, o qual depende o Capitalismo, de “um empreendimento racional da vida privada com capital fixo e cálculos certos” (WEBER, pág. 31). O sociólogo Max Weber assume o espírito capitalista como uma realização ocidental baseada no processo de racionalização da vida, da burocracia do estado racional característica inerente na construção do período moderno.

A racionalização se dá com o afastamento das tradições e a proximidade com uma forma de vida mais pragmática, uma moral utilitária e racional, característica dos aspectos secundários da Reforma, sobretudo na América do Norte, o que por sua vez não pode ser confundida como causa e efeito, uma vez que a Reforma não pode ser considerada um movimento precisamente originário do capitalismo. O indivíduo nessa lógica se torna o dono do próprio destino e o único capaz de mudá-lo através do trabalho, da acumulação atrelado ao

---

<sup>181</sup> COSTA, Gicélia Santos. **Protestantes na “Atenas sergipana”**: conflitos religiosos na inserção do presbiterianismo em Sergipe. 2018. Mestrado. 118 p. Página 74. UFS.

<sup>182</sup> WEBER, Max. **A Ética Protestante e o espírito do Capitalismo (Die Protestantische Ethic und der Geist des Kapitalismus – 1904)**. Livro. Ed. Martin Claret. Trad. Pietro Nasseti. 2005. 230 p.

conceito de vocação, virtude, utilidade social e habilidades para o crescimento da sociedade por meio do trabalho duro baseado no entendimento protestante positivo do trabalho como útil a glória de Deus (1 Co 10:31).

O protestantismo ao contrário do monasticismo medieval que buscava a santidade “fora do mundo secular” e eticamente chegasse a glorificar a pobreza e a mendicância (como os franciscanos), buscou a santidade “dentro do mundo secular” embora “não para este mundo”, é isto que Weber chama de “ascetismo intramundano”, por esta razão que Weber testifica que “as comunidades estritamente puritanas não conheceram de fato nenhuma mendicância em seu meio” (WEBER, 2005, pág. 132), por justamente tornar todos os afazeres quotidianos como algo sagrado, dando sanção psicológica e ética para a disposição capitalista. Lembremos que o conceito de “seita” utilizado por Weber não tem sentido apologético, se refere a minorias religiosas de determinados territórios cuja maioria da população é ligada a alguma igreja tradicional a qual seus membros nascem nela, diferente das seitas que é composta por integrantes que aderem de forma voluntária ou por persuasão e motivos distintos a grupos religiosos minoritários, e que sua tese estava muito relacionada a sua experiência de campo nos EUA entre a passagem do século XIX para o XX, onde muitas igrejas protestantes estadunidenses estavam submetidas a lógica do mercado capitalista<sup>183</sup>. Na pág. 32, Weber diz: “As forças mágicas e religiosas e as idéias éticas de dever nelas baseadas têm estado sempre, no passado, entre as mais importantes influências formativas da conduta”.

Em *Viagem aos Estados Unidos* (1962)<sup>184</sup> do então Pe. Luciano José Cabral Duarte que viria a se tornar Bispo da Paróquia de Aracaju e se revelar importante estrategista e intransigente político conservador em Sergipe apoiando a Ditadura Civil-Militar de 1964, legitimando a ordem política autoritária em Sergipe - não diferentemente dos evangélicos que “apoiaram os interventores militares de forma incondicional” como diria o historiador Ibarê Dantas (1997, pág. 148) - nos mostra como a sociedade estadunidense estava embrenhada de pragmatismo, além de um povo cosmopolita e diverso, via de regra bem educado, altamente técnico e prático, percebe-se a valorização do trabalho duro, um país cujo cada segundo vale

---

<sup>183</sup> MEDEIROS. Pedro Henrique Cavalcante de. **Teoria da secularização**: Max Weber, o racionalismo e o utilitarismo entre os protestantes americanos. Postagem. Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C7WnVxE07rG/?igsh=MXZvNTVwaDdybTg2MQ==>. Acesso em: 22/05/2024.

<sup>184</sup> DUARTE. Luciano. **Viagem aos Estados Unidos (1962)**. Sociedade de Cultura Artística de Sergipe. Livraria Regina Limitada. Aracaju. 1962. 145 p.

ouro e não se pode perder tempo, onde em cada esquina se ver a necessidade de mover os músculos e demonstrar o orgulho do *make yourself*, ou seja, “faça você mesmo”.

Esta cultura de “fazer as coisas com as próprias mãos” se dá devido a formação social dos países protestantes, que através da Bíblia compreenderam que a glorificação divina abrange toda a existência, inclusive a vida profissional, quebrando o conceito objetivo da divisão platônica da realidade predominante no medievo, onde sobretudo inclusive nos países ibéricos o trabalho braçal era desprezado e visto como algo inferior, cuja nobreza, descendentes de lideranças importantes de “sangue azul” não podia ser contaminada, portanto se relegava estes trabalhos aos subalternos. Tal costume no Brasil colonial imperava, onde os trabalhadores braçais eram tidos como “defeito mecânico” criando estigmas e restringindo a mobilidade social por gerações; até os dias de hoje em nossa cultura as pessoas que têm um maior poder aquisitivo pagam as quem tem um menor poder aquisitivo para realizar o trabalho braçal mais pesado, trabalhoso ou mais sujo.

Em Sergipe, o qual foi evangelizada pioneiramente por missionários estadunidenses presbiterianos, não estavam isentos da influência cultural de seu país de origem, neste caso a ideologia em volta do rigor técnico e burocrático típico da sociedade estadunidense; o próprio Weber identificou que este rigor em qualquer país na passagem do século, sobretudo a Alemanha, de “composição religiosa mista”, se observava com maior latência que “os trabalhadores mais especializados e o pessoal mais habilitado técnica e comercialmente das modernas empresas é protestante”. O historiador Émile G. Léonard observa caso semelhante no protestantismo brasileiro:

A tendência à excessiva organização técnica – e por pouco diríamos a obsessão ou vertigem dessa organização – é, aqui, traço geral. Seria inútil indagar se há, neste caso, influência da civilização norte-americana, ou uma característica geral de todo continente americano, sem ação de uma parte sobre outra, e proveniente de uma certa adolescência cultural. Não é por simples imitação, mas por uma inaptidão um tanto pueril em distinguir gesto de sua significação, a formalidade de sua utilidade, que muitos empregados, cujos pais talvez nem soubessem escrever, vos convidam gentilmente a assinar sobre uma certa linha como se, sob ela, a assinatura não tivesse valor. Não é, pois, de se admirar que haja excessiva administração para a administração, burocracia e formalismo na vida eclesiástica do protestantismo brasileiro.

O premiado professor em “teologia histórica” pela Universidade de Oxford, o prof. Dr. Alister Macgrath, em *A vida de João Calvino* capítulo XI, a partir da página 249, reconhece

que as operações financeiras existiam antes da Reforma, corroborando com Weber e tantos outros como H.M. Roberts, Bretano e Pirenne<sup>185</sup>:

Da mesma forma, não se pode ignorar a importância religiosa do Capitalismo antes da Reforma: a capacidade da família Médici de comprar, abertamente, o papado, e a Dos Függer de controlar praticamente cada indicação episcopal importante na Alemanha, Polônia e Hungria (ao mesmo tempo em que financiava a eleição de Carlos V como imperador) aponta para importância do Capitalismo como uma força religiosa na iminência da Reforma<sup>186</sup>

O Prof. Dr. Alister MacGrath elucida que Weber investigava as características mais precisamente do “Capitalismo predador”, diferente do “Capitalismo moderno” que era “mais racional e possuía uma base fortemente “ética” e “ascética”. Ele explica que Weber observou uma tensão entre a acumulação de capital e a salvação das almas daqueles que acumulavam, e que a sociedade medieval apenas os tolerava mas os consideravam sem ética com base em observações em Florença do século XIV e XV. Com o surgimento do “protestantismo asceta”, é perceptível esta disposição nos escritos de autores calvinistas do século XVII e XVIII a exemplo de Benjamin Franklin que aprovava a acumulação de capital ao mesmo tempo que criticava o seu consumo, desta forma o protestantismo criou os pré-requisitos psicológicos para o desenvolvimento do capitalismo.

O Prof. Dr. Alister Macgrath acertadamente questiona este vínculo dado por Weber com relação às atitudes de Calvino e calvinistas posteriores que pudessem justificar as origens do capitalismo moderno. Após uma análise extensa de fatores históricos na Europa ele conclui que a associação entre o Calvinismo e capitalismo é em larga escala, “acidental; não há, necessariamente, uma conexão histórica ou ideológica entre ambos”, “o Capitalismo é, porém, um subproduto de sua perspectiva religiosa, em vez de um produto almejado” e “as posturas econômicas recomendadas por Calvino não eram, porém, meramente favoráveis ao Capitalismo; elas eram, porém, radicalmente antifeudais”.

A exemplo de Genebra do século XVI, onde os fatores geográficos favoreciam com muitas rotas de comércio; os fatores políticos, de preservar a autonomia econômica de Sabóia e Berna, tendo consequências também políticas que os levaram a adotar medidas mais capitalistas (todavia obviamente não se trata do capitalismo do século XIX, havia muito

---

<sup>185</sup> BOBBIO, Maurice. **A Evolução do Capitalismo**. Livro. Tradução de Affonso Blacheyre. 6ª edição. Zahar Editores. Rio de Janeiro. 482 p. Pág. 21

<sup>186</sup> MACGRATH. Alister. **A vida de João Calvino**. Editora Cultura Cristã. 360 páginas.

centralismo típico medieval); fatores religiosos os quais estavam indiretamente relacionados a teologia de Calvino, tais como o favorecimento da imigração francesa por conta de ideias religiosas, os quais contribuíam com a cidade com seu Capital, a sua “ética do trabalho” com a qual o “fiel era chamado para servir no mundo” e o fiel deveria trata-lo com despreendimento, tal teologia provocou a eliminação das barreiras religiosas do seu tempo, portanto a religião e sua relação possuía importância secundária no processo do desenvolvimento do Capitalismo em Genebra; para que fique mais claro, segundo o autor:

O Capitalismo de Genebra nasceu da necessidade econômica, e não do estímulo religioso. A própria sobrevivência da cidade era percebida como algo que dependia da sua economia. A autonomia política se baseava na auto-suficiência econômica. O desenvolvimento da economia de Genebra deve-se, sobretudo, a um impulso mais fundamental até mesmo do que o poderoso dinamismo religioso de Calvino - o primitivo e perene instinto humano de sobrevivência. Calvino pode ter estado envolvido na adoção de posturas religiosas e sociais geralmente instrumentais ao desenvolvimento de algum tipo de Capitalismo, porém foi a própria cidade de Genebra que deu estrutura e especificidade à forma que o Capitalismo iria assumir, revestindo o esqueleto de posturas um tanto indeterminadas de Calvino com propostas, políticas e instituições bastante definidas. Na verdade, Calvino parece ter santificado as posturas e instituições existentes e emergentes em Genebra, demonstrando, mais uma vez, a importância desta cidade na formação dos contornos do Calvinismo internacional.

Claramente nos escritos de Calvino há uma “atitude afirmativa” para com o mundo ao invés de “especulações abstratas”, há um engajamento objetivo na existência social e seus problemas, o exato oposto ao monasticismo medieval. Trazendo “toda a existência humana para dentro do âmbito da santificação divina e da dedicação humana”. Esta disposição é “nutrida por fontes teológicas profundas” e não o contrário. Todavia o equilíbrio entre a Igreja e o mundo é vista como delicada e vulnerável; o que pode levar “a separação radical de um lado” ou a “fusão radical de um outro”. Sendo esta característica principal com relação a como o Calvinismo foi assimilado na América do Norte em especial. As estruturas podem facilmente se desvencilhar com relação aos valores e a fé formuladas originalmente.

Embora a tese de Weber com base em sua experiência em campo nos EUA seja de que os cristãos ficavam ansiosos ou angustiados em demonstrar que eram salvos com base no sucesso mundano, não quer dizer que suas origens teológicas sejam causadas pela lógica do mercado capitalista no século XVI, apesar de mais recentemente ser gradualmente encontradas em algumas comunidades religiosas, sobretudo na América do Norte. O historiador Paul Johnson em *História do Cristianismo* atesta que “os elementos progressistas da economia...foram identificando paulatinamente com o sistema capitalista...por sua antipatia ao

Cristianismo altamente institucionalizado e clericalizado de qualquer gênero”, ou seja, independentes de “formulação doutrinária específica” e anterior ao protestantismo, porém que por justamente os países protestantes calvinistas serem mais anticlericais facilitou a circulação de uma disposição favorável ao Capitalismo; bem como o fator da ansiedade sempre estivera presente com relação a salvação na História do Cristianismo e que ela tendia naturalmente a gerar trabalho que por sua vez confluía-se ao mesmo (JOHNSON, 2001, pág. 377), este anticlericalismo também fora presente em muitos comerciantes das cidades mercantes da Itália no séc. XIV e XVI e também em comerciantes em Sergipe. O mesmo historiador atesta que na doutrina de Lutero não havia nada “que favorecesse de modo especial o comércio ou a indústria” (pág. 378). E mesmo a concepção original de Calvino quanto as finanças era comunal e não individualista, isto viria a se desenvolver muito tempo depois. O historiador Carter Lindberg em *História da Reforma*, coloca que:

Tendo em vista que a Teologia de Calvino não era individualista, mas comunal, ele via a prosperidade como uma benção vinda de Deus. Para o reformador riquezas não demonstravam a aprovação do indivíduo, mas a benção de Deus sobre ele, a qual devia ser compartilhada com toda a comunidade. Em contrapartida, a pobreza era uma expressão da ira de Deus a toda a comunidade como consequência do pecado; por isso levar o fardo e ajudar o necessitado era uma obrigação de todos. A ideologia de “culpe a vítima, elogie o vencedor” dos tempos modernos é um tipo de teologia do pacto secularizada e individualizada, que associa sucesso e fracasso mundano à virtude moral (2017, pág. 429).

O próprio Lutero havia recebido a influência de franciscanos, tais como Guilherme de Ockham e Boaventura, sendo contrário toda forma de luxo ou acúmulo de riquezas individualista comum a modernidade, não podemos esquecer que tanto Francisco de Assis quanto Lutero viveram em um contexto de efervescência das chamadas “ordens mendicantes”, por esta razão fora chamado pelo historiador Themudo Lessa de “novo franciscano”<sup>187</sup>. A concepção de “Igreja” (em alemão *kirche*) na Reforma Protestante passou a ser vista, de acordo com Lutero, como uma comunidade (em alemão *gemeinde*), assembleia (*versammlung*), e congregação (*gemeine*), onde todos são iguais diante de Deus, cuja importância da oração independe de cargo eclesiástico e hierarquia (LINDBERG, 2017, pág. 415). Como bem observou o historiador Paul Johnson:

Lutero glosou Gálatas 3:28: "não há padre nem leigo, não há cônego nem vigário, não há rico nem pobre, nem beneditino, Cartaxo, frade menor nem agostiniano, pois não é uma questão deste ou daquele status, grau ou ordem".

---

<sup>187</sup> LESSA, Vicente do Rego Themudo. **Lutero: sua vida e obra**. Livro. Brasília. Editora Monergismo. 2017. 354 p. Pág. 40-53.

Ou, nas palavras de Nicholas Ridley: "S. Pedro dizia que todos os homens eram sacerdotes". William Tyndale, típico reformador da década de 1520, escreveu que "vocês que ministram na cozinha, e não passam de pajens de cozinha (...) saibam que Deus os colocou nesse ofício (...) se compararem essa e aquela ação, há uma diferença entre lavar louça e pregar a palavra de Deus; mas, quanto a agradar a Deus, nada...". Como comentou John Knox, pouco depois: "este é o ponto em que digo todos os homens são iguais". Para fins de adoração, "sejam, em suas próprias casas, bispos e reis" (JOHNSON, 2001, pág. 329).

Fica evidente que ocorreram transformações de conduta ao longo dos séculos frente à emergência do Capitalismo variando em lugar, tempo e de grupos protestantes. O Prof. Prócoro Velasques Filho com base em Weber atesta que a doutrina justificação pela fé ao longo dos séculos na prática fora deixada como um mero artifício retórico pelos puritanos nos EUA e que posteriormente por sua vez levaram suas doutrinas a América Latina, onde diante da incerteza e ansiedade da salvação o homem busca reafirmar se no mundo por meio de suas obras, dessacralizando a vocação do trabalho a qual Lutero desenvolveu e Calvino aprofundou (2002, pág. 208) o que gerou tensões culturais na América Latina no encontro de um protestantismo exportado com a cultura nativa reprimindo o *homo ludens* em detrimento do *homo faber* junto a uma “neurose do tempo” onde *time is money*, como diria Benjamin Franklin. Porém ao longo do tempo tal concepção foi se transformando na América Latina.

Quando o Cardeal Sadoletto foi nomeado secretário do papa Leão X - quem muito apreciava sua sabedoria -, quando foi a Genebra no século XVI para fins conciliatórias para com os protestantes se impressionou com a simplicidade de vida de Calvino, algo reconhecido por autores céticos como Ernest Renan como um homem que “não dava importância a riquezas nem a títulos, nem a honras...” mesmo sendo mestre em Teologia, conhecedor da história eclesiástica, da Patrística, filósofo e humanista, latinista, hebraísta e conhecedor de grego, contribuidor para a língua francesa, perito em jurisprudência, pastor e membro do Consistório, tudo isso por volta dos 30 anos; ao ser acusado pelo Cardeal de ter se desviado de Roma por “ambição e soberba”, o reformador respondeu:

De certo vos enganais, crendo que por ambição ou por orgulho, deixamos a Igreja Romana. Se eu tivesse querido enriquecer-me e cumular-me de honras e benefícios, não me separaria de vosso partido. Teria ficado como cônego de Noyon...Nossas Paróquias dão-nos o estritamente necessário; temos a paga de quarenta e cinquenta escudos; damos aos pobres a renda dos conventos e dos bispos – tal é a nossa recompensa temporal.

Tal austeridade dispensatório de riquezas também é encontrada no ex-padre Manoel da Conceição, o primeiro pastor protestante brasileiro do século XIX, que viveu como Gilberto Freyre certamente diria, como um verdadeiro franciscano, em completa abnegação mundana a ponto de prejudicar a própria saúde em suas longas viagens de vila em vila, de casa em casa, a qual passava perseguições e privações, até vir a falecer como um completo abnegado. Certamente muitos pregadores e protestantes sejam nacionais ou estrangeiros pioneiros e consolidadores passaram por grandes instabilidades financeiras, colocaram em risco sua integridade física e abriram mão de muitas coisas que poderiam lhes beneficiar na sociedade, especialmente os crentes dos interiores do Nordeste - onde o catolicismo romano era e é bastante arraigado - justamente por conta de sua fé. Tais obstáculos por raras vezes eram superados pela competência profissional, grau educacional e o prestígio adquirido por elas como foi o caso do Prof. Azarias dos Santos, a Prof. Penélope Magalhães, o Rev. Cassius E. Bixler e outros que prestaram trabalho evangélico em Estância.

Portanto está claro que a influência protestante ao capitalismo foi feita de forma indireta, não uma relação de causa e efeito, não sendo motivada por princípios de mercado embora fosse posteriormente encontrada na América do Norte, não sendo aplicável a todos os grupos protestantes no tempo e espaço e desfeito alguns outros estigmas os quais também certamente foi usado de artifícios para prejudicar os trabalhos evangélicos em Sergipe. Ao mesmo tempo que o avanço do protestantismo em Sergipe a partir da 1870 em Sergipe representava novos ares modernizantes, coadunando-se ao progresso do Capitalismo, ao fluxo de correntes imigratórias europeias, crise do trabalho escravo, destruição da grande propriedade, crescimento urbano e do republicanismo, abolicionismo, racionalismo (em partes), valores burgueses de democracia liberal, liberdade individual e anticlericalismo; se consolidando em meados do século XIX concomitante a estruturação de acumulação capitalista ligado a hegemonia global anglo-saxã, que contribuiriam para o próprio avanço do mesmo. Já um maior “ascetismo intramundano” como diria Weber, isto é, uma melhor cordialidade com coisas consideradas “mundanas” viria a se dar muito mais tarde, sobretudo nos interiores como em Estância.

## **10. A PRIMEIRA IGREJA PROTESTANTE DE ESTÂNCIA EM MÉADOS DO SÉCULO.**

Em 1948 os pontos de pregação da Bahia e Sergipe somadas eram 196. Neste ano pastoreava em Estância-SE o Rev. Milton Ribeiro, anteriormente estava fixamente com apenas os presbíteros e sem pastor residente, um dos presbíteros iria vir a falecer em 1942, com 63 anos Laudelino Pedro de Alencar<sup>188</sup>, ele juntamente com Jeremias Freire dos Santos foram os primeiros presbíteros. Também neste ano Estância foi rebaixada pela segunda vez a uma “Congregação Presbiterial”, sendo jurisdicionada novamente pela Igreja de Lagarto; pois não havia elementos para serem eleitos presbíteros. Em 1949 ficou sendo pastoreada juntamente com o Norte de Sergipe e Riachão do Dantas pelo Rev. Octacílio Pitombo de Alcânju, grande combatente do analfabetismo no interior baiano.

Em 1950 a Igreja Presbiteriana de Estância ainda era uma congregação, e juntamente com outras igrejas e congregações do Estado, inclusive a de Lagarto, passaram a ser jurisdicionada ao Presbitério de Salvador. No mesmo ano Sebastião Gomes do Nascimento, enquanto estava em formação o aguardado ansiosamente Rev. Etnatan Pinto Bandeira, o qual passou a ser o único ministro presbiteriano residente em Sergipe, passando a pastorear todo o Sul e Centro Sul do Estado. Sergipe se encontrava em uma delicada situação assim como o campo do Rio Grande do Sul. Em 1952 no dia 23 de Março por ordem do presbitério finalmente a Igreja Presbiteriana de Estância foi reorganizada como Igreja, isto durante a administração do Rev. Etnatan, o qual pastoreou em constante visita de outros pastores, como Aristeu Pires

---

<sup>188</sup> Faleceu em 24 de Agosto de 1942 aos 63 anos (Norte Evangélico, 15 de Setembro de 1942).

de Oliveira, Alfeu Barra de Oliveira, Harold Cook, Sebastião Gomes do Nascimento e Nehemias Castelo Branco, pastor da Igreja de Canhotinho em Pernambuco<sup>189</sup>. Neste intermédio de tempo a fachada da igreja havia sido reformada; bem como reconstituído seu Presbitério, Escola Bíblica e três sociedades internas, sendo uma destas a SAF (Sociedade Auxiliadora Feminina). A SAF desde que foi organizada em 23 de Outubro 1920 tendo como presidente Penélope Magalhães em Estância já surgiu com dificuldades, em algum momento veio a não dar seguimento e foi reorganizada pelo Rev. Etnatan na década de 1950, portanto não sendo ininterrupta como se pensava.

Apesar das dificuldades financeiras e apelos por ajuda ao Rio de Janeiro e da Missão dos EUA ao longo de sua história, esta igreja também contribuiu financeiramente com o Hospital Evangélico, ajuda de custo aos pobres e necessitados em vários continentes, Seminário Presbiteriano do Norte, com as Missões Presbiterianas, orfanatos e com a manutenção do jornal “O Puritano”, “O Evangelista”, “O Christão” e “Norte Evangelico”. Todavia nela estiveram, já consagrados como presbíteros por volta da década de 1950, o Prof. Azarias José dos Santos fundador do Educandário Esperança (1928); o meu bisavô paterno Pedro Teixeira de Castro que era comerciante e poeta; o Presb. José Aldelino Alencar, e o Presb. Daniel Bastos (este residia no Bairro Bomfim); em outras congregações tivemos o Presb. Pedro Francisco e o Presb. Bevenuto, todos estes contemporâneos, dentre outros mais.

Todavia podemos mencionar com base em registro escrito e memória dos mais antigos: O filho de Martinho de Oliveira, fundador do SPN (Seminário Presbiteriano do Norte), seu padrao Antônio Almeida traduziu o famoso hino para o português “*The old rugged cross (Rude Cruz, nº 266 HNC)*”, o quase onipresente pernambucano Rev. Alfeu Barra de Oliveira, recém formado pelo Seminário Presbiteriano do Norte e Instituto Ponte Nova, logo que passou a fazer parte do “Presbitério Bahia e Sergipe” em 1925, pastoreou as igrejas de Anápolis (Simão Dias), cidade onde primeiro residiu, além de Urubutinga e Riachão do Dantas, durante a sua administração as igrejas destas cidades obtiveram grande destaque, em Riachão do Dantas teve um filho com a Sra. Raymunda Farias Gondim Oliveira; e por último residiu na capital sergipana a partir de 1942 na rua São Cristovão, oficialmente pastoreando a IP de Aracaju em 1937-38, 1941-44 e a partir de lá fez diversas visitas pastorais em pontos de pregação, congregações e igrejas em todo Sergipe. Em Estância sua presença é notada desde 1927 compondo a Comissão Executiva da reorganização da “Congregação de Estância” em “Igreja”,

---

<sup>189</sup> Jornal *O Puritano*, ed. 2010, 25 de Abril de 1952. Ed. 1930, 25 de Outubro de 1948.

até a década de 1950 com suas frequentes visitas pastorais aos órfãos, viúvas, pobres, enlutados e enfermos, administrando a Ceia do Senhor, realizando batismos, casamentos, cultos e conferências em Anápolis, Campo do Brito, Tapera da Serra, Agua Fria, Salgado, Riachão e Simão Dias (estes dois últimos pastoreou durante 11 anos seguidos, e ao todo em Sergipe 20 anos). Sua última igreja pastoreada foi na cidade baiana de Caruaru, onde veio a falecer em 17 de Abril de 1956, em 1958 a sua viúva fixou residência nos EUA<sup>190</sup>.

Nos fins da década de 50, sobreveio novos ventos que entusiasmaram seus obreiros da fé, trazendo melhores formas de organização e inclusive prosperidade material concomitante a prosperidade da cidade de Estância junto ao último governo de Vargas<sup>191</sup> e Juscelino Kubitschek, pois tanto a igreja de Estância e Lagarto haviam adquirido galpões, no jornal Norte Evangelico é anunciado em Agosto de 1958, uma coluna sob o título: “Divisão do Campo Sul-Sergipano”, escrito pelo Rev. Adelson José de Oliveira, que se apresenta como aquele que pastoreou todo o campo do interior sergipano naqueles últimos três anos, ele diz: “Um campo que desde a sua nascente recuada no ano de 1905 vinha sendo servido apenas por um obreiro, e por vêzes, por um único obreiro que servia ao mesmo tempo todo o Estado...”, o campo Centro Sul e Sul de Sergipe obteve uma nova divisão do campo pastoral, sendo considerada uma vitória para os presbiterianos desta região, o campo de Estância ficou no que foi chamado de “1º Zona” o que incluía a Igreja de Estância e Riachão do Dantas, com suas respectivas congregações Betel e Pedrinhas; sendo instalado como “Pastor evangelista” Zenas Campos de Oliveira, cedido pela “North Presbyterian Brazil Mission” do Presbitério de Salvador. Na “2º Zona” ficaria às igrejas de Lagarto e Simão Dias e a Congregação de Salgado. Sendo de grande importância este desdobramento pois a pregação evangélica se tornaria mais eficaz e sua distribuição melhor organizada<sup>192</sup>.

Até então está claro que devido as circunstâncias difíceis tanto em termos de condições materiais quanto em disposição de membros, não houve uma ordem sucessória uniforme de pastores titulares, nem pastores residentes ou exclusivos apenas para a IP de Estância, tendo ficado sob o comando de presbíteros, com pastores dando conta de diversas outras cidades os quais tinham a obrigação de visitar em teoria ao menos uma vez no mês e atuando em conjunto

---

<sup>190</sup> Jornal *Norte Evangelico*, ed. 5, Maio de 1956, pág. 8.

<sup>191</sup> Durante a Era Vargas a cidade de Estância sofreu mudanças significativas, o prefeito Leopoldo de Araújo Souza havia empreendido “obras notáveis de urbanização, dentre outras a construção dos parques Nilo Peçanha, D. Pedro II, da Casa da Criança (lactário) e do Mercado Municipal... [em 1955 veio a] Escola Técnica do Comércio” (NETO, 2017, pág. 226). Depois também chegaram os primeiros bancos, tais como o Banco do Brasil.

<sup>192</sup> Jornal *Norte Evangelico*, ed. 8, Agosto de 1958, pág. 4.

evangelistas, missionários e co-pastores. A atuação dos seguintes reverendos desde a década de 50: Etnatan Pinto Bandeira, Nunes Marques, Adelson José de Oliveira, Zenas Campos de Oliveira, Sebastião Armínio<sup>193</sup>, Walter Reis Donald, Jazon dos Anjos<sup>194</sup>, Claudionor Barreto<sup>195</sup>, Bianor Dias de Oliveira e Neemias Castelo Branco.

Na década de 90 ocorreu algo marcante, por divergências administrativas e conflitos familiares foi organizado a Igreja Presbiteriana Filadélfia no bairro Pedro Barreto Siqueira, quando quase não existia residências naquela localidade. A partir de 1990 até então: Luciano Gusmão, o primeiro pastor a residir em Estância depois de muito tempo; Ecílio; Lenízio Cruz Aroucha; Marcos Paixão; Euquias; Augusto César; Agnaldo Jardim (pastoreou a IPE de 2000-2001); Benjamin; Edson Teixeira; Josmar Torres (1956-2020) e atualmente o estanciano Rev. Manoel Augusto, este assumiu após o trágico falecimento do Rev. Josmar Torres do Nascimento por complicações decorrentes da Covid-19, o mesmo era formado em Economia pela UNIT e Teologia pelo Seminário Presbiteriano do Norte (SPN), fora vice prefeito de Laranjeiras e mesmo com limitações físicas e de saúde não media esforços para pregar nos povoados e interiores do sul sergipano; forte entusiasta da cultura e história reformista em Sergipe.

Graças aos esforços e cuidados de preservação de meu pai Davi de Castro Silveira, pude resgatar uma poesia de autoria de Pedro Teixeira de Castro de título “Visita de Férias do Pastor Alfeu ao Campo de Sergipe”<sup>196</sup>, localizada historicamente na década de 50, cujo suporte de folheto foi fornecido e revisado por algum “irmão” de Aracaju na década de 70, esta poesia contém 56 estrofes de 7 versos, a qual exprime a relação da comunidade com aquele Pastor e o cotidiano evangélico em várias cidades do interior sergipano, eis um trecho da estrofe 21 a 25 em Estância, esta provavelmente foi a última vez que o Pastor Alfeu visitou o seu antigo campo, pois viria a falecer em 1956:

---

<sup>193</sup> Sua esposa era chamada de Conceição, morava no mesmo prédio do salão da IPE, no fundo da igreja em uns cômodos destinados a isso, onde também residia a zeladora D. Francisca. Trabalhava na Prefeitura de Estância, onde supostamente esteve envolvido em desvio de dinheiro, chegando a ser preso na antiga cadeia na atual Rua do Pompeu, na época conhecida como “Rua da Cadeia”, depois veio uma Comissão de Copacabana da IPB, diretamente do Rio de Janeiro para resolver este imbróglio, o libertando e substituindo do pastoreio de Estância. Por esta razão, por muito tempo, de forma jocosa os desafetos chamavam aquela igreja de “igreja do ladrão”.

<sup>194</sup> Este seria o Martin Bucer (1491-1564) destas terras, pois era conhecido como “Pastor apaziguador”, fora assessor jurídico da Secretaria Municipal da Educação de Aracaju. Criava uma moça. Fora sepultado no Cemitério Santa Izabel. Se hospedava em Salgado na casa de Acrísio e Quintilha quando era seminarista.

<sup>195</sup> Sua esposa era chamada Ivanete.

<sup>196</sup> Acervo particular.

Em Salgado, finda a festa  
Um novo rumo tomou,  
Pois Estância já se apressa  
A esperar o Pastor,  
E muitos crentes reunidos,  
De alegria comovidos,  
Na chegada êle encontrou.

Saudade pelos irmãos  
Na praça onde saltou,  
Tomou logo a direção  
Do templo em que entrou;  
E o passado relembrando,  
Foi logo um hino entoando,  
Que o órgão acompanhou.

Quinhentos e vinte e nove,  
Foi o hino entoado,  
Que aos presentes comove,  
Por relembrar o passado;  
E agora aqui presente,  
Quer rever o povo crente  
Do tempo do seu pastorado.

Alegres todos cantaram,  
O órgão acompanhando,  
E o seu prazer revelaram,  
Enquanto alguém ficou notando:  
A dedicação do Pastor  
Ao serviço do Senhor  
Em seus gestos demonstrando.

O hino ora entoado,  
Lembra as bênçãos de Deus,  
Que no seu grande cuidado  
Para com os filhos seus;

Seja na paz ou conflito,  
O seu amor infinito  
Emana dos altos céus.

Por falarmos em poesia, na década de 50 já fazia muito sucesso as poesias do neto do intelectual sergipano Tobias Barreto (1839-1889), de nome Mário Barreto França (1909-1983), como protestante batista recebeu o título de “príncipe dos poetas evangélicos”. Também faziam sucesso além das músicas de sua própria autoria, os hinos cantados na voz do pastor batista Feliciano Amaral (1920-2018), um pioneiro da música evangélica no país, chegando a bater recorde no *Guinness Book* em 2013 como o cantor em atividade mais velho, era este que tantos evangélicos no Brasil afora apreciavam, a qual o Presb. Pedro Teixeira se deliciava no final de suas tardes ao som de sua vitrola, em sua cadeira de balanço, acompanhado por um bom mingau. O hino que possivelmente se referiu na poesia é o de número 529 do Hinário Cantor Cristão, de título “Vai buscar seus cordeirinhos”, cuja primeira estrofe diz: “Ouço o clamor do bom Pastor pelo deserto abrasador, seus cordeirinhos a chamar, mui desejoso de os salvar”.

Pós década de 60 com o Concílio do Vaticano II houve no Cristianismo global uma maior tendência ao diálogo, ao ecumenismo e à trocas culturais (BURKE, 2006, pág. 20), porém sobretudo nos interiores dos estados tal espírito demorou muito a chegar, pois estava muito inflamado o ambiente, repleto de ranço e desconfiança. Segundo os meus cálculos com base no livro de Alderi de Souza Matos a Igreja Presbiteriana de Estância é a 110ª unidade da Igreja Presbiteriana do Brasil a ser organizada no país, a 22ª do Nordeste e a 3ª de Sergipe, de atuais 5.420 igrejas presbiterianas no Brasil. O presbiterianismo segue como uma minoria no mundo evangélico.

No capítulo II, de título “Estância: uma cidade pioneira no protestantismo em Sergipe”, elucidei conceitos fundamentais da mentalidade protestante, demonstrei como este movimento reformista teve origens e como se deu seu desenrolar no Novo Mundo, na terra dos brasilis, em Sergipe del Rey, até chegar em Estância, realcei as razões desta cidade logo se tornar um polo de expansão deste movimento reformista no interior do estado de Sergipe na passagem do século XIX para o XX, explorando como se deu seu protagonismo.

No capítulo III, de título “Educação protestante em Estância” demonstrei e liguei os pontos que revelam a presença e o impacto da organização educacional protestante na esfera institucional e suas implicações no campo da ética e moral. No capítulo IV, de título

“Protestantismo e cultura no Brasil” investiguei acerca das interpenetrações culturais e analisei discursos produzidos na época relacionado ao modelo de protestantismo trazido aos quinhões sergipanos, bem como suas adaptações ao longo do tempo. No capítulo V de título “O prof. Azarias José dos Santos (1882-1958) e a educação protestante em Estância” se trata de uma investigação sobre a relação deste bacharel negro com a religião protestante, a sociedade estanciana e como atuou nela nesta condição. No capítulo VI de título “Fim do protagonismo presbiteriano: batistas e pentecostais entram em cena”, investiguei a chegada destas outras denominações, seus agentes, e refleti criticamente sobre o impacto da teoria denominacional na sociedade.

No capítulo VII de título “A intolerância religiosa em Estância” refleti como frente a então crescente e incipiente religião protestante a cultura dominante católica reagiu a ela, além de pensar criticamente sobre a contribuição da tradição protestante para com a tolerância religiosa e subsequente liberdade religiosa. No capítulo VIII de título “O protestantismo em Estância e o debate de 1919” analisei as perspectivas deste debate, o contexto histórico, que se parece uma espécie de remake “adaptado” dos debates religiosos do século XVI, que tomou cabo a partir de Estância e se alastrou em vários jornais da época durante todo o ano, o que acabou tomando dimensões nacionais, acirrando os ânimos e o ouvir do clangor das armas apologéticas entre os envolvidos. No decorrer dos capítulos trouxe autores clássicos da passagem do século XIX ao XX, tais como Max Weber onde no Capítulo X de título “A religião do Capitalismo em Estância” teve maior destaque, e é onde refleti sobre o avanço do protestantismo e o desenvolvimento capitalista em Estância e Sergipe; outro clássico seria Gilberto Freyre, este sobretudo no capítulo IV; trata-se de autores cuja as obras nos ajudaram a pensar criticamente o protestantismo em nossa sociedade, além demonstrar como a esfera intelectual da época impele os discursos acerca da religiosidade. No último capítulo (X) de título “A primeira igreja protestante em Estância em meados do século XX”, em razão do meu recorte temporal, apresento um panorama e evidências de uma maior estabilização e prosperidade, que evidenciaram uma consolidação do protestantismo em Estância.

Em suma a relevância desta pesquisa consiste em preencher as lacunas historiográficas em torno da história do protestantismo em Sergipe e da própria história da cidade de Estância. Visa dar voz aos grupos antes silenciados e minoritários, evidenciando sua contribuição para a sociedade sergipana. Além disso, busca promover a conscientização sobre os valores democráticos de tolerância e liberdade, bem como a valorizar os patrimônios culturais anteriormente relegados ao esquecimento. Pretende-se, ainda, despertar a percepção sobre o

encadeamento dos acontecimentos históricos e como a religião é atravessada por ideologias e política. Em um contexto em que o Brasil é marcado pela proliferação de pseudohistoriadores que se apresentam como especialistas em tudo, especialmente na internet, considero que esta pesquisa cumpre um papel importante ao desmontar falácias comuns relacionadas a essa temática de forma razoável e embasada.

## 11. FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### **Livros:**

- DANTAS, Azael Prudente(org.). **ESTÂNCIA: Berço da Cultura Sergipana: 174 anos de História.** Livro. Estância. 2022. 364 p.

- PELIKAN, Jaroslav. **A tradição cristã: uma história do desenvolvimento da doutrina: o surgimento da tradição católica (100-600).** Livro. Vol. 1. São Paulo: Shedd Publicações, 2014. 376 p. Tradução de Lena Aranha e Regina Aranha.

- BURKE, Peter. **Hibridismo Cultural.** Livro. São Leopoldo – RS. Ed. Unisinos. 2006. Pág. 21. 116 p.

- GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história.** Livro. São Paulo. Companhia das Letras. 1º ed. 1989. 288 p. Pág. 152.

- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Livro. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990. 552 p. Pág. 470. (Coleção Repertórios). Tradução de Bernardo Leitão et al.
  
- LESSA, Vicente Themudo. **Calvino (1509-1564): sua vida e sua obra**. Livro. São Paulo: Cultura Cristã, 1934. P. 15-16.
  
- PELIKAN, Jaroslav. **A tradição cristã: uma história do desenvolvimento da doutrina: a reforma da igreja e o dogma (1300-1700)**. Volume 4. Tradução de Helena Aranha e Regina Aranha. São Paulo: Shedd Publicações, 2016. Livro. 472 p. p. 192.
  
- MENDONÇA, Antônio Gouvêa; PRÓCORO, Velasques Filho. **Introdução ao protestantismo no Brasil**. 2. Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002. Livro. P. 14-15. 279 p.
  
- VANHOOZER, Kevin J. **Autoridade bíblica pós-reforma: resgatando os solas segundo a essência do cristianismo protestante puro e simples**. Tradução de A. G. Mendes. São Paulo: Vida Nova, 2017. Livro. P. 297.
  
- VERMIGLI, Pietro Martire. **Dialogus de Utraque in Christo Natura**. Disponível em: <https://play.google.com/store/books/details?id=qX5kAAAAcAAJ>. Google Books. 1561. Livro. Acesso em: 20/10/224. 286 páginas. Pág 9-10.
  
- MOTT, Luiz R. de B. **A Inquisição em Sergipe**. 2 ed. – São Cristovão: Editora UFS; Aracaju: IHGSE, 2013. 160 p. Pág. 20-33. – (Coleção Biblioteca Casa de Sergipe, 12).
  
- MOTT, Luiz R. de B. **Sergipe Colonial & Imperial: religião, família, escravidão e sociedade. 1591-1882**. – São Cristovão: Editora UFS; Aracaju; Fundação Oviêdo Teixeira, 2008. 210 páginas. Pág. 145-47 e 153.

- SCHAFF, Philip. **The History of the Christian Church**. Volume II, capítulo IV. Este material foi cuidadosamente comparado, corrigido, e emendado (de acordo com a edição de 1910 de Charles Scribner's Sons) pela The Electronic Bible Society, Dallas, TX, 1998. Disponível em: <https://www.ccel.org/s/schaff/history/About.htm>. Janeiro. Livro. 2024.

- FREIRE, Felisbelo Firmo de Oliveira. **História de Sergipe (1575-1855)**. 3 ed. São Cristovão. UFS; Aracaju. IHGSE, 2023. Livro. 522 p. Pág. 157.

- FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. Livro. 51. Ed. Ver. São Paulo: Global. Livro. 2006. 728 páginas. Pág. 91-92.

- FERREIRA, Júlio Andrade. **Religião no Brasil**. Campinas – SP. Luz para o Caminho. Livro. 1992. 234 p. Pág. 69.

- VIEIRA, David Gueiros. **O Protestantismo, a maçonaria e a questão religiosa no Brasil. Brasília**. Editora Universidade de Brasília. Livro. 1980. (Coleção Temas Brasileiros). 409 p.

- DÓRIA, Epifânio. **Efemérides sergipanas**. Vol. 2. [S.l.]: [s.n.]. Livro. 2009. P. 598-599.

- LINDBERG, Carter. **História da Reforma**. Tradução Elissamai Bauleo. – 1 ed. – Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil. Livro. 2017. 450 p. Pág 62.

- MATOS, Alderi Souza de. **Os pioneiros presbiterianos do Brasil (1859-1900)**. S. Paulo: Cultura Cristã. Livro. 2004. 592 p. Pág. 105.

- LESSA, Vicente Themudo. **Annaes da 1ª Igreja Presbiteriana de São Paulo(1863-1903): subsídios para a historia do presbyterianismo brasileiro.** Livro. 1938. 720 p. Pág. 544. Disponível em: <https://archive.org/download/annaesda1aegreja00less/annaesda1aegreja00less.pdf> . Acesso: 03/12/24.
- LÉONARD, Émile. **O presbiterianismo brasileiro e suas experiências eclesiásticas.** Livro. Tradução de Zilmar Heringer Nogueira. Brasília, DF: Editora Monergismo. 2014. 200 p. Pág. 66.
- SCHAFF, Philip. **The History of the Christian Church.** Volume I, capítulo I. Livro. Este material foi cuidadosamente comparado, corrigido e emendado (de acordo com a edição de 1910 de Charles Scribner's Sons) pela The Electronic Bible Society, Dallas, TX. 1998. Disponível em: <https://www.ccel.org/s/schaff/history/About.htm>. Acesso em: 25/01/2024.
- ANDRADE, Péricles (org.). **Polifonia do Sagrado: pesquisas em Ciências da Religião no Brasil.** Livro. São Cristovão: Editora UFS. 2015. 196 p. Pág. 128.
- KARNAL. Leandro (org.). **História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI / - Leandro Karnal ... [et al.].** – São Paulo : Contexto. Livro. 2007. 289 p.
- LÉONARD. Émile G. **O protestantismo brasileiro: Estudo de Eclesiologia e de História Social.** Livro. Editora: ASTE. Com colaboração do Fundo de Educação Teológica, de Nova York, com a devida autorização dos artigos do professor Émile-G. Léonard publicados, sob o mesmo título, nos n.º 5 a 12 (1951-1952) da Revista de História. 1963. São Paulo. 354 p. Disponível em: <https://archive.org/download/oprotestantismob00leon/oprotestantismob00leon.pdf>

- NASCIMENTO, Manuel Rodrigues do. **Reminiscências**: flagrantes da vida da Estância a partir da última década do século passado. Livro. 2. Vol. Aracaju: Livraria Regina, 1958. P. 75.
  
- NUNES, Maria Thetis. **História da Educação em Sergipe**. Livro. Acervo do Museu da Gente Sergipana Gov. Marcelo Deda. Prefácio de José Sebastião Witter. 2 Ed. – São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira. Livro. 2008. 372 p.
  
- OLIVEIRA, Acrísio Gonçalves de. **Estância Secular**. Livro. Ed: J. Andrade. 2021. 341 p.
  
- CAMPOS, Edilberto. **Crônicas da passagem do século**. Livro. Acervo do Museu da Gente Sergipana Gov. Marcelo Deda. Editora Santa Martha. 2017 Pág. 408. 874 p.
  
- GUARANÁ, Armindo. **Dicionário Biobibliográfico Sergipano**. Livro. Acervo do Museu da Gente Sergipana Gov. Marcelo Deda. Edição do Estado de Sergipe. Livro. 1925. Rio de Janeiro. 280 p. Pág. 53.
  
- SILVA, Clodomir de Souza e. **Álbum de Sergipe 1820-1920**. Livro. Acervo do Museu da Gente Sergipana Gov. Marcelo Deda. 1920. Editor: Secção de Obras do Estado de São Paulo. SP. 328 páginas. Pág. 204.
  
- DANTAS, José Ibarê Costa. **A Tutela Militar em Sergipe 1964/1984**: partidos e eleições num estado autoritário. Livro. Acervo do Museu da Gente Sergipana Gov. Marcelo Deda. 1997, editora Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro. Página 148-149.
  
- DANTAS, José Ibarê Costa. **História de Sergipe**: República (1889-2000). – 2.ed. – Aracaju: Editora. SEDUC, 2022. 390 p. Pág. 43-48 e 89-91.

- NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas Bôas Carvalho do. **Fontes para a história da educação:** Documentos da Missão Presbiteriana dos Estados Unidos no Brasil. Maceió. EDUFAL. 2008. 111 p.

- FREYRE. Gilberto. **A propósito de Frades.** Livro. 1959. Livraria Progresso Editora. Pág. 190.

- ANDRADE, Péricles. **Sob o olhar diligente do Pastor:** a Igreja Católica em Sergipe. Livro. Acervo do Museu da Gente Sergipana Gov. Marcelo Deda. São Cristóvão. Editora UFS, 2010 – Fundação Oviêdo Teixeira. 244 p. Pág. 105.

- ALBUQUERQUE, Samuel Barros de Medeiros. **Felisbello, Thetis, Ibarê;** contribuições aos estudos de história da historiografia. – São Cristóvão, SE: Editora UFS, 2021. Pág. 41-45.

- MELLO. Evaldo Cabral de. **O Brasil holandês.** Livro. 2010. Editora: Penguin-Companhia. 512 p. Pág. 125.

- NATIVIDADE, Sandra Maria. **A saga dos pioneiros batistas em Sergipe:** 1913 – 2003 / Sandra Maria Natividade — Aracaju, Natividade: 2007. 312 páginas. Pág. 63.

- NATIVIDADE, Sandra Maria; PORFÍRIO, Maria de Lourdes. **A luz brilhou na terra dos cajueiros:** Panorama histórico dos Batistas em Sergipe 1913-2013. Livro. Acervo do Museu da Gente Sergipana Gov. Marcelo Deda. 2013. 360 p.

- FREYRE. Gilberto. **Sobrados & Mocambos.** Livro. 15ª ed. Rec. – São Paulo : Global, 2004. – (Introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil; 2). 974 p. Capítulo XI.

- BARRETO. Lima. **Triste fim de Policarpo Quaresma.** Livro. – [Ed. Especial]. – Rio de Janeiro : Editora Nova Fronteira, 2014. Pág. 206.

- GUADALUPE, José Luiz Pérez; GRUNDBERGER, Sebastian (Eds.). **Evangélicos y poder em América Latina**. Livro. Lima: KAS/IESC, 2018. Pág. 436. Páginas 141-175.

- MENESES, Jonatas Silva. **Pentecostalismos e rituais de cura divina: personagens e percursos**. Livro. Acervo do Museu da Gente Sergipana Gov. Marcelo Deda. São Cristovão: Editora UFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira.

- STORMS, Sam. **Os escolhidos: uma exposição da doutrina da eleição**. Livro. Vida Nova, 2017. 390 p. Pág. 31.

- TOURINHO, Francisco. **O calvinismo explicado: teologia, providência e decretos**. Livro. 2. Ed. Rio de Janeiro: Theophilus Editora, 2020. 426 p. Pág. 89. 2008. 296 pág.

- SHELLEY, Bruce L. **História do Cristianismo: uma obra completa e atual sobre a trajetória da igreja cristã desde as origens até o século XXI**. Livro. Tradução de Giuliana Niedhardt. 1. Ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil. 2018. 560 p. Pág. 324.

- PELIKAN, Jaroslav. **A tradição cristã: uma história do desenvolvimento da doutrina: a doutrina cristã e a cultura moderna (desde 1700)**. Livro. Volume 5. Tradução de Helena Aranha e Regina Aranha. São Paulo: Shedd Publicações. 2016. 408 p. Pág. 137.

- AVIS, Paul D. L. **Beyond the Reformation?: Authority, Primacy and Unity in the Conciliar Tradition**. Livro. Ed. T&T Clark. 2006. 229 p. Pág. XI.

- MCGRATH, Alister. **Teologia sistemática, histórica e filosófica: uma introdução à teologia cristã**. Livro. Tradução de Marisa K. A. Siqueira Lopes e Regina Aranha. São Paulo: Shedd Publicações. 2005. 726 p.

- BANZOLI, Lucas. **500 Anos de Reforma: Como o Protestantismo Revolucionou o Mundo**. Livro. Vol. 1. Curitiba: Clube de Autores, 2018. 700 p. Pág. 303-321.

- JOHNSON, Paul. **História do Cristianismo**. Livro. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2001. 680 páginas. Pág. 381.

- HOLANDA. Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26ª Ed. Companhia das Letras. 11995. Livro. Pág.219.

- VAINFAS. Ronaldo. **Jerusalém Colonial: judeus portugueses no Brasil holandês**. Livro. – Rio de Janeiro : Civilização Brasileira. 2011. 386 p.

- DOLLINGER. Johann Joseph Ignaz Von. **A questão religiosa: O Papa e o Concílio**. Livro. Biblioteca Digital do Supremo Tribunal Federal. Tradução de Rui Barbosa. Disponível em: <https://bibliotecadigital.stf.jus.br/xmlui/handle/123456789/169>

- WEBER, Max. **A Ética Protestante e o espírito do Capitalismo (Die Protestantische Ethic und der Geist des Kapitalismus – 1904)**. Livro. Ed. Martin Claret. Trad. Pietro Nassetti. 2005.

- DUARTE. Luciano. **Viagem aos Estados Unidos (1962)**. Livro. Sociedade de Cultura Artística de Sergipe. Livraria Regina Limitada. Aracaju. 1962. 145 p.

- BOBBIO, Maurice. **A Evolução do Capitalismo**. Livro. Tradução de Affonso Blacheyre. 6º edição. Zahar Editores. Rio de Janeiro. 482 p. Pág. 21.

- MACGRATH. Alister. **A vida de João Calvino**. Livro. 360 p. Editora Cultura Cristã.

- LESSA, Vicente do Rego Themudo. **Lutero: sua vida e obra**. Brasília. Editora Monergismo. 2017. 354 p. Pág. 40-53.

### **Teses de Graduação, Mestrado e Doutorado:**

- NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do. **Para educar, para curar, para salvar: um ilha de civilização no Brasil tropical.** Doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005. 260 p. Pág. 35.

- NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas Bôas Carvalho do. **Origens da educação protestante em Sergipe (1884-1913).** Mestrado. UFS. 2000. 260 f.

- COSTA. Regina de C. R. da. **Ambivalências brasílicas em face do domínio holandês nas capitânicas do Norte (1630-1654).** Doutorado. Niterói: Universidade Federal Fluminense. 2018. 480 p.

- SANTOS, Lyndon de Araújo. **As outras faces do sagrado: protestantismo e cultura na Primeira República Brasileira.** Doutorado. 2004. 339 f. – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2004.

- SANTOS. Laisa Dias dos. **Por uma história vista de baixo: as escolas primárias dos territórios centro e sul do estado de Sergipe (1930-1960).** Mestrado. UNIT. Aracaju. 2016.

- PEREIRA, B. T. **Celso e a Doutrina Verdadeira: o conflito filosófico entre as concepções pagãs e cristãs no Império Romano do séc. II-III d.C.** Monografia. UFG. 2016. 112 f.

- MENESES. Joesio Oliveira de. **Patrimônio Cultural protestante em Sergipe.** Graduação. 2021. São Cristóvão. UFS. 117 p.

- Cunha, Tatiane Oliveira da Cunha. **Práticas e prédicas em nome de Cristo...: Capuchinhos na “Cruzada Civilizatória em Sergipe (1874-1901).** Doutorado. Salvador, 2011. 140 f.: il.

- HAHN, Carl Joseph. **Evangelical Worship in Brazil: Its origins and development.** Thesis submitted for the degree of Doctor of Philosophy of the University of Edinburgh in the Faculty of Divinity. June 1970. Pág. 437.

- COSTA. Gicélia Santos. **Protestantes na “Atenas sergipana”: conflitos religiosos na inserção do presbiterianismo em Sergipe.** Mestrado. 2018. 118 p. Pág. 74. UFS.

### Artigos e revistas:

- Cinform Municípios. **Um jeito fascinante de conhecer Sergipe**. Revista. Aracaju: Cinform Municípios; Globo Cochrane Gráfica e Editora, 2002. 274 p. p. 74-76.

- GONÇALVES, Costa, Maria de Fátima da. **Sentido e valor da sociologia compreensiva de Max Weber**. Revista de Políticas Públicas, Teresina, v. 8, n. 1, p. 111-132, 25 jul. 2015. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/rppublica/article/view/3755>

- SILVEIRA, Sami França. **A Centenária Igreja Presbiteriana de Estância – 119 anos**. A Tribuna Cultural. 2024. Disponível em: <https://www.tribunacultural.com.br/noticias/cidade/759220>. 17, Abril. Artigo. 2024.

- PIACENTE JUNIOR, José C. **Revista Fides Reformata**. A herança epistêmica agostiniano-calvinista em Alvin Plantinga. São Paulo, v. 15, n. 2, p. 21-42. Artigo. 2010.

- NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do. **A escola americana: origens da educação protestante em Sergipe (1886-1913)**. São Cristovão: Grupo de Estudos e Pesquisa em História da Educação/NPGED, 2004. 295 p. Pág. 50-51. (Coleção Educação é História).

- Revista do IHGSE. **Consagrado em comemoração do 1º centenário da Emancipação política de Sergipe**. Artigo. Aracaju. Publicado em 24 de Out. de 1920. 265 p. Pág. 212. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/rihgse/article/view/12140/9189> Acesso em: 03 de Jun. de 2024.

- BATEN. Jörg. **Schooling, literacy and numeracy in 19th century Europe: long-term development and hurdles to efficient schooling.** Artigo. 47 p. Página 8. Acesso em: 03/06/2024. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000383171>

- NASCIMENTO. Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do. **Professoras sergipanas e o modelo presbiteriano de educação feminina no Brasil tropical.** UMSP. Educação & Linguagem. N° 18. Pág. 67-83. 2008.

- SILVA, Heitor de Oliveira. **A Igreja Presbiteriana do Brasil e a Escravidão: Breve análise documental.** Vox Faifae: Revista de Ciências Humanas e Letras das Faculdades Integradas da Fama Vol. 3 No 2. Artigo. 2000. FAIFA.

- NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas Bôas Carvalho do. **Práticas Educacionais Protestantes no Século IX: O Caso de Sergipe.** 2003. Cadernos CERU, 14, 157-176.USP.

- MATOS, Alderi de Souza. **Coronel João Dourado (1854- 1927).** Museu Benjamin Nogueira. Artigo. Acesso em:[https://www.facebook.com/museuBenjamimNogueira/photos/a.1080516545411662/1080515995411717/?type=3&locale=pt\\_BR](https://www.facebook.com/museuBenjamimNogueira/photos/a.1080516545411662/1080515995411717/?type=3&locale=pt_BR)

- RAMOS JR, José de Paula. **O jovem Gilberto Freyre.** USP, São Paulo, n. 88, fev. 2011. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13860>

- ARAUJO. Marcele Juliane Frossard de. **Anomia.** Artigo. Info escola. Disponível em: <https://www.infoescola.com/sociologia/anomia/>. Acesso: 04/04/2024

- PARKHOMCHIK, Anastasia. **History of iconography in Africa.** Disponível em: <https://catalog.obitel-minsk.com/blog/2020/12/history-of-iconography-in-africa>

- JUNIOR. José Alves de Souza. **A Companhia de Jesus e a questão da escravização de índios e negros.** Disponível em: <http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/materia03/>. Acesso em: 05/05/2024.

- MAGENTA. Mateus. **O que é ser evangélico?** BBC News Brasil. 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-62551290.amp>. Acesso: 05/05/2024.

- BONFIM. Daniela Pereira. **Familiares do Santo Ofício: cores, limpeza de sangue e hierarquias sociais (Bahia, 1680-1750).** XXVIII Simpósio Nacional de História (ANPUH). 2013. Disponível em: [http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364680657\\_ARQUIVO\\_TextocompletoAnpuh2013.pdf](http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364680657_ARQUIVO_TextocompletoAnpuh2013.pdf). Acesso em: 14/12/2024.

- RODRIGUES. Aldair Carlos. **Honra e Estatutos da limpeza de sangue no Brasil colonial.** Revista do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall. UFRGS. Vol. 04, nº 01, 2012. Pág. 75—85. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/webmosaica/article/view/31841/19897>. Acesso em: 14/12/2024.

- OLIVEIRA. Julia Samahra Santos de. **Aliados essenciais. Relações indígenas-neerlandesas durante as guerras do açúcar no Brasil (1630-1654).** Artigo. XIV Encontro Estadual de História em Pernambuco (2022). Disponível em: [https://www.encontro2022.pe.anpuh.org/resources/anais/21/anpuh-pe-eeh2022/1658700507\\_ARQUIVO\\_7483dec1a16c415fececc77685b9c958.pdf](https://www.encontro2022.pe.anpuh.org/resources/anais/21/anpuh-pe-eeh2022/1658700507_ARQUIVO_7483dec1a16c415fececc77685b9c958.pdf)

- CASIMIRO, Arival Dias. **O discurso presbiteriano: a teologia de Princeton e sua influência nos pastores nordestinos.** Artigo. Revista de Administração Mackenzie. 180 páginas. 2003. Disponível em: <https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cr/article/view/2356/2181>

- PORTO, Ermerson. **Nossa história.** Artigo. IEADSE. Disponível em: <https://ieadse.org.br/se/nossa-historia/>. Acesso em: 25/05/2024

- Folha de São Paulo. **Deixam de ser católicos ao menos 9 milhões.** Artigo. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2016/12/1844365-deixam-de-ser-catolicos-ao-menos-9-milhoes-afirma-datafolha.shtml?mobile>. Acesso: 23/10/2024.

- FERREIRA. Francilu São Leão Azevedo. **A liberdade religiosa nas constituições brasileiras e o desenvolvimento da Igreja Protestante.** Artigo. Disponível em: <https://ambitojuridico.com.br/edicoes/revista-115/a-liberdade-religiosa-nas-constituicoes-brasileiras-e-o-desenvolvimento-da-igreja-protestante/>. Acesso: 03/06/2024.

#### **Jornais:**

- **NORTE EVANGÉLICO.** Garanhuns, ed. 12, 1956, ed.12, pág. 9-10.

- **NORTE EVANGELICO.** Garanhuns, 15 set. 1942.

- **NORTE EVANGELICO.** Garanhuns, ed. 5, maio 1956.

- **NORTE EVANGELICO.** Garanhuns, ed. 8, ago. 1958.

- **NORTE EVANGELICO.** Garanhuns, 15 abr. 1925.

- **NORTE EVANGELICO.** Garanhuns, ed. 10, 9 mar. 1927.

- **O PURITANO (RJ).** Jornal de 1894. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 03/06/2024.

- **O PURITANO.** Rio de Janeiro, ed. 595, 1911.
  
- **O PURITANO.** Rio de Janeiro, ed. 164, 1899.
  
- **O PURITANO.** Rio de Janeiro, ed. 29, 1899.
  
- **O PURITANO.** Rio de Janeiro, ed. 256, 1904.
  
- **O PURITANO.** Rio de Janeiro, ed. 253, 1904.
  
- **O PURITANO.** Rio de Janeiro, ed. 267, 1904.
  
- **O PURITANO.** Rio de Janeiro, ed. 272, 1904.
  
- **O PURITANO.** Rio de Janeiro, ed. 285, 6 Out. 1904.
  
- **O PURITANO.** Rio de Janeiro, 20 mar. 1919, p. 5.
  
- **O PURITANO.** Rio de Janeiro, ed. 2010, 25 abr. 1952.
  
- **O PURITANO.** Rio de Janeiro, ed. 1930, 25 out. 1948.
- **O PURITANO.** Rio de Janeiro, ed. 994, 1919, p. 6.
  
- **O PURITANO.** Rio de Janeiro, 20 de Março de 1919, pág. 5.

- **A RAZÃO**. Estância. Ed. 34. 1902.

- **A RAZÃO**. Estância. Ed. 43. 1902.

- **A RAZÃO**. Estância. Ed. 44. 1902.

- **A RAZÃO**: órgão de interesses sociais. 13 de Fev. de 1910. Acervo da Fundação da Biblioteca Nacional Brasileira. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

- **MENSAGENS do Governador de Sergipe para a Assembléia (SE) – 1891 a 1930**. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional Brasileira. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

- **A ESTANCIA**. Estância, ed. 2230. 14 de Dezembro de 1958. Jornais de Sergipe – UFS. Disponível em: <https://jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/4>

- **O CRISTÃO**. Aracaju, ed. 49, p. 2.

- **O CRISTÃO**. Aracaju, ed. 60, p. 3.

- **O CRISTÃO**. Aracaju, 8 de Dezembro 1920.

- **O CRISTÃO**. Aracaju, 29 de Dezembro. 1920.

- **O CRISTÃO**. Aracaju, 28 de Setembro, 1921.

- **O CRISTÃO**. Aracaju, ed. 17, p. 4.
  
- **O CRISTÃO**. Aracaju, ed. 27 de Agosto, 1919.
  
- **O CRISTÃO**. Aracaju, ed. 23. 14 de Julho, 1920.
  
- **DIARIO DA MANHÃ**. Aracaju, ed. 2251, 7 de Fevereiro de 1919.
  
- **DIARIO DA MANHÃ**. Aracaju, ed. 2259, 10 de Fevereiro de 1919.
  
- **DUARIO DA MANHÃ**. Aracaju, ed. 2275, 11 de Março de 1919.
  
- **DIARIO DA MANHÃ**. Aracaju, 12 de Março de 1919.
  
- **DIARIO DA MANHÃ**. Aracaju, 13 de Março de 1919.
  
- **DIARIO DA MANHÃ**. Aracaju, 25 de Março de 1919.
  
- **DIARIO DA MANHÃ**. Aracaju, 26 de Março de 1919.
  
- **DIARIO DA MANHÃ**. Aracaju, 10 de Abril de 1919.
  
- **DIARIO DA MANHÃ**. Aracaju, 25 de Abril de 1919.
  
- **DIARIO DA MANHÃ**. Aracaju, 26 de Abril de 1919.
  
- **DIARIO DA MANHÃ**. Aracaju, 27 de Abril de 1919.
  
- **DIARIO DA MANHÃ**. Aracaju, 30 de Abril de 1919.

- **DIARIO DA MANHÃ**. Aracaju, 22 de Junho de 1919.
  
- **A CRUZADA**. Aracaju, ed. 6. 2 Março de 1919, p. 1-2.
  
- **A CRUZADA**. Aracaju, ed. 8. 16 Março de 1919, p. 3.
  
- **A CRUZADA**. Aracaju, ed. 9. 24 Março de 1919, p. 4.
  
- **A CRUZADA**. Aracaju, ed. 11. 6 de Abril de 1919, p. 3-4.
  
- **A CRUZADA**. Aracaju, ed. 10. 30 de Março de 1919, pág. 3-4.
  
- **A CRUZADA**. Aracaju, ed. 12. 13 de Abril de 1919, pág. 4.
  
- **A CRUZADA**. Aracaju, ed. 13. 21 de Abril de 1919, pág. 4.
  
- **A CRUZADA**. Aracaju, ed.14. 27 de Abril de 1919, pág. 4.
  
- **A CRUZADA**. Aracaju, ed. 15. 4 de Maio de 1919, pág. 4.
  
- **A CRUZADA**. Aracaju, ed. 16. 11 de Maio de 1919, pág 4.
  
- **A CRUZADA**. Aracaju, ed. 17. 18 de Maio de 1919, pág. 3-4.
  
- **A CRUZADA**. Aracaju, ed. 18. 25 de Maio de 1919, pág. 3-4.
  
- **A CRUZADA**. Aracaju, 8 de Junho de 1919, pág. 3.
  
- **A CRUZADA**. Aracaju, 15 de Junho de 1919, pág. 3.
  
- **A CRUZADA**. Aracaju, ed. 22. 22 de Junho de 1919, pág. 3.
  
- **A CRUZADA**. Aracaju, ed. 23. 29 de Junho de 1919, pág. 2.

- **A CRUZADA**. Aracaju, 6 de Julho de 1919, pág. 3.

- **A CRUZADA**. Aracaju, 13 de Julho.

- **A CRUZADA**. Aracaju, 20 de Julho.

- **A CRUZADA**. Aracaju, 27 de Julho.

- **GAZETA de Petrópolis**. Rio de Janeiro, 27 de Novembro de 1904. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional Brasileira. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReaderMobile.aspx?bib=304808&pesq=>

#### **Notícias, documentários e postagens:**

- Revista do IHGSE. **Consagrado em comemoração do 1º centenário da Emancipação política de Sergipe**. Um século do evangelismo em Sergipe. Artigo. Aracaju. Publicado em 24 de Out. de 1920. 265 p. Pág. 212. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/rihgse/article/view/12140/9189> Acesso em: 03 de Jun. de 2024.

- Museu da Bíblia em Sergipe. **Heróis da fé em terras sergipanas**. Direção: Wellington Santos e Josmar Torres. Produção: Museu da Bíblia em Sergipe. Aracaju. 2012. Documentário. Disponível em: <https://www.facebook.com/share/v/kXFYx7JdswY7saLw/?mibextid=Xtsd1Y>

- DÁVILA, Franklin Ribeiro. **Gotas de vida**. Igreja Presbiteriana de Aracaju. Disponível em: <https://www.iparacaju.org/2013/06/07/gotas-de-vida/>. 2013. Acesso em 30/04/2024.

- MATOS, Alderi de Souza. **Coronel João Dourado (1854- 1927)**. Museu Benjamin Nogueira. Artigo. Acesso

em:[https://www.facebook.com/museuBenjamimNogueira/photos/a.1080516545411662/1080515995411717/?type=3&locale=pt\\_BR](https://www.facebook.com/museuBenjamimNogueira/photos/a.1080516545411662/1080515995411717/?type=3&locale=pt_BR)

- MEDEIROS. Pedro Henrique. **O abolicionismo e a teologia:** a heterodoxa dos teólogos protestantes abolicionistas do séc. XIX em debate. Instagram. 02/02/24. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C229T8Txhlp/?igsh=c3NibTJkN2VqaXRw>. Acesso em: 05/05/2024.

- PEW RESEARCH CENTER. **Faith among black americans.** 2021. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/religion/2021/02/16/faith-among-black-americans/>. Acesso em: 05/05/2024.

- DEPARTAMENTO DE ESTADO DOS EUA. **2022 Report on international Religious Freedom: South Africa.** 2022. Disponível em: <https://www.state.gov/reports/2022-report-on-international-religious-freedom/south-africa/>. Acesso em: 05/05/2024.

- [Memórias de Estância]. **Um baluarte do magistério em Estância:** a trajetória de Azarias José dos Santos (1859-1958). Disponível em: <https://www.facebook.com/share/p/GJydmnYGJB66oi1U/?mibextid=oFDknk>. 13/08/2021.

- MEDEIROS. Pedro Henrique Cavalcante de. **Teoria da secularização:** Max Weber, o racionalismo e o - utilitarismo entre os protestantes americanos. Postagem. Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C7WnVxE07rG/?igsh=MXZvNTVwaDdybTg2MQ==>. Acesso em: 22/05/2024.

- MEDEIROS. Pedro Henrique. **O significado do Padroado.** Postagem. Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C1rZwjgOV06/?igsh=dWRrZ2thaGJ4NmFx>. Acesso em: 12/02/2024.

- **History the burning bush.** Presbyterian history Ireland. Disponível em: <https://presbyterianhistoryireland.com/history/the-burning-bush/>. Acesso em: 01/06/2024

- **Origin the huguenot cross.** Huguenot fellowship. Disponível em: <https://www.huguenotfellowship.org/origin-of-the-huguenot-cors>. Acesso em: 01/06/2024.

- Lausanne Movement. **O que é Cristianismo Policêntrico?** Disponível em: <https://lausanne.org/pt-br/report/o-que-e-cristianismo-policentrico/denominacoes-cristas>. Acesso: 23/11/2024.

- TV CPAD. **Pastor Virgínio José de Carvalho Neto – história da AD em Sergipe – Na história PGM 35.** Apresentado pelo Pr. Edilberto Silva. Disponível em: <https://youtu.be/6DcW2Y-YuWM?si=5E8tjh-XS5osbBJt>. Documentário. Acesso: 25/10/2024.

- **Diário Pentecostal Historiando Oficial. Vida e morte • Assembléia de Deus em Salvador, BA • Rodrigo Santana.** Documentário. Disponível em: <https://youtu.be/C6RSn-Cov78?si=JkUfjgBvQmjsOwiy>. Documentário. Acesso em: 25/10/2024

- KIEFFER, Tiago. **Quem é o pai do movimento pentecostal?** Postagem. Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C61ev--MtB1/?igsh=aTk2a2d4YWdnN3kw>. 2024. Acesso em: 25 maio.

- **Centenário de Nivaldo Silva:** um estanciano ilustre. Folha da Região. Artigo. Disponível em: <http://folhadaregiaoonline.com.br/?p=noticia&id=6181>. Acesso em 12/04/2024.

- [**@Memórias de Estância**]. **Joaquina de Souza (1915-1889)** – nota bibliográfica. Postagem. Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/share/p/nPmwoP9NJfJTU2Ez/?mibextid=oFDknk>. Acesso em: 12/04/2024.

- **Memorial Raymundo Juliano.** Disponível em: <https://raymundojuliano.com.br/>. Acesso em: 02/05/2024.

**Fontes iconográficas:**

- **Figura 1:** Imagem do jornal A Estancia, ed. 2230, de 14/12/1958. Fotografia colhida do acervo particular de Namaris Alcântara.

- **Figura 2:** MODESTO, Carlos. Os Grandes Nomes da Estância: Prof. Azarias José dos Santos. Sul de Sergipe. Estância, 26 de novembro de 1995, p. 3. Esta folha de jornal faz parte do acervo particular de Namaris Alcântara.

- **Figura 3:** Imagem da carteira de membro da IPB do Prof. Azarias José dos Santos .Pág. 1. Colhida do acervo particular de Namaris Alcântara.

- **Figura 4:** Imagem da carteira de membro da IPB do Prof. Azarias José dos Santos. Pág. 5. Colhida do acervo particular de Namaris Alcântara.

- **Figura 5:** Imagens da carteira de membro da IPB do Prof. Azarias José dos Santos; colhida do acervo particular de Namaris Alcântara.

- **Figura 6:** Fotografia realizada de dentro do salão de culto possivelmente da PIBE em 1951, com o Prof. Azarias a direita sentado. Colhido do acervo particular de Namaris Alcântara.

- **Figura 7:** Imagem do Seminário Teológico Batista do Norte do Brasil. Data desconhecida. Colhida do acervo particular de Namaris Alcântara.

- **Figura 8:** Lembrança do Seminário. Imagem colhida do acervo particular de Namaris Alcântara.

- **Figura 9:** Diploma em Ciências Físicas e Naturais do Prof. Azarias José dos Santos. Colhido do acervo particular de Namaris de Alcântara.

- **Figura 10:** Cartão postal antigo da atual praça Floriano Peixoto, ao fundo o Teatro Municipal do RJ. Colhida do acervo particular de Namaris Alcântara.

- **Figura 11:** Cartão postal antigo do Leblon e Ipanema – RJ, na década de 1940. Colhido do acervo particular de Namaris Alcântara.

- **Figura 12:** Imagem da turma de 1930 do Educandário Esperança. Colhido do acervo particular de Namaris Alcântara.

- **Figura 13:** Carteira de Identidade do Prof. Azarias José dos Santos. Colhido do acervo particular de Namaris Alcântara.

- **Figura 14:** Certificado de quitação militar de 1941 do Prof. Azarias José dos Santos. Colhido do acervo particular de Namaris Alcântara.

#### **Fontes orais:**

- **ALCÂNTARA**, Namaris. Entrevista concedida a autora. Estância, 16 de Junho de 2023 e 30 de Agosto de 2024.

- **LIMA**, Elienai Badia de. Entrevista concedida a autora. Estância, 19 de Março de 2024.

- **BEZERRA**, Antônio. Entrevista concedida ao autor. Estância, 31 de Outubro de 2024.